

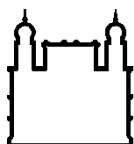
MINISTÉRIO DA SAÚDE
FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ
INSTITUTO OSWALDO CRUZ

Mestrado em Ensino em Biociências e Saúde

**IDENTIDADE MASCULINA E O CUIDADO À SAÚDE ENTRE
JOVENS: PROBLEMATIZAÇÕES E REFLEXÕES A PARTIR DO
DOCUMENTÁRIO “THE MASK YOU LIVE IN”**

JUAN DA CUNHA SILVA

**Rio de Janeiro
Dezembro, 2020**



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ

Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde

JUAN DA CUNHA SILVA

Identidade Masculina e o Cuidado à Saúde entre Jovens: problematizações e reflexões a partir do documentário “*The Mask You Live In*”.

Dissertação apresentada ao Instituto Oswaldo Cruz como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ensino em Biociências e Saúde.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Eliane Portes Vargas.

Coorientador: Prof. Dr. Francisco Romão Ferreira.

RIO DE JANEIRO

Dezembro, 2020

SILVA, JUAN DA CUNHA.

Identidade Masculina e o Cuidado à Saúde entre Jovens: problematizações e reflexões a partir do documentário "The Mask You Live In" / JUAN DA CUNHA SILVA. - Rio de Janeiro, 2020.

252 f.

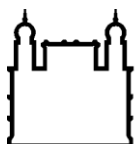
Dissertação (Mestrado) - Instituto Oswaldo Cruz, Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde, 2020.

Orientadora: Eliane Portes Vargas.

Co-orientador: Francisco Romão Ferreira.

Bibliografia: f. 174-191

1. Cuidados de Saúde. 2. Masculinidades. 3. Homens. 4. Juventudes. 5. Filmes Cinematográficos. I. Título.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ

Programa de Pós-Graduação em Ensino em Biociências e Saúde

JUAN DA CUNHA SILVA

**IDENTIDADE MASCULINA E O CUIDADO À SAÚDE ENTRE JOVENS:
PROBLEMATIZAÇÕES E REFLEXÕES A PARTIR DO DOCUMENTÁRIO “THE
MASK YOU LIVE IN”**

ORIENTADORES: Prof.^a Dr.^a Eliane Portes Vargas
Prof. Dr. Francisco Romão Ferreira

Aprovada em: 07 de dezembro de 2020.

EXAMINADORES:

Prof. Dr. Paulo Roberto Vasconcellos da Silva (PPGEBS-IOC/Fiocruz) – Presidente.

Prof. Dr. William de Goes Ribeiro (UFF) – Membro externo.

Prof. Dr. Marcos Antonio Ferreira do Nascimento (PPGSMC-IFF/Fiocruz) – Membro externo.

Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Alves de Oliveira (PPGEBS-IOC/Fiocruz) – Revisora e Suplente Interno.

Prof. Dr. Jeimis Nogueira de Castro (Cefet/RJ) – Suplente Externo.

Rio de Janeiro, 07 de dezembro de 2020.

Dedico esse trabalho aos homens jovens e a essa(s) juventude(s) que caminham entre o devir e porvir, vocês me motivaram a empreender expedições por “novas aldeias”, o que permitiu a (re)construção de meus olhares e fronteiras.

Agradecimentos

Gostaria de agradecer, primeiramente a Deus pela companhia, proteção, cuidado e orientação.

Além de calibrar a bússola, também é preciso pavimentar o caminho... Aos meus queridos orientadores, muito obrigado por toda atenção, cuidado e generosidade na construção e desenvolvimento desse estudo. Além desse feito, vocês participaram ativamente dos primeiros passos em meu processo de formação como pesquisador. Agradeço a minha orientadora, Prof.^a Dr.^a Eliane Portes Vargas, que desde o primeiro contato foi muito receptiva e como muita leveza ao longo dessa jornada me motivou a empreender novos estudos/incursões. Agradeço ao Prof. Dr. Francisco Romão Ferreira, meu coorientador, por sua dedicação e por acrescentar “novas lentes” sobre os caminhos dessa pesquisa/viagem.

Aquelas pessoas que são nosso porto seguro... A minha mãe, muito obrigado por todo o seu cuidado ao longo da vida, foi a partir de você que eu conheci o cuidado, ainda recorro às suas concepções. A minha irmã, por todo o apoio e atenção. A minha família e meus amigos.

Aos amigos, que mesmo de longe... nos fazem lembrar dos desafios que esquadrimos no passado. Em especial agradeço a Zila, Márcia, Mary Esther, Bianca, Elisabete, Jose Francisco, Eduardo e Diego.

Aos novos amigos que se somam à travessia... aquelas pessoas que encontramos e tornam nossa jornada mais amena, em especial agradeço ao Walk Loureiro e ao Roberto Carlos da Silva e aos demais amigos e colegas que fiz na pós-graduação.

Àquelas pessoas e seus lugares que nos acolhem... A Fundação Oswaldo Cruz e seus institutos por onde passei... Durante um bom tempo eu vi a Fiocruz como uma imagem-objeto, daquelas que perseguimos e que hoje defendo, pois me sinto parte. A cada vez que cruzo aqueles portais, eu registro uma nova imagem e novos projetos.

Agradeço à coordenação do Programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde por toda atenção e por acolher e viabilizar o desenvolvimento desse estudo. A todos professores, colegas... foi muito produtivo estar com vocês. A Secretaria Acadêmica do Instituto Oswaldo Cruz/Fiocruz, em especial ao Isac Macêdo por toda atenção e empenho. Meus sinceros agradecimentos aos professores e estudantes do Programa de Pós-graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde da Universidade do Estado do Rio de Janeiro; aos membros do Programa de Pós-Graduação em Saúde da Criança e da Mulher do Instituto Nacional de Saúde da Mulher, da Criança e do Adolescente Fernandes Figueira/Fiocruz; à comunidade da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca/Fiocruz; e também aos integrantes do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense.

Agradeço à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) e ao Programa Bolsa Nota 10 da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ) pelo auxílio financeiro.

Aos membros da banca, que aceitaram participar desse trabalho como avaliadores. Em especial, agradeço a Prof.^a Dr.^a Maria de Fátima Alves de Oliveira, revisora deste trabalho, pelo olhar atento e construtivo.

Por fim, vejo que ainda não cheguei ao fim... aprendi que não há atalhos, mas que podemos lançar pontes. Hoje vejo que além do caminho percorrido ainda me sobra uma infinidade de porquês a serem desbravados... é tempo de lançar velas ao mar.

Invento o mar
Invento em mim o sonhador
Tenho o caminho do que sempre quis
E um saveiro pronto pra partir
Invento o cais
E sei a vez de me lançar¹

¹ Trechos da canção “Cais” de composição de Milton Nascimento e Ronaldo Bastos.

Entre *mashups*², eu sigo desenrolando os meus pés dos tapetes de etiquetas³

O terceiro filho nasceu: é homem. Não, ainda é menino⁴
O homem é, também, uma criança que brinca de ser homem⁵
Porque se chamava moço. Também se chamava estrada⁶
Cravos, espinhas no rosto⁴
Nada mais do que menino⁷

Todo menino é um rei⁷
Nunca foi senão príncipe - todos eles príncipes - na vida⁸
Porque se chamavam homens. Também se chamavam sonhos⁶
Eu sonho mais alto que drones. Combustível do meu tipo? A fome⁹
Menino sonha com coisas. Que a gente cresce e não vê jamais⁷

Todo homem precisa de uma mãe¹⁰
...cuidado, meu bem. Há perigo na esquina¹¹
Dois Policiais. Cumprindo o seu duro dever¹²
Tá lá o corpo estendido no chão¹³
Um preto, um pobre¹²

Tenho sangrado demais, tenho chorado pra cachorro¹⁴
Oportunidade não cruza o Rebouças¹⁵
Eu quero o corpo, tenho pressa de viver¹⁶
Esqueça que está desempregado¹⁷
Luta diária, fio da navalha. Marcas? Várias⁴

²Apresento um breve *mashup* com algumas canções, citações e poemas que me acompanharam ao longo do desenvolvimento dessa pesquisa.

³“Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das etiquetas” é um verso de “Poema em linha reta” de Fernando Pessoa.

⁴“Mãe”, uma composição de Emicida.

⁵Citação de Pierre Bourdieu (2012, p. 93).

⁶“Clube da Esquina”, uma composição de Milton Nascimento, Lô Borges e Márcio Borges.

⁷“Todo menino é um rei” uma composição de Nelson Rufino e Zé Luiz.

⁸ Verso do “Poema em linha reta” de Fernando Pessoa.

⁹“AmarElo”, uma canção de Felipe Vassão, DJ Duh, Emicida, Belchior.

¹⁰“Todo homem”, uma canção de Zeca Veloso.

¹¹“Como Nossos Pais”, uma composição de Antonio Carlos Belchior.

¹²“Alucinação”, é uma canção de Antonio Carlos Belchior.

¹³“De frente pro crime”, uma canção de João Bosco.

¹⁴“Sujeito de Sorte” é uma canção de Belchior.

¹⁵“Corpicho” é uma composição de Ronaldo Barcellos

¹⁶“Coração Selvagem”, uma composição de Antonio Carlos Belchior.

¹⁷“Comportamento Geral” é uma canção de Gonzaguinha.

Talvez eu morra jovem, alguma curva no caminho¹⁶
Alexandre no presídio, eu pensando em suicídio⁴
Liberdade virou prisão¹⁸
Meu corpo que cai do oitavo andar¹²
Vida, pisa devagar, meu coração, cuidado, é frágil¹⁶

Quando eu soltar a minha voz. Por favor entenda¹⁹
O meu som, e a minha fúria e essa pressa de viver¹⁶
Permita que eu fale, não as minhas cicatrizes⁹
... qualquer canto. É menor do que a vida. De qualquer pessoa¹¹
Hoje cedo não era um hit, era um pedido de socorro⁹

Então me fala, fala, pergunta que não cala²⁰:
E agora, quem é mais ou menos homem?²¹
Por que as pessoas sadias adoecem? Bem alimentadas, ou não. Por que perecem?¹⁹
Deve-se ter cuidado ao passar no trapézio²²
Cale tudo que o mundo fale e pense. O quanto a vida vale²¹

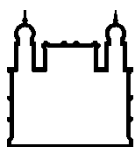
¹⁸ “Recado”, um canção de Gonzaguinha.

¹⁹ “Sangrando” é uma canção de Gonzaguinha.

²⁰ “Ainda há tempo”, é uma canção de Criolo.

²¹ “Lion Man”, é uma canção de Criolo.

²² “Pequenas Alegrias da Vida Adulta” uma canção de Emicida.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ

IDENTIDADE MASCULINA E O CUIDADO À SAÚDE ENTRE JOVENS: PROBLEMATIZAÇÕES E REFLEXÕES A PARTIR DO DOCUMENTÁRIO “THE MASK YOU LIVE IN”

RESUMO

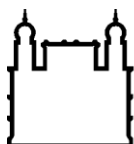
DISSERTAÇÃO DE MESTRADO EM ENSINO EM BIOCÊNCIAS E SAÚDE

JUAN DA CUNHA SILVA

Nesse estudo buscamos por meio da discussão dos construtos das Ciências Humanas, Sociais e da Saúde a compreensão das diferenças de gênero, geração, cultura e suas repercussões no processo saúde-doença-cuidado dos homens, sobretudo, dos jovens. O presente estudo teve como objetivo geral compreender como as questões acerca da identidade masculina se relacionam com o cuidado à saúde tendo como recurso o documentário “*The Mask You Live In*” (2015). Com vistas a atingir os objetivos do estudo, adotamos a abordagem da pesquisa qualitativa. O percurso teórico-metodológico contemplou a transcrição das narrativas e o levantamento das informações dos depoentes e do contexto de produção do documentário. Em seguida, realizamos a observação do universo léxico das narrativas. A partir da leitura da transcrição das narrativas, realizamos o cotejamento entre o texto e as cenas do documentário, essa etapa subsidiou a identificação das dinâmicas de narrativa e a identificação da polifonia dos discursos dos depoentes. A tematização das narrativas possibilitou a identificação de núcleos temáticos que foram utilizados no levantamento de questões que possuem relação com o objeto de pesquisa deste estudo. As questões selecionadas foram problematizadas à baila dos construtos das Ciências Humanas, Sociais e da Saúde. Dentre os resultados do estudo, destacamos que a socialização masculina é um processo vigiado e atravessado por prescritivos culturais como: a rejeição do feminino e a negação da dor entre os homens, essas injunções podem contribuir para o distanciamento das práticas de cuidado à saúde entre os homens jovens. A vulnerabilidade na juventude masculina é velada por meio do uso de máscaras que dificultam o reconhecimento da dor, dos sentimentos e do acesso às práticas de cuidado à saúde e autocuidado. Compreendemos por meio da problematização das narrativas de “*The Mask You Live In*” (2015) que a construção da identidade masculina possui dimensões estruturantes e estruturadas e suas imbricações com a cultura do cuidado à saúde entre os homens

jovens. Dentre as estratégias de cuidado voltadas a esse público, destaca-se a participação da família, dos professores e de outros agentes que mantenham uma relação de proximidade. Além dessas se incluem a criação de espaços que favoreçam a comunicação das aspirações e das demandas sociais, de saúde e o engajamento deste grupo na construção coletiva de saberes em torno do processo saúde-doença-cuidado na juventude que abarcam o engajamento dos jovens, como ainda, ao desenvolvimento de políticas públicas à qual esta iniciativa se soma. Por fim, o desenvolvimento desse estudo promoveu a construção de uma proposta de problematização de narrativas deste filme/documentário e/ou cenas que poderão ser utilizadas em abordagens educativas com o público juvenil. O cinema, em suas múltiplas dimensões, pode ser utilizado em abordagens educativas junto aos jovens, por seu potencial em promover a mediação e a discussão dos eventos e dos marcadores que atravessam a cultura do cuidado à saúde na juventude.

Palavras-Chave: Cuidados de Saúde; Masculinidades; Homens; Juventudes; Filmes Cinematográficos.



Ministério da Saúde

FIOCRUZ

Fundação Oswaldo Cruz

INSTITUTO OSWALDO CRUZ

MALE IDENTITY AND HEALTH CARE AMID YOUNG MEN: PROBLEMATIZATIONS AND REFLECTIONS FROM THE DOCUMENTARY “THE MASK YOU LIVE IN”

ABSTRACT

MASTER DISSERTATION IN BIOSCIENCE AND HEALTH TEACHING

JUAN DA CUNHA SILVA

In this study we search through the discussion of the constructs of the Human, Social and Health Sciences, to understand the differences of gender, generation, culture and their repercussions on the health-disease-care process of men, especially young men. The present study aimed to consist how the questions about male identity are related to health care using the documentary “The Mask You Live In” (2015). In views to reach for the objectives of the study, we adopted the approach of qualitative research. The theoretical-methodological course included the transcription of the narratives and the survey of information from the interviewees and the context of documentary production. Then, we performed the observation of the lexical universe of the narratives. From reading the transcription of the narratives, we compared the text and the scenes of this documentary, in this step supported the identification of the narrative dynamics and the identification of the polyphony of the speeches of the interviewees. The thematization of the narratives made it possible to identify thematic groups that were used to raise issues that are related to the research object of this study. The selected questions were problematized with respect to the constructs of Human, Social and Health Sciences. In the middle of the results in this study, we highlight that male socialization is a process monitored and crossed by cultural prescriptions such as: the rejection of the female and the denial of pain amidst for men, these injunctions may contribute to the distancing of health care practices among young men. Vulnerability in male youth is hidden using masks that hinder the recognition of pain, feelings and access to health care and self-care practices. We understand over the problematization of the narratives of the film “The Mask You Live In” (2015) that the construction of male identity has structural and structured dimensions and its overlap with the culture of health care among young men. During the care strategies aimed at this audience, the participation of the family, teachers and other agents that maintain a close relationship stands out. In addition, these include the creation of spaces that favor the communication of social and health aspirations and demands and the engagement of this group in the collective construction of knowledge around the health-disease-care process in youth that encompass the engagement of young men, such as also, to the development of public policy to which this initiative is added.

Finally, the development of this study promoted the construction of a proposal to problematize the narratives of this film/documentary and/or scenes that can be used in educational approaches with the youth audience. The cinema, in its multiple dimensions, can be used in educational approaches with young men, due to its potential to promoting mediation and discussion of events and markers that cross the culture of health care in youth.

Keywords: Health Care; Masculinity; Men; Self Care; Adolescent; Motion Pictures.

Sumário

1. INTRODUÇÃO	19
1.1 Perspectivas teórico-metodológicas	28
1.1.1 Identidade Masculina	28
1.1.2 Juventude(s): de quais jovens estamos falando	39
1.1.3 Cuidado à saúde e a cultura do cuidado masculino	54
1.1.4 Cinema	71
2. OBJETIVOS	77
2.1 Objetivo Geral	77
2.2 Objetivo Específicos	77
3. OS CAMINHOS DA PESQUISA	78
3.1 O material e as estratégias metodológicas da pesquisa	78
3.1.1 “ <i>The Mask You Live In</i> ” (2015): como material de pesquisa	78
3.1.2 Características da Equipe de Produção do documentário.....	80
3.1.3 Características dos Depoentes do documentário “ <i>The Mask You Live In</i> ” (2015)	82
3.2 As estratégias metodológicas da pesquisa: do levantamento à problematização das questões	88
3.3 A problematização como estratégia de pesquisa e em abordagens educativas com o uso de filmes no contexto do ensino: alguns parâmetros norteadores	95
4. PRIMEIROS OLHARES	100
4.1 Considerações sobre o discurso fílmico de “<i>The Mask You Live In</i>” (2015)	100
4.2 A identidade masculina e o cuidado à saúde entre jovens: reflexões a partir do documentário “<i>The Mask You Live In</i>”	108
5. O APROFUNDAMENTO DAS QUESTÕES EM PRIMEIRO PLANO	125
5.1 As dimensões estruturantes e estruturadas da construção da Identidade Masculina e suas imbricações com o Cuidado à Saúde entre Jovens	125
5.1.1 Masculinidades Vigiadas: a negação do feminino e o distanciamento do cuidado	125
5.1.2 Masculinidades Veladas: os usos e sentidos da “máscara” na construção da identidade masculina	138
6. OLHARES POR TRÁS DAS MÁSCARAS DA MASCULINIDADE: ESTRATÉGIAS DE CUIDADO PARA OS HOMENS JOVENS	155
7. REFLEXÕES FINAIS	169
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	174
ANEXOS	192

ANEXO I - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto Oswaldo Cruz de 18 de dezembro de 2018	192
ANEXO II - Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto Oswaldo Cruz de 29 de abril de 2020	200
ANEXO III - “Act-Like-a-Man” Box	202
APÊNDICES	203
APÊNDICE I - Transcrição do documentário “The Mask You Live In” (2015).....	203
APÊNDICE II - Tematização e Núcleos Temáticos	246

Lista de Figuras

Figura 1: Capa do documentário “ <i>The Mask You Live In</i> ”	79
Figura 2: Sistematização das estratégias da pesquisa	94
Figura 3: Nuvem de palavras	105
Figura 4: Caixa dos Homens.....	134

Lista de Quadros

Quadro 1: Ficha técnica do documentário “ The Mask You Live In” (2015).....	81
Quadro 2: Levantamento das Questões	91

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

Aids	Síndrome da Imunodeficiência Humana Adquirida
CEP	Comitê de Ética em Pesquisa
CEPAL	Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe
DST	Doenças Sexualmente Transmissíveis
ENSP	Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca
ESF	Estratégia de Saúde da Família
FIOCRUZ	Fundação Oswaldo Cruz
IST	Infecção Sexualmente Transmissíveis
IDMB	Internet Movie Database
IOC	Instituto Oswaldo Cruz
LEAS	Laboratório de Educação, Ambiente e Saúde
NECTAR	Núcleo de Estudos sobre Alimentação e Cultura
OIT	Organização Internacional do Trabalho
OMS	Organização Mundial da Saúde
OPAS	Organização Pan-Americana de Saúde
PPGANS	Programa de Pós-graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde
PGGEBS	Programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde
PNAD	Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios
PSE	Programa Saúde na Escola
TCC	Trabalho de Conclusão de Curso
TO	Teatro do Oprimido
UERJ	Universidade do Estado do Rio de Janeiro

1 INTRODUÇÃO

No panorama das pesquisas sobre o cuidado à saúde dos jovens, a literatura científica nos âmbitos nacionais e internacionais indicam que o processo saúde-doença-cuidado possui diferenças marcadas entre os gêneros, as classes sociais e as gerações (IPEA; FBSP, 2019; WAISELFISZ, 2017; ARENAS-MONREAL, PINA-POZAS, GOMEZ-DANTES, 2015; BRASIL, 2011a; SCHRAIBER, GOMES, COUTO, 2005; HEILBORN, 2003; NARDI, 1998). Ao visitar algumas dessas pesquisas se constata que as jovens tendem a buscar aos serviços de saúde e a desenvolverem o autocuidado com maior frequência que os rapazes. Essa disparidade de gênero no acesso ao cuidado à saúde é apontada em alguns estudos como uma resistência masculina ao cuidado, que está relacionada, dentre outros fatores, às representações que o homem é forte, invulnerável, não chora, não sente dor e é imune às derrotas.

A motivação para realização dessa pesquisa surgiu de observações realizadas durante o meu processo de formação como enfermeiro. Ao longo desse percurso, fui incentivado a desenvolver ações de *Educação em Saúde* junto aos jovens nas dependências de uma Estratégia de Saúde da Família (ESF), localizada no município de Teresópolis-RJ. As ações destinadas aos jovens naquela unidade de saúde eram centradas em procedimentos e técnicas no cerne da saúde pública, dessa forma, as ações eram desarticuladas de outras instituições daquele território, sendo assim, não primavam em atender, articular, reconhecer e valorizar a subjetividade e, até mesmo, a linguagem daqueles jovens envolvidos no atendimento.

Ainda, nessa contextualização de território e atendimento, percebi ainda, uma disparidade de gênero no acesso aos serviços daquela unidade básica de saúde, isso porque, havia um conjunto de serviços e procedimentos voltados à saúde das jovens, o que não ocorria em relação aos jovens masculinos. Essa realidade impactou minha trajetória como enfermeiro em formação, e ainda, como discente pesquisador, pois participei enquanto bolsista de Iniciação Científica de projetos de pesquisa e extensão sobre a saúde da mulher, da criança e do adolescente e, nesse contexto fui apresentado aos estudos de gênero, sexualidade e suas relações com a saúde.

Embora o meu modelo de formação tivesse sido organizado pela ótica biomédica e, portanto, privilegiasse um determinado aprendizado a partir de um conjunto de procedimentos voltados a identificar e intervir sobre a saúde dos usuários

dos serviços de saúde; o fato determinante, na minha formação como enfermeiro foi o despertar para os encaminhamentos da pesquisa, especificamente na interação com os jovens em seus territórios. Esse fato possibilitou que eu conhecesse as demandas sociais desse público, a organização desses jovens em grupos, a articulação das redes de jovens e as particularidades das linguagens utilizadas nesses contextos sociais. Ao longo dessa imersão, pude refletir sobre o complexo percurso experimentado por esses jovens na construção das próprias identidades, como ainda, os mecanismos por eles adotados para se reafirmarem como sujeitos, como também, as dificuldades enfrentadas por alguns jovens em relação aos papéis sociais que em breve recairiam sobre eles mesmos ao emergirem para a fase adulta.

Outro momento de reflexão sobre a temática desse estudo ocorreu ao longo da Especialização em *Promoção da Saúde e Desenvolvimento Social*²³ na Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca (ENSP) da Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz). Ao visar a continuidade aos estudos nessa área de conhecimento e construir competências no campo da pesquisa acadêmica, ingressei em 2018 no mestrado acadêmico do Programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde (PPGEBS) do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) na Fiocruz, na linha de pesquisa “Ciências Sociais e Humanas Aplicadas ao Ensino em Biociências e Saúde” na área de concentração “Ensino Não-Formal em Biociências e Saúde”. O desenvolvimento dessa dissertação no âmbito do PPGEBS está entrelaçado à experiência do programa na área de concentração de ensino *não-formal*, além da reconhecida tradição no desenvolvimento de pesquisas entre os campos *arte-educação-saúde*. O presente estudo, também contou com a expertise de outros atores e cenários que a partir de parcerias institucionais²⁴, contribuíram e nortearam na construção e no desenvolvimento desse estudo.

²³ A participação nesse curso me permitiu a elaboração de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), intitulado “Tecendo uma parceria entre a Saúde e a Educação para o cuidado de adolescentes masculinos: a Promoção da Saúde como fio condutor”, o objetivo centrava-se em construir ações de cuidado voltados aos adolescentes masculinos a partir de uma parceria entre uma escola e uma ESF. Buscou-se ainda, identificar estratégias de aproximação dos adolescentes masculinos, ao desenvolver estratégias atrativas centradas nas demandas sociais e de saúde dos jovens, contemplando o uso das artes, nesse caso o Teatro do Oprimido e promover ações de Educação Permanente em Saúde para os profissionais de saúde de uma ESF, no município de Teresópolis-RJ.

²⁴ O trabalho encontra-se também vinculado ao Laboratório de Educação, Ambiente e Saúde (LEAS) cuja pesquisadora orientadora da minha dissertação possui uma parceria com a Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), compondo a liderança do grupo de pesquisa “Estudos socioculturais sobre corpo, gênero e reprodução” (*Corpus*, CNPq) voltado ao desenvolvimento de investigações na perspectiva sociocultural sobre o corpo, gênero e reprodução em articulação com os campos do Biodireito, das Biociências e da Saúde Coletiva.

No momento do processo seletivo para ingresso no mestrado, apresentei um projeto de pesquisa que buscava desenvolver um processo de mediação através do *Teatro do Oprimido*²⁵ como uma estratégia de Educação em Saúde junto dos jovens masculinos, numa escola no município de Teresópolis-RJ. Ao visitar os potenciais campos de pesquisa, participei de alguns encontros com alguns membros daquela comunidade escolar. Nessa oportunidade, apresentei o projeto de pesquisa e as ações propostas e algumas dificuldades sinalizadas pelos diretores comprometeram a viabilidade da execução do projeto que submeti inicialmente ao PPGEBS. Dentre os entraves apontados pelos gestores escolares, destaco que, as discussões em torno da temática de gênero no contexto escolar foi descrita como um tema sensível. Naquele momento, diversas instâncias da sociedade se ocupavam em discutir a “*ideologia de gênero*”, culminando com a proposição de projetos de lei que impediam a abordagem dessa temática no ambiente escolar.

Frente a esse cenário, meus orientadores e eu, consideramos que seria necessário reorientar os caminhos da pesquisa. À essa altura, eu me aproximava de um novo universo de pesquisa: o cinema como recurso mediador da reflexão sobre o cuidado à saúde entre os jovens²⁶. Com o objetivo de conhecer as articulações entre os campos da *ciência* e da *arte*, participei da disciplina “Cinema e Subjetividade”²⁷ e ao longo da construção do percurso teórico-metodológico do estudo, percebi a necessidade de conhecer alguns estudos sobre o cinema. A partir dos referenciais

²⁵ No final da década de 1960, Augusto Boal criou o Teatro do Oprimido (TO) a partir de grupos do Teatro Arena, localizado em São Paulo. O TO tem forte influência das teorias de Educação Popular Latino-americanas de Paulo Freire e da Teologia da Libertação. Essa forma revolucionária de teatro se opõe a perspectiva depositária e requer a participação ativa do espectador, ou como sugere o seu criador: o *espect-ator*.

²⁶ Ao longo do primeiro semestre do ano de 2018, construímos um projeto de pesquisa que contemplava a participação dos homens jovens e visava compreender as concepções acerca do cuidado à saúde, qualidade de vida, corpo e sexualidade relacionada à identidade masculina mediadas pelo cinema. O projeto foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do IOC/Fiocruz recebendo aprovação em dezembro daquele ano. Em 2019 procuramos a escola que se mostrou mais aberta a receber as atividades do projeto, contudo, encontramos dificuldades em agendar e desenvolver atividades extracurriculares. Nesse percurso, nos concentramos na análise das narrativas de “The Mask You Live In” (2015) e nos comprometemos apresentar os resultados dessas discussões aos membros daquela comunidade escolar. A partir da declaração da Organização Mundial de Saúde da pandemia COVID-19 em março de 2020, as atividades nas escolas foram suspensas em razão das medidas sanitárias de isolamento social.

²⁷ As atividades da disciplina “Cinema e Subjetividade”, foram realizadas no primeiro semestre de 2018, a partir de uma parceria entre o PPGEBS e o Núcleo de Estudos sobre Alimentação e Cultura (NECTAR) vinculado ao Programa de Pós-graduação em Alimentação, Nutrição e Saúde (PPGANS) da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ). Dentre os temas discutidos na disciplina pode se destacar: Perspectivas e visões de mundo a partir do filme; Cinema como Linguagem; A semiótica do cinema.

discutidos nos encontros da disciplina supracitada, percebi que aos poucos, eu me aproximava das teorias e técnicas utilizadas tanto na construção dos filmes como na análise das narrativas fílmicas. O cinema, que até então me encantava e captava minha atenção como espectador, passou a ser um universo de pesquisa.

Em minhas incursões no cinema como espectador, voltei a minha atenção aos documentários, em razão desse gênero do cinema apresentar as narrativas de atores sociais com foco em suas experiências e perspectivas. No ensejo de dar continuidade à construção do projeto de pesquisa, me reaproximei de alguns documentários que abordavam as questões de gênero e sexualidade, como: “Precisamos falar com os homens? Uma jornada pela igualdade de gêneros”²⁸; “Repense o elogio”²⁹ e “*The Mask You Live In*”³⁰, algumas questões neste último documentário me chamaram a atenção, dentre elas: as pressões sociais dirigidas aos homens na construção de suas identidades masculinas e os mecanismos adotados para camuflar suas dores.

Após revisitar³¹ “*The Mask You Live In*” (2015), com o olhar instrumentado por algumas teorias do cinema e com o suporte dos meus professores e orientadores nessa dissertação, analisamos as potencialidades do filme e a viabilidade do material como um recurso a ser utilizado nesse estudo. Dessa forma, selecionamos esse documentário pois são abordados temas que têm forte relação com a identidade masculina na juventude que podem repercutir sobre a prática dos cuidados à saúde. Para além desse critério de seleção, também consideramos que: o documentário compila depoimentos de meninos, rapazes e homens com diferentes inserções sociais que descrevem alguns dos problemas enfrentados por esses homens na construção da identidade masculina; o documentário contempla depoimentos de especialistas de diferentes campos do conhecimento, que compartilham suas expertises na abordagem com meninos, jovens e homens; e as narrativas dos depoentes permitem a identificação de questões que contemplam a identidade masculina como um processo biológico, cultural e social. Nesse processo de seleção de “*The Mask You Live In*” (2015), consideramos que mesmo sendo um documentário produzido no

²⁸ O filme está disponível no Youtube, através do link: <https://www.youtube.com/watch?v=SSUIT39fMVY> Acesso em 10 de dezembro de 2020.

²⁹ O filme pode ser acessado no Youtube. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oxxIME6RDvc>. Acesso em 10 de dezembro de 2020.

³⁰ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=nNX6-a9ai4k&t=3169s> Acesso em 10 de dezembro de 2020.

³¹ Apresento dessa forma, pois eu já havia assistido o documentário em 2017.

contexto americano, as discussões compiladas no filme nos permitiria a discussão sobre os efeitos modeladores da cultura na construção da identidade masculina e suas imbricações com o cuidado à saúde na juventude masculina.

“*The Mask You Live In*” (2015)³² foi produzido por Jennifer Siebel Newsom em 2015, uma diretora norte-americana que aborda nesse documentário, o processo de construção da identidade masculina de meninos, jovens e homens americanos. No documentário, há a participação de educadores, psicólogos, sociólogos que abordam, dentre outros temas, a pressão exercida sobre a população masculina no exercício de suas identidades masculinas. Dentre os temas abordados nos 97 minutos da obra, pode-se destacar: a saúde mental e suicídio; violência e agressividade; conflitos com a imagem corporal e sexualidade.

A partir das potencialidades encontradas em “*The Mask You Live In*” (2015), o documentário foi adotado como *campo de pesquisa*, pois o material reúne uma coletânea de depoimentos de atores sociais que vivenciaram e/ou estudaram a construção da identidade masculina. Encontramos nos construtos de teóricos do cinema, justificativas para fundamentar a adoção de “*The Mask You Live In*” (2015), como *material de pesquisa*. Para Mombelli e Tomain (2014, p.6), os documentários privilegiam a participação de “personagens sociais que vivem e/ou viveram determinada situação”. Já, Nichols (2005), aponta que os:

[...] documentários representam o mundo histórico ao moldar o registro fotográfico de algum aspecto do mundo de uma perspectiva ou de um ponto de vista diferente. Como representação, tornam-se uma voz entre muitas numa arena de debate e contestação social (NICHOLS, 2005, p. 73).

Diante de tais premissas, reconhecemos que os documentários com as características de “*The Mask You Live In*” (2015) podem ser utilizados como um *campo de pesquisa*, pois permitem o levantamento de questões e a discussão de problemas sociais presentes na vida de alguns homens. Sendo assim, reconhecemos que a interação do espectador com o filme pode permitir a ampliação de seu olhar sobre as questões vivenciadas pelo outro, pois “o cinema nos apresenta o outro no mundo, em sua vida íntima, em sua relação com o espaço, em sua relação com o

³²O filme está disponível em plataformas de *streaming* como a Netflix e pode ser acessado gratuitamente no Youtube, através do endereço: <https://www.youtube.com/watch?v=11OI9B0V5IA>
Acesso em: 15 dez. 2020.

mundo. O cinema amplifica enormemente a possibilidade de pensar o outro [...]” (BADIOU, 2004,³³ p. 56 *apud* HILGERT; BUENO, 2016, p.1239).

A partir dos elementos identificados no documentário, pode-se discutir os modelos de masculinidade, bem como os fatores que se relacionam ao cuidado à saúde, ao corpo e à sexualidade. Considerando a necessidade de compreender os aspectos sociais e culturais da relação entre a identidade masculina e os cuidados à saúde essa pesquisa utilizou a linguagem audiovisual, contemplando assim, os documentários como um recurso para levantar questões sobre o processo saúde-doença-cuidado e problematizar estas questões à luz dos referenciais da Ciências Humanas, Sociais e da Saúde.

Os documentários, podem ser vistos como um artefato metodológico na pesquisa, uma vez que possibilitam identificar, descrever e discutir como a organização social é apresentada, explorada e representada na obra cinematográfica. Sendo assim, a partir dos resultados da análise da narrativa cinematográfica de “*The Mask You Live In*” (2015) e das unidades de sentido que abarcam essa linguagem, há a possibilidade de identificar as interfaces da identidade masculina com o cuidado à saúde como objeto de pesquisa visando problematizar e compreender as dinâmicas sociais que a constituem.

Ao adotarmos um documentário estadunidense como material de pesquisa, reconhecemos que as narrativas dispostas no filme são construídas a partir de representações em torno da identidade masculina presentes naquela cultura, contudo, compreendemos que essas narrativas podem subsidiar a reflexão dos efeitos modeladores da cultura no processo saúde-doença-cuidado nas juventudes masculinas em outros contextos, sem a pretensa de generalizar, homogeneizar ou promover o apagamento dos elementos constitutivos e distintivos da cultura local. Nesse entendimento, compreendemos que as análises das narrativas cinematográficas nos permitiu vislumbrar o lugar do outro, nesse caso, os homens jovens e alguns de seus sentimentos, comportamentos e pertencimentos, bem como, demandou que descrevêssemos o nosso lugar como espectador-pesquisador sinalizando com quais lentes os nossos olhares foram instrumentados.

Ao caminharmos em direção a compreender a complexa relação entre a identidade masculina e o cuidado à saúde na juventude masculina, adotamos o

³³ BADIOU, A. El cine como experimentación filosófica. In: YOEL, Gerardo (Comp.). *Pensar el cine 1*. Imagen, ética y filosofía. Buenos Aires: Manantial, 2004. p. 23-81.

referencial teórico-metodológico das Ciências Sociais e Humanas, pois os fenômenos investigados estão imbricados na cultura, no *modus operandi* e *vivendi* e são incorporados nos discursos dos agentes, necessitando, portanto, de uma abordagem ampliada dessas dinâmicas sociais. Essa perspectiva nos permitiu, a construção de um objeto de pesquisa a partir de um problema social, assim como o desenvolvimento de um conjunto de procedimentos teórico-metodológicos que subsidiaram desde a coleta, como a análise dos dados, fomentando assim, reflexões necessárias à compreensão da cultura do cuidado à saúde dos homens jovens.

Nesse estudo, as nossas reflexões sobre as representações da identidade masculina e das juventudes contemplaram um olhar abrangente, considerando que discussões das questões levantadas no documentário podem ser universalizadas, à medida que o cinema possui a potencialidade de nos apresentar a autenticidade, todavia, reconhecemos que as questões que discutimos nesse estudo estão imbricadas na diversidade cultural e, desta forma, não devem ser alvo de generalizações. Ao longo do desenvolvimento desse estudo, podemos compreender que os homens jovens possuem diferentes marcas, percursos, inserções sociais, dentre outros marcadores sociais, sendo assim, os homens jovens, não podem ser compreendidos a partir de um olhar que generalize ou apague suas identidades. Em nossas contextualizações e discussões, tomamos ainda, o cuidado de não reforçar o estigma em relação as representações sobre a imagem dos homens jovens como sujeitos alienados em relação aos cuidados de si e/ou fomentar a *misandria*³⁴ ao abordarmos as questões das masculinidades dominantes. Sendo assim, localizamos as diferentes visões sobre os fenômenos e as possíveis abordagens de enfrentamento da realidade identificada numa perspectiva abrangente.

Os fenômenos relacionados ao processo saúde-doença-cuidado que atravessam a vida dos homens jovens, fazem parte de seus cotidianos e são representados nos *posts* das redes sociais, nas letras de música, nos ensaios literários, nas cenas do cinema, dentre outros. Ainda que rotineiros e que denotem alguns privilégios e vulnerabilidades, tais fenômenos muitas vezes são vistos como características atribuídas à imagem valorizada socialmente de um “homem de verdade”, de um “homem com H”. Nos versos de “Millionário do sonho”, uma canção do rapper Emicida, encontramos, uma citação que pode representar os itinerários

³⁴ O dicionário Michaelis, compreende por *misandria* a “antipatia ou aversão mórbida ao sexo masculino”.

percorridos por alguns homens jovens no Brasil, descrevemos alguns versos a seguir: “...É difícil para um menino brasileiro, sem consideração da sociedade. Crescer um homem inteiro, muito mais do que metade...”. Essa citação pode ser lida por alguns como uma sentença, que por um lado determina a realidade de um grupo que vive a margem de direitos num país marcado pela desigualdade social como o Brasil e, também, pode ser compreendida como um chamamento para reflexões sobre as condições de vida dos homens jovens.

Imbuídos desse chamamento, recorreremos aos versos de Gonzaguinha³⁵ para evidenciar o processo de reflexão sobre os mitos que envolvem a construção da identidade masculina e as demandas e pressões sociais atribuídas aos homens que discutimos nesse estudo. Apresentamos a seguir, alguns versos de Gonzaguinha:

Guerreiro Menino

[...]

Guerreiros são pessoas
São fortes, são frágeis
Guerreiros são meninos
No fundo do peito
Precisam de um descanso
Precisam de um remanso
Precisam de um sonho
Que os tornem perfeitos
É triste ver este homem
Guerreiro menino
Com a barra de seu tempo
Por sobre seus ombros
Eu vejo que ele berra
Eu vejo que ele sangra
Um homem se humilha
Se castram seu sonho
Seu sonho é sua vida
E a vida é trabalho
E sem o seu trabalho
Um homem não tem honra
E sem a sua honra
Se morre, se mata
Não dá pra ser feliz

(GONZAGUINHA,1983)

³⁵ Gonzaguinha foi um compositor e interprete brasileiro.

Nesses versos, se percebe a construção e a desconstrução de estereótipos masculinos, como também, é possível encontrar dualidades apresentadas ao longo dos versos, em que são marcadas pelos ensejos, desejos e pressões inerentes ao ser humano que são subjugadas e negadas à masculinidade.

A perspectiva adotada nesse estudo, se justifica na necessidade de superação da naturalização da baixa procura pelos cuidados de saúde pelos homens jovens como um fenômeno circunscrito ao setor saúde. No entanto, como foi discutido nas seções desse estudo, o processo saúde-doença-cuidado dos homens jovens é atravessado por prescritivos culturais e sociais, que no escopo dessa dissertação, foram discutidos à baila das Ciências Sociais e Humanas e da Saúde de forma a reconhecer as juventudes como uma categoria social, que possui identidade e também é marcada por diferenças. Nessa perspectiva, o estudo torna-se relevante à medida que propõe um conjunto de reflexões que podem fomentar a compreensão dos fatores e dinâmicas que incidem sobre o processo saúde-doença-cuidado dos homens jovens. Além disso, sua importância encontra-se na contribuição que pode oferecer ao desenvolvimento de futuras estratégias educativas e em abordagens de cuidado voltadas para esse público.

Diante da contextualização e da problemática apresentada, esse estudo visa responder a seguinte pergunta de pesquisa: **Como as questões acerca da identidade masculina apresentadas no documentário “*The Mask You Live In*” (2015) contribuem para as reflexões sobre o cuidado à saúde entre homens jovens?**

Vislumbrando compreender a complexidade do objeto dessa pesquisa, as perspectivas teórico-metodológicas assumidas visam subsidiar a compreensão das imbricações entre a identidade masculina e o cuidado à saúde entre homens jovens e do cinema documental como um material de pesquisa.

1.1 Perspectivas Teórico-metodológicas

1.1.1 *Identidade Masculina*³⁶

O estudo da identidade masculina requer a consideração das estruturas da qual a temática faz parte, pois trata-se de um objeto que não é isolado em si mesmo, pois possui um caráter relacional, a masculinidade precede ao contraste com a feminilidade, portanto, pressupõe uma crença nas diferenças individuais. Os estudos sobre as masculinidades emergem a partir das críticas femininas na década de 1970 (GARCIA, 1998). Assim para Raewyn Connell, uma autora seminal nos estudos das masculinidades, afirmou que apesar dos avanços e esforços de cientistas, a temática das masculinidades ainda não logrou êxito como uma ciência coerente, dessa forma, em razão da masculinidade não ser “um objeto coerente sobre o qual uma ciência generalizada pode ser produzida. No entanto, podemos ter um conhecimento consistente sobre as questões levantadas nesses esforços” (CONNELL, 1997, p. 31), (tradução nossa³⁷). Em culturas que não consideram mulheres e homens como sujeitos portadores de caracteres polarizados, não pode se dizer que esta cultura possua um conceito de masculinidade coerente com a cultura moderna. As concepções acerca da masculinidade é um produto recente na história. Na construção do conceito foram adotadas estratégias para caracterizar uma pessoa como masculina, que foram refutadas pelos estudos posteriores. A autora sinaliza que ao abordarmos o conceito de masculinidade, estamos falando de gênero, nas palavras de Connell (1997, p. 33), (tradução nossa³⁸): “estamos fazendo gênero de uma maneira culturalmente específica”, pois a aceitação desse conceito considera as nossas perspectivas culturais. Connell (1997) salienta que:

No lugar de tentar definir a masculinidade como um objeto (...), necessitamos nos centrar nos processos e relações por meio dos quais os homens e mulheres levam vidas imbuídas no gênero. A masculinidade, se se pode definir brevemente, é ao mesmo tempo a posição nas relações de gênero, as práticas pelas quais os homens e mulheres se comprometem com essa

³⁶ Parte das discussões apresentadas nessa seção foram utilizadas na construção do manuscrito “*No pain, no gain: a construção da masculinidade e as representações sobre o sacrifício e a dor*”, submetido em julho de 2020, à Revista Crítica de Ciências Sociais, Coimbra, Portugal. O manuscrito foi desenvolvido em parceria com o NECTAR/UERJ e tem como autores: Juan da Cunha Silva, Eliane Portes Vargas, Francisco Romão Ferreira e Donizete Prado.

³⁷ No original encontramos: “*un objeto coherente acerca del cual se pueda producir una ciencia generalizadora. No obstante, podemos tener conocimiento coherente acerca de los temas surgidos en esos esfuerzos*”

³⁸ No original: “*estamos haciendo género en una forma culturalmente específica*”.

posição de gênero, e os efeitos dessas práticas na experiência corporal, na personalidade e na cultura (CONNELL, 1997, p. 35, tradução nossa³⁹).

Para Sócrates Nolasco (2001), à medida que as questões de gênero foram tomadas como objeto das Ciências Sociais e Humanas permitiram que:

a representação do sujeito empírico fosse descolada dele mesmo, fazendo com que, por exemplo, o sexo biológico se desarticulasse de seus significados dentro da cultura. Com isto, masculinidade e feminilidade passaram a ser denominações utilizadas para referir-se a homem e mulher independente da marca biológica. Assim, foi possível um sexo aspirar o que a cultura definia como sendo do outro. Várias falas se ergueram para realizar tal empreitada ampliando este modelo.

O exercício de descolamento do sexo de sua representação é recorrente na sociedade contemporânea. Para a sociedade do efêmero, o acidente humano não é o que funda a relação do indivíduo com ele mesmo. Deste modo, deixou de ser relevante se ele (ela) nasce — homem ou mulher, branco ou negro. Para a perspectiva que imagina o indivíduo como uma construção social, isto pouco importa. Sexo ou etnia não têm relevância para uma sociedade que se denomina libertária, igualitária e soberana quanto a liberdade de escolha e expressão (NOLASCO, 2001, p.13).

Em relação ao termo masculinidades, Nolasco (2001, p. 15), afirma que esta denominação “não é um operador social, mas foi criado para dizer que há muitas formas de ser homem. Como se fosse possível em algum momento da história existir uma única maneira de sê-lo”. De acordo com Taylor *et al.* (2016, p.14), a masculinidade pode ser compreendida como “expectativas sociais sobre atitudes e comportamentos de homens e jovens do sexo masculino na sociedade”, sendo assim, essas expectativas são construídas por convenções socialmente demarcadas e não determinadas por características biológicas.

Nessa perspectiva, segundo Élisabeth Badinter (1993, p.27), “não existe um modelo masculino universal, válido para todos os tempos e lugares”. Encontramos na literatura, uma diversidade de denominações sobre o termo “masculinidades”, embora esses nomes sejam utilizados às vezes como sinônimos, eles revelam como os sujeitos são vistos num grupo social. Não obstante, Ramos (2008, p. 60) sinaliza que “a sociedade reutiliza um código de classificação social para dizer algo mais, abrindo

³⁹ No original: “*En lugar de intentar definir la masculinidad como un objeto (un carácter de tipo natural, una conducta promedio, una norma), necesitamos centrarnos en los procesos y relaciones por medio de los cuales los hombres y mujeres llevan vidas imbuidas en el género. La masculinidad, si se puede definir brevemente, es al mismo tiempo la posición en las relaciones de género, las prácticas por las cuales los hombres y mujeres se comprometen con esa posición de género, y los efectos de estas prácticas en la experiencia corporal, en la personalidad y en la cultura*”.

uma fresta para áreas mais recônditas da vida social”, nesse sentido, ao classificar um “menino”, um “jovem”, um “guri”, um “rapaz” ou um “homem”, entre outros, podemos perceber desde o lugar social de quem recebe tal classificação, como também, o lugar social de quem aplicou o sistema de classificação.

A construção da identidade masculina inicia-se na socialização dos meninos e tende a gerar vulnerabilidade, essa condição está fortemente associada às expectativas de masculinidade reforçadas pelos posicionamentos e convivências socioculturais ao longo da infância, no decorrer da juventude e ao longo da vida adulta dos homens.

Em algumas culturas, como a brasileira, os meninos, os garotos, os guris, os piás, os rapazes, os homens jovens podem ser “presenteados” com armas de plástico – classificados como brinquedo; que normalizam, precocemente, o comportamento, o manuseio e o uso de armas reforçando a adoção do comportamento daquele que não pode ser machucado ou ferido, já que está portando tal artefato. No decorrer da socialização, os meninos são incentivados a brincar na rua com outros meninos reforçando a cultura que o espaço dos homens é fora do ambiente doméstico. Nesse contexto, geralmente, os meninos não são estimulados a desenvolver as habilidades com as tarefas domésticas e de cuidado, mas de uma forma inconsciente são subjugados a demarcar que a organização do cotidiano doméstico é uma tarefa realizada por meninas e mulheres. Na juventude, os rapazes são mais estimulados a serem mais rígidos e fortes na resolução de conflitos sociais e emocionais (TAYLOR *et al.*, 2016).

Ainda, nesse contexto, de construção social da masculinidade, temos em relação aos estereótipos masculinos uma maior valorização na sociedade moderna, como destaca Nolasco (1993, p.53), “a esperteza, a prepotência e a dominação serão agregadas ao padrão de comportamento dos homens”, as determinações contemplam ainda:

Um homem normal é alguém jovem, casado, pai de família, branco, urbano, do Sul, heterossexual, católico, de educação universitária, bem empregado, de bom aspecto, bom peso, boa altura e com sucesso recente nos esportes. O capitalismo incentiva, por meio de diferentes mecanismos, a crença de que por meio do trabalho um homem pode rapidamente atender a estas especificações (NOLASCO, 1993, p. 53).

Adiante, ainda na abordagem de Nolasco (1993), não há escolha plausível para um homem, já que é atribuído a esse indivíduo a reprodução de crenças e valores de força e controle:

[...] um homem não escolhe o que ele quer ser, isto já foi feito socialmente, e a ele resta senão conformar-se e endossar, quase sob a forma de uma crença, o que compreende pelo significado de ser um homem. Até então o “destino” dos homens têm sido repetir e reproduzir, como boas matrizes reprodutoras, os valores sociais vigentes (NOLASCO, 1993, p.103-104).

Para Pinheiro (2010), as representações de masculinidades estão intrinsecamente associadas as construções culturais e são reverberadas no espaço coletivo:

as representações de masculinidades estão também associadas a construções culturais, portanto coletivas, que definem o comportamento de indivíduos em determinada sociedade. Podem ser compreendidas como conceitos ou conjunto de valores e crenças que têm sua origem na vida e nas relações interpessoais. (PINHEIRO, 2010, p.5).

Nessa perspectiva, Barker (2008) aponta que ao longo da socialização os homens jovens recorrem a estereótipos e valores inerentes ao universo masculino que são socialmente valorizados em suas culturas, os jovens reproduzem um conjunto de determinações ou exigências culturais com o objetivo de serem vistos como homens, esse processo incorre, por vezes, na adoção de comportamentos de risco e reforça o processo de vulnerabilidade entre os homens jovens.

O comportamento masculino estereotipado representado por meio do uso da força física, da sexualidade, da agressividade e da violência estão relacionados a “hipermasculinidade”, este termo foi cunhado por Mosher e Serkin (1984), caracteriza-se pela relação entre a violência e a virilidade. Para tanto, Taylor *et al.* (2016), apontam que as mudanças nos debates teóricos acerca das masculinidades avançaram à medida que a visão singular sobre o “papel do sexo masculino” é reorientada com a adoção de um conceito de masculinidades múltiplas, essa nova perspectiva ampliada contempla desde alternativas até as formas hegemônicas de masculinidade e normas *hipermasculinas*. Entretanto, Badinter (1993, p. 29) resgata as conexões de Beauvoir para destacar a necessidade de “compreender-se que o célebre enunciado de Simone de Beauvoir se aplique também ao homem: o homem não nasce homem, ele se torna homem”. Essa expressão é bastante significativa para o entendimento de como os fatores sociais, culturais e formativos são persuasivos, coletivamente repassados para a conformação do indivíduo e na cristalização do sistema de crenças e valores.

No processo formativo, o mais persuasivo são os processos educativos que repercutem sobre a construção das identidades de gênero e das identidades sexuais, como afirma Ruth Sabat (2013):

A educação, compreendida de maneira ampla, é dos processos mais eficientes na constituição das identidades de gênero e sexual. Em qualquer sociedade, os inúmeros artefatos educativos existentes têm como principal função con/formar os sujeitos, moldando-os de acordo com as normas sociais. Grande parte desses artefatos educativos está inserida na área cultural como, por exemplo, televisão, cinema, revistas, livros ou histórias em quadrinhos. De qualquer forma, são revestidos de características “inocentes”, como prazer e diversão, que também educam e produzem conhecimento. (SABAT, 2013, p. 149).

Esses processos educativos também foram estudados por Scott, Athias e Longhi (2005) que conduziram um estudo, em Recife-PE, junto de homens de diferentes gerações com o objetivo de examinar “o que é ser homem” para os entrevistados. Nesse contexto, os resultados obtidos desse encontro intergeracional, indicaram que alguns homens das novas gerações compreendem que “a família é aquela que frustra, pois não corresponde às expectativas dos jovens e, sendo assim é vista como uma das grandes culpadas pelos “caminhos errados” dos filhos” (SCOTT, ATHIAS e LONGHI, 2005, p. 127, grifo dos autores), nessa perspectiva os jovens demonstraram o desejo de assumirem posturas diferentes na educação de seus próprios filhos, mantendo uma relação com mais diálogo e proximidade.

As representações de homens jovens sobre masculinidade estão relacionadas a reprodução do modelo patriarcal, com papéis sociais delimitados, como demonstra-se a seguir a partir dos resultados dos estudos de Nascimento, Segundo e Barker (2011), refletem tais representações, quando perguntados:

[...] o que significa ser homem? Os jovens evocavam a figura do homem provedor e responsável pelo sustento da família. A família era vista de maneira tradicional, ou seja, com papéis bem definidos, ‘homem que trabalha’ e ‘mulher que cuida da casa’ e que deve respeito ao homem (NASCIMENTO, SEGUNDO e BARKER, 2011, p.120).

A “herança de gênero” possui forte relação no comportamento dos homens jovens, como destaca Scott, Athias e Longhi, (2005, p.126, grifo dos autores): “todos os pais têm uma grande missão e ao mesmo tempo uma grande preocupação: que seus filhos homens ‘não neguem fogo’ e ‘tracem’ todas as garotas que ‘derem mole’”. A começar por esse excerto, podemos compreender tanto os papéis como as expectativas lançadas sobre os rapazes, assim como, as expectativas que são

comunicadas simbolicamente pelos seus pais, com o objetivo de reafirmar a própria masculinidade através de um comportamento compatível do “macho predador”. No mesmo estudo encontramos ainda, as concepções dos rapazes acerca da vida afetiva, sexual e reprodutiva, os jovens relatavam que “existem as garotas para ficar e as garotas para casar e que a diferença está não apenas em seu comportamento, mas também no modo de vestir e até no local de moradia” (SCOTT, ATHIAS e LONGHI, 2005, p.127), ainda segundo os autores, a “moça direita”, vistas pelos rapazes como ideais, são reservadas e não têm ‘complicação’, em contrapartida a ‘garota que fica com todo mundo’ não é merecedora de credibilidade e provavelmente não terá o apoio do rapaz para ter e criar o filho” (SCOTT, ATHIAS e LONGHI, 2005, p.128, grifo dos autores).

No olhar de Serpa, “a representação social sobre a mulher continua sendo focada no espaço familiar, cabendo a ela o cuidado afetivo aos membros da família à qual pertence” (SERPA, 2010, p.16). Barker (2008, p.43) considera que o estudo das identidades dos homens jovens requer o reconhecimento da “natureza conjuntural de nossas próprias identidades e refletir sobre como projetamos aquilo que somos”. Sendo assim, a partir desse olhar encontramos em Hall (2000) os sentidos e utilizações do termo identidade:

Utilizo o termo “identidade” para significar o ponto de encontro, o ponto de sutura, entre, por um lado, os discursos e as práticas que tentam nos “interpelar”, nos falar ou nos convocar para que assumamos nossos lugares como os sujeitos sociais de discursos particulares e, por outro lado, os processos que produzem subjetividades, que nos constroem como sujeitos aos quais se pode “falar”. **As identidades são, pois, pontos de apego temporário às posições de sujeito que as práticas discursivas constroem para nós. Elas são o resultado de uma bem-sucedida articulação ou “fixação” do sujeito ao fluxo do discurso [...]. Isto é, as identidades são as posições que o sujeito é obrigado a assumir, embora “sabendo”, sempre, que elas são representações [...]** (HALL, 2000, p. 111, grifo nosso).

O processo de *formação da identidade*, segundo Schoen-Ferreira, Aznar-Farias e Silveiras (2003), é influenciado por fatores intrapessoais, interpessoais e culturais. A capacidade inata do indivíduo e as características apreendidas da personalidade constituem os fatores intrapessoais; a capacidade de se identificar com outras pessoas são relacionadas aos fatores interpessoais; enquanto os fatores culturais abarcam a exposição de um indivíduo aos valores sociais, seja numa dimensão global ou comunitária. Para as autoras, esse processo de formação ocorre

por duas formas: “[...] a primeira é perceber-se como sendo o mesmo e contínuo no tempo e no espaço; e a segunda é perceber que os outros reconhecem essa semelhança e continuidade”. (SCHOEN-FERREIRA; AZNAR-FARIAS; SILVARES, 2003, p. 107).

Ainda, sobre os estudos sobre identidades, segundo Nolasco (2001), o individualismo moderno e a representação social do homem promoveram um processo de decadência que culminou "crises de identidade", segundo o autor essa crise fomentou:

a consolidação dos movimentos sociais de emancipação permitindo a positivação de identidades até então negativadas (mulher, etnias e homossexuais). Por outro lado, tal crise tornou-se um dispositivo promotor de situações violentas na medida em que, para as sociedades ocidentais, ser homem passou a significar sinônimo de truculência, boçalidade ou daquele que é politicamente incorreto (NOLASCO, 2001, p. 14).

Esses conflitos entre as crises identitárias e os movimentos sociais transpassaram às percepções sobre os estilos de vida prioritariamente valorizados pelas culturas ocidentais, esses estilos de vida que se inscrevem na ordem da competitividade e no individualismo, como afirma Nolasco (2001):

Quando as sociedades contemporâneas estabelecem que o sucesso individual só é conquistado por meio de comportamentos agressivos e competitivos, estão adotando determinadas características do comportamento agressivo para estabelecer como seus indivíduos devem caminhar. Com isto, passaram a disseminar uma idéia de militarização do vínculo. Tal postura prescinde dos matizes inerentes ao vínculo social, determinando que, para vencer, o indivíduo deve escolher o lado claro e não o escuro; ser *winner* e não *loser*, filiar-se ao ocidente e não ao oriente. Diante desta perspectiva, o indivíduo perde a possibilidade de inventar novas formas de singularização para si mesmo, sua vida e futuro, cabendo a ele cumprir uma agenda cujo roteiro é superficial, polarizado e de aparências (NOLASCO, 2001, p. 11).

Não obstante, a identidade masculina na perspectiva de Badinter (1993) possui três categorias hegemônicas, nas quais os homens são categorizados de acordo com o comportamento, são elas: o "*tough guy*" (o homem duro em tradução livre) que apresenta provas de sua virilidade e busca no sexo afirmação de sua identidade. O "*the soft man*" (o homem suave, em tradução livre), corresponde ao estereótipo masculino que valoriza a sensibilidade e menos a virilidade, este modelo emerge após os apontamentos feministas na década de 1970, sendo assim "alguns homens imaginaram que deviam desprezar toda virilidade e adotar os valores e

comportamentos femininos mais tradicionais” (BADINTER, 1993, p. 47). E o "homem reconciliado” que segundo Badinter (1993):

Não é uma mera síntese dos dois machos mutilados precedentes. Nem homem mole invertebrado (*soft male*), nem home duro incapaz de experimentar sentimentos, ele é o *gentle man* (“homem amável”) que sabe aliar solidez e sensibilidade (BADINTER, 1993, p.165).

Em meados dos anos 2000, emergiu o que pode ser classificado como “novas formas de ser homem”, a partir de um conjunto de atitudes, de produtos e serviços voltados para que os homens consumissem, dessas novas práticas sociais, surgiu um termo cunhado por Mark Simpson como “metrossexual” para designar um conjunto de homens heterossexuais urbanoides, que gastam parte de seus rendimentos com cosméticos roupas e acessórios de marca (FURTADO, 2008).

As mudanças na imagem do homem moderno, como salienta Ghilardi-Lucena (2006), permite constatar que “o homem mudou [e] refere-se a um tema que não deixa de ser polêmico em algumas áreas do conhecimento, bem definido em outras e, com certeza, está sendo bem aproveitado no universo da comunicação” (GHILARDI-LUCENA, 2006, p.1019).

Outros estudos apontam para o processo de *formação da identidade* que perpassa ao exercício da sexualidade que é marcado por diferenças entre os gêneros, como aponta um estudo realizado com 304 estudantes com idade entre 18 e 25 anos, (66%) das participantes da pesquisa relataram conversar com seus amigos a respeito de métodos contraceptivos, contra (43%) dos homens jovens da amostra. Dentre as jovens (21%) não tinham experiência sexual enquanto (5%) dos rapazes já haviam se iniciado sexualmente. Em relação ao uso do preservativo, (30%) das jovens relataram possuir dificuldades na negociação do uso de preservativos contra (14%) dentre os rapazes. Falar sobre suas preferências sexuais era menos vergonhoso para os rapazes (53%) do que para as jovens. As jovens relacionam o sexo ao amor (93%) contra (73%) nos homens jovens (ANTUNES *et al.*, 2002).

Nesse processo de formação de identidades, Barker (2008) e Vale de Almeida (1996, 1995) apontam que no ensejo de oferecer provas de suas masculinidades os homens jovens enfrentam situações de constrangimento, vergonha e humilhação pública. Para serem vistos e aceitos como “homem” é imprescindível “pegar geral”! Nesse decorrer do processo de socialização, uma prescrição de virilidade é transmitida aos homens jovens:

Mesmo preocupados com um aparente “desleixo” dos jovens com a vida, os homens (e suas esposas), em todos os locais, socializam os jovens para serem “conquistadores”, que “aproveitam para ficar” com as moças mais soltas de hoje, pois o recato não cabe ao jovem (SCOTT, ATHIAS e LONGHI, 2005, p.142).

Portanto, o homem se considera mais forte, com mais inteligência, mais coragem, mais responsabilidade, mais criatividade e ser mais racional - características que os homens utilizam para justificar sua posição hierárquica sobre às mulheres (BADINTER, 1993). Outro exemplo de diferenças entre os gêneros, as jovens são estimuladas a falar de seus afetos, medos e inseguranças, já os jovens masculinos, geralmente, não conversam sobre esse tema com suas famílias, nos serviços de saúde ou com seus pares. Tal característica pode resultar numa “menor capacidade de cuidar de sua própria saúde e, por conseguinte, de sua(seu) parceira(o), deixando-o mais vulnerável a infectar-se pelas doenças sexualmente transmissíveis e pelo HIV/AIDS” (BRASIL, 2011a, p.21).

Scott, Athias e Longhi, (2005, p.127) afirmam que “os jovens estabelecem uma relação direta entre a maturidade e a possibilidade de assumir economicamente uma família”, enquanto para os homens adultos “assumir uma família está mais relacionado com a capacidade de provê-la do que com outros fatores”. O trabalho é um tema central para os homens, como afirmam os mesmos autores supracitados, enquanto que a escola é um “fator importante; não como uma necessidade pessoal, mas, sim, como uma demanda externa, imposta pela sociedade” (SCOTT, ATHIAS e LONGHI, 2005, p.128).

Embora o desemprego e a falta de formação profissional limitem o poder aquisitivo dos jovens, eles também são vistos como potenciais consumidores e figuram como público-alvo em diversas campanhas publicitárias. Sabat (2013) considera que a publicidade possui mecanismos educativos que são marcados por representações de gênero, apresentam diferentes corpos e sexualidades, modos de comportamento e estilos de vida que produzem identidades.

No entanto, os corpos de mulheres e homens são utilizados nas peças publicitárias, como também, são transmitidos e ensinados os modos de ser e estar no mundo, para tanto, são recrutados corpos que estão em conformidade com os padrões estabelecidos pelas sociedades modernas e aquelas que representam os ideais de uma classe social dominante, raça/etnia ou nacionalidade prestigiadas socialmente.

Os signos explorados pela publicidade se valem das figuras que representam o modelo hegemônico de família, sendo assim, é comum encontrar em anúncios de margarina, planos de saúde, automóveis de passeio: um homem que representa o *pai* - que por sua vez é o provedor da família; enquanto uma mulher representa a *mãe* - seria o modelo exemplar de uma dona de casa; as crianças que representam os filhos e até um animal de estimação para transpassar a imagem de credibilidade desse núcleo familiar.

Os jogos de representatividade, na publicidade, demarcam um homem que é representado através do uso da força, determinação e ambientes abertos e amplos, todavia, a presença da mulher é utilizada em reclames marcados pela afetividade, tendo como cenário o ambiente doméstico praticando trabalhos manuais ou tendo seu corpo como objeto de desejo e prazer masculino. De acordo com Pinheiro (2010, p.4) “a discussão sobre a representação de masculinidade passa também pela representação da linguagem visual/imagética”. Dessa forma, a publicidade lança mão de um conjunto de estratégias que podem ser compreendidas como um currículo cultural que “faz parte de uma pedagogia específica que é composta por um repertório de significados que, por sua vez, constroem e constituem identidades culturais hegemônicas” (SABAT, 2013, p. 157).

Os estudos de Hoff (2012) e Garcia (2005) demonstram que o corpo masculino explorado nas peças publicitárias na década de 2000, remetem a um conjunto de representações marcadas pela virilidade, força, robustez, sensualidade e ao mesmo tempo, com posturas delicadas, dóceis, compreensivas e condizentes com um homem que se cuida e estende os cuidados à casa e aos filhos. As representações de masculinidades são inscritas e lidas nos corpos de homens, para Le Breton (2003, p. 31) “no fundamento de qualquer prática social, como mediador privilegiado e pivô da presença humana, o corpo está no cruzamento de todas as instâncias da cultura, o ponto de atribuição campo simbólico”.

Algumas masculinidades se sobrepõem sobre as outras, como ainda, sobre categorias diferentes de masculinidade que são usadas para cooptar e encorajar outros meninos e jovens a ser como aqueles que aderiram a elas, até mesmo, ao obrigar os jovens a escolher uma identidade assim como eles próprios foram antes pressionados a fazer (BARKER, 2008, p. 39).

Nesse devir de práticas identitárias, de abalos de representatividade identitárias, Nolasco (1993) reconhece que o processo de revolução é permeado por rupturas:

para nós, homens brasileiros, a revolução masculina ainda é uma utopia, que como tal faz adormecer e sucumbir nossos sonhos e projetos de uma identidade que não seja marcada por contradições, cisões, 'desamor' e violência (NOLASCO, 1993, p. 177).

Contudo, Boise (2019) chama atenção para os usos do conceito “masculinidade tóxica”, um termo recorrente nos estudos de masculinidades, sobretudo nos últimos anos, segundo ele, a masculinidade tóxica se tornou popular em razão dos homens terem sido apontados como os principais responsáveis pelos tiroteios em massa e atividades de terrorismo em países da Europa, nos Estados Unidos e na Nova Zelândia. A repercussão desses fatos pela mídia, tende a relacionar tais atos violentos ao racismo, ao radicalismo, à saúde mental e ao acesso de armas, nesse ínterim, Boise destaca que “o gênero é o denominador mais comum, mas um dos menos discutidos, e é tentador sugerir que algum tipo de masculinidade tóxica é possivelmente a principal causa por trás de atos horríveis e aparentemente desconectados” (BOISE, 2019, p. 147, tradução nossa⁴⁰).

Ramos Padilla e Ramírez (2018), ao abordarem a aprendizagem da sexualidade masculina hegemônica, apontam que a sexualidade assume a partir da adolescência uma centralidade na vida dos homens jovens, ainda que esse tema seja extremamente relevante para os homens jovens, o aprendizado da sexualidade, por vezes, está interligado no acesso às revistas pornográficas compradas por amigos adultos, já que essa temática raramente é abordada pelos pais, os homens mais velhos participam da educação sexual dos homens mais jovens, reforçando o que eles acreditam ser uma característica natural de ser homem: ter mais de uma parceira ao mesmo tempo e desvalorizar e desqualificar as mulheres.

A incorporação dessa norma ao comportamento dos homens jovens implica em “demonstrar aos seus pares que eles são sexualmente ativos, ou ostentando conquistas sexuais, com atos de exibicionismo sobre sua potência sexual, ou através

⁴⁰ No original: “gender is the most common, but one of the least discussed, denominators and it is tempting to suggest that some kind of toxic masculinity is possibly the main cause behind such horrific, seemingly unconnected acts”.

de ações de agressão sexual contra mulheres em seu ambiente” (RAMOS PADILLA; RAMÍREZ, 2018, p.49).

Os estudos em torno da temática da sexualidade fomentaram a introdução de outras problemáticas para além da saúde reprodutiva masculina, temas como a “necessidade de conquista”, “a ereção, a penetração e as proezas sexuais, tomadas como símbolos de autoafirmação e virilidade, passam a ser objeto de problematização” (SCHRAIBER; GOMES; COUTO, 2005, p.12).

No viés dos estudos sobre masculinidades e a saúde do homem jovem, apontamos para um sistema de saúde de atenção que seria a base para uma nova abordagem de cuidado. Todavia, atualmente, assistimos o que os especialistas classificam como um desmonte do Sistema Único de Saúde (SUS), uma situação que contribui para o processo de vulnerabilidade dos homens jovens, à medida que conjunto de serviços oferecidos pelo setor saúde vem sofrendo com sua oferta mitigada, enquanto outras ações são redirecionadas. Como sinaliza Vasconcelos (2001), tal realocação de ações também já fora praticada no decorrer da década de 1970, quando se privilegiou a assistência médica individualizada.

Na próxima seção, abordaremos aspectos, narrativas e espacialidade sobre qual juventude estamos discutindo nessa pesquisa.

1.1.2 Juventude(s): de quais jovens estamos falando?

[...] eles são jovens, amam, sofrem, divertem-se, pensam a respeito das suas condições e de suas experiências de vida, posicionam-se diante dela, possuem desejos e propostas de melhorias de vida (DAYRELL, 2007, p. 1109).

O que é juventude? É uma fase, uma idade cronológica? A juventude pode ser usada como sinônimo de adolescência? Quem os nomeou assim? Juventude ou juventudes? Essas perguntas norteiam a construção da revisão de literatura nessa seção e “lançaram luz” sobre a diversidade dos sentidos atribuídos à juventude. De quem estamos falando? Alguns pesquisadores, ao apresentar a temática em seus textos relatam que os jovens são vistos como uma questão pública, sendo alvo de preocupações, motivos de inquietações e de crises geracionais, fase marcada por

rebeldias, insatisfações e onipotências (SILVA; ABRAMOVAY, 2007; BOCK, 2004; GROppo, 2004).

“Somos sempre o jovem ou o velho de alguém” (BOURDIEU, 2003, p.151), é desta forma que Pierre Bourdieu começa a responder uma série de perguntas sobre a juventude, o sociólogo faz apontamentos sobre a arbitrariedade dos cortes e classes de idade. Para ele, “a fronteira entre a juventude e a velhice é um objeto de disputas em todas as sociedades” (IDEM). Na perspectiva defendida por Bourdieu (2003), a juventude ao exemplo da velhice, são construções sociais e, desta forma, são clivadas a partir de diferenças entre os jovens e os velhos, sendo atribuídos a cada grupo um conjunto de representações, segundo o autor: “a representação ideológica da divisão entre jovens e velhos concede aos mais jovens coisas que fazem com que, em contrapartida, eles deixem muitas outras coisas aos mais velhos” (BOURDIEU, 2003 p. 151-152). A juventude e a velhice, são operadas a partir de leis distintas, na visão de Bourdieu (2003):

Cada campo, [...], possui suas leis específicas de envelhecimento: para sabermos como se recortam as gerações é preciso conhecer as leis específicas do funcionamento do campo, os objetos de luta e as divisões operadas por esta luta (BOURDIEU, 2003, p. 153).

Em relação aos limites que circunscrevem a juventude ou a velhice, Gonçalves e Catharino (2008, p. 21) afirmam que:

As fronteiras entre o jovem e o velho são fluidas e imprecisas. Assim, a invenção dessa e de outras etapas da vida, e a respectiva divisão por faixa etária, são aleatórias. No entanto, a juventude e adolescência foram transformadas em verdadeiros ícones das sociedades modernas (GONÇALVES; CATHARINO, 2008, p. 21).

Como categorias sociais, a juventude e a velhice refletem as concepções e valores atribuídos à relação entre a idade biológica e a idade social, Bourdieu (2003) aponta que:

a idade é um dado biológico socialmente manipulado e manipulável; e que o fato de falar dos jovens como se fossem uma unidade social, um grupo constituído, dotado de interesses comuns, e relacionar estes interesses a uma idade definida biologicamente já constitui uma manipulação evidente (BOURDIEU, 2003, p. 155).

Para Gonçalves e Catharino (2008), a juventude possui marcas e papéis sociais:

A saída da juventude é marcada pela associação de várias condições, tais como: entrada no mercado de trabalho, saída da escola, abandono do núcleo familiar de origem e conquista de certa autonomia. Postergar a aquisição do estatuto de adulto implica postergar o famoso conflito de gerações, que pode ser traduzido como um embate entre o velho e novo (GONÇALVES, CATHARINO, 2008, p. 21).

Os jovens com frequência são alocados num grande coletivo uniforme e nesse agrupamento são suprimidas as diferenças entre as identidades dos jovens, todavia, conforme indica Bourdieu (2003), a comparação entre jovens de diferentes classes permite compreender que os jovens oriundos das classes dominantes possuem mais atributos usados pelos adultos e velhos.

A adolescência foi objeto dos estudos de Granville Stanley Hall (1846-1924), dentre suas publicações, destaca-se “*Adolescence*” de 1904. Para alguns estudiosos, essa publicação é considerada como “o começo do campo da adolescência como uma área acadêmica e de pesquisa científica” (ARNETT, 2006, p. 186, tradução nossa⁴¹). No campo dos estudos sobre a juventude, Feixa (1999), aponta que a juventude possui duas condições:

Entendida como a fase da vida individual, compreendida entre a puberdade fisiológica (uma condição natural) e o reconhecimento do status de adulto (uma condição cultural), afirma-se que a juventude constitui um universal da cultura, uma fase natural de desenvolvimento humano, explicado pela necessidade de um período de preparação e maturidade entre a dependência infantil e a plena inserção social. Afirma-se, inclusive, que as crises e conflitos que caracterizariam este período seriam também universais porque são determinadas por causas biológicas próprias de toda espécie humana (FEIXA, 1999, p. 16).

Para Groppo (2000), p. 8), “[...] a juventude é uma concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais ou pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos”. No contexto brasileiro, Muggah e Pellegrino (2020), consideram o conceito de juventude flexível, já que grande parte das definições contemplam populações com idade entre 15 e 29 anos, os autores recorrem aos marcos legais e ao Estatuto da Juventude publicado em 2013 para discutir as delimitações etárias impostas pela legislação, segundo os autores:

O conceito de juventude é elástico - a maioria das definições inclui populações entre as idades de 15 e 29 anos. Na verdade, o Estatuto da Juventude (2013) determina que os jovens se enquadram nesta faixa etária,

⁴¹ No original encontramos: “*the beginning of the field of adolescence as an area of scholarly and scientific research*”.

a qual adotaremos como referência. De acordo com a lei brasileira, crianças são aquelas pessoas com menos de 12 anos e adolescentes estão entre as idades de 12 e 18 anos - sobrepondo-se à definição de jovem. É importante notar essa variação, pois diferentes estudos costumam usar essas categorias de forma intercambiável (MUGGAH; PELLEGRINO, 2020, p.11).

Na visão de Dayrell (2003) a juventude possui duas imagens, uma romântica marcada pela liberdade e a outra atravessada por conflitos, sobre a primeira imagem:

[...] a juventude seria um tempo de liberdade, de prazer, de expressão de comportamentos exóticos. A essa ideia se alia a noção de moratória, como um tempo para o ensaio e o erro, para experimentações, um período marcado pelo hedonismo e pela irresponsabilidade, com uma relativização da aplicação de sanções sobre o comportamento juvenil (DAYRELL, 2003, p. 41).

A segunda imagem, considera a juventude como um “momento de crise, uma fase difícil, dominada por conflitos com a autoestima e/ou com a personalidade” (DAYRELL, 2003, p.41). Além de tecer as classificações descritas, o autor avança e ressalta a importância de questionar as concepções atribuídas à juventude:

[...] quando arraigados nesses “modelos” socialmente construídos, corremos o risco de analisar os jovens de forma negativa, enfatizando as características que lhes faltariam para corresponder a um determinado modelo de “ser jovem”. Dessa forma, não conseguimos apreender os modos pelos quais os jovens, principalmente se forem das camadas populares, constroem as suas experiências (DAYRELL, 2003, p. 41).

Dentre as representações atribuídas à juventude, Castro e Abramovay (2002) apontam que os jovens nem sempre são vistos como atores com identidade própria, não tendo sua autonomia, anseios, pensamentos ações respeitados. As autoras apontam que a juventude é vista, por vezes, como um olhar generalizante e homogeneizante que inviabiliza a compreensão das especificidades dos jovens, segundo as autoras “[...] a juventude assume faces diferentes de acordo com as condições materiais e culturais que a cercam, de acordo com o território em que se encontra (CASTRO; ABRAMOVAY, 2002, p.28). E, por fim, as autoras reconhecem a existência de uma dualidade *adultocrata* e maniqueísta, decorrentes do conflito geracional que incidem sob a juventude, dessa forma aos jovens são relacionadas atitudes transgressoras, de contestação e reversão do que se entende como ordem, assim, ao avançarem sobre a fase adulta é esperado uma fase de calma, pois eles já teriam se enquadrado nas “regras do jogo”, ainda segundo essas autoras, os jovens:

São vistos, portanto, ao mesmo tempo, como irreverentes, transgressores, mas também como peças modernizantes da sociedade. Ao mesmo tempo em

que são considerados como “marginais”, como ameaça, os jovens são idealizados como esperança. Nessa perspectiva, o jovem é quase sempre considerado como o futuro, abandonando-se a concepção do jovem como agente histórico no presente (CASTRO; ABRAMOVAY, 2002, p. 29).

Em outra abordagem teórica, a juventude pode ser compreendida no atual momento histórico, de acordo com Abramo (2016, p. 19) como “[...] uma longa transição da infância para a idade adulta, caracterizada por um intenso processo de definições, escolhas e arranjos para a construção de uma trajetória de inserção e autonomia”. Enquanto, Bock (2004) afirma que no contexto cultural que vivemos, no qual atribuímos valor ao adulto produtivo, a juventude e a velhice são vistas com demérito.

Nesse processo de pesquisa sobre esses termos, buscamos a definição da Organização Mundial de Saúde (OMS) sobre a adolescência, contudo, na perspectiva de Castro, Abramovay e Silva (2004), que tecem críticas em torno da delimitação da idade e a heterogeneidade no desenvolvimento dos jovens nesta fase de suas vidas, segundo as autoras a definição não contempla a dimensão social, as autoras sinalizam: “Ser ou não adolescente está diretamente relacionado com as condições sociais e econômicas, ou melhor dizendo, ao lugar que cada um ocupa em relação à estrutura social” (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004, p. 404). Nesse contexto, Dayrell (2003) coaduna com a concepção da diversidade do processo de desenvolvimento físico e psicológico do indivíduo, dessa forma, “Essa diversidade se concretiza com base nas condições sociais (classes sociais), culturais (etnias, identidades religiosas, valores) e de gênero, e também das regiões geográficas, dentre outros aspectos [...]” (DAYRELL, 2003, p. 42).

A concepção de “ser jovem” não se descola da dimensão de deveres e responsabilidades, pois há um processo para que os jovens sejam reconhecidos como capazes de racionalizar suas ações, como também, lhes são imputadas responsabilidades em relação ao porvir (CASTRO; ABRAMOVAY; SILVA, 2004).

Para Bock (2004), existe uma tendência em considerar a *adolescência* como uma fase natural e intermediária do desenvolvimento humano, nessa perspectiva “[...] na medida em que superam a infância, passam necessariamente por uma nova fase, intermediária à vida adulta, que é a adolescência” (BOCK, 2004, p. 32). A autora lança luz, dentre outros fatores, à naturalização e institucionalização da adolescência pela Psicologia na década de 1970, quando se “[...] universalizou-a e ocultou, com esse processo, todo o processo social constitutivo da adolescência” (IDEM, p. 33). Nessa

direção, a adolescência passa então a ser compreendida como uma fase da natureza, inerente à natureza do homem, ou seja, diante do crescimento e desenvolvimento do homem e sua relação com o meio; o homem vai se atualizar, como em uma analogia às tecnologias digitais, nesse momento de *upgrade* o homem avança à vida adulta. Em detrimento, ao que foi exposto, superar essa compreensão naturalizada na literatura sobre as fases da vida humana, torna-se necessário, pois: “Pensar a juventude como uma manifestação da natureza humana é desvalorizá-la e condená-la à identificação com modelos vazios em termos de inserção na sociedade” (BOCK, 2004, p. 39).

O movimento de revisitar tais modelos e contextualizá-los com as novas dinâmicas sociais e com as culturas juvenis, constitui um processo em curso e alinha-se com a participação de pesquisadores, como Calligaris (2000), que aguça a reflexão sobre o caráter prescritivo e compulsório imposto aos jovens:

[...] Numa sociedade em que os adultos fossem definidos por alguma competência específica, não haveria adolescentes, só candidatos e uma iniciação pela qual seria fácil decidir: sabe ou não sabe, é ou não é adulto. Como ninguém sabe direito o que é um homem ou uma mulher, ninguém sabe também o que é preciso para que um adolescente se torne adulto. **O critério simples da maturação física é descartado.** Falta uma lista estabelecida de provas rituais. Só sobram então a espera, a procrastinação e o enigma, que confrontam o adolescente — este condenado a uma moratória forçada de sua vida — com uma insegurança radical [...] (CALLIGARIS, 2000, p. 21, grifo nosso).

Para Barker (2008) os jovens que possuem um capital social limitado⁴² enfrentam mais dificuldades para ingressar no mercado de trabalho formal e se deparam com barreiras objetivas e subjetivas, que abarcam desde a falta de qualificação à crença de que eles não possuem as competências necessárias para ocupar os postos do trabalho formal, frente a essas questões muitos ingressam informalmente no mundo do trabalho. Grunnagel e Wieser (2015), aponta que as masculinidades marginais:

se definem recorrendo abertamente a parâmetros socioeconômicos: sua marginalidade explica-se devido à sua condição precária em termos de

⁴² Pierre Bourdieu, compreende por *Capital Social* “o conjunto dos recursos reais ou potenciais que estão ligados à posse de uma rede durável de relações mais ou menos institucionalizadas de interconhecimento e de inter-reconhecimento mútuos, ou, em outros termos, à vinculação a um grupo, como o conjunto de agentes que não somente são dotados de propriedades comuns (passíveis de serem percebidas pelo observador, pelos outros e por eles mesmos), mas também que são unidos por ligações permanentes e úteis” (BOURDIEU, 1998, p. 67, grifos do autor).

pobreza, ou melhor, falta de capitais econômicos, culturais e simbólicos – segundo a terminologia de Pierre Bourdieu (GRUNNAGEL; WIESER, 2015, p. 343).

Em alguns países, os programas de desenvolvimento voltados aos jovens são coordenados por instâncias governamentais e pela iniciativa privada, sendo assim, essas iniciativas estão centradas em apenas manter os jovens ocupados, as atividades desses programas desconsideram a autonomia dos jovens, portanto, essas ações não priorizam o desenvolvimento e o engajamento dos jovens e, tão pouco, primam pelo desenvolvimento dos jovens como cidadãos e trabalhadores. Ao ser rotulado como desempregado, os homens jovens são acometidos por problemas que ultrapassam a dimensão financeira podendo comprometer sua saúde mental e “arranhar” sua imagem de homem no meio social no qual fazem parte, como aponta Barker (2008):

A perda ou a falta de emprego significa, para muitos jovens, uma falta de recursos financeiros ou uma perda do autorrespeito. Ao mesmo tempo, muitos jovens jamais tiveram um emprego estável e, assim, não têm sequer esse “autorrespeito” a perder. **Se trabalhar é imprescindível para alcançar uma versão socialmente reconhecida de masculinidade, então a conclusão que se tira é que não ter trabalho significa não ser socialmente reconhecido como homem.** Isso quer dizer que uma mulher não considera um jovem desempregado como um candidato atraente para uma relação de longo prazo, isso significa que a polícia pode interpelá-lo. Isto significa que os pais o pressionam para encontrar trabalho. Como resultado, alguns rapazes se voltam para outros caminhos a fim de adquirir respeito ou reconhecimento ou para esquecer as suas frustrações – oscilando entre gangues, a violência doméstica e o uso de entorpecentes. (BARKER, 2008, p. 161, grifo nosso)

“Um ‘homem de verdade’ deve arranjar um emprego – o que, em certos contextos, não é nada fácil”, essa citação de Barker (2008, p.36) pode ser compreendida como um mandato de masculinidade presente na socialização dos homens, para o autor, a construção da identidade masculina demanda que os rapazes se apresentem diante das situações como alguém capaz de se defender, que tomem a atitude firme e correta, que ele seja capaz de cuidar de si próprio. Vale considerar que dentre os sentidos da última sentença, o “cuidar de si” possui a conotação de “ser autônomo e, desta forma, resolver seus problemas por seus próprios meios”, em outras palavras, ser “homem” implica em desde cedo “ser homem autônomo e provedor”. Mesmo com os novos arranjos decorrentes da modernidade, persiste “a ideia do homem que comanda, que tem autoridade sobre a vida familiar, parece se manter, ainda que venha com a perspectiva modernizada de que é possível

compartilhar as responsabilidades financeiras (ARILHA, 1998, p. 63). De acordo com Barker (2008, p. 35) as determinações sociais que incidem sobre os rapazes implicam em “conquistar algum grau de independência financeira, arranjar um emprego ou algum rendimento, e, subseqüentemente, formar uma família”. Dentre os desafios enfrentados pelos homens e mulheres jovens⁴³, Gonçalves e Catharino (2008) apontam que alguns jovens têm seus sonhos atravessados pela necessidade de adiar sua entrada no mundo do trabalho, o que dificulta a participação dos jovens como membros nas sociedades da qual fazem parte. As autoras sinalizam que:

o adiamento do ingresso no mercado de trabalho, fato que é justificado pela necessidade de ampliar a qualificação profissional, o que mascara, de certo modo, a necessidade de conter essa massa que reivindica os direitos de cidadão (GONÇALVES; CATHARINO, 2008, p. 21).

É possível encontrar estratégias de marketing seja em outdoors, nos *posts* e *stories* dos influenciadores digitais ou anúncios nas redes sociais voltadas ao universo juvenil, essas estratégias marcam e afirmam que dentre outros papéis, que os jovens podem ser vistos como potenciais consumidores. Ressalta-se em Barker (2008):

Em um mundo orientado para o consumo regido por marqueteiros de massa que deliberadamente elegem os jovens como seu público-alvo, incluindo mesmo os jovens de baixa renda, essa “obrigação” masculina de trabalhar ou ganhar dinheiro torna-se exacerbada. (BARKER, 2008, p. 35)

Em busca de melhores condições de vida, os jovens moradores de localidades rurais empreendem um fluxo migratório em direção às áreas urbanas. De acordo com Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe (CEPAL) “A importância do fluxo tradicional de migração rural-urbana revela que uma grande parte da juventude rural não tem grande apego com seu meio local, especialmente nas zonas mais pobres” (CEPAL, 1996, p. 26, tradução nossa⁴⁴).

⁴³ Ao exemplo dos homens jovens, o ingresso no mundo do trabalho das jovens é permeado por dificuldades, pois além da jornada de trabalho são acrescidas o cuidado dos filhos e das responsabilidades domésticas decorrentes da divisão social do trabalho, ainda que tenham esses percalços, a participação feminina nos setores da economia vem contribuindo para o orçamento doméstico e nas atividades econômicas familiares, sobretudo, essa participação das jovens também contribuem em mudanças nas normas de gênero, portanto, “a participação dos jovens do sexo masculino no mercado de trabalho não pode ser discutida sem que se reconheça, também a dinâmica própria das funções femininas nesse mercado” (BARKER, 2008, p. 145).

⁴⁴ Encontramos na citação original: “*El importante flujo tradicional de la migración rural-urbana revela que una gran parte de la juventud rural no tiene gran apego a su medio local, especialmente en las zonas más pobres*”.

Para Ferreira e Alves (2009), a motivação da migração rural tem ao menos dois fatores: o primeiro fator de atração está relacionado às oportunidades de trabalho no meio urbano, enquanto que os fatores de expulsão contemplam as dificuldades no contexto rural. Ao comparar os modos de vida no meio urbano e rural, os jovens indicam como aspectos negativos as dificuldades no acesso às folgas nos finais de semana e férias, além disso, outro problema estaria na irregularidade das jornadas de trabalho. Em sequência, os jovens tendem a considerar a agricultura como um trabalho árduo, que expõe seus trabalhadores, geralmente, a algumas condições insalubres com retorno financeiro baixos e irregulares, essas condições de trabalho incidem na migração dos jovens e colocam em risco a sucessão familiar na atividade agrícola. Segundo Strapasolas (2004), a migração rural das mulheres jovens é mais frequente, um fenômeno que contribui para a *masculinização* do campo, segundo o autor as jovens são:

Menos ligadas à terra que os rapazes, quando providas de um mínimo de instrução indispensável para se adaptar ao mundo urbano, parcialmente liberadas das restrições familiares em razão do enfraquecimento das tradições, mais prontas a adotar os modelos de comportamento urbano, as filhas dos agricultores podem ganhar as cidades mais facilmente que os rapazes (STRAPASOLAS, 2004, p. 256).

As pressões sociais exercidas sobre os homens jovens do campo contribuem para o ingresso precoce nas atividades rurais (BARKER, 2008). Os papéis de gênero no contexto da agricultura familiar, também obedecem a divisão social do trabalho:

Os papéis masculinos e femininos na agricultura familiar são condicionados pela duplicidade propriedade/produção da agricultura familiar: ao homem é atribuída a esfera da produção – pública, rentável e que possibilita à família manter-se como grupo; e à mulher, a da reprodução – privada, autossuficiente e capaz de garantir aos membros da família as condições que possam mantê-los como indivíduos (FERREIRA; ALVES, 2009, p. 252).

O processo de migração para o meio urbano implica que estes jovens possuam maiores níveis de escolaridade (FERREIRA; ALVES, 2009). A vulnerabilidade social dos migrantes rurais no meio urbano relacionada a baixa escolaridade e a precariedade de trabalho também é citada por Miranda *et al.* (2020, p. 6), segundo os autores os “trabalhadores rurais, dotados de baixa instrução, dirigem-se para as grandes cidades à procura de um emprego temporário no setor informal até a fixação no setor formal”.

As atuais transformações do mundo trabalho incorrem em desafios à juventude, os jovens necessitam recorrer a educação e qualificação profissional, uma vez que o ingresso nesse universo também apresenta mudanças e, portanto, não segue as formas tradicionais como a indicação nas redes de amizade (SCOTT, ATHIAS e LONGHI, 2005). Na tentativa de adquirir as competências necessárias para ocupar um lugar no mundo trabalho, parte dos jovens brasileiros das classes populares embarcam numa dupla jornada: trabalhar e estudar, todavia, “o prolongamento da escolarização não implicou adiamento da entrada no mercado de trabalho, mas ampliou a simultaneidade escola e trabalho” (GONZALEZ, 2009, p. 112). A necessidade de contribuir com o orçamento familiar corrompe os planos e aspirações dos jovens, em relação a essa problemática, Bourdieu (1983) traz exemplos ilustrativos e, também destaca quais são as aspirações dos jovens ao entrarem para o mundo do trabalho:

Conhecemos o caso do filho do mineiro que quer começar a trabalhar na mina o mais rápido possível, porque isto significa entrar no mundo dos adultos. (Ainda hoje uma das razões pelas quais os adolescentes das classes populares querem abandonar a escola e começar a trabalhar muito cedo, é o desejo de aceder o mais rapidamente possível ao estatuto de adulto e às capacidades econômicas que lhes são associadas: ter dinheiro é muito importante para se afirmar em relação aos colegas, em relação às meninas, para poder sair com os colegas e com as meninas, portanto para ser reconhecido e se reconhecer como um "homem". Este é um dos fatores do mal-estar que a escolaridade prolongada suscita nos filhos das classes populares (BOURDIEU, 1983, p. 112).

Bourdieu (1983), destaca ainda, que o status de estudante confere aos jovens alguns privilégios:

o fato de estar na situação de "estudante" induz a uma série de coisas que são constitutivas da situação escolar: eles levam os livros amarrados com um cordão, sentam-se nas motocicletas para "cantar" uma menina, encontram os amigos dos dois sexos fora do trabalho, **em casa são dispensados das tarefas materiais porque estão estudando** (fator importante, as classes populares se curvam a esta espécie de contrato tácito que faz com que os estudantes sejam colocados à parte (BOURDIEU, 1983, p. 113, grifo nosso).

Ainda segundo, Bourdieu (1983) a juventude é marcada por diferenças de classe, segundo o autor, esses marcadores estão relacionados ao:

acesso de forma proporcionalmente maior ao ensino secundário e, ao mesmo tempo, uma parte dos jovens (biologicamente) que até então não tinham acesso à adolescência, terem descoberto este status temporário, "meio-criança, meio-adulto"; "nem criança, nem adulto (BOURDIEU, 1983, p. 113).

“Estudar mais nem sempre é garantia de trabalho”!, Conforme a Organização Internacional do Trabalho (OIT), “nos últimos anos, o número de participantes da força de trabalho com um diploma de bacharel não foi acompanhado por um aumento semelhante no número de empregos altamente qualificados” (OIT, 2020, p. 4, tradução nossa⁴⁵). As perspectivas em relação ao mundo do trabalho para os jovens não são as melhores, de acordo com a OIT, a população mundial de jovens aumentou de 1 bilhão para 1,3 bilhão entre os anos de 1999 e 2019, contudo, ocorreu nesse período uma redução da força de trabalho⁴⁶ de 568 milhões para 497 milhões de jovens. Em paralelo, outro agravante atravessa a participação dos jovens no mundo trabalho, as novas modalidades de trabalho ganham força, com menos direitos trabalhistas e formas menos seguras de emprego (OIT, 2020). Essa tendência sinalizada pela OIT, é marcada pela precarização dos vínculos de trabalho e está alinhada com o que os especialistas classificam como *uberização*⁴⁷. Para Silva (2016, p. 120) “o quadro no qual se encontra a juventude e sua vinculação ao mundo laboral inspira cuidado”.

A realidade de um outro coletivo, vem chamando atenção dos estudiosos do campo da juventude, os jovens brasileiros que não trabalham e não estudam compõem um grupo conhecido como os “nem-nem”⁴⁸. Os dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD), publicados em 2018, indicam que no Brasil, cerca de 11 milhões (23%) de jovens entre 15 e 29 anos não participam do mercado de trabalho e não estudam (IBGE, 2018)⁴⁹. Os resultados do estudo *Millennials na América Latina e no Caribe: trabalhar ou estudar?*⁵⁰, indicam que “41% dos jovens da

⁴⁵ No original: “en los últimos años, el número de participantes en la fuerza de trabajo con una licenciatura no ha ido acompañado de un aumento similar del número de trabajos altamente calificados”.

⁴⁶ A OIT considera os jovens empregados e os desempregados como força de trabalho.

⁴⁷ As diretrizes da *uberização* podem ser compreendidas como “uma tendência em curso que pode ser generalizável pelas relações de trabalho, que abarca diferentes setores da economia, tipos de ocupação, níveis de qualificação e rendimento, condições de trabalho, em âmbito global. Derivado do fenômeno social que tomou visibilidade com a entrada da empresa Uber no mercado, em realidade o termo *uberização* se refere a processos que não se restringem a essa empresa nem se iniciam com ela, e que culminam em uma nova forma de controle, gerenciamento e organização do trabalho”. (ABÍLIO, 2020, p. 112).

⁴⁸ “O cognome “nem-nem” foi influenciado pela “sigla em inglês NEET “*neither in employment nor in education or training*” é conceito compartilhado nesses países para nomear esta condição dos/as jovens. No caso do Brasil, a expressão nem nem é derivada do conceito ni ni – do espanhol ni estudian ni trabajan – socializado no contexto da América Latina” (SILVA JUNIOR, MAYORGA, 2019, p. 11).

⁴⁹ Os dados da PNAD foram disponibilizados no suplemento de Educação.

⁵⁰ Esse estudo se voltou a investigar a relação entre a dinamicidade do mercado de trabalho, as expectativas e aspirações, e as habilidades cognitivas e socioemocionais de 15.000 jovens na faixa etária de 15 a 24 anos residentes em países da América Latina e no Caribe, dentre eles: Brasil, Chile,

região se dedicam exclusivamente aos estudos ou à capacitação, 21% trabalham, 17% desempenham ambas as atividades e os restantes 21% pertencem ao grupo *nem-nem*” (NOVELLA, 2018, p.2). Os estudos de Silva (2016) refletem a falta de perspectivas futuras dos jovens *nem nem*:

Os ditos *nem nem* passam a ser um incômodo em potencial, caso, na condição de contingente disponível de força de trabalho, porém, profundamente desacreditados em relação às perspectivas de futuro, venham a desistir de vender sua valiosa mercadoria ao capital (SILVA, 2016, p. 134).

Seja pela falta de ocupação ou pela escassez de perspectivas futuras, os jovens deixam de serem vistos como “esperança do futuro da nação” e figuram no presente como um “problema social” que demanda intervenções e controle. Silva Junior e Mayorga (2019) ao dissertarem sobre os jovens brasileiros apontam que:

uma parcela da juventude brasileira vai sendo identificada como produtora da desordem social, por se envolver com a violência, criminalidade e drogadição, demandando, da sociedade brasileira, respostas repressivas e de controle dos comportamentos, a fim de torná-la um ator estratégico do desenvolvimento (SILVA JUNIOR; MAYORGA, 2019, p. 12).

Crescer e se desenvolver num país marcado pela desigualdade social, como o Brasil, é mais um dos desafios a serem enfrentados pelos jovens. A exclusão social, o acesso a serviços como educação, saúde, moradia, incidem negativamente sobre projetos de vida⁵¹ dos jovens. A juventude de algumas mulheres é atravessada pela gravidez, geralmente, apontada pela dificuldade de acesso aos meios contraceptivos e aos serviços de saúde, mas também por um outro fator importante: a falta de perspectiva futuras em relação às suas vidas (Barker, 2008), no caso dos rapazes:

Transformar-se em homem em um espaço como este significa ter baixa escolaridade, poucas vagas de emprego e poucas opções para alcançar uma identidade masculina socialmente reconhecida e respeitada, diferente

Colômbia, El Salvador, Haiti, México, Paraguai, Peru e Uruguai. Foi realizado entre os anos de 2017 e 2018.

⁵¹ Em relação aos projetos de vida na juventude, Furlani e Bomfim (2010, p. 56-57), apontam ser “uma questão de fundamental importância na vida de qualquer ser humano que se posiciona de maneira crítica e coerente diante de si mesmo e do meio em que vive. Tal questão, para os que vivem a juventude, é um grande desafio. O jovem, que comumente é um ser questionador, traz em si um grande potencial para ser o grande autor de sua vida. No entanto, as dificuldades pelas quais passa, sejam elas de cunho individual (crises existenciais, alterações de humor, modificações hormonais etc.) ou de cunho social (situação socioeconômica, desigualdades sociais, crise de valores etc.), podem influenciar na atuação consciente e planejada desse jovem em sua própria vida”.

daquela que lhes é conferida pelo envolvimento em facções do crime (BARKER, 2008, p. 62).

O Ministério da Saúde reconhece o despreparo tanto do Estado como da sociedade em ações voltadas para o cuidado adequado dos jovens em situação de vulnerabilidade social, além disso, a realidade enfrentada pelos jovens é atravessada pelo desamparo, dificuldades e carências de ordem social e econômica e ao ingressarem nos serviços de públicos de assistência, os jovens são expostos ao conjunto de procedimentos, em alguns casos o atendimento é maculado pela violência institucional (BRASIL, 2017a). A problemática da vulnerabilidade social é influenciada pela desigualdade econômica e social, como é descrito por Assis e Constantino (2005):

A desigualdade econômica e social brasileira dificulta o pleno crescimento e desenvolvimento de milhões de adolescentes, que se veem aprisionados a comunidades expropriadas, moradias inadequadas, restrições severas ao consumo de bens e serviços, estigmas e preconceitos, falta de qualidade no ensino, relações familiares e interpessoais fragilizadas e violência em todas as esferas de convivência (ASSIS; CONSTANTINO, 2005, p. 82).

Os jovens, bem como outros grupos, são alvo de constantes deslocamentos e classificações arbitrárias, embora esse grupo possua diversas marcas de distinção de outros coletivos, os jovens possuem identidades, todavia, os rótulos que são sumariamente aplicados, tendem por vezes a turvar a identidade dos jovens, sobretudo aqueles que são atingidos pela desigualdade e pela exclusão social. Em relação ao fenômeno da exclusão social, Martins (2002, p.21) a compreende como: “um problema social porque abrange a todos: a uns porque os priva do básico pra viver com dignidade, como cidadãos; a outros porque lhes impõe o terror da incerteza quanto ao próprio destino e ao destino dos filhos e dos próximos”. Através dessa rotulação, as marcas e expectativas dos jovens são limadas e os jovens são comumente taxados como um problema social em razão dos desvios que apresentam ao serem comparados com um referencial considerado ideal. Assim, Graciani (1999) compreende que o desvio social possui uma estrutura que contempla “diversos ângulos, como o biológico, o psicológico, o político, o moral religioso etc”, a autora atribui ainda ao desvio social o sentido de “infração de norma estabelecida socialmente e considerada legítima por quem a quebre” (GRACIANI, 1999, p. 107).

Os estudos sobre a juventude têm sido alvo de inquietações no campo da Educação e Saúde, com destaque para a problemática da saúde sexual e reprodutiva,

gravidez precoce, Infecções Sexualmente Transmissíveis (IST) e Síndrome da Imunodeficiência Humana Adquirida (Aids), o início da vida sexual na juventude é relacionado ao início da vida adulta (SILVA; ABRAMOVAY, 2007, p. 228). Gonçalves e Catharino (2008) afirmam existir uma associação entre as características do contexto social com a vulnerabilidade e comportamentos de risco adotados pelos jovens, neste cenário o risco é compreendido como “uma situação produzida social e coletivamente, que não guarda nenhuma relação com a ideia de responsabilidade individual” (GONÇALVES, CATHARINO, 2008, p.50). Em relação ao risco na juventude, as autoras apontam que:

O risco é considerado um aspecto inerente à condição juvenil, em oposição à estabilidade e à responsabilidade, tidas como características do mundo adulto. É considerado assim, tanto no que diz respeito aos sentimentos e emoções fortes, atribuídos a essa etapa, quanto à imprevisibilidade da própria passagem – produzida – de uma etapa de vida (juventude) para outra (vida adulta) (GONÇALVES; CATHARINO, 2008, p. 28).

Ainda segundo as autoras, além do risco outros fatores comprometem a vida dos jovens:

[...] alguns fatores – pobreza, alijamento do sistema escolar e de saúde, gênero e raça, dentre outros – contribuem para colocar esses jovens em situações-limite, ou seja, situações nas quais a vida se encontra “por um fio”, entre a inclusão e a exclusão da vida social (GONÇALVES; CATHARINO, 2008, p. 29).

A desigualdade social é um processo que atinge os jovens de diferentes formas, poderíamos dizer que é um processo marcado por espectros, a medida que os jovens mais vulneráveis fazem parte dos estratos sociais menos assistidos pelo Estado. Dada a assimetria em nosso tecido social, uma parcela de nossos jovens é acometida ainda pela exclusão social, consideramos importante destacar que o cotidiano dos jovens em situação de rua é atravessado por situações de risco que se sobrepõem, ora como causa, outrora como efeito.

A busca pela “liberdade das ruas” coloca os grupos juvenis que vivem nela em situações de risco mais intensas. A exposição ao mundo das drogas, da violência, do crime e da prostituição os torna mais vulneráveis que outros grupos juvenis, aumentando, desse modo, as possibilidades de adesão a essas práticas. A iniciação sexual e as práticas sexuais desprotegidas também potencializam a incidência de DST/Aids e gravidez na adolescência (GONÇALVES; CATHARINO, 2008, p. 28).

Podemos encontrar no corpo dos estudos de *intersercionalidade*, diversas explicações sobre o processo de desigualdade social e vulnerabilidade dentre os

jovens, contudo, faz-se necessário compreender que os jovens apresentam uma desvantagem em razão de constituir um grupo que possui um menor capital social em comparação a outros coletivos. Esta característica não pode ser usada para justificar todas as diferenças entre jovens e mais velhos. A desigualdade social entre os jovens é agravada pela naturalização do processo de vulnerabilidade social, uma realidade que compromete o bem-estar e a qualidade de vida de uma grande parcela dos jovens brasileiros. Esse processo de naturalização tende a contribuir para a invisibilidade das demandas dos jovens bem como para a construção de saídas de enfrentamento dessa realidade. Em contrapartida, no Brasil as políticas públicas que poderiam e, deveriam assistir os jovens vêm sendo desmontadas.

A despeito das dificuldades enfrentadas pelos jovens brasileiros, o cenário de desmonte das políticas públicas direcionadas à juventude que compromete o acesso dos jovens aos serviços públicos de educação e formação para o trabalho, saúde, seguridade social, segurança pública, dentre outros. Diante desse cenário de desaparecimento estatal, a realidade dos jovens, incluindo os chamados *nem nem*, é agravada pelo que chamamos nesse estudo de Estado *não, não*.

As reformas anunciadas, e algumas já em curso, se valem da prerrogativa que é necessário “enxugar gastos”, “cortar privilégios” e até “sacrificar” direitos, contudo, ainda que algumas medidas se justifiquem, as políticas de austeridade associadas ao desmonte de políticas públicas, beiram a um estado de exceção que pode comprometer a vida, os direitos dos brasileiros, com destaque para os jovens, que são a “carne mais abundante e barata do mercado”. Ao exemplo de outros países, o Brasil não possui um plano para “aproveitar” o bônus demográfico, não há garantia de acesso aos direitos essenciais, como segurança aos jovens que não são o “padrão”, os jovens tidos como *desviantes* os pobres, pretos, homossexuais, transgêneros, indígenas, os quilombolas e outros povos tradicionais⁵².

As racionalidades dos diferentes campos, podem ser compreendidas como olhares construídos que, por sua vez, refletem as perspectivas utilizadas para observar, descrever, compreender o objeto, nesse caso: as juventudes. Tanto os olhares, como as racionalidades no escopo dos estudos de juventude não devem ser hierarquizadas ou relativizadas e, tão pouco, ser utilizados para rotular. Os hábitos,

⁵² Atualmente, a sobrevivência, assim como a liberdade e autonomia dos jovens que “fogem” ao padrão tem sido alvo uma onda crescente de eventos violentos, um fenômeno crescente que se alinha com as concepções de *necropolítica*.

os valores e as características dos jovens, vêm sendo alvo de um sistema de rotulação, esse sistema é usado tanto para agrupar os jovens em um coletivo, bem como é utilizado para marcar as diferenças entre os grupos e até para marginalizar e reforçar os estigmas entre os jovens. Abordar a temática da juventude na perspectiva de um coletivo dinâmico que partilha múltiplas identidades, isto implica reconhecer os jovens para além do recorte etário imposto pelas concepções de adolescência, cunhadas pelo campo biomédico e jurídico.

1.1.3 Cuidado à saúde e a cultura do cuidado masculino⁵³

O cuidado à saúde vem sendo estudado em diferentes campos de conhecimento, sendo o campo da Saúde o mais proeminente, contudo, o *cuidado* é objeto estudado em outros campos, como nas Ciências Sociais e Humanas. Apresentamos a seguir um breve panorama com vistas a subsidiar a compreensão dos sentidos atribuídos ao *cuidado* e a sua relação com a identidade masculina e a juventude. Percebemos que alguns desses estudos apresentam diferentes visões oriundas dos campos de conhecimentos acerca da temática do *cuidado*, sendo assim, apontaremos ao longo dessa seção, os trabalhos que dialogam com essa pesquisa.

Contatore, Malfitano e Barros (2017; 2018; 2019) apontam que o *cuidado* é objeto de estudo em diferentes áreas, tais como: pragmática, da clínica ampliada, gerencial, filosófica, emancipadora, política, sociológica e cultural. O termo *cuidado* embora seja relacionado com maior frequência às práticas de profissionais na atenção à saúde - com especial destaque para aquelas ligadas ao modelo biomédico; que toma o tratamento à doença como seu principal objeto. Nesse cerne, segundo os autores supracitados:

⁵³ As discussões compiladas nessa seção subsidiaram a construção de quatro trabalhos junto dos meus orientadores, a saber: "A construção da identidade masculina e a cultura do cuidado à saúde entre homens jovens", foi apresentado no XI Seminário Nacional de Sociologia e Política no dia 20 de outubro de 2020; "As masculinidades e o cuidado", apresentado no "VI Congreso de la Asociación Latinoamericana de Antropología Social", realizado em 28 de novembro de 2020 em Montevideo, Uruguai; No 44º Encontro Anual da Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Ciências Sociais apresentamos: "A perspectiva relacional do Cuidado" na modalidade de comunicação oral em dezembro de 2020. Em 2021, apresentaremos o trabalho "As imbricações entre a divisão social do cuidado e a cultura do cuidado à saúde entre os homens jovens" no Seminário Internacional Fazendo Gênero 12.

Isso aconteceu porque o cuidado, no seu sentido mais estrito, de apoio social, desvelo e preocupação afetiva foi considerado de menor valor, enquanto a sua expressão caracterizada por uma aplicação técnica racional e mediada pela tecnologia ganhou maior *status* social (CONTATORE; MALFITANO; BARROS, 2018, p. 2).

Ayres (2004) compreende o *cuidado* como uma:

designação de uma atenção à saúde imediatamente interessada no sentido existencial da experiência do adoecimento, físico ou mental, e, por conseguinte, também das práticas de promoção, proteção ou recuperação da saúde (AYRES, 2004 p. 22).

Nos estudos de Cecilio (2011), encontramos uma sistematização na qual o autor descreve as dimensões do cuidado à saúde e as organiza nas seguintes categorias: individual, familiar, profissional, organizacional, sistêmica e societária. Ao retomar os estudos de Contatore, Malfitano e Barros (2018, p. 8), esses pesquisadores ao analisarem a relação entre o cuidado à saúde, sociabilidade e subjetividade afirmam que no âmbito dos cuidados biomédicos, o sentido do *cuidado* “foi naturalizado como aplicação técnica e tecnológica de procedimentos na esfera da saúde, com um maior reconhecimento social de sua especialização”. Essa observação contribui para crivar um determinado distanciamento do sentido etimológico que está relacionado “a um ato feito com zelo, de atenção diferenciada por estar carregada de preocupação afetiva (...) de ser compreendido na sua dimensão social, (...)” (CONTATORE; MALFITANO; BARROS, 2018, p. 8).

No que se refere à sociabilidade nas cenas de cuidado, segundo os autores, é preciso expandir a compreensão sobre a dimensão interacional entre os atores, valorizando as redes sociais constituídas como lugares potenciais para o desenvolvimento das ações do cuidado, nessas redes há a possibilidade de compreender que o *cuidado* e a *sociabilidade* “estão intrinsecamente relacionados e que as ações em indivíduos isolados pautadas apenas na objetividade técnica não oferecem os melhores resultados” (CONTATORE; MALFITANO; BARROS, 2018, p. 8). Adiante, elencamos, outra relação, entre o *cuidado* e a *subjetividade* que é destacada pelos mesmos autores:

[...] a busca pelo cuidado não está somente na aplicação técnica/tecnológica profissionalizada: também está na interação com alguém significativo, que dê suporte, acolhimento e empatia, num momento de perda do controle de si e de angústia, que acompanham o adoecimento (CONTATORE; MALFITANO; BARROS, 2018, p. 9).

Nesse sentido, ao aprofundarmos os estudos, deparamo-nos com as pesquisas de Lopes e Costa (2014) que relatam que os serviços de saúde possuem limitações e dificuldades na realização do cuidado, pois relutam em acolher o sofrimento dos usuários e seus problemas de ordem social em seus modelos assistenciais vigentes, sobretudo, há uma valorização das demandas de ordem biológica, que se sobrepõem as outras demandas, que são por vezes, classificadas nas palavras das autoras como “demandas exóticas”, entende-se como “não problema” de saúde” (LOPES; COSTA 2014, p. 223).

O conceito ampliado de saúde visa superar os limites da compreensão da saúde como a ausência de doença, nessa perspectiva “(...) a ideia de que uma situação de vida saudável não se resolve somente com a garantia do acesso aos serviços de saúde (...), mas sobretudo com condições de vida dignas [...]” (MOROSINI; FONSECA; PEREIRA, 2007, p.16). Em relação ao acesso aos serviços de saúde pela população masculina, Gomes *et al.*, (2011), reconhecem a existência de lacunas nos serviços para esse grupo, os pesquisadores sinalizam à necessidade de melhorias no atendimento, construindo oportunidades de escuta qualificada das demandas da população masculina.

Na literatura, é possível encontrar diferenças na prática do cuidado de si, desde às ligadas ao gênero, como aos status sociais e ao *território cultural*. Os apontamentos de Heilborn (2003), são pertinentes para a compreensão das diferenças das práticas masculinas em torno do cuidado de si, segundo ela: “os homens cuidam-se menos que as mulheres; e, quando estão nas posições de superiores da hierarquia social, cuidam-se mais do que outros homens, nos segmentos menos favorecidos” (HEILBORN, 2003, p. 199).

Miranda *et al.* (2020), por sua vez, destacam que no meio rural, a procura dos homens pelos serviços de saúde ainda é incipiente, refletindo a cultura do cuidado à saúde dos homens residentes nas grandes cidades que só acessam às unidades de saúde mediante às intercorrências agudas ou crônicas, nesse contexto, os homens tendem a hipervalorizar as funções dos medicamentos em detrimento dos cuidados preventivos. Dessa forma, nas análises da cultura do cuidado à saúde dos homens no meio rural, se torna imprescindível considerar também outros marcadores sociais para além das questões relacionadas ao gênero faz-se necessário considerar a classe, a idade, as condições de trabalho e a desigualdade na distribuição de renda, dentre outros (MIRANDA *et al.*, 2020).

A relação entre os homens e o cuidado à saúde possui imbricações em torno de prescritivos culturais que influenciam no processo saúde-doença-cuidado masculino. Um dos **desafios** na cultura do cuidado dos homens está relacionado à socialização dos homens que, geralmente, não contempla o “cuidar de si e a valorização do corpo no sentido da saúde, também no que se refere ao cuidar dos outros (SCHRAIBER; GOMES; COUTO, 2005, p. 8). Scott, Athias e Longhi (2005, p. 128), coadunam ao afirmar que as representações acerca da imagem do “homem [que] não cuida da própria saúde, homem não fica doente” ainda persistem. O exercício da masculinidade exigiria comportamentos de riscos, em detrimento, haveria menor preocupação com o cuidado de si e de suas parceiras(os).

O ato de cuidar de si e/ou de alguém implica o reconhecimento de uma dimensão relacional⁵⁴. No caso dos homens, o papel de cuidador é postergado às figuras femininas, como a mãe, a esposa ou companheira. Camargo *et al.* (2011, p. 190), apontam que o cuidado à saúde é compreendido como uma competência natural, da mulher, pois o “cuidado é atribuído pelo homem à família, em especial às mães, que são fonte de informação sobre cuidados e ‘cuidadoras por essência’”. Visando discutir como esses imperativos culturais se relacionam com o cuidado à saúde dos homens, apresentaremos a seguir, um breve panorama sobre os estudos feministas, como a: perspectiva relacional do cuidado; as diferenças entre os papéis “femininos” e “masculinos” nas dinâmicas de cuidado.

Os estudos de Carol Gilligan são considerados seminais, pois clivaram um novo campo de análise sobre a “Ética do Cuidado”. A perspectiva feminista inaugurada por Gilligan com a publicação de *“Different Voice: Psychological Theory and Women’s Development”* em 1982, produziu ressonâncias que fomentaram outras análises no campo da bioética, da ética ambiental e animalista, assim como a prática do cuidado. Para tanto, Tamanini (2018), aponta que os construtos das filósofas feministas, assim como sua militância, produziram deslocamentos políticos e epistêmicos a partir da década de 1960 e lançaram luz sobre temas, até então vistos como naturalizados e circunscritos às mulheres, dentre eles: o cuidado. Para a autora as mudanças se

⁵⁴ De acordo com Patty Scott (2020) “em a todos os debates sobre cuidado é uma moralidade de dedicação, sacrifício, competência e valorização do que é caro para os domínios em questão. Envolve um sujeito (pessoa ou coletividade) que dedica alguma atenção especial a alguma pessoa ou coisa que possa contribuir para, ou melhorar, o estado e as condições em que se encontra, ou pelo menos diminuir o desgaste para tal pessoa ou coisa” (SCOTT, 2020, p. 24).

voltaram a “(...) desnaturalizar e deslocar as perspectivas analíticas, a fim de fazer emergir no tempo e no espaço do invisibilizado, ou melhor, do cuidado, equivocadamente naturalizado como sendo do mundo feminino” (TAMANINI, 2018, p. 35-36).

Sendo o *cuidado* um tema marcado por normatividades e princípios abstratos, que por vezes são naturalizados nas conjecturas, as abordagens nesse campo, tendem a não considerar “(...) o lugar dos sujeitos e se quiser consideram que são muitas as interfaces da experiência na relação em questão” (TAMANINI, 2018, p. 32). Ao incorrer, no não reconhecimento dos sujeitos nas *dinâmicas* de cuidado, tende-se a aplicar o modelo de decisão casuístico, que sofre influência de grandes princípios que, por sua vez, não atende as demandas dos sujeitos nas cenas de cuidado. As normatividades e os grandes princípios abstratos sinalizadas por Tamanini (2018) estão relacionadas, dentre outros aspectos, a *gentrificação* das profissões e divisão sexual do trabalho. No ensejo de compreender a divisão sexual do trabalho doméstico e suas imbricações nas atividades de cuidados, recorreremos aos estudos de Cristina Carrasco, economista chilena radicada em Barcelona, que concentra seus estudos na sustentabilidade da vida a partir do trabalho doméstico e das atividades de cuidado realizadas pelas mulheres. A partir da divisão do trabalho e do cuidado, segundo Carrasco (2003), as mulheres têm por atribuição atender tanto as demandas biológicas como as subjetivas dos membros de suas famílias, segundo a autora:

[...] um conjunto de tarefas que tendem a dar apoio não só às pessoas dependentes por motivos de idade ou saúde, mas também à grande maioria dos homens adultos. São tarefas que incluem serviços pessoais conectados usualmente com necessidades diversas e absolutamente indispensáveis para a estabilidade física e emocional dos membros do lar. Elas incluem a alimentação, o afeto e, por vezes, aspectos pouco agradáveis, repetitivos e esgotadores, mas absolutamente necessários para o bem-estar das pessoas. Implicam atividades complexas de gestão e organização, necessárias para o funcionamento diário do lar (CARRASCO, 2003, p. 17).

Os arranjos decorrentes da divisão sexual do cuidado configuram *papéis* aos sujeitos nas cenas de cuidado, tanto aos que cuidam como aos que recebem os cuidados. O *cuidado*, segundo a perspectiva de Nel Noddings (2003), possui duas dimensões: quem necessita de cuidado e quem cuida. Frente a essas perspectivas do cuidado, faz-se necessário compreender por que as mulheres são responsáveis pelo cuidado? E, como os homens participam, recebem e desenvolvem os cuidados de si e os cuidados à sua saúde e de terceiros?

As mulheres como sujeitos que cuidam, que mobilizam saberes e valores construídos no decorrer de sua socialização, assim, o cuidado realizado por elas ainda que imprescindível à vida humana, revelam ainda, os papéis de gênero e suas disparidades, como aponta Tamanini (2018):

Instâncias várias como o Estado, famílias, mercado e comunidade quando o realizam o fazem à custa de mulheres mal reconhecidas como cuidadoras, com sobrecarga de trabalho, baixa remuneração e que não possuem as habilidades necessárias. Estas práticas estão do mesmo modo vinculadas a concepções de favor pessoal, a necessidade extrema; ou, se as relações são de parentesco e de comunidade, **acionam-se elementos de um saber vinculado à noção de experiências da mulher com este cuidar, seja porque esta mulher já o fez antes e sabe, portanto, fazer ou porque a pessoa que cuida tem relações de afeto com quem demanda cuidado; nesse caso, se considera que ela tem obrigação moral de cuidar.** Estou falando de situações de cuidado tanto de doentes, de idosos, crianças, mas também de faxina, limpeza, diaristas, limpeza das cidades, coleta de lixo, serviços diversos, e ambientes de trabalhos em fábricas, ou informais nas ruas, ou no virtual (TAMANINI, 2018, p. 33, grifo nosso).

As diferenças entre a voz masculina e a voz feminina apontadas por Gilligan (1982), não são caracterizadas pelo gênero, mas sim pelo tema, em seus estudos a autora se dedica a compreender a forma utilizadas pelas pessoas para falar de suas vidas, o uso da linguagem e as conexões presentes nos discursos que revelam como os entrevistados veem o mundo do qual fazem parte. No decorrer do desenvolvimento das mulheres, segundo Gilligan (1982), o cuidado de si e com o outro é ensinado e aprendido a partir dos papéis sociais, como o de ser mãe, e, para tanto, o cuidado de si e de outrem, são valorizados pelas mulheres, como aponta a autora supracitada, a seguir:

Ser mãe, tanto no sentido societal como físico, exige que se assuma a responsabilidade parental pelo cuidado e proteção de um filho. Contudo, a fim de se estar apta a cuidar do outro, deve-se estar apta principalmente a cuidar de si mesma de maneira responsável (GILLIGAN, 1982, p. 87).

Gilligan (1982) se inclinou a compreender as diferentes capacidades cognitivas de mulheres e homens e inaugurou um debate entre a ética do cuidado e a ética da justiça, sendo a primeira atribuída às mulheres enquanto a última, se relaciona aos homens. Em seus estudos, Gilligan (1982), observou o desenvolvimento de meninas e meninos, assim, pode compreender as diferenças de gênero no desenvolvimento psicológico moral e suas repercussões no cuidado. As mulheres, em seus processos de socialização desenvolveriam uma ética relacional, fortemente influenciada pela sua relação com a figura materna, enquanto que o desenvolvimento moral dos homens é

orientado pelos princípios de justiça, calcada entre direitos e obrigações. Tamanini (2018), ao visitar a teoria forjada por Gilligan (1982) sintetiza essas diferenças:

O fato de conceber a moral ligada a uma ética do cuidado orienta o desenvolvimento moral ao redor dos conceitos de responsabilidade e de relações humanas dependentes. A moral fundada sobre os direitos difere da moral baseada sobre a responsabilidade, porque ela separa os elementos; estão em primeiro lugar os interesses dos indivíduos e não as relações entre os indivíduos. Esta reflexão desloca o interesse pela sonoridade e/ou irmandade para o conceito de identidade como contraposição entre o masculino e feminino, por razões de princípios fundadores de ambos, e constitui um modelo binarizado para o lugar dos corpos e das mentes, da cognição e do julgamento para masculino e feminino e para os sentimentos de ambos (TAMANINI, 2018, p. 39).

Atividades como cuidar da casa, dos filhos, são compreendidas como atribuições femininas em diferentes culturas e mesmo diante das mudanças e dos novos arranjos que culminaram na maior participação das mulheres no mercado de trabalho, o cuidado não figura como uma responsabilidade compartilhada entre mulheres e homens. Dessa forma, Kelly (1994), afirma que as mulheres são mais responsáveis quando comparadas aos homens, segundo a autora, essa característica estaria relacionada aos instintos maternos, além das mulheres serem ensinadas a serem gentis e obedientes. Hirata (2005, p. 118), considera que as competências relacionadas ao cuidar do outro desenvolvidas pelas mulheres não são valorizadas e tão pouco remuneradas em razão de serem vistas como “atributos naturais das mulheres”. Arenas-Monreal, Pina-Pozas e Gomez-Dantes (2015, p. 69-70), indicam que papéis de gênero circunscrevem às mulheres o papel de cuidar da família, além de realizar as tarefas associadas a manutenção da saúde entre os familiares, como também em seu grupo social, enquanto que “os homens tendem a ficar de fora dessas práticas e comportamentos de saúde no nível da comunidade” (ARENAS-MONREAL, PINA-POZAS, GOMEZ-DANTES, 2015, p. 70, tradução nossa).⁵⁵

Os discursos que delimitam os papéis sociais de homens e mulheres a partir das características biológicas são colocados em xeque diante das teorias que ancoram os estudos de gênero como uma categoria social e dinâmica, nessa perspectiva:

(...) as mulheres não têm circunstâncias "femininas" que determinam que elas devem executar tarefas domésticas e cuidar delas, e que homens não têm circunstâncias "masculinas" que pressupõem as habilidades para executar o

⁵⁵ No original: “*Los hombres tienden a mantenerse al margen de estas prácticas y conductas de salud a nivel comunitario*”.

poder na esfera pública e doméstica (HARDY; JIMÉNEZ, 2001, p. 79, tradução nossa⁵⁶).

Diante de tal afirmativa, podemos compreender que a cultura do cuidado é influenciada pelos papéis de gênero que orientam o processo de socialização deles. Para Javier Alatone Rico (2006), as abordagens de gênero implicam em:

manter uma perspectiva relacional, ou seja, **é necessário referir-se às mulheres ao analisar homens e ao mesmo tempo é necessário contemplar outros sistemas de diferenciação social** (RICO, 2006, p. 305, grifo nosso).

As análises das dinâmicas de cuidado precisam considerar a confluência de fatores que interferem nos papéis de gênero que podem contribuir com a violência e o uso de álcool, como afirma Hartigan (1998):

As relações entre homens e mulheres são determinadas por forças econômicas, culturais e sociais, e quando ocorrem mudanças muitas culturas não adotam modelos de família e paternidade que permitam que a família continue sendo uma unidade forte, dando igualdade às mulheres. Por outro lado, **embora normas de gênero dão aos homens controle dentro de casa, poucos homens pobres têm algum controle sobre o que acontece fora daquela casa**. O desemprego é sempre mais comum, o alcoolismo é endêmico e os níveis de violência são altos. Uma explicação que é comumente dada sobre essas diferenças de gênero tem a ver com práticas parentais (HARTIGAN, 1998, p. 67, tradução nossa⁵⁷).

O *ethos* masculino é marcado pela necessidade da afirmação de um conjunto de valores e comportamentos que transitam em torno da virilidade, nesse sentido, compete aos homens serem sexualmente ativos e acumularem o maior número de conquistas sexuais e afetivas, bem como, comunicarem seus feitos entre seus pares, o repertório dessas narrativas, geralmente, não abordam as dimensões de responsabilidade e tão pouco de cuidado de si e com seus parceiros sexuais. “Sou homem e jovem, logo, sou livre para transar com quem eu quiser!” essa sentença pode ser utilizada para representar a perspectiva defendida por Arilha (1998):

⁵⁶ No original: “*las mujeres nacen con cualidades “femeninas” que determinan que tengan que desempeñar tareas domésticas y cuidar de los hijos, y que los hombres nacen con cualidades “masculinas” que presuponen habilidades para ejercer el poder en el ámbito público y doméstico*”.

⁵⁷ No original foi citado: “*Las relaciones entre los hombres y las mujeres están determinadas por fuerzas económicas, culturales y sociales, y cuando se producen cambios muchas culturas no adoptan modelos familiares y de crianza de los hijos que permitan a la familia seguir siendo una unidad fuerte al tiempo que se da igualdad a las mujeres. Por otro lado, aunque las normas de género conceden a los hombres el control dentro del hogar, pocos hombres pobres tienen algún control de lo que ocurre fuera de ese hogar. El desempleo es cada vez más común, el alcoholismo es endémico y los niveles de violencia son altos. Una explicación que comúnmente se da respecto a esas diferencias de género tiene que ver con las prácticas de crianza de los hijos*”.

Pode-se observar a existência no imaginário social dos homens de estratos médios de uma ideia motriz associada a uma vida sexual “livre” e ativa na juventude, praticamente incompatível com atitudes associadas à prevenção da gravidez, como, por exemplo, o uso de preservativos (ARILHA, 1998, p. 71).

As contribuições de Schraiber, Gomes e Couto (2005) nos auxiliam a compreender as concepções relacionadas a “necessidade de conquista” do homem, para os autores:

necessidade de ter muitas parceiras e práticas sexuais, pelo reforço da objetificação sexual da mulher e da referência ao ato sexual como conquista do outro na afirmação da identidade (SCHRAIBER; GOMES; COUTO, 2005, p. 12).

Os ritos atravessados pelos homens jovens na constituição de suas identidades e relações orientam a adoção de comportamentos éticos e morais em torno de suas vidas reprodutivas e, além disso:

determinam a percepção de si mesmos que os rapazes irão desenvolver: se ainda são jovens, “irresponsáveis” e “descompromissados” e não usam contraceptivos (preservativos, por exemplo) ou se são adultos, responsáveis e comprometidos ética e moralmente com o filho e, eventualmente, com a parceira (ARILHA, 1998, p. 63).

A validação social da masculinidade é operada, dentre outros aspectos, por meio do relato das experiências sexuais, afetivas, no caso dos jovens contempla as “ficadas”. A iniciação sexual, figura dentre as experiências vivenciadas na juventude que são marcadas pelos papéis de gênero, segundo Knauth, Victora, Leal (2005). Para além de um momento, no caso dos rapazes a iniciação sexual é um fator central na construção e afirmação da identidade masculina, os jovens usufruem de um conjunto de experiências atravessadas pela vulnerabilidade associadas às pressões sociais que têm ao menos dois focos de pressão; “tanto para que isso ocorra, quanto para se valorize o aspecto corporal desta experiência (...)” (KNAUTH; VICTORA; LEAL, 2005, p. 151). Nesse ínterim, analisamos outros estudos que tomaram o comportamento sexual e reprodutivo no contexto brasileiro como objeto, esses estudos, apresentam discursos sobre o masculino e feminino que estão:

articulados de maneira a demonstrar que a construção social de gênero determina as características, os atributos e comportamentos de homens e mulheres, onde quem tem um poder de negociação e decisão maior sobre a forma e o ritmo das relações ainda é o homem (GARCIA, 1998, p. 35).

Arilha (1998), apresentou outro contexto de pesquisa pertinente, ao apontar que temas como a saúde reprodutiva não fazem parte das agendas governamentais e não são objeto de reflexão entre os homens, de acordo com a autora:

Os homens, de diversas faixas etárias – nem eles têm pensado em si próprios como indivíduos que possuem necessidades e direitos prementes de saúde reprodutiva nem há uma mobilização efetiva no âmbito dos formuladores de políticas públicas governamentais de saúde para abordá-la (ARILHA, 1998, p. 73).

Assim, Arenas-Monreal, Pina-Pozas e Gomez-Dantes (2015), consideram que a prática do autocuidado possui diferentes recortes de gênero e de classe:

A identidade de gênero nas mulheres está ligada ao papel social de cuidadoras de outras pessoas, portanto, elas mantêm contato próximo com serviços de saúde formais e informais. Devido a esse papel social de cuidadoras, as mulheres têm práticas de autocuidado de duas maneiras: a) no caso de mulheres de classes sociais mais baixas, elas diminuem ou limitam suas práticas de autocuidado devido ao tempo, recursos e energia que alocam para cuidar dos outros; Nesse sentido, as mulheres priorizam a saúde e os cuidados com os outros, negligenciando o que podem ou devem fazer por si mesmas; b) as mulheres de classe média e alta continuam a ter o papel social de cuidadoras de outros, embora com menos prejuízo para o autocuidado, pois possuem mais recursos e vários apoios, além de maior autonomia relativa, pois possuem maiores oportunidades de ocupação remunerada (ARENAS-MONREAL, PINA-POZAS, GOMEZ-DANTES, 2015, p. 69, tradução nossa⁵⁸).

Enquanto que entre os homens, a identidade de gênero confere

a eles características específicas que se refletem nas práticas de autocuidado e promoção da saúde: a) papel tradicional de provedor econômico; b) estabelecer relações de controle e domínio em suas interações pessoais, profissionais e sociais; c) correr riscos para reforçar a imagem da masculinidade; d) o corpo é visto mais como um instrumento de trabalho do que para esbanjar cuidados; e) restrição para expressar emoções e sentimentos, principalmente aqueles relacionados ao medo, tristeza, ternura e amor. Essas características, tomadas em conjunto, dificultam o fornecimento de diretrizes de autocuidado, o que leva a práticas prejudiciais, como o consumo de bebidas alcoólicas, falta de respeito às normas de trânsito, prática de esportes de risco e atividade sexual desprotegida, entre

⁵⁸ No original encontra-se: “*La identidad de género en las mujeres está vinculada con el rol social de cuidadoras de la salud de los otros, por lo tanto, mantienen un contacto estrecho con los servicios de salud formales e informales. Debido a este rol social de cuidadoras, las mujeres tienen prácticas de autocuidado en dos sentidos: a) en el caso de las mujeres de clases sociales bajas, ellas disminuyen o limitan sus prácticas de autocuidado por el tiempo, recursos y energía que destinan para cuidar de los otros; en este sentido, las mujeres priorizan la salud y la atención para los otros, descuidando lo que pueden o deben hacer para sí mismas;20 b) las mujeres de clase media y alta continúan teniendo el rol social de cuidadoras de los otros, aunque con menor detrimento de su autocuidado debido a que cuentan con más recursos y diversos apoyos, además de con una mayor autonomía relativa, pues tienen mayores oportunidades de tener una ocupación remunerada*” (ARENAS-MONREAL, PINA-POZAS, GOMEZ-DANTES, 2015, p. 69).

outras ações (ARENAS-MONREAL, PINA-POZAS, GOMEZ-DANTES, 2015, p. 69, tradução nossa⁵⁹).

Conquanto, a socialização masculina é constituída por percursos marcados pela incorporação dos valores e dos comportamentos, tidos como naturais e inerentes aos homens, dentre eles o sentimento de invulnerabilidade. Reunimos, a seguir, alguns estudos sobre a relação entre vulnerabilidade e identidade masculina: uma associação negada pelos homens. Arenas-Monreal, Pina-Pozas e Gomez-Dantes (2015) destacam que:

Na construção social da identidade masculina, assume-se e aceita que os homens estabeleçam relações de poder, promovam sua imagem como indivíduos fortes ("homens" e "corajosos"), que buscam riscos (fumar, consumir bebidas alcoólicas) e realizar atividades extremas, além de visualizar seu corpo como um instrumento de trabalho e atração sexual. Juntos, esses aspectos contribuem para dificultar aos homens a incorporação de práticas de autocuidado em sua vida cotidiana ou a participação em atividades de controle e prevenção, preferencialmente e tendenciosamente atribuídas às mulheres. (ARENAS-MONREAL, PINA-POZAS, GOMEZ-DANTES, 2015, p. 68-69, tradução nossa⁶⁰).

Ademais, os papéis de gênero, destacados por Nardi (1998), podem ser incluídos numa lista de fatores que incidem no processo de saúde-doença-cuidado e vulnerabilidade masculina.

A estreita relação que se impõe entre ser trabalhador, ser homem, ser pai e responsável pelo sustento da família, como condições constituintes da identidade, do *ethos*, ou ainda, do *habitus* masculino, fazem da vivência da doença e - em particular, no grupo analisado - da incapacidade, com origem no trabalho, uma vivência de sofrimento (NARDI, 1998, p. 101).

⁵⁹ No original: "*les imprime características específicas que se reflejan en el autocuidado y prácticas de promoción de la salud: a) rol tradicional de proveedor económico; b) establecen relaciones de control y dominio en sus interacciones personales, laborales y sociales; c) asumen riesgos para reforzar la imagen de masculinidad; d) el cuerpo es visto más como instrumento de trabajo que para prodigarle cuidados; e) restricción para manifestar emociones y sentimientos, en especial aquéllos relacionadas con el miedo, la tristeza, la ternura y el amor. Estas características, en conjunto, dificultan que se provean pautas de autocuidado, lo que deriva en prácticas nocivas como el consumo de bebidas alcohólicas, falta de respeto a las normas de vialidad, práctica de deportes riesgosos y actividad sexual no protegida, entre otras acciones*" (ARENAS-MONREAL, PINA-POZAS, GOMEZ-DANTES, 2015, p. 69).

⁶⁰ No original: "*En la construcción social de la identidad masculina, se asume y acepta que los hombres establezcan relaciones de poder, promuevan su imagen como individuos fuertes ("machos" y "bravos"), que busquen riesgos (fumar, consumir bebidas alcohólicas) y realicen actividades extremas, además de visualizar su cuerpo como un instrumento de trabajo y de atractivo sexual. Estos aspectos, en conjunto, contribuyen a que los hombres tengan dificultad para incorporar prácticas de autocuidado en su vida cotidiana o participen en actividades de control y prevención adjudicadas preferencialmente y de forma sesgada a la mujer*" (ARENAS-MONREAL, PINA-POZAS, GOMEZ-DANTES, 2015, p. 68-69).

Em continuidade, os estudos de Lemos *et al.* (2017), indicam uma das justificativas para o distanciamento dos homens do autocuidado, o que segundo os autores estaria associada aos papéis de gênero.

Historicamente, os homens são avessos à prevenção e ao autocuidado por considerá-los irrelevantes ao seu bem-estar; habituou-se a comandar, a prover as necessidades da família e a evitar, sempre que possível, o contato com os espaços da saúde (LEMOS *et al.*, 2017, p. 4450).

Na infância, os meninos aprendem de forma rigorosa a suprimir certas emoções, que socialmente revelariam a fraqueza e a vulnerabilidade, assim, a adoção de tal comportamento, têm ao menos duas funções para “protegê-los de outros homens e no futuro para combater com o papel de autoridade e com o exercício de controle e poder em relação às mulheres” (RAMOS PADILLA; RAMÍREZ, 2018, p. 14, tradução nossa⁶¹). “Ser homem” implica em “ser resistente a doença”, como afirma os estudos de Modesto e colaboradores (2018):

há uma associação do ‘ser homem’ à resistência à doença, menor cuidado de si, às práticas sexuais de risco (pelo maior número de parceiras, identificação de uma falsa autoproteção e associação entre masculinidade e virilidade), e ao papel de provedor e trabalhador inesgotável – âmbito no qual assume tarefas mais perigosas e toma menos medidas de proteção individual (MODESTO *et al.*, 2018, p. 257).

A questão da vulnerabilidade também está presente nas pesquisas do cientista social José Machado Pais (2005), principalmente ao se referenciar que os jovens incorrerem em situações de risco:

A excitação do risco alimenta-se de uma “coragem de existir” — coragem que se demonstra na exposição ao risco e na submissão à qualidade de prova. O que conta, para alguns jovens, parece ser a possibilidade que têm de, numa fase de vida em que a maioria dos discursos dominantes lhes outorgam um vazio de poder, se entregarem a *actividades* cuja visibilidade é incrementada pelos riscos (reais ou pressentidos) que lhes aparecem associados (PAIS, 2005, p. 63, grifo do autor).

O exercício da juventude nas camadas populares é atravessado por dificuldades que se somam aos desafios inerentes à juventude. Podemos perceber esta condição de intersercionalidade quando Dayrell (2007, p.1108-1109), discorre sobre a condição da juventude brasileira “Ao lado da sua condição como jovens, alia-

⁶¹ No original: “los protejan de otros hombres y en el futuro se contrapongan con el rol de autoridad y con el ejercicio del control y el poder en su relación con las mujeres”.

se a da pobreza, numa dupla condição que interfere diretamente na trajetória de vida e nas possibilidades e sentidos que assumem a vivência juvenil”.

Desse modo, outros cenários vão emergindo à realidade dos homens jovens, com cenários mais sensíveis e pouco discutidos, como a realidade de homens jovens que se relacionam afetiva e sexualmente com outros homens, sendo assim, a falta de abordagem é agravada pela falta de inserção de escuta, abordagem ao tema e interesse dos contextos do cuidado à saúde. Partindo dessa argumentação Nascimento, Segundo e Barker (2011), apontam que como consequência de não saber recrutar suporte para suas demandas, os jovens masculinos têm sua autoestima e autocuidado comprometidos, o que pode contribuir com o agravamento da vulnerabilidade.

A violência, se apresenta em evidente intensificação na maioria dos ambientes sociais, é uma forma desarticuladora que ameaça, sobretudo, os jovens (SCOTT, ATHIAS e LONGHI, 2005, p. 142). Assis e Constantino (2005) reconhecem que a prevenção da violência praticada pelos jovens ainda não recebe a devida atenção da sociedade, embora, essa temática esteja presente no cotidiano de diversas sociedades, segundo as autoras, a infração cometida pelos jovens não pode ser considerada um fenômeno isolado, se faz necessário, portanto, compreender as múltiplas causas que incidem tanto na infância como na juventude que possuem uma condição frágil frente às ordens econômicas, culturais, políticas e psicológicas. A violência inflingida por alguns embora possua matizes comuns nas mais diversas sociedades, ela não é universal, pois "varia de uma sociedade para outra e de um indivíduo para outro" (BADINTER, 1993, p.143). Os estudos que estabelecem uma interface entre *a violência e a saúde* reverberam que os homens jovens figuram como vítimas da criminalidade urbana (BARKER, 2008; ASSIS; CONSTANTINO, 2005). Sendo também dado de pesquisa, como apresentado pelo Ipea (2019), “A criminalidade violenta vem sendo fortemente relacionada ao sexo masculino e ao grupo etário dos jovens de 15 a 29 anos” (IPEA, 2019, p. 27).

Ao averiguar, mais detalhadamente, alguns estudos sobre violência (MUGGAH; PELLEGRINO, 2020; Ipea; FBSP, 2019; WAISELFISZ, 2017) indicam que o Brasil registra as maiores taxas de homicídio do mundo, nas duas últimas décadas cerca de um milhão de pessoas tiveram suas vidas ceifadas por eventos violentos, o país responde por uma em cada dez mortes relacionadas à violência no mundo. Para Waiselfisz (2017) as taxas de homicídio da população de crianças e jovens no Brasil,

criaram exponencialmente entre 1980 e 2014 passando de 3,1 para 18,1 por 100 mil habitantes, um avanço de 483,9%, atualmente, a distribuição da violência é homogênea e se concentra nos estados do Nordeste, sendo os homens jovens negros entre 16 e 17 anos as maiores vítimas.

De acordo com o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA) e o Fórum Brasileiro de Segurança Pública (FBSP), o Brasil atravessa uma transição demográfica, com números crescentes da população de idosos, em contrapartida, as taxas de mortalidade de jovens relacionadas à violência cresceram nas últimas décadas, a perda da vida prematura e abrupta é classificada como “juventude perdida”, o que gera “consequências sobre o desenvolvimento econômico e redundam em substanciais custos para o país” (IPEA; FBSP, 2019, p. 25).

Segundo o Mapa da Violência (IPEA; FBSP, 2019) os assassinatos responderam por 35.783 mortes de jovens em 2017, culminando numa taxa de mortalidade de 69,9 homicídios para cada 100 mil, uma taxa recorde quando comparamos com os dados da última década, 51,8% das mortes de jovens entre 15 e 29 anos foram decorrentes de homicídios. O avanço das taxas de homicídios de jovens brasileiros, por grupo de 100 mil, apresentou uma escalada na última década, saltando de 50,8 em 2007 para 69,9 em 2017.

Ao analisarmos as taxas de homicídios de jovens no Brasil, em 2017, encontramos dados que indicam que 15 estados da federação apresentam taxas acima da média nacional, os estados que encabeçam o ranking de homicídios de jovens são Rio Grande do Norte (152,3), Ceará (140,2) e Pernambuco (133,0), os estados que acumularam as menores taxas são: Piauí (38,9), Santa Catarina (38,9) e São Paulo (18,5). Ao aplicarmos um recorte de gênero nas análises dos dados de jovens assassinados num grupo de 100 mil, encontramos que dos 35.783 homicídios em 2017, 33.772 eram homens jovens (94,4%).

Como apresentado, os homens jovens são os mais atingidos pela violência, contudo, a exposição a esse fenômeno não se restringe apenas à juventude: a violência atravessa também a infância. Lira e Hanna (2016) realizaram uma pesquisa voltada a conhecer a percepção de crianças e adolescentes sobre as diferentes formas de violência. O dados do estudo indicam que com o avançar da idade a percepção da violência aumenta, 80% dos entrevistados relatam ter presenciado brigas na escola; cerca de 3 em cada 10 relataram terem sido vítimas de ameaça, violência física ou violência verbal na escola e cerca de 4 em cada 10 não puderam

frequentar as atividades da escola por motivos de tiroteio; 40% dos participantes afirmaram não se sentirem inseguros nos territórios onde residem, 68% dos pesquisados se sentiam seguros; a percepção de insegurança é maior entre os residentes em áreas com alta densidade populacional.

Dentre os locais que conferem segurança aos entrevistados, 84% dos participantes apontaram a casa, enquanto que a comunidade responde por 62%, enquanto que a escola é percebida como um lugar seguro por 62% das crianças e dos adolescentes; mesmo a casa sendo considerada um lugar seguro, 63% relataram ter apanhado ao fazer algo errado, 25% já presenciaram brigas familiares. Ao serem questionadas em relação à segurança: 89% se sentem seguras junto de suas famílias, 40% com a polícia, 34% junto de seus vizinhos e 7% se sentem seguros ao lado de pessoas que participam de atividades proibidas. Em relação ao bem-estar, 89% relataram se sentirem amados e bem tratados pelos pais, 86% consideraram que serão felizes ao crescerem, 83% recebiam cuidados médicos quando necessário, 67% tinham apoio em situações de perigo e 35% relataram ter usado os serviços de saúde, polícia ou de assistência por motivos de violência (LIRA, HANNA, 2016).

Em relação às múltiplas causas de insegurança e violência no Brasil, Muggah e Pellegrino (2020) afirmam que:

Os altos níveis de insegurança do Brasil não podem ser atribuídos a uma única causa, mas sim a uma combinação de fatores individuais, familiares, comunitários e ambientais. Muitos dos fatores determinantes subjacentes à violência organizada são estruturais. Não obstante ganhos importantes na redução da pobreza (que diminuíram e até foram revertidos nos últimos anos), o país sofre com uma das maiores taxas de desigualdade de renda do mundo (MUGGAH; PELLEGRINO, 2020, p. 10).

Ainda segundo, Muggah e Pellegrino (2020, p. 53) as ações e estratégias voltadas a prevenção contra a violência juvenil avançaram no Brasil, contudo, os autores ressaltam que, “muito mais precisa ser feito para melhorar as oportunidades e fortalecer os movimentos juvenis e o engajamento dos jovens nos processos de elaboração e decisão da segurança pública”. O Ipea (2019), reitera a necessidade da aplicação de políticas públicas voltadas a redução dos homicídios de jovens entre 15 e 29 anos, um grupo etário que representa 24,6% da população e que responde por 54,5% das mortes por homicídio no país, segundo o instituto:

é fundamental que se façam investimentos na juventude, por meio de políticas focalizadas nos territórios mais vulneráveis socioeconomicamente, de modo a garantir condições de desenvolvimento infanto-juvenil, acesso à

educação, cultura e esportes, além de mecanismos para facilitar o ingresso do jovem no mercado de trabalho (IPEA, 2019, p. 30) .

Lemos *et al.* (2017) desenvolveram um estudo com homens com idade entre 31 e 40 anos, os resultados apontam que as causas que levam os homens adultos aos serviços de saúde contemplam (21%) por dor no corpo; cirurgia (14%); realização de exames de rotina (11%); hipertensão (11%) e diarreia (11%). Os resultados indicam ainda que 62% dos homens procuraram os serviços por questões emergenciais e 38% para a realização de consultas de rotina.

Em relação ao processo de vulnerabilidade que atravessa o cuidado à saúde masculina Erly Moura (2012, p. 89) sinaliza que o:

consumo abusivo de bebidas alcoólicas, também se associam a outros comportamentos de risco, muitos determinados pela falsa autopercepção da infalibilidade masculina, facilitando a ocorrência de acidentes e violências e de doenças infectocontagiosas como a SIDA-AIDS e a tuberculose (MOURA, 2012, p.89)

A necessidade de afirmação da masculinidade a partir de demonstrações de virilidade, da força e do comportamento de invulnerabilidade constituem o que Gomes, Nascimento e Rebello (2008), classificam de "amarras culturais" que dificultam o autocuidado por parte dos homens. Em relação ao cuidado entre os homens, Camargo e seus colaboradores (2011) apontam:

O papel da família como transversal ao autocuidado masculino em saúde, pois, além do tempo disponível para as ações de prevenção, principalmente o estímulo e incentivo da família promovem o comportamento preventivo masculino (CAMARGO *et al.*, 2011, p.183).

Michel Foucault toma as práticas coercitivas e os jogos teóricos ou científicos como ponto de partida para analisar as práticas de si, que nas palavras do autor é “um fenômeno bastante importante em nossas sociedades desde a era greco-romana” (FOUCAULT, 2004, p. 265). A autonomia dos gregos e dos romanos foi comprometida diante do saber médico e psiquiátrico e por instituições religiosas e pedagógicas, emergindo uma prática ascética, que para Foucault (2004, p. 265) se enraíza no “exercício de si sobre si mesmo através do qual se procura se elaborar, se transformar e atingir um certo modo de ser”. Para Foucault (2004) as civilizações greco-romanas, sobretudo, os gregos consideram que:

para se conduzir bem, para praticar adequadamente a liberdade era necessário se ocupar de si mesmo, cuidar de si, ao mesmo tempo para se

conhecer [...] e para se formar, superar-se a si mesmo, para dominar em si os apetites que poderiam arrebatá-lo (FOUCAULT, 2004, p. 265).

Ocupar-se de si foi, a partir de um certo momento, denunciado de boa vontade como uma forma de amor a si mesmo, uma forma de egoísmo ou de interesse individual em contradição com o interesse que é necessário ter em relação aos outros ou com o necessário sacrifício de si mesmo (FOUCAULT, 2004, p. 268).

Foucault (2004, p. 269), busca na corrente platônica e a estoica para compreender o cuidado de si, de acordo com os construtos de Platão, o sujeito deveria investir no reconhecimento das “verdades com as quais tem afinidade”, enquanto que na corrente estoica, o sujeito a partir do aprendizado das verdades deveria orientar seus princípios fundamentais e o aprendizado das doutrinas estariam a serviço das regras de conduta. A partir dessas premissas, Foucault (2004, p. 269) afirma que “trata-se de fazer com que esses princípios digam em cada situação e de qualquer forma espontaneamente como vocês devem se conduzir”.

A liberdade e a ousadia eram problematizadas dentre os gregos que tomavam o *ethos* como objeto de análise, tornando assim possível conhecer a maneira de ser e a maneira de se conduzir frente ao outro e a si mesmo, como sinaliza Foucault (2004, p. 270), “o *ethos* de alguém se traduz pelos seus hábitos, por seu porte, por sua maneira de caminhar, pela calma com que responde a todos os acontecimentos etc.”. Nessa perspectiva, o trabalho de si sobre *si mesmo* se torna necessário para ser considerado um bom homem, digno de honra e respeito. À medida que os homens abdicam do cuidado de si em nome da honra e da manutenção de seus privilégios, o processo de construção de suas identidades masculinas impõe aos homens oneroso preço, como destaca Michael Kaufman (1997):

a aquisição da masculinidade hegemônica (e a maioria das subordinadas) é um processo através do qual os homens chegam a suprimir as emoções, necessidades e possibilidades, como o prazer de cuidar dos outros, receptividade, empatia e compaixão, experimentado como inconsistente com o poder masculino (KAUFMAN, 1997, p. 70).

Na perspectiva de Foucault (2004, p.271), “não se deve fazer passar, o cuidado dos outros na frente do cuidado de si; o cuidado de si vem eticamente em primeiro lugar, na medida em que a relação consigo mesmo é ontologicamente primária”, o autor afirma ainda que o cuidado de si precede um compromisso ético que estende a outrem, para o autor:

O cuidado de si é ético em si mesmo; porém implica relações complexas com os outros, uma vez que esse **ethos da liberdade é também uma maneira de cuidar dos outros**; por isso é importante, para um homem livre que se **conduz adequadamente**, saber governar sua mulher seus filhos, sua casa (FOUCAULT, 2004, p. 270-271, grifo nosso).

Ramos (2016), alerta que o cuidado de si na atualidade:

se distancia cada vez mais de uma ética de cuidado com o outro e é expressa, de modo bastante recorrente, por meio de métodos de conhecimento de si, auto exercício e aprimoramento do eu cuja busca incessante pelo sucesso financeiro e pessoal, por exemplo, deixa de lado qualquer possibilidade de um cuidado de si pautado em ações éticas ou de liberdade que envolvam, ao mesmo tempo, o cuidado com o outro (RAMOS, 2016, p.242).

A partir desses estudos, podemos identificar interfaces sobre (*a falta do*) cuidado de si e das masculinidades hegemônicas. Podemos, ainda, identificar interfaces entre os estudos de Foucault (2004); Connell (2005) e Veiga de Almeida (1996) que podem contribuir para a compreensão entre a (*ausência do*) cuidado de si e das masculinidades hegemônicas. Nas masculinidades dominantes encontramos o estereótipo de um homem que reproduz em suas relações os seus atributos de virilidade, força, honra, dentre outros, que são operados a partir do exercício do poder, que ora elas atuam como causa, e outrora como justificativa para a cultura do (não) cuidado de si.

Na próxima subseção, buscamos contextualizar a linguagem cinematográfica no âmbito dessa pesquisa.

1.1.4 Cinema

O cinema é uma linguagem de entretenimento mais acessível a cada década, portanto, com o advento das tecnologias de informação e comunicação também se tornou um audiovisual acessível aos contextos formais e informais de educação e socialização do conhecimento. Podemos considerar também que o cinema é uma linguagem artística a qual se pode documentar fatos e eventos de forma atemporal, registrar ideias e conceitos. Nessa seção, apresentaremos as potencialidades do filme para reflexão e debate sobre temas sensíveis e pertinentes à sociedade que podem ser utilizados como recursos em pesquisas nos campos do Ensino e no cuidado à saúde. Cunha e Giordan (2009) elecam algumas potencialidades dos filmes:

1. Os filmes podem refletir, realçar ou intensificar alguns aspectos da opinião pública sobre determinado assunto ou tema;
2. Os filmes podem inserir novas ideias na opinião pública sobre algum assunto ou tema;
3. Os filmes tentam modificar ideias presentes na opinião pública sobre determinado assunto ou tema (CUNHA; GIORDAN, 2009, p. 10).

Dentre os possíveis usos do cinema, Benjamin (1987, p. 188), destaca que são evocadas novas percepções e que demandam novas reações nos expectadores. A linguagem cinematográfica permite aos atores sociais a transposição dos cenários cotidianos que impactam sensivelmente a diversas temáticas e abordagens da vida real.

Favaretto (2004), considera o cinema como um dispositivo de problematização da cultura, superando assim os limites de mediação pedagógica. Para Morin (2011), “é preciso incorporar a cultura midiática como outro universo de símbolos, que coexiste com a cultura escolar, humanista e nacional” (MORIN, 2011, p. 69).

Soares *et al.* (2015), ao relatarem suas experiências com o uso do cinema no contexto de gênero e sexualidade, apontam que a partir dos filmes seria possível aprender a dar significado a quem somos e à medida que este olhar fosse estendido ao outro tornando possível significá-lo, assim como, a sua cultura. O cinema pode ser utilizado para mediar conversações no contexto escolar, na educação de crianças e jovens e na formação de professores (SOARES *et al.*, 2015). As autoras também apontam que seria possível aprender:

[...] as posições de sujeito que precisamos assumir para corresponder às expectativas sociais, as condutas necessárias para sermos inteligíveis (identificados) culturalmente e as recompensas e punições decorrentes do acordo ou desacordo das nossas estéticas de existência em relação aos modelos hegemonicamente legitimados (SOARES *et al.*, 2015, p. 71).

As narrativas cinematográficas tendem a não problematizar as práticas que naturalizam as diferenças de gênero-sexo, uma vez, a abordagem da temática de sexualidade na juventude, no contexto escolar, ainda é complexa, pois envolve de um lado a curiosidade dos jovens; todavia, por outro há a resistência dos professores e pedagogos em abordar esse tema nas atividades didático-pedagógicas por pressões socioculturais diversas. Contudo, o cinema pode ser usado como uma estratégia de abordagem desses temas junto aos jovens (SOARES *et al.*, 2015). Adiante, Teixeira e Lopes (2003), contribuem para essa visão que:

O cinema é uma forma de criação artística, de circulação de afetos e de fruição estética. É também uma certa maneira de olhar. É uma expressão de olhar que organiza o mundo a partir de uma ideia sobre esse mundo. Uma ideia **histórico social, filosófica, estética, ética, poética, existencial**, enfim. Olhares e ideias postos em imagens em movimento, por meio dos quais compreendemos e damos sentido às coisas, assim como as ressignificamos e expressamos. Parte da criação artística, o cinema, é bom lembrá-los, é ainda uma arte da memória, da memória individual, coletiva e histórica. Ele ritualiza em imagens, visuais e sonoras, os eventos e locais que o espectador fiel deve recordar ao debruçar-se sobre o passado, o presente e o futuro de sua vida. O cinema participa da **história não só como técnica, mas também como arte e ideologia**. Ele cria ficção e realidades históricas e produz memória. É ele um registro que implica mais que uma maneira de filmar, por ser uma maneira de reconstruir, de recriar vida, podendo dela extrair-se tudo o que se quiser. E por ser assim, tal como a literatura, a pintura e a música, o cinema deve ser um meio de explorarmos os problemas mais complexos do nosso tempo e da nossa existência, expondo e interrogando a realidade, em vez de obscurecê-la, ou de a ela nos submetermos (TEIXEIRA; LOPES, 2003, p. 10, grifo nosso).

O cinema na dinâmicas de ensino seria um recurso didático-pedagógico pertinente para a inserção de temáticas mais sensíveis e inquietantes aos jovens. As potencialidades pedagógicas do cinema são destacadas por Duarte (2002):

[...] ajuda professores e estudantes a compreender (apreciar e, sobretudo, respeitar) a forma como diferentes povos educam/formam as gerações mais novas. É sempre um mundo novo, construído na e pela linguagem cinematográfica, que se abre para nós [...] (DUARTE, 2002, p.106).

As narrativas cinematográficas podem ser vistas como fonte de construção de conhecimento, ao passo que os expectadores problematizam as imagens e as narrativas; segundo Cipolini (2008, p.19), os filmes podem ser utilizados “[...] na introdução de temas psicológicos, filosóficos e políticos, estimulando o debate; ou como um objeto de conhecimento, à medida que é uma forma de reconstrução da realidade”.

As narrativas fílmicas podem gerar um processo de alteridade e de novas posturas mediante ao contexto social, para Teixeira (2006), assistir e discutir o pós filme pode alavancar novas posturas “[...] ver filmes, discuti-los, interpretá-los é uma via para ultrapassar as nossas arraigadas posturas etnocêntricas e avaliações preconceituosas” (TEIXEIRA, 2006, p.08). Ainda vai além, ao relatar que há pontes de ruptura após discussão coletiva sobre uma obra cinematográfica “construindo um conhecimento descentrado e escapando às posturas “naturalizantes” do senso comum” (TEIXEIRA, 2006, p.08). A partir das representações registradas pelo cinema podemos compreender os valores e práticas sociais presentes em uma cultura, como aponta Duarte (2002):

O significado cultural de um filme (ou de um conjunto deles) é sempre constituído no contexto em que ele é visto e/ou produzido. Filmes não são eventos culturais autônomos, é sempre a partir dos mitos, crenças, valores e práticas sociais das diferentes culturas que narrativas orais, escritas ou audiovisuais ganham sentido (DUARTE, 2002 p.51-52).

Como aponta Kornis (2008), os filmes podem ser usados como universo de pesquisa para compreender comportamentos, as visões de mundo, os valores e as ideologias presentes numa sociedade ou em uma época específica. As potencialidades do cinema não se restringem ao entretenimento, como sinaliza Almeida (2004):

O cinema não é só matéria para fruição e a inteligência das emoções; ele é também matéria para a inteligência do conhecimento e para a educação, não como recurso para a explicitação demonstração e afirmação de ideias, ou negação destas, mas como produto de cultura que pode ser visto, interpretado em seus múltiplos significados (ALMEIDA, 2004, p. 32).

Desde sua criação, o cinema vem sendo utilizado como uma estratégia educativa, em diferentes campos de conhecimento se forjou uma parceria entre o cinema e a educação, beneficiando dessa forma, diversas disciplinas a partir dessa sinergia (XAVIER *et al.*, 2010). Dentre as potencialidades do cinema, Alencar (2007) aponta que:

O cinema possibilita o encontro entre pessoas, amplia o mundo de cada um, mostra na tela o que é familiar e o que é desconhecido e estimula o aprender. Penso que o cinema aguça a percepção a tornar mais ágil o raciocínio na medida em que, para entendermos o conteúdo de um filme, precisamos concatenar todos os recursos da linguagem fílmica utilizados no desenrolar do espetáculo e que evoluem com rapidez (ALENCAR, 2007, p. 137).

Na linguagem cinematográfica também há categorias para cada estilo de produção fílmica, temos por exemplo, filmes chamados de longa-metragem, curta-metragem, como também temos, o documentário. Nessa pesquisa, utilizamos o documentário que é uma categoria fílmica caracterizada pela representação narrativa de aspectos do cotidiano, isso porque, alguns teóricos relatam que o documentário tem um recorte documental mais etnográfico com imagens, sons e narrativas mais informais. Em relação aos documentários, encontramos os seguintes resultados. Ramos (2008), define os documentários como:

[...] podemos afirmar que o documentário é uma narrativa basicamente composta por imagens-câmera, acompanhadas muitas vezes de imagens de animação, carregadas de ruídos, música e fala (mas, no início de sua história, mudas), para as quais olhamos (nós, espectadores) em busca de asserções sobre o mundo que nos é exterior, seja esse mundo coisa ou pessoa. Em poucas palavras, documentário é uma narrativa com imagens-câmera que estabelece asserções sobre o mundo, na medida em que (sic) haja um espectador que receba essa narrativa como asserção sobre o mundo. A natureza das imagens-câmera e, principalmente, a dimensão da tomada através da qual as imagens são constituídas determinam a singularidade da narrativa documentária em meio a outros enunciados assertivos, escritos ou falados (RAMOS, 2008, p. 22).

A partir dos documentários diversos pontos de vistas podem ser apreendidos, dentre eles a noção de representação, como afirma o crítico e teórico do cinema Bill Nichols (2005):

Os documentários mostram aspectos ou representações auditivas e visuais de uma parte do mundo histórico. Eles significam ou representam os pontos de vista de indivíduos, grupos e instituições. Também fazem representações, elaboram argumentos ou formulam suas próprias estratégias persuasivas, visando convencer-nos a aceitar suas opiniões. Quanto desses aspectos da representação entram em cena, varia de filme para filme, mas a ideia de representação é fundamental para o documentário (NICHOLS, 2005, p. 30).

Ramos (2008) indica alguns recursos utilizados na construção do discurso fílmico no cinema documental, segundo o autor, os documentários seriam:

[...] uma representação narrativa que estabelece asserções com imagens e sons, ou com o auxílio de imagens e sons, utilizando-se das formas habituais da linguagem falada ou escrita (a fala da locução, ou a fala dos homens e mulheres no mundo, ou ainda entrevistas e depoimentos), ruídos ou música. As imagens predominantes na narrativa documentária possuem a mediação da câmera, fazendo assim que as asserções faladas sejam flexionadas pelo peso do mundo. Essa é a graça e o âmago da fruição espectral do documentário (RAMOS, 2008, p. 81).

A linguagem presente no documentário, imagetivamente, gera os signos explícitos, contudo, essas imagens combinadas com os ruídos, as falas, com sons ou acompanhadas por uma trilha sonora, podem modificar ou alterar os signos, tornando-os subjetivos e implícitos. Nessa perspectiva, há a relação da semiótica nos documentários, como aponta Pignatari (2004), que se pode estabelecer ligações entre os códigos verbais e não-verbais:

[...] estabelecer as ligações entre um código e outro código, entre uma linguagem e outra linguagem. Serve para ler o mundo não-verbal: “ler” um quadro, “ler” uma dança, “ler” um filme – e para ensinar a ler o mundo verbal

em ligação com o mundo icônico e não verbal (PIGNATARI, 2004, p. 20).

A partir desse breve panorama que reunimos nessa subção, podemos compreender que o cinema com sua roupagem de elementos imbuídos de verossimilhança aproximam os atores sociais e os agentes de saúde, nesse ínterim, a linguagem cinematográfica seria um facilitador motivacional à formação e à mediação preestabelecidos por equipes de profissionais, como da área da saúde pública, envolvidos em projetos que visam o cuidado à saúde do jovem masculino em situação de vulnerabilidade social e cultural. Em suma, percebemos que, tanto o cinema enquanto linguagem quanto o documentário como recurso didático-pedagógico são artefatos com potencialidades para a inserção em ambientes formativos, pois agregam e comunicam as mais diversas temáticas da vida social. Essas potencialidades perpassam o ideário de entretenimento cultural, sendo assim, em ações com um planejamento de formação e cuidado à saúde, por exemplo, o documentário pode estabelecer pontes para um novo espaço de diálogos, novas aprendizagens e formações.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

- ✓ Compreender como as questões acerca da identidade masculina se relacionam com o cuidado à saúde entre homens jovens tendo como recurso o documentário “*The Mask You Live In*” (2015).

2.2 Objetivos Específicos

1. Analisar questões sobre a identidade masculina e o cuidado à saúde apresentadas no documentário “*The Mask You Live In*” (2015) considerando suas relações com o corpo, a sexualidade e a juventude.

2. Problematizar as questões levantadas no documentário “*The Mask You Live In*” (2015) visando contribuir para as reflexões sobre o cuidado à saúde entre homens jovens.

3 OS CAMINHOS DA PESQUISA

Esse estudo foi desenvolvido a partir da abordagem qualitativa visando atender aos objetivos da pesquisa de compreender as relações entre identidade masculina, juventude e cuidado à saúde como um objeto complexo que envolve diferentes narrativas sobre o tema. O desenvolvimento dessa pesquisa considerou tal desenho em razão das potencialidades da abordagem qualitativa, que dentre outras coisas possibilitam, olhares sob à: “vida das pessoas, experiências vividas, comportamentos, emoções, sentimentos, assim como o funcionamento organizacional, fenômenos culturais” (STRAUSS; CORBIN, 1998, p. 10-11). Na perspectiva de Minayo (2016, p. 20), “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se ocupa, dentro das Ciências Sociais, com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”.

Inicialmente, objetivávamos a realização de um trabalho de campo junto a homens jovens matriculados em uma escola em Teresópolis-RJ, face a esse desenho inicial que contava com a participação de seres humanos, o projeto de pesquisa foi submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do IOC/Fiocruz, foi aprovado e pode ser consultado no **Anexo I**. Ao iniciarmos o processo de problematização, reconhecemos a necessidade de reorientar os caminhos da pesquisa, adequar o cronograma de execução e nos debruçarmos na análise das narrativas do documentário “*The Mask You Live In*” (2015). Mediante ao novo delineamento do estudo, encaminhamos uma emenda ao CEP/IOC/Fiocruz e um novo Parecer Consubstanciado foi publicado e pode ser apreciado no **Anexo II**.

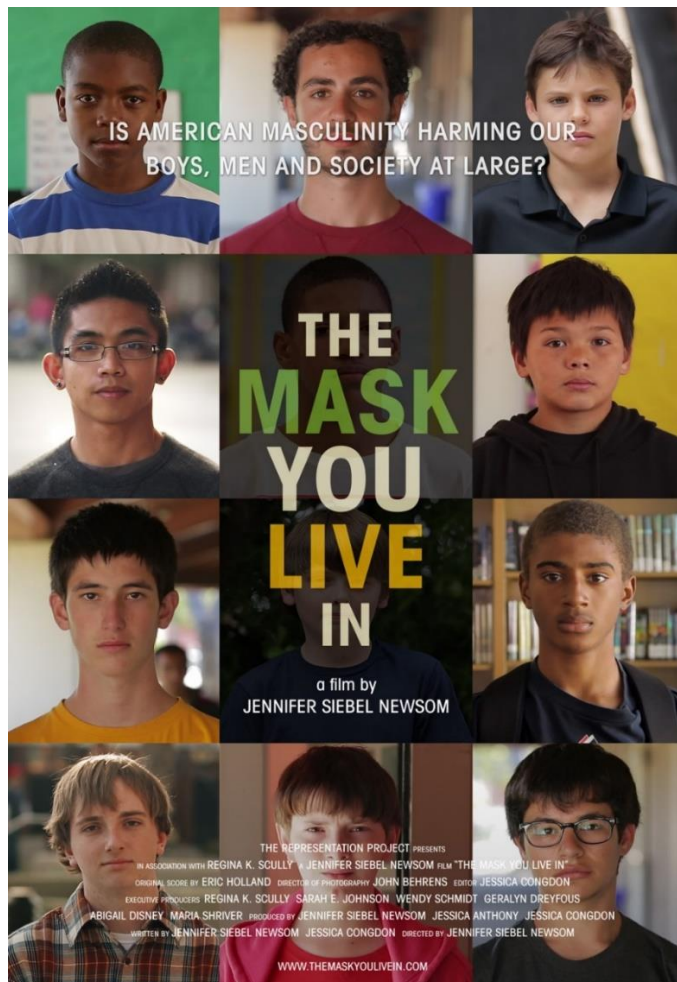
3.1. O material e as estratégias metodológicas da pesquisa

3.1.1 “*The Mask You Live In*” (2015): como material de pesquisa

Esse estudo analisa as imagens e narrativas discursivas compiladas no documentário “*The Mask You Live In*” (2015) como um material para o levantamento e problematizações de questões referentes ao objetivo de pesquisa desse estudo. “*The Mask You Live In*” (2015) aborda as pressões sociais presentes na construção da identidade masculina e contempla uma série de discussões sobre as

representações do “masculino” na sociedade e suas repercussões na vida das mulheres e homens, vide a capa do documentário na **Figura 1**.

Figura 1: Capa do documentário “The Mask You Live In” (2015)



Fonte: Internet Movie Database (2015).

Consideramos relevante levantar as informações da equipe de produção do documentário afim de conhecer o contexto de produção do filme. Com a finalidade de conhecer as características do elenco, realizamos uma pesquisa sobre suas afiliações, nesse percurso, tomamos as descrições dos depoentes dispostas no documentário como ponto de partida para localizar as informações. Ao caminharmos na direção de levantar essas informações, nos empenhamos em compreender que:

um filme não é a soma das cenas ou diálogos que o constituem, mas ele é a resultante de um processo que envolve sua produção, direção, sua materialidade (sons, diálogos, atores, cenas e outros elementos [...]), sua recepção (o espectador, público e crítica), todo o conjunto da obra do diretor que realiza o filme e mesmo outros filmes de outros diretores com os quais um determinado filme “dialoga”. Dito de outra forma, o filme se derrama da tela (PASSARELLI, 2013, p. 243).

Na próxima subseção, apresentamos as características da equipe de produção e dos depoentes do documentário selecionado para contextualizar esse estudo.

3.1.2 Características da Equipe de Produção do documentário

Com base no prospecto direcionado à imprensa intitulado “*The Mask You Live In – Press Kit*” (THE REPRESENTATION PROJECT, s/d) e informações do site da *Representation Project* e *Internet Movie Database (IMDb)*, será apresentado a seguir algumas informações sobre os produtores do documentário “*The Mask You Live In* (2015)”

Jennifer Siebel Newsom, assina como diretora, roteirista e produtora de “*The Mask You Live In*” (2015), ela é estadunidense, formada em direito pela Universidade de Stanford. Além de diretora, Newsom também atua como consultora e ativista, é casada com Gavin Newsom, atual governador da Califórnia. Em 2011, ela dirigiu e produziu o documentário “*Miss Representation*” que abordava a representação da mulher na mídia norte-americana. Como ativista, ela fundou uma organização sem fins lucrativos “*The Representation Project*”, voltada para a produção de filmes e mídias. Em 2015, no Festival de Sundance, Newsom lança seu segundo filme “*The Mask You Live In*” (2015), que aborda a construção da masculinidade e seus prejuízos para meninos, jovens e homens e a sociedade como um todo. Em 15 de abril de 2019, Newsom lança o filme “*The Great American Lie*” (2018) no *Internacional Film Festival* em São Francisco nos Estados Unidos, tendo como foco a desigualdade econômica e social na maior economia mundial, o filme aborda como esta preocupante realidade afeta a vida de grupos vulneráveis nos Estados Unidos. No documentário, a diretora problematiza como os significados de cuidado, empatia e colaboração são atribuídos ao universo feminino, em contrapartida, que o poder, o individualismo e o dinheiro são relacionados ao universo masculino.

Jessica Congdon atuou em “*The Mask You Live In*” (2015) na edição, produção e no roteiro. Formada em cinema pela *School of the Art Institute of Chicago*, assinou o roteiro ao lado de Newsom em “*Miss Representation*” e participou da edição de documentários como: *Empire on Main Street* (2018); *Dolores* (2017); *Desert Runners* (2013); *Race to Nowhere* (2010); *The Bronzer* (2012), dentre outras produções como o longa-metragem *Big Girls Don't Cry* em 2002 (IMDb, s/d).

Jessica Anthony responde pela produção em “*The Mask You Live In*” (2015). Anthony participou em produções de animação e produções para canais de TV como: Universal, CTW, Nickelodeon, BBC, Warner Brothers e MTV. No cinema participou como produtora no drama haitiano “*Ayiti mon amour*” (2016) (THE REPRESENTATION PROJECT, s/d; IMDb, s/d).

John Behrens diretor de fotografia do documentário, é reconhecido por captar narrativas e utilizar recursos visuais na filmagem de documentários. A filmografia de Behrens inclui os documentários: “*The Great American Lie*” (2018); *Bias* (2018) “*Nova Wonders*” (2018); “*The Game Changers*” (2018); “*Happening: A Clean Energy Revolution*” (2017); “*Miss Representation*” (2011) dentre outros documentários e outras produções para a TV (IMDb, s/d).

Quadro 1: Ficha Técnica do documentário “*The Mask You Live In*” (2015)

Título original	The Mask You Live In
Direção	Jennifer Siebel Newsom
Roteirista	Jessica Congdon; Jennifer Siebel Newsom.
Idioma	Inglês
Estreia	2015
Duração	97 minutos
Países de Origem	EUA
Produção	Maria Shriver; Geralyn Dreyfous; Abigail Disney; Wendy Schmidt; Novo Foundation; Sarah E. Johnson; Regina K. Scully; Jessica Anthony, Annenberg Foundation; Brin Wojcicki Foundation; Dani Fishman; Charlie Hartwell & Maureen Pelton; Amu Rao; Amy Zuchero.

Fonte: construção própria⁶².

⁶² Construída com base nas informações disponibilizadas nas páginas da web: *The Representation Project* (produtora de “*The Mask You Live In*” (2015). Disponível em: <http://therepresentationproject.org/wp-content/uploads/Mask-Press-Kit.pdf>. Acesso em 14 set. 2020. página da web da *Internet Movie Database*. Disponível em: https://www.imdb.com/title/tt3983674/fullcredits/?ref=tt_ov_st_sm. Acesso em 14 set. 2020.

3.1.3 Características dos Depoentes do documentário “*The Mask You Live In*” (2015)

Frente a heterogeneidade do elenco, as informações dos depoentes foram reunidas em duas categorias: especialistas; e demais participantes. A organização disposta a seguir, se justifica, para facilitar a análise dos discursos e localizar os locais de fala dos depoentes. Descrevemos ainda, os temas mais frequentes nas narrativas dos depoentes no documentário.

a) Especialistas:

Ashanti Branch nasceu em Oakland na Califórnia, egresso da *Fremont High School*, escola secundária onde ele atuou como educador e ativista. Branch em sua juventude não tinha planos de se tornar professor, ingressou no curso de Engenharia Civil, mas a realidade de sua comunidade fez com que sua carreira fosse reorientada, hoje ele é Mestre em Educação e trabalha com o aconselhamento de jovens. Ashanti considera seu trabalho como orientador junto aos rapazes matriculados na *Freemont High School* como uma zona de guerra, pois naquele território os jovens são assediados pelas gangues, pela prostituição (THE MASK YOU LIVE IN, 2015). Os temas mais frequentes em sua narrativa serão apresentados oportunamente nessa análise.

Ashly Burch é uma atriz, dubladora, escritora e palestrante na área de identidade de gênero, ela tem ainda experiências em jogos eletrônicos e na co-criação de *web* séries como “*Hey Ash, Whatcha Playing?*” Em sua participação no documentário ela discorre sobre os estereótipos masculinos presentes em jogos eletrônicos e o seus impactos na formação da identidade de crianças e jovens.

Judy Y. Chu é psicóloga, Doutora em Educação, escritora e professora na Universidade de Stanford, onde pesquisa a socialização de gênero de meninos, construção da identidade masculina e comportamentos, além de estudos sobre cultura e masculinidade. Dentre as publicações de maior projeção, destaca-se “*When Boys Become Boys*” publicado em 2014 e “*Adolescent Boys: Exploring Diverse Cultures of Boyhood*” de 2004. Autora de artigos como “*Supporting boys’ health resistance to masculine norms*” e “*Boys’ nature, boys’ culture, and a crisis of connection*”, Chu é reconhecida como uma referência em sua área. No documentário “*The Mask You Live In*” (2015) ela aborda temas como: socialização de gênero meninos; a associação da

masculinidade à violência e ao poder; as potencialidades do suporte emocional entre pares (meninos e jovens).

Joe Ehrmann é um ex-jogador de futebol e treinador na *National Football League*, através de suas palestras ele se tornou reconhecido fora dos limites dos campos por seu trabalho junto a jovens e homens. Em “*The Mask You Live In*” (2015), ele relata suas experiências na construção de sua identidade masculina e também o seu trabalho junto aos jovens, os temas mais abordados por Ehrmann no filme são: o uso da masculinidade no controle das emoções, domínio e controle de pessoas e situações; masculinidade no contexto dos esportes.

Lise Eliot neurocientista, doutora em fisiologia celular e biofísica, professora na Faculdade de Medicina de Chicago e autora de livros sobre o como: “*What’s Going On in There? How the Brain and Mind Develop in the First Five Years of Life*” e “*Pink Brain, Blue Brain: How Small Differences Grow Into Troublesome Gaps - And What We Can*”. No documentário Eliot aborda as diferenças genéticas entre homens e mulheres, o desenvolvimento neuronal e as expectativas culturais atribuídas aos gêneros.

Carol Gilligan é uma psicóloga, atua como professora e escritora, premiada e reconhecida por escrever livros como: “*The Birth of Pleasure: A New Map of Love*”, “*Meeting at the Crossroads: Women’s Psychology and Girls’ Development*”, e “*Voice*” que foi aclamado pela crítica. Em sua única fala em “*The Mask You Live In*” (2015), ela relata uma cena entre pais e filhos que presenciou que culminou em reflexões sobre os comportamentos dos meninos em seus processos de socialização secundária.

James Gilligan é médico psiquiatra, educador e escritor, em suas obras ele explorou as representações da violência como forma de ganhar atenção, reconhecimento. Dentre os temas abordados no filme por James Gilligan, pode-se destacar: o impacto da violência sob o crescimento e desenvolvimento de meninos e jovens; a hierarquização dos homens como justificativa para o uso da violência; e a empatia como condição humana e não como um comportamento feminino.

Kevin Grant é um ativista e educador, o seu trabalho se baseou em oferecer suporte aos jovens e adultos no sistema prisional e junto a pessoas em vulnerabilidade social em Oakland. Reconhecido por atuar com o em programas de reingresso, ele utiliza sua experiência como ex-detento para inspirar as pessoas em condições adversas. Ele aborda no documentário, a necessidade de acolhimento para as

crianças e jovens com dificuldades na escola e as influências das mídias no comportamento dos jovens.

Carlos Hagedorn possui licenciatura em Estudos Latino-americanos e Mestrado em Estudos Étnicos pela *San Francisco State University*, áreas que atua como professor, é consultor na área de educação sensível e ativista junto a jovens e estudantes universitários. O papel de professores, treinadores na construção de um espaço humanizado para o acompanhamento de jovens em situação de vulnerabilidade é o principal tema destacado por Hagedorn no documentário.

Nadine Burke Harris é pediatra, consultora e pesquisadora. Em seus estudos ela investigou o impacto da pobreza no desenvolvimento infantil e na saúde de adultos com ênfase em doenças cardíacas e câncer. No documentário ela aborda a importância dos estímulos no desenvolvimento das conexões neuronais.

Byron Hurt é escritor, ativista e ex-apresentador da série *“Reel Works with Byron Hurt”* e um documentarista premiado produziu *“Hip-Hop: “Beyond Beats and Rhymes”* dentre outros. No documentário Hurt traça um paralelo entre a reprodução da hipermasculinidade em obras do cinema e na música com destaque para o rap e hip-hop.

Caroline Heldman é cientista política e educadora, professora universitária e pesquisadora na área de gênero, classe e sexualidade e violência sexual. Os temas abordados por Caroline no documentário versam em torno da construção da masculinidade como algo reativo e não orgânico; a rejeição do feminino pelos homens; a hipermasculinidade e hiperfeminilidade na socialização de crianças jovens; os arquétipos veiculados nas mídias; a violência na juventude.

Jackson Katz é um educador, cineasta, ativista, possui Doutorado em Estudos Culturais e Educação, autor. Produziu a sequência de documentários: *“Tough Guise”* e *“Tough Guise 2”* e livros como: *“The Macho Paradox: Why Some Men Hurt Women and How All Men Can Help”* e *“Man Enough? Donald Trump, Hillary Clinton and the Politics of Presidential Masculinity”*. No documentário, Katz aborda a objetificação do corpo feminino pelos homens; o consumo de pornografia por meninos e jovens; a produção e reprodução da cultura do estupro; os homens cooperam uns com outros em situações conflituosas; a transferência do sofrimento dos homens para outras pessoas; a relação entre o uso de armas de fogo; aponta estratégias para a superação do modelo de masculinidade hegemônica.

Michael Kimmel é um sociólogo, professor na *Stony Brook University* em Nova York, instituição onde fundou e coordena o *Study of Men and Masculinities*, um centro de estudos sobre masculinidades, acumula ainda a função de editor do periódico *Men and Masculinities*. Kimmel é uma referência internacional nos estudos de masculinidade e autor de obras como: “*Changing Men*”; “*Men Confront Pornography*”; “*The Politics of Manhood*”; “*Manhood: A Cultural History*”; “*The Gendered Society*” e do best-seller “*Guyland*”. Os temas abordados por Kimmel em “*The Mask You Live In*” (2015) são: a influência da mídia no comportamento das pessoas; a necessidade de reafirmação da masculinidade; a associação de homens em torno de uma fraternidade voltada a defender os valores masculinos; e a relação entre poder e masculinidade.

Terry A. Kupers é um médico psiquiatra e professor no Instituto Wright, presta consultoria em serviços de saúde mental em centros prisionais, ele é editor de periódicos na área de penitenciárias masculinas e publicou livros como “*Prison Madness: The Mental Health Crisis Behind Bars and What We Must Do About It*”, “*Public Therapy*”, “*Revisioning Men's Lives: Gender, Intimacy, and Power*”, dentre outros. Kupers em depoimento registrado em “*The Mask You Live In*” (2015), ele aborda a dominação masculina e sua relação com o sexismo, homossexualidade e bullying.

Madeline Levine formada em psicologia clínica, ela atua como consultora, professora e escritora de best-sellers como: “*The Price of Privilege*” que aborda a epidemia de problemas emocionais dos adolescentes em famílias abastadas; em “*Teach Your Children Well*” a autora se dedica em discutir o sucesso e o fracasso escolar de crianças. No documentário Levine compartilha sua experiência no acompanhamento de jovens num momento crucial de suas vidas profissionais.

Joseph Earl Marshall Jr é um ativista, palestrante, apresentador de *talk show* e rádio, professor e autor. Seu trabalho como ativista a frente da *Alive & Free* junto a mais de 10.000 jovens tem como foco a prevenção da violência, dentre suas obras literárias o best-seller “*Street Soldier: One Man's Struggle to Save a Generation, One Life at a Time*” que inspirou a produção do documentário “*Street Soldiers*”. Em “*The Mask You Live in*” (2015) ele aborda como o sistema escolar tende a não promover o desenvolvimento das potencialidades dos estudantes e a relação entre o respeito exigido pelos homens e o uso da violência.

Pedro Noguera é Doutor em Sociologia, professor na UCLA, ativista, membro da Academia Nacional de Educação (EUA), suas pesquisas contemplam as

influências das condições sociais e econômicas no universo escolar. Autor de 14 livros mais de 150 artigos na área de Educação, dentre suas publicações encontramos: “*Race, Equity and Education: The Pursuit of Equality in Education 60 Years After Brown*”, “*Schooling for Resilience: Improving Life Trajectories for Black and Latino Boy*”. No filme, Noguera reforça a importância da figura paterna na vida e educação de crianças; aborda a vulnerabilidade dos meninos e jovens; ele aponta que a humilhação é usada como forma de punição e que os estudantes não são acolhidos.

Tony Porter é um ativista e educador fundador e diretor de “*A Call to Men*” uma organização voltada a promover uma masculinidade saudável e respeitosa, prevenção da violência contra a mulher e meninas. Ele também atua como consultor de programas de orientação de jovens na *National Football League*. Porter em seus depoimentos em “*The Mask You Live In*” (2015) discorre sobre os comportamentos impostos aos homens.

James Steyer é um educador e ativista, fundou e dirige a *Common Sense Media*, uma organização voltada a educação e o estímulo da qualidade de vida de crianças. Ele é cofundador e presidente do Center for *The Next Generation* e autor de “*Talking Back to Facebook*” e “*The Other Parent: The Inside Story of the Media’s Effect on our Children*”. Na sua narrativa em “*The Mask You Live In*” (2015), Steyer aborda: os impactos na saúde mental de crianças e jovens e os riscos da exposição a conteúdos violentos e pornográficos disponíveis na mídia.

Michael G. Thompson é psicólogo, possui doutorado, é especialista no atendimento de crianças e famílias, atuou em escolas e atua como professor supervisor na *The Belmont Hill School*, consultor e participou da produção de best-sellers como: “*Raising Cain: Protecting the Emotional Life of Boys*”; “*Speaking of Boys: Answers to the Most-Asked Questions about Raising Sons*”. Em sua participação no documentário, Thompson aborda o mito construído em torno das diferenças biológicas entre os sexos; relata que o uso de álcool e outras drogas são estratégias para que os meninos se libertem.

Niobe Way é psicóloga, Doutora em Desenvolvimento Humano e Psicologia, professora de Psicologia Aplicada no Departamento de Psicologia Aplicada na Universidade Nova York, coordenadora adjunta do *Center for Research on Culture, Development, and Education*. Pesquisadora na área cultura, desenvolvimento humano, desenvolvimento social e emocional de adolescentes. Autora de “*Everyday Courage: The Lives and Stories of Urban Teenagers*”; “*Deep Secrets: Boys’*

Friendships” e *“Deep Secrets: Boys’ Friendships and the Crisis of Connection”*. Niobe relata no documentário que os meninos associam amizades com a saúde mental, e aborda que a perda da linguagem emocional pode estar relacionada com os níveis de suicídio entre jovens.

Philip G. Zimbardo é psicólogo, pesquisador, professor emérito na *Stanford University* e na *Palo Alto University* com passagens pelas universidades de Nova York, Columbia e Yale, palestrante reconhecido intencionalmente, participa de programas de TV onde discute temas relacionados à Psicologia e atuou como presidente da Associação Americana de Psicologia. Em *“The Mask You Live in”* (2015) ele aborda os riscos à exposição prolongada a conteúdos violentos e de pornografia, ele também faz um alerta em relação aos videogames que podem criar “vício de excitação”, como consequência da exposição prolongada e suas repercussões no isolamento social.

William S. Pollack é um psicólogo, professor no departamento de psiquiatria na *Harvard Medical School*, palestrante e consultor internacionalmente reconhecido, como autor publicou: *“Real Boys: Rescuing Our Sons from the Myths of Boyhood”* e *“When Good Men Behave Badly: Change Your Behavior, Change Your Relationship”* dentre outros. Atua ainda como membro fundador na *Society for the Psychological Study of Men and Masculinity* e participou de campanhas nacionais nos Estados Unidos para o enfrentamento da violência entre jovens. No filme, os termos mais frequentes abordados por Pollack foram: os meninos são incentivados a não comunicar suas dores; o medo das mães em prestarem suporte aos seus filhos; a vulnerabilidade de meninos e jovens em relação ao suicídio.

b) Demais participantes⁶³:

Ana é uma mulher, mexicana, residente nos EUA, mãe do **Luis** – homem jovem.

Gaby, mulher e mãe do menino **Roman**;

Steven (homem adulto) pai do menino **Jacksen**.

⁶³ Reconhecemos que as informações desse grupo aqui dispostas, são limitadas ao gênero, idade e ao pertencimento à instituições. Esse limite está relacionado as informações veiculadas no documentário, em razão deste grupo ser composto por “atores sociais”, não podemos buscar novas informações sobre suas trajetórias e inserções sociais.

Ke; Cleo; Curtis; Tommy; Pj; e Tommy são detentos do Programa de prisão perpétua de San Quentin, nos Estados Unidos.

Michael: as imagens e o depoimento deste participante foram registrados nas dependências do Programa de prisão perpétua de San Quentin. Em uma das cenas ele é um mediador de um grupo de homens e outros momentos ele descreve o abuso que sofreu em casa.

Ahmed; Ben; Bryce; Charlie; Cody; Cleo; Cody; D' Shane; Don; Jason; Lucy; Matthew; Michael; Moly; Parker; Sirtone; e **Ian:** são homens jovens

Ahmed; Ben; Bryce; Charlie; Cleo; D' Shane; Don; Jason; Lucy; Luis; Matthew; Michael; Moly; Parker; Sirtone; Matthew: são meninos

Tommy; Willie; Steven: são homens adultos.

3.2 As estratégias metodológicas da pesquisa: do levantamento à problematização das questões

Com vistas a atender o desenvolvimento do **objetivo específico 1** (um), utilizamos as estratégias descritas a seguir:

- 1. Os primeiros olhares sobre o filme:** Com a finalidade de analisar o documentário, o filme foi assistido em sua versão com legendas em português⁶⁴.
- 2. Levantamento de informações dos depoentes e da equipe de produção do documentário:** Reunimos as informações da equipe de produção e dos depoentes em dois grupos⁶⁵.
- 3. Transcrição das narrativas do documentário:** A transcrição⁶⁶ teve por objetivo registrar as narrativas do filme, contemplando para além das falas: a identificação dos participantes, a disposição/enquadramento do participante na

⁶⁴ Reconhecemos os limites e os possíveis “deslizes” da versão legendada, contudo, consideramos importante utilizar esta versão visando desenvolver, futuramente, abordagens junto aos grupos de jovens e abordar nessa oportunidade tais limites.

⁶⁵ As informações foram descritas no item 3.1.2 e 3.1.3.

⁶⁶ A transcrição do documentário compõe o **Apêndice I**.

cena, a presença de mais um participante em cena, a ambiência da filmagem, os dados exibidos ao longo do documentário, as cenas de filmes e reportagens. Os eventos foram registrados de acordo com a ordem de exibição, permitindo na etapa a seguir que os dados fossem recuperados e analisados.

- 4. Observação do universo léxico: Nuvem de palavras:** Compreendemos ser necessário analisar o universo léxico da transcrição do documentário, para tanto, construímos por meio do software *Voyant tools* uma nuvem de palavras com a finalidade de identificar as palavras mais frequentes na transcrição do documentário. As palavras de ligação foram suprimidas com a finalidade de promover uma melhor visualização das palavras. Na nuvem de palavras reunimos as 45 palavras mais frequentes.

- 5. Leitura do texto da transcrição e cotejamento das cenas do documentário:** No primeiro momento, procedemos a leitura do texto da transcrição e em seguida foi realizado um cotejamento entre o texto e as cenas, para tanto, o filme foi assistido novamente, possibilitando o desenvolvimento das duas etapas a seguir.

- 6. Identificação das dinâmicas de narrativa:** Buscamos nesta etapa a observação e registro das dinâmicas utilizadas na construção do documentário. Observamos no filme, o registro dos recursos utilizados pela diretora e editores do documentário. Objetivamos ainda, a identificação dos pontos de vista: observando a disposição da câmera em relação ao objeto filmado e ocorrência de sons no filme, de modo a localizar as:

[...] características (ou regras de funcionamento) do espaço fílmico analisado e identificar o lugar reservado ao espectador, ou seja, o grau de envolvimento que um filme permite ao seu espectador (PENAFRIA, 2009, p. 9).

Nessa etapa objetivamos compreender os elementos de estilo presentes na *mise-en-scène* de “*The Mask You Live In*” (2015), que segundo Ramos (2011, s.p.) contempla “[...] fotografia, o figurino, o cenário estúdio, a locação, o enquadramento”.

- 7. Identificação da polifonia nos discursos dos depoentes do documentário:**
A partir da leitura e do cotejamento das narrativas e cenas de “*The Mask You*

Live In” (2015), reconhecemos a necessidade de identificar os seguintes pontos:

- ✓ Quem conta a história no documentário;
- ✓ Localizar dentre os discursos do filme, a recorrência de discrepâncias e convergências

Em relação ao **objetivo específico 2** (dois), utilizamos como estratégia para o levantamento e a problematização das questões, os seguintes passos:

8. Identificação dos Núcleos Temáticos nos Depoimentos do Documentário

e Problematização das Questões: Nessa etapa buscamos a identificação dos temas presentes nos discursos dos depoentes do documentário. A partir da leitura e da análise do texto da transcrição dos depoimentos, realizamos a delimitação do *corpus* de análise a partir da *codificação* que, segundo Fontoura (2011) se dá a partir da exploração do material e permite ao pesquisador realizar:

"recortes do texto em unidades de registro, que podem ser ideias, palavras, frases, metáforas, enfim, passagens que pareçam ao pesquisador significativas para seu trabalho. Esses dados serão classificados e agregados de acordo com ideias-chave" (FONTOURA, 2011, p. 72).

Em seguida registramos⁶⁷ ao lado da transcrição do depoimento dos participantes do documentário, uma ou mais palavras que descrevessem o depoimento, dando origem ao tema. Inicialmente foram encontrados 161 (cento e sessenta e um) temas e diante das recorrências, procedemos, em seguida, de forma a eliminar os registros em duplicidade e a agrupar⁶⁸ os temas. Consideramos ainda, os seguintes princípios destacados por Fontoura (2011):

Coerência: os temas selecionados devem seguir uma mesma forma de escolha para garantir a coerência interna do trabalho.

Semelhança: os temas devem ser agrupados pelo que parecer ao pesquisador pertencer ao mesmo grupo temático.

Pertinência: os exemplos devem ser selecionados de acordo com o referencial teórico e o objetivo do estudo.

Exaustividade: quando encontramos nos textos transcritos muitos exemplos de um mesmo tema e esgotamos este tema.

⁶⁷ Esse passo pode conferido no **Apêndice I**.

⁶⁸ Nesse processo, seguimos as recomendações de Fontoura (2011, p. 77) e tomamos “cuidado para não modificar o que os participantes dizem de modo a se adequar ao que é esperado na investigação. Isso requer atenção especial na seleção de temas e na exemplificação de extratos de fala que sinalizem evidências da pertinência da escolha temática”.

Exclusividade: uma passagem não deve, em princípio, servir para exemplificar mais de um grupo temático. (Adaptado: Fontoura, 2011, p. 73).

Ao fim desse processo, reunimos 104 (cento e quatro) temas que foram dispostos em 5 (cinco) núcleos temáticos⁶⁹, a saber: Pressões sociais na construção da identidade masculina; negação da vulnerabilidade e da dor: o uso das máscaras; “Ser homem pode ser perigoso!”; a imagem masculina e o consumo de mídias entre os homens e possíveis saídas de enfrentamento.

O agrupamento dos temas nos permitiu localizar dentre os núcleos temáticos as questões que possuem relação com o objeto de pesquisa desse estudo. As questões foram dispostas em duas grandes categorias, nas quais atribuímos o sentido de primeiro e segundo plano, com objetivo de sistematizar a problematização das questões. Essas questões que estão diretamente relacionadas com a identidade masculina e o cuidado à saúde dos homens jovens foram problematizadas em primeiro plano em razão de sua centralidade, sendo elas: a *rejeição do feminino*, a *construção da identidade masculina como processo vigiado* e o *uso das máscaras pelos homens* são eixos discutidos transversalmente em “*The Mask You Live In*”. No filme, essas discussões são atravessadas por discussões de outros temas, que são igualmente relevantes⁷⁰. Selecionamos 39 (trinta e nove) questões que foram problematizadas e estão reunidas na segunda categoria. No **Quadro 2**, apresentamos a sistematização das questões que problematizamos nesse estudo:

Quadro 2: Levantamento das Questões

Questões problematizadas em primeiro plano:
<ol style="list-style-type: none">1. A “grande armação”: a rejeição do feminino é ensinada e aprendida pelos homens causando consequências na relação entre homens e mulheres;2. A construção da identidade masculina é um processo vigiado; e3. Usos e sentidos da máscara entre os homens jovens: negação das vulnerabilidades e proteção contra o sofrimento, demonstração dos sentimentos (características femininas), valorização do domínio e controle de pessoas e situações (características masculinas).

⁶⁹ Os núcleos temáticos estão dispostos no **Apêndice II**. Dentre as potencialidades de uso dos núcleos temáticos, destacamos que eles podem ser utilizados em abordagens educativas permitindo a localização das narrativas, além de possibilitar uma visão panorâmica dos temas abordados em “*The Mask You Live In*” (2015).

⁷⁰ O processo de seleção e sistematização dos temas não tem a premissa de hierarquizar ou de atribuir um grau de importância às questões, reconhecemos nas etapas de seleção das questões, como no decorrer da problematização que as questões estão intimamente imbricadas, permitindo-nos perceber a complexidade.

Questões problematizadas em segundo plano:

1. A categoria “doença mental” é utilizada para justificar o não reconhecimento do papel da cultura na formação da identidade masculina;
2. A imagem do homem bem-sucedido: rico, poderoso, respeitado, violento, perigoso e com muitas conquistas sexuais;
3. A imagem dos homens nos videogames reflete os estereótipos masculinos valorizados socialmente;
4. Afirmação da masculinidade gera insegurança (vulnerabilidades);
5. Álcool e outras drogas são usados para deixar os homens mais “sociáveis” e “curar” a solidão e “fugir” dos problemas;
6. As noções intuitivas de gênero são simbolicamente comunicadas pelos pais;
7. Associação de masculinidade com força, habilidades, corpo, sucesso, dinheiro, poder, conquistas sexuais;
8. Bullying, intimidação e medo construídos a partir da figura paterna como forma de controle;
9. Comportamentos de defesa são ensinados e aprendidos ao longo da socialização dos meninos e jovens;
10. Consumo de pornografia e isolamento social;
11. Cultura da camaradagem masculina: entre o privilégio e o silêncio.
12. Cultura da masculinidade associada a intimidade sexual afasta os homens de uma amizade com outros homens;
13. Desaparecimento da linguagem emocional e o aumento do suicídio entre os meninos;
14. Desvalorização das habilidades relacionais, necessidades e desejos, pois tais habilidades são “femininas”;
15. Dificuldade de gregarismo e amizade entre pares: meninos associam amizade e saúde mental;
16. Dificuldades e justificativas na comunicação das dores, medo emoções;
17. Distanciamento paterno e o papel no apoio e orientação dos meninos;
18. Do Código dos meninos ao *ethos* masculino;
19. Dominação masculina e violência;
20. Engajamento dos homens na construção de saídas de enfrentamento.
21. Estereótipos masculinos predominantes na mídia: Homem controla e não demonstra emoções, é forte e calado;
22. Exposição à abusos e violência doméstica na infância;
23. Hierarquia e assimetria entre os homens e mulheres na socialização.
24. Humilhação, vergonha: a violência como forma de externar a dor;
25. Meninos e a reprodução dos modelos de masculinidade valorizados socialmente entre os homens;
26. Necessidade de provas de masculinidade;
27. O uso da humilhação como dispositivo de repressão e educação;
28. Os homens aprendem a *objetificar* o corpo feminino diretamente pela linguagem, pela prostituição e indiretamente pela pornografia;
29. Prescrições de virilidade na educação dos filhos;
30. Pressões sociais e prescritivos culturais relacionadas à identidade masculina;

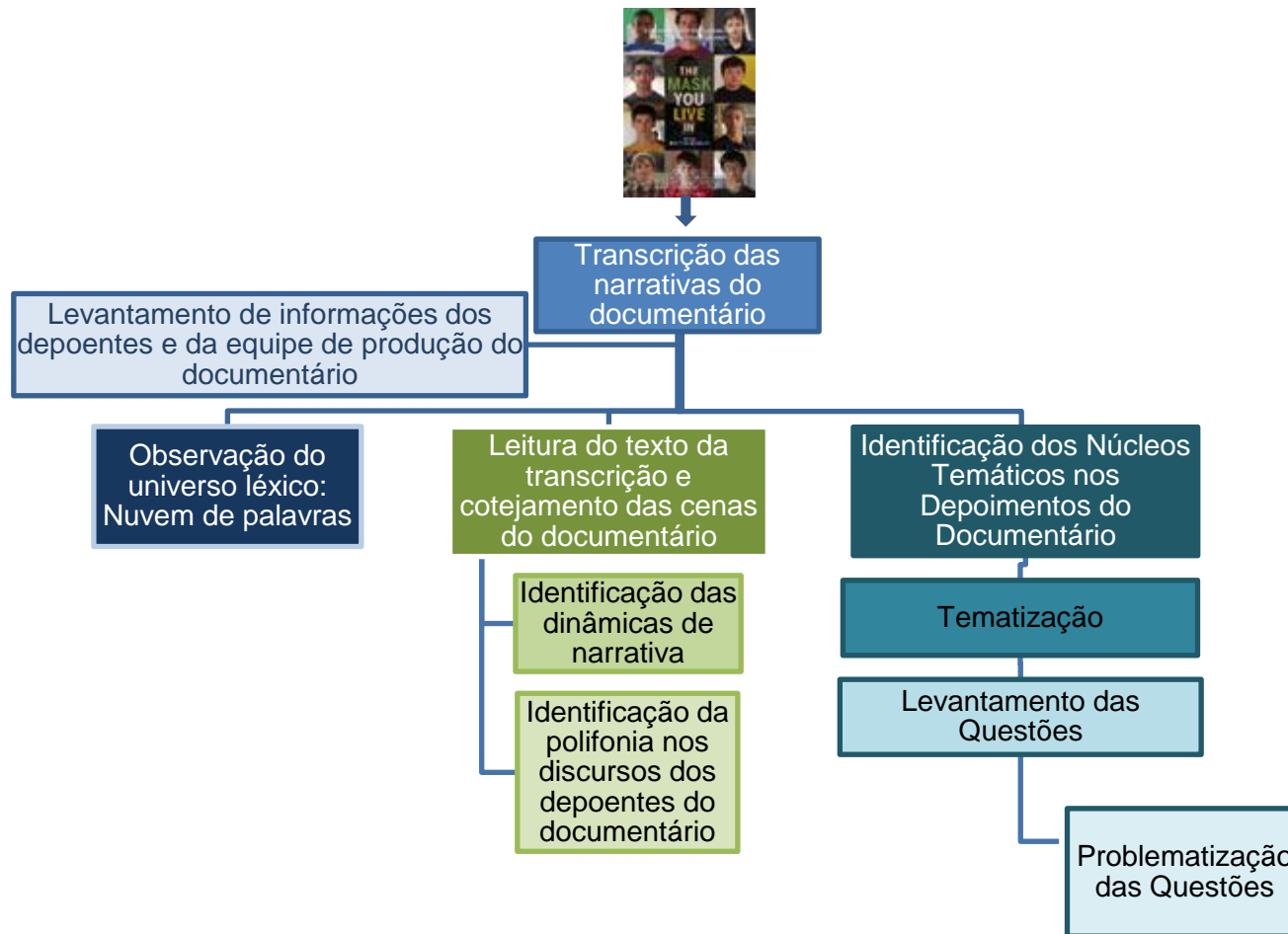
31. Raiva e a noção de direito negado: quando os homens “perdem” espaço;
32. Regras de convivência e padrões de comportamento masculinos e femininos;
33. Reprodução de estereótipos de masculinidade valorizados socialmente;
34. Respeito a partir do uso da naturalizado da violência;
35. Retraimento e isolamento social;
36. Solidão, frustração, rejeição, timidez: o silêncio como resposta à tristeza;
37. Solidariedade horizontal entre os homens e a hierarquia sobre as mulheres;
38. Supressão da emoção dos personagens nos videogames *versus* predomínio da raiva; e
39. Violência sexual contra os meninos.

Fonte: Elaborado pelo autor.

Nichols (2005) adverte que ao exemplo dos filmes de ficção, os documentários são construídos a partir de histórias que pedem que as interpretemos, segundo o autor, “a interpretação é uma questão de compreender como a forma ou organização do filme transmite significados e valores” (p. 27), ainda segundo o autor, os documentários “visam exercer um impacto no mundo histórico e, para isso, precisam nos persuadir ou convencer de que um ponto de vista ou enfoque é preferível a outros” (IDEM). Diante de tais apontamentos, consideramos importante problematizar as questões levantadas, para tanto, nos empenhamos em discutir as questões anteriormente descritas que possuem relação com o objeto desse estudo à baila de autores dos campos das Ciências Sociais e Humanas e da Saúde. Nossos olhares acerca da problematização são apresentados ao longo dos **Capítulos 4, 5 e 6**.

Apresentamos em seguida a sistematização das estratégias metodológicas utilizadas nesse estudo.

Figura 2: Sistematização das estratégias metodológicas da pesquisa



Fonte: Construção do autor.

Os passos que percorremos em torno da estruturação da metodologia do presente estudo nos encaminharam na direção da construção de uma estratégia de pesquisa voltada ao desenvolvimento de abordagens educativas tendo o cinema como recurso para a problematização de temas geradores referentes ao cuidado à saúde na juventude. Em sequência, descrevemos essa proposta pedagógica.

3.3 A Problematização como estratégia de pesquisa e em abordagens educativas com o uso de filmes no contexto do ensino: alguns parâmetros norteadores⁷¹

Apresentamos uma abordagem educativa acerca do cuidado à saúde na juventude que pode vir a ser desenvolvida a partir de filmes e do levamento de temas geradores e da problematização, no decorrer dessa estratégia, pode-se ainda, desenvolver uma investigação. A problematização dos temas geradores a partir de filmes, constitui uma estratégia de pesquisa que pode fomentar a identificação das demandas dos jovens acerca do cuidado à saúde à medida que pode promover a “localização de elementos objetivos e subjetivos, por meio dos quais atores sociais constroem suas percepções referentes à vida social [...]” (PINHEIRO, 2001, p. 70). No decorrer da abordagem educativa, o professor poderá registrar as suas impressões apreendidas por meio dos instrumentos de coleta de dados previamente selecionados.

Nessa proposta, o processo de construção compartilhada de saberes sobre a saúde entre jovens escolares se faz por meio de temas geradores e da problematização, a partir de uma perspectiva crítica inspirada em Paulo Freire (1980), se apresenta como um caminho fecundo no debate sobre a promoção do cuidado à saúde no contexto do ensino de Ciências. Mediante a complexidade e as necessidades cotidianas presente à realidade social da juventude e ao desafio de uma abordagem das questões acerca do cuidado em saúde junto a este grupo social, o

⁷¹ Parte da discussão presente nessa seção foi apresentada no *V Simposio Internacional de Enseñanza de las Ciencias*, realizado entre os dias 15 e 18 de junho de 2020. SILVA, J.C.; VARGAS, E. P.; FERREIRA, F. R. O cuidado à saúde entre jovens em tela: temas geradores e problematização na construção compartilhada de saberes a partir de cenas do cinema. ANAIS DO V SIMPOSIO DE ENSEÑANZA DE LAS CIENCIAS 2020. Disponível em: <http://congresos.educacioneditora.net/index.php/SIEC/SIEC2020/paper/view/974> Acesso em 12 de outubro de 2020.

cinema se apresenta como um rico material complementar à prática pedagógica. Em razão da diversidade de concepções atribuídas pelos jovens aos cuidados com o corpo e a saúde, a utilização de temas geradores e da problematização associada à exibição de filmes visa oferecer subsídios à abordagem e à discussão desse tema numa perspectiva transdisciplinar o que pode promover a compreensão de sua complexidade e de sua relação com o contexto de saúde e conhecimento científico mais amplo.

O cinema pode ser usado em estratégias junto aos jovens para discutir temas relacionados ao cuidado à saúde no contexto do ensino de Ciências, ao passo que permite a identificação das demandas desse grupo por meio de temas geradores e da problematização de conteúdos previstos no Ensino Formal atendendo os Parâmetros Curriculares Nacionais que visam fomentar a abordagem da temática em torno da Saúde como um tema a ser discutido transversalmente nas atividades pedagógicas. Esse método foi apresentado pelo educador brasileiro Paulo Freire, e permite, nas palavras do autor:

“[...] procurar o pensamento do homem sobre a realidade e a sua ação sobre esta realidade que está em sua práxis. Na medida em que os homens tornam uma atitude ativa na exploração de suas temáticas, nessa medida sua consciência crítica da realidade se aprofunda e anuncia estas temáticas da realidade (FREIRE, 1980, p. 32).

O desenvolvimento de abordagens educativas complementares ao ensino de Ciências por meio de temas geradores e da problematização dos cuidados à saúde na juventude a partir de cenas do cinema visa ampliar as possibilidades de reflexão sobre temas de saúde por vezes limitados à exibição de um filme numa sala de aula devido à escassez de apoio aos docentes para o debate em torno desse material. Essa via se apresenta como uma alternativa fecunda, pois permite a construção coletiva de conhecimentos a partir das demandas dos jovens na interação com os professores, de modo que os jovens apreendam a partir de uma perspectiva crítica os temas relacionados ao processo saúde-doença-cuidado na juventude.

As abordagens nessa perspectiva, buscam aproximações sucessivas e por diferentes vias, “para chegarmos a uma esfera crítica na qual a realidade se dá como objeto cognoscível e na qual o homem assume uma posição epistemológica” (FREIRE, 1980, p. 26). O uso dos temas geradores e da problematização em abordagens voltadas às discussões dos temas relacionados ao cuidado à saúde na juventude se justificam, pois a realidade não se apresenta de modo linear

intercorrendo-se a uma compreensão imediata ao homem, mas como nos ensina Freire “num primeiro momento a realidade não se dá aos homens como objeto cognoscível por sua consciência crítica” (FREIRE, 1980, p. 26). Outro fator que corrobora para a utilização dos temas geradores e da problematização está situado na superação da aprendizagem fragmentada, por meio da promoção da aprendizagem global que visa integrar a construção de conhecimentos à transformação social (FEITOSA, 1999). No contexto de abordagens voltadas ao ensino de temas relacionados ao cuidado à saúde, o cinema surge como uma fonte que compila diferentes perspectivas e linguagens que podem promover o desenvolvimento e o uso de estratégias transdisciplinares no ensino, como sinaliza Pacheco (2016):

O cinema é fonte de conhecimento e de autoconhecimento e este processo se dá porque o cinema se exprime através de sons e imagens que transmitem e suscitam sentimentos. O cinema lida com o que é humano e é extremamente complicado pensar em compartimentá-lo em disciplinas, pois ele aborda a concepção do humano em suas diferentes dimensões. Um filme engloba línguas, ciências, matemática, história, geografia, física, química, psicologia, engenharia, ecologia etc., ou seja, ele é transdisciplinar, está acima de qualquer disciplina (PACHECO, 2016, p. 92).

Tendo em vista os pressupostos anteriormente assinalados, consideramos que ao fundamentar o uso de cenas de filmes em abordagens educativas, os jovens poderiam identificar quais os temas mais significativos estariam associados a parte de suas próprias experiências, além de compreenderem de que forma essas experiências estariam relacionadas com a realidade sanitária e social de suas comunidades e territórios, problematizando os aspectos ambientais, políticos e socioculturais dos temas previamente apontados pelos jovens. No transcorrer desse processo, a construção compartilhada de saberes entre os jovens a partir do “conhecimento do território na escala do cotidiano é um caminho para a promoção do cuidado à saúde enraizada no entendimento da complexidade e das necessidades cotidianas” (PORTO; PIVETTA, 2009, p.215). Essa abordagem educativa no ensino de Ciências poderia, ainda, contribuir para o protagonismo juvenil, ao passo que os jovens poderiam se engajar nas construções coletivas voltadas à resolução dos problemas por eles próprios identificados e problematizados.

Apresentamos alguns parâmetros que podem nortear o desenvolvimento das abordagens educativas: a seleção do filme corresponde a uma primeira etapa

relevante no planejamento dessa ação educativa. Essa seleção pode decorrer mediante a demanda dos jovens e do professor, esse docente pode identificar a necessidade de abordar uma temática específica de cuidado à saúde junto aos jovens. Diante da variedade de formatos ofertados pela indústria cinematográfica podem ser selecionados: documentários e filmes de ficção científica; animações, curtas e longa-metragem. Recomenda-se, no entanto, uma análise previamente sobre a pertinência do filme com o objetivo da estratégia de ensino a ser desenvolvida junto aos jovens. Assim como, recomenda-se que a classificação etária do filme seja observada. A exibição do filme deve ser programada de forma a promover o desenvolvimento da estratégia de ensino proposta a seguir em tempo hábil.

As etapas relativas à realização da ação em si podem ser descritas como: *tematização, codificação, problematização e autoavaliação*, como descritas a seguir. Essas etapas podem ser desenvolvidas ao longo da exibição do filme, como ainda, ao final da exibição, sendo que, o professor pode estabelecer qual o melhor modo de proceder junto aos jovens. Contudo, reconhecemos que o uso dos temas geradores e da problematização quando realizadas após a exibição do filme podem promover uma apreensão mais detalhada dos conteúdos.

Na *tematização* busca-se codificar e decodificar os temas e palavras geradoras, essa etapa busca o significado social – a consciência do vivido, a começar pelo tema gerador pode-se “avançar para além do limite de conhecimento que os educandos têm de sua própria realidade, podendo assim melhor compreendê-la a fim de poder nela intervir criticamente” (FEITOSA, 1999, p. 53). Após a exibição do filme, o professor poderá junto aos jovens discutir e registrar as primeiras impressões do grupo, mediando a discussão incluindo:

O gostar, o desgostar, o ficar emocionado, enfim, tudo o que se puder pensar e sentir ao assistir um filme – acontece neste intervalo entre as cenas e é histórica, social e individual, particular, ao mesmo tempo. Portanto, não só, frente ao mesmo filme, no mesmo momento, as ideias e a compreensão são muito variadas, como, ao ver o filme várias vezes e anos depois, em momentos diferentes da vida, esta compreensão vai variar e ser diferente. Se o sentido e o significado do filme estivessem estritamente nas cenas vistas igualmente (*naturalisticamente*) por todos, não haveria discordância de interpretações (ALMEIDA, 2009, p. 35, grifo do autor).

A etapa seguinte, consiste na localização do tema geral, no qual é possível o recorte para as demais áreas do conhecimento ou novos temas geradores a serem trabalhados junto aos jovens. O professor pode escrever na lousa algumas palavras,

permitindo aos participantes acompanharem o processo, essas palavras podem ser recuperadas quando necessário. Nesse momento da abordagem, os jovens podem sinalizar as palavras, por eles identificadas que possuem ligação e/ou afinidade de sentido com o tema geral, dessa forma, um tema gerador poderá dar origem a diversas palavras geradoras.

Em seguida, na etapa de *codificação* será buscada “a representação de um aspecto da realidade, de uma situação existencial construída pelos educandos em interação com seus elementos” (FEITOSA, 1999, p. 53). Com base na codificação dos temas geradores, uma nova etapa se sucede, a *problematização*, voltada à reflexão. Segundo Costa e Pinheiro (2013), é necessário problematizar os temas geradores com a finalidade destes ganharem maior significado apoiado em uma análise cuidadosa com a participação dos envolvidos na educação problematizadora, que segundo essas autoras é uma proposta que permite construir conhecimentos por meio da investigação, além de promover a busca pelo conhecimento por parte do educador e dos educandos. Em relação a problematização, Costa e Pinheiro (2013) consideram que:

problematizar significa partir de uma situação na qual alunos e professores buscarão juntos as respostas necessárias para a compreensão dos temas estudados. Significa também, vir ao encontro do pressuposto de que o próprio aluno deverá reconhecer as limitações do conhecimento de senso comum e a necessidade de aprimorá-lo (COSTA; PINHEIRO, 2013, p. 41).

Nesse momento, as cenas do filme poderão ser recuperadas a fim de serem identificados e selecionados novos temas relacionados ao tema geral. O professor poderá, se necessário, suscitar e organizar a discussão de modo a promover a participação dos jovens que, autonomamente, se dispuserem a comunicarem suas perspectivas. Face as premissas dialógicas da educação problematizadora, recomendamos o desenvolvimento de um espaço de *autoavaliação*. Trata-se de uma oportunidade aos educandos e ao professor para relatarem, se assim considerarem pertinente, suas experiências nesse processo de construção compartilhada de conhecimento.

Ao final do processo o professor/pesquisador poderá recuperar os dados e analisá-los à luz dos referenciais teórico-metodológicos adotados e oportunamente, divulgar e comunicar os achados para a comunidade escolar.

No próximo capítulo, apresentaremos nossos primeiros olhares e impressões acerca do documentário “*The Mask You Live In*” (2015).

4 PRIMEIROS OLHARES

4.1 Considerações sobre o discurso fílmico de “*The Mask You Live In*” (2015)

Nossos primeiros olhares sobre “*The Mask You Live In*” (2015) foram orientados por alguns estudos do campo do cinema documental. A noção de representação presentes nos documentários, segundo Nichols (2005, p.27) “o documentário se engaja no mundo pela representação” e o faz por três vias. Tomamos os apontamentos de Nichols (2005), para tecer algumas considerações sobre “*The Mask You Live In*” (2015).

A primeira perspectiva se ampara na visão que **“os documentários oferecem-nos um retrato ou uma representação reconhecível do mundo”** (Nichols, 2005, p. 28, grifo nosso), na ótica do autor, os documentários permitem o registro de eventos que poderíamos observar em loco, situações que também se dão longe das lentes das câmeras dos documentaristas, o que reforçaria a crença em torno do que vemos representado no documentário e acreditamos ser uma verdade. O discurso fílmico de “*The Mask You Live In*” (2015) é permeado por narrativas que descrevem a ocorrência de acontecimentos e situações que atravessam a vida dos homens trazendo tanto privilégios com reveses para suas próprias vidas e de terceiros, quando esses acontecimentos, ainda que cotidianos, ganham a tela os espectadores em diversas e distintas culturas, idades, gerações, classes, etnias podem revisitar suas concepções sobre a identidade masculina. Essa potencialidade reflexiva deflagrada pelo encontro do espectador com o filme pode mediar o desenvolvimento de estratégias educativas para os mais diversos grupos sociais e seus recortes etários. “*The Mask You Live In*” (2015) oferece uma visão panorâmica de acontecimentos que atravessam a vida dos homens e apresenta as repercussões destes acontecimentos na sociedade.

Na segunda perspectiva, **“os documentários também significam ou representam os interesses de outros”** (NICHOLS, 2005, p. 28, grifo nosso), os documentários têm a potencialidade de representar os interesses de um grupo social ou os interesses de uma instituição que financia o desenvolvimento do filme. “*The Mask You Live In*” (2015) foi produzido no âmbito da *The Representation Project*, uma organização sem fins lucrativos fundada em 2011 por Jennifer Siebel Newsom, que

acumula a função de diretora do documentário. A missão institucional da organização está centrada em “garantir que todos os humanos alcancem seu pleno potencial, livre de normas limitadoras de gênero⁷²”, com meio de alcançar este objetivo a instituição utiliza “documentários, educação e ativismo para mudar as atitudes e o comportamento do público em relação ao gênero, a fim de transformar a cultura (THE REPRESENTATION PROJECT, s/d, tradução nossa⁷³). Nos últimos anos, a instituição promoveu nas mídias sociais uma série de campanhas de ativismo em torno das questões de gênero, um outro legado da organização, contempla atividades educativas voltadas a:

desconstruir as normas limitantes de gênero e garantir que todos os humanos alcancem seu potencial máximo. Damos voz aos jovens ao mobilizarmos a próxima geração de agentes de mudança por meio de nossos programas de educação e defesa de direitos (THE REPRESENTATION PROJECT, s/d, tradução nossa⁷⁴).

“*The Mask You Live In*” (2015) foi desenvolvido no bojo de outro documentário que contempla questões de gênero, “*Miss Representation*”, lançado em 2011. As temáticas de gênero quando são representadas na tela do cinema, nos permitem discutir questões que atravessam a vida de muitas mulheres e homens em diferentes culturas, frequentemente, essas questões são naturalizadas e invisibilizadas. No caso dos homens, as questões de gênero ainda são pouco representadas no cinema, pode-se ainda encontrar uma negação por parte de alguns homens de seus privilégios bem como de suas dores, “*The Mask You Live In*” (2015) lança luz sobre essas questões.

A terceira e última perspectiva indica que os documentários “**colocam diante de nós a defesa de um determinado ponto de vista ou uma determinada interpretação das provas**” (Nichols, 2005, p. 30, grifo nosso) diante desses apontamentos os documentários possuem ainda a potencialidade de representar o outro e seus interesses, os documentários podem mediar a construção de opiniões em torno de uma tema por meio de assertivas. O discurso fílmico de “*The Mask You Live In*” (2015) não se estrutura, exclusivamente, na descrição dos problemas vivenciados pelos homens, no filme é possível identificar algumas narrativas que

⁷² No original: “to ensuring all humans achieve their full potential, unencumbered by limiting gender norms”.

⁷³ No original: “We use documentary films, education, and activism to shift the public’s attitudes and behavior around gender in order to transform culture”.

⁷⁴ No original: “to deconstruct limiting gender norms and ensure all humans achieve their full potential. We give voice to youth as we mobilize the next generation of change agents through our education and advocacy programs”.

defendem a construção de saídas de enfrentamento para os problemas apresentados. Podemos localizar nas narrativas uma trama de críticas a um modelo unívoco de “ser homem” e a negação dos prejuízos deste processo para os homens e para a sociedade. Nesse sentido, reconhecemos que as discussões do documentário revelam por um lado a diversidade dos modelos de masculinidades que colidem com os prescritivos culturais e, por outro lado, são defendidos argumentos que sustentam o engajamento dos homens e da sociedade na criação de saídas.

Para Baltar (2019) a organização da narrativa do documentário contemporâneo toma o personagem como principal recurso, “pois através dele se articulam as questões significativas do discurso fílmico” (BALTAR, 2019, p. 85). Nas narrativas dos depoentes, as problemáticas abordadas são descritas a partir de suas experiências com o tema, são descritos alguns exemplos do cotidiano, os depoentes não recorrem a alegorias ou a caricaturas dos estereótipos masculinos, por outro lado, no decorrer do filme os problemas sociais são apresentados, discutidos, sendo ainda, possível encontrar estratégias de enfrentamento ou até pontos para subsidiar futuras abordagens junto a grupos.

As narrativas registradas em “*The Mask You Live In*” (2015), transitam em torno da noção de *socialização*, os especialistas fazem menção à socialização primária e secundária e, também, a socialização de gênero, os demais participantes mencionam acontecimentos que ilustram como eles foram educados e criados. Nas narrativas dos depoentes é frequente a descrição de instituições ou estruturas sociais, como a família, instituições de ensino e de práticas esportivas, compreendemos que tanto a concepção de socialização como as instituições são, respectivamente, processos e instâncias que podem ser vistas como um contexto matricial no qual os meninos, rapazes e homens apreendem o *ethos* masculino. O exercício da masculinidade está relacionado, dentre outros fatores, com o local, a relação com os agentes e as instituições, dessa forma, compreender as disposições dos agentes com os homens nessas instituições e conjunturas, se torna importante, isso porque, nesses contextos há uma série de conformidades que são comunicadas simbolicamente aos meninos e jovens que, ao passarem por essas instituições, de certa forma podem incorporar esses valores nas suas respectivas trajetórias.

Em algumas cenas do documentário, a captação das imagens é feita no interior de diferentes instituições como a escola⁷⁵, ou numa sala de uma penitenciária⁷⁶ e também no ambiente doméstico⁷⁷. Nesta última ambiência podemos encontrar as narrativas de duas famílias, nas quais as duas mães e seus respectivos filhos compartilham as suas intimidades e as suas experiências. Nesse âmbito privado, podemos conhecer os desafios da criação de meninos e jovens. O discurso fílmico de “*The Mask You Live In*” (2015), se apoia nas memórias dos depoentes, tanto nos especialistas, como nos demais participantes que compartilham suas histórias, perspectivas sobre a identidade masculina. Para Rezende (2013):

os documentários não se fazem apenas com a dimensão real de seus objetos, narrativas e temas, mas também e especialmente, com suas virtualidades: **a memória de seus personagens e testemunhas, a sobrevivência do passado no presente** (REZENDE, 2013, p. 17, grifo nosso).

Nas dependências da penitenciária, os detentos abordam suas trajetórias na infância, na juventude e descrevem seus traumas e expectativas na construção da identidade masculina, relatando suas memórias e narrando temas que são caros à imagem masculina, como abuso sexual, a defesa da honra, *bullying*, negligências na infância e a inserção no mundo do crime. Nessas cenas, podemos perceber a relação dos depoentes com os temas relacionados às masculinidades – o que compõe um dos principais eixos do discurso fílmico de “*The Mask You Live In*” (2015), contudo, essa relação é registrada e mediada a partir do aprofundamento acerca da intimidade dos depoentes. Para contar as histórias dos atores sociais a estética dos documentários se ampara na *noção de intimidade*, que segundo Baltar (2019):

está diretamente relacionada com a figura do personagem. **É através dele que a intimidade se instaura como valor e que a troca de intimidades – o falar de si, o fabular a história de si ou as considerações pessoais da história dos outros, feitas para um “outro” que se torna instância da mediação através da narrativa** – articula-se como pacto central para a legitimação do filme (BALTAR, 2019, p. 212, grifo nosso).

⁷⁵ Cena (THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:40:28).

⁷⁶ Cena (THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:06:49 e 1:08:11).

⁷⁷ Cenas: Gaby e seu filho Roman (THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:23:26), Ana e seu filho Luis (THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:32:23).

O discurso fílmico de *“The Mask You Live In”* (2015) é estruturado a partir da polifonia de discursos composta por dois lados que se entremeiam; por um lado encontramos as discussões travadas por especialistas e; por outro, encontramos as histórias de meninos, jovens, homens e mulheres, que acumulam diversos papéis sociais, como: estudantes; detentos; universitários; atletas; mães; pais; filhos; treinadores; professores; pesquisadores, ativistas; dentre outros. No documentário, podemos perceber a valorização das inserções sociais dos depoentes, assim como, as representações sobre os papéis sociais por eles representados, entendemos essa valorização como um recurso que auxilia a contar a história e a introduzir e discutir os temas. Como observa Baltar (2019), no âmbito dos documentário, a participação e a performance dessas pessoas, suas histórias e também seus lugares de fala, tendem a legitimar o filme como uma representação da realidade, o que estaria no ponto de vista defendido pela autora relacionado ao “fato de seus atores sociais serem “pessoas” da vida real. ““Pessoas” da vida real que representam, *performam*, para as câmeras do documentário, os papéis sociais de si, sua autoimagem” (BALTAR, 2019, p. 30-31, grifo da autora). Em relação as posições de pessoa nas práticas discursivas, Spink e Medrado (2013) afirma que:

A força constitutiva das práticas discursivas está em poder prover posições de pessoa: uma posição incorpora repertórios interpretativos, assim como uma localização num jogo de relações inevitavelmente permeado por relações de poder. As práticas discursivas, portanto, implicam necessariamente o uso de repertórios e posicionamentos identitários (SPINK; MEDRADO, 2013, p. 37).

Os especialistas adotaram uma linguagem mais próxima aos depoentes para promover melhor acessibilidade aos assuntos e aos temas por eles discutidos nesse documentário. Nos depoimentos, encontramos menções indiretas⁷⁸ a variadas teorias que compõem os campos dos estudos sobre as masculinidades e sobre as juventudes.

Por meio da transcrição dos depoimentos de *“The Mask You Live In”* (2015) encontramos de 11.278 palavras, não localizamos no *corpus* a palavra “cuidado” e suas derivações. Ainda assim, os temas apresentados nas narrativas sinalizam que os homens jovens, ao exemplo dos meninos e homens, estão expostos a situações e

⁷⁸ Os especialistas não citam diretamente, os “jargões” ou conceitos que estruturam as teorias e tampouco os autores de seus campos, ainda assim, é possível encontrar nos discursos exemplos ilustrativos e a alusão a algumas correntes teóricas.

contextos que interferem em seus processos de saúde-doença-cuidado. Apresentamos a nuvem de 45 (quarenta e cinco) palavras, onde podemos reunir as palavras mais recorrentes.

Figura 3: Nuvem de palavras



Fonte: Elaboração do autor. Construída a partir do software *Voyant Tools*.

Os figurinos utilizados nas filmagens de “*The Mask You Live In*” (2015) pelos especialistas foi composto por roupas sociais⁷⁹. Consideramos relevante direcionar nosso olhar para essa questão, que poderia ser um mero detalhe, em virtude desse coletivo contemplar a participação de profissionais da saúde, muitos reconhecidos – como foi descrito anteriormente; internacionalmente nos limites de seus respectivos campos, mas não possuem reconhecimento do público em geral. Os especialistas poderiam se investir de artifícios distintivos como, o uso jalecos dotados de insígnias que representassem suas afiações profissionais e institucionais. No entanto, as performances dos especialistas em “*The Mask You Live In*” (2015) se amparam, na noção de *respeito* e *autoridade*.

No campo dos documentários, como vimos a trajetória e as experiências dos atores sociais com o tema são valorizados e, como “*The Mask You Live In*” (2015) conta com a participação de especialistas, as performances e os discursos dessas autoridades no documentário podem ser vistas como artifício que legitima o discurso

⁷⁹ Encontramos apenas uma ocorrência de uma especialista que utilizou jaleco.

fílmico, imprimindo a noção de verdade às performances e as narrativas dos depoentes.

Baltar (2019) recorre ao termo *performance* na tentativa de nomear a atuação dos sujeitos sociais de um documentário, a autora justifica esta escolha: “Performance condensa, a um só tempo, a dimensão da atuação (constitutiva do jogo de projeções nas relações “face a face”) e uma afirmação da “realidade” dessa atuação” (BALTAR, 2019, p. 31). Muitos são os discursos em torno da vida dos jovens, todavia, parece haver conformidades que autorizam, delimitam e legitimam os discursos, como observa Fischer (2001):

"Fala-se" uma adolescência de diferentes maneiras, e há discursos que não podem ser assinados por todos igualmente: o depoimento da atriz e modelo de sucesso sobre sua gravidez precoce reveste-se de uma permissividade que é negada à menina de subúrbio – cuja voz é captada pela reportagem especial do grande diário –, e a quem se dirige o discurso do demógrafo, da socióloga e da psicóloga, atento ao controle da sexualidade e da reprodução humana nas camadas populares. Da mesma forma, **há uma espécie de lei de "propriedade dos discursos": só alguns têm o direito de falar com autoridade sobre a sexualidade dos adolescentes; não são todos que têm competência para compreender os enunciados médicos,** por exemplo, nas respostas às cartas dos leitores de jornais e revistas; um restrito grupo tem capacidade para investir o discurso do aperfeiçoamento do corpo em práticas correspondentes. [...] se estamos ocupados com os discursos produzidos e veiculados pelos meios de comunicação, temos um problema específico a tratar: **independentemente do entendimento imediato dos textos por segmentos do público e da maior ou menor decodificação de frases ou imagens, o mais importante é compreender esses discursos no limite de seus efeitos, os quais poderão relacionar-se inclusive ao "respeito", por exemplo, em relação ao especialista, produzido sobre o espectador que não entendeu certa formulação** (FISCHER, 2001, p. 209, grifo nosso).

Dentre os depoentes de “*The Mask You Live In*” (2015) encontramos professores, pesquisadores, ativistas sociais com distintos percursos formativos, mesmo diante dos diferentes lugares de fala, tradicionalmente, a seleção desses personagens não se faz de forma aleatória, são recrutados atores sociais capazes de apresentar e discutir uma temática. De acordo com Nichols (2005), nos filmes de ficção, as atribuições do diretor e dos atores são designadas por contratos, são conferidos direitos sobre a obra, o recebimento de honorários, o que implica que ambos tenham um desempenho satisfatório, a performance dos atores é “valorizada pela qualidade de sua atuação, não pela fidelidade a seu comportamento ou personalidade habitual” (NICHOLS, 2005, p. 31). No âmbito dos documentários, os participantes são vistos como “atores sociais”, para o autor, essas “pessoas”:

continuam a levar a vida mais ou menos como fariam sem a presença da câmera. Continuam a ser atores culturais e não artistas teatrais. **Seu valor para o cineasta consiste não no que promete uma relação contratual, mas no que a própria vida dessas pessoas incorpora. Seu valor reside não nas formas pelas quais disfarçam ou transformam comportamento e personalidade habituais, mas nas formas pelas quais comportamento e personalidade habituais servem às necessidades do cineasta** (NICHOLS, 2005, p. 31, grifo nosso).

Baltar (2019) coaduna e introduzir a noção de *performances de si*:

O encontro proposto pelo documentário – a “convocação” do sujeito a se constituir como personagem de uma narrativa midiática – compele aos atores sociais a realizarem **performances de si** de sua interioridade, de seu “eu”, recontando, para isso, histórias de sua vida privada, donde se depreendem seus múltiplos papéis sociais (BALTAR, 2019, p. 32, grifo da autora).

No caso de “*The Mask You Live In*” (2015), a seleção dos especialistas, acumula mais uma função: imprimir um sentido de legitimação da verdade aos argumentos apresentados no decorrer do filme, construindo assim, discursos de verdade, potencialmente, capazes de legitimar o que foi apresentado pelos demais depoentes. Baltar (2019) nos auxilia na compreensão dessa questão:

O que está em jogo na tradição documentária é uma autoridade expressa na ordem da narrativa que a legitima como discurso da realidade. **Uma autoridade constituída historicamente a partir de diálogos** (realizados no âmbito social e material), com outras instâncias e discursos que também estão legitimados como saberes de explicação e organização do mundo histórico. **É o elemento da autoridade que credita ao filme o estatuto de discurso “sobre” o real e “do” real** (BALTAR, 2019, p.212-213, grifo nosso).

Apresentamos em seguida, nossos primeiros olhares sobre as narrativas de “*The Mask You Live In*” (2015).

4.2 A identidade masculina e o cuidado à saúde entre jovens: reflexões a partir do documentário “*The Mask You Live In*”⁸⁰

Estamos pedindo aos homens que usem o privilégio a eles concedido, para ter uma voz, para gritar e ser parte da solução (THE MASK, 2015)⁸¹.

a) Apresentação, créditos iniciais

Este trabalho tem por objetivo discutir a relação entre as masculinidades e o cuidado à saúde de homens jovens, tendo como inspiração o documentário *The Mask You Live In*. O documentário produzido nos Estados Unidos foi lançado em 2015, foi dirigido por Jennifer Siebel Newsom e compila as narrativas de jovens e homens sobre a construção de suas identidades masculinas, colocando em destaque as dificuldades deste processo, as cobranças por papéis que colocam os homens em situações de risco e alguns padrões de masculinidade reproduzidos e naturalizados socialmente. O filme conta ainda com a participação de educadores, ativistas e líderes comunitários, atletas e treinadores, sociólogos, psicólogos, neurocientista, cientista política, pediatra e psiquiatra. São diferentes discursos que abordam a masculinidade a partir de perspectivas etárias, culturais e de classes sociais diferentes.

O estilo da narrativa escolhida pela diretora se situa no gênero documentário, que tradicionalmente é um modo de retratar a realidade a partir de um ponto de vista específico e conduz o espectador a uma compreensão do tema abordado, segundo uma posição política bem definida. Este gênero tem por característica sustentar-se por acontecimentos reais, abordando questões de interesse coletivo e visa sempre produzir uma discussão ou reflexão na sociedade. Segundo Nichols, “os documentários de questões sociais consideram as questões coletivas de uma perspectiva social. As pessoas recrutadas para o filme ilustram o assunto ou dão opinião sobre ele” (NICHOLS, 2005, p. 205). Neste sentido, ele é o resultado das escolhas da cineasta nas etapas de escolha do tema, elaboração na abordagem, seleção de entrevistados, estilos de entrevista, enquadramento, locação, edição,

⁸⁰ Nosso primeiro olhar sobre a narrativa de “*The Mask You Live In*” (2015), deu origem a um capítulo publicado na coletânea *Cinema e Comensalidade 3*. Este capítulo foi construído junto de meus orientadores. SILVA, J. C.; VARGAS, E. P.; FERREIRA, F. R. A identidade masculina e o cuidado à saúde dos jovens: reflexões a partir do documentário “*The mask you live in*”. In: VARGAS, E. P.; CARVALHO, M. C. V. S.; FERREIRA, F. R.; PRADO, S. D. (Org.). **Cinema e Comensalidade 3**. Curitiba: CRV, 2019, v. 01, p. 79-97.

⁸¹ Cena (TONY PORTER, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 1:25:00).

sonorização, colorização, dentre outros. Nada é espontâneo ou uma representação imparcial da realidade, o que existe é uma tomada de posição diante da realidade e uma tentativa de estabelecer um diálogo entre o diretor, sua obra e o público, que pode ver, interpretar e se posicionar a seu modo. Lembrando que a diretora (uma mulher) produz uma narrativa original acerca das masculinidades, seja na abordagem temática, nas escolhas dos participantes, na organização formal ou nas posições políticas e conceituais adotadas.

Jennifer Siebel Newsom⁸² é cineasta, atriz, escritora, palestrante e defensora de mulheres, meninas e suas famílias. Ela é diretora e produtora do documentário *Miss Representation*, de 2011, que explora como as representações da mídia sobre as mulheres levaram à sub-representação de mulheres em posições de poder e influência. Coincidindo com a distribuição de seu filme, Newsom lançou o MissRepresentation.org, um movimento de apelo à ação que dá às mulheres e meninas as ferramentas para realizar todo o seu potencial. Ela também é fundadora e diretora executiva da Girls Club Entertainment, LLC, uma produtora de filmes criada para desenvolver filmes independentes voltados principalmente para o empoderamento das mulheres. Além disso, Newsom é produtora executiva do documentário vencedor do Prêmio Sundance de 2012, *The Invisible War*, de 2012, que expõe a epidemia de estupro nas forças armadas dos EUA. Antes, Newsom trabalhou na África, América Latina e Europa para a Conservation International, uma organização ambiental global, cujo foco principal era proporcionar oportunidades de microempresas para mulheres.

O currículo da diretora e sua atuação profissional colocam-na como uma voz importante nas discussões de gênero entre jovens, e sua abordagem acerca do universo masculino revela uma face invisível (ou silenciada) para os próprios homens. São questões corriqueiras, representações sociais e valores naturalizados na cultura que fazem do documentário *The mask you live in* um importante documento para pensarmos a construção da identidade masculina e os cuidados à saúde, principalmente, entre os jovens. Da mesma forma, o documentário *Miss Representation* é um material valioso para discutir as representações do feminino em sala de aula.

82 Disponível em: <<https://www.imdb.com/name/nm1308076/>>. Acesso em: 31 março 2019.

b) Primeiras cenas: imagens da masculinidade

Logo nas primeiras cenas a questão central do filme se apresenta e produz um incômodo, principalmente, nos espectadores homens, que se veem confrontados com questões que raramente são discutidas no cotidiano. No dia a dia de homens jovens, adultos ou idosos, a fragilidade e a sensação de impotência diante da realidade nunca são discutidas seriamente. Mesmo em momentos de crise social, pessoal ou familiar, um homem de verdade não pode expor suas dúvidas e se expor diante dos demais.

Os papéis sociais da masculinidade e feminilidade são estudados como roteiros distintos em diferentes culturas, são aprendidos no interior da família – referências da mãe ou do pai – mesmo que mais tarde possam ser modificados por influência dos grupos, dos livros e de uma grande variedade de instituições, incluindo escolas, cortes e fábricas. Como aponta Burke (2008, p. 108) “tais roteiros incluem posição, gestos, linguagem e roupas, para não mencionar formas de comportamento sexual”. Para Louro (1997) o processo de “fabricação” dos sujeitos é contínuo e tende a ser sutil, segundo a autora o nosso olhar deve incidir sobre as práticas cotidianas em que todos os sujeitos estão envolvidos, pois nessas práticas “os gestos e as palavras banalizadas precisam se tornar alvos de atenção renovada, de questionamentos e, em especial, de desconfiâncias. A tarefa mais urgente talvez seja exatamente essa, desconfiar do que é tomado como “natural” (LOURO, 1997, p.63, grifo da autora).

Os estudos de Barbieri (1992), apontam para a necessidade de ampliação do olhar sob a realidade de homens e mulheres, de modo que as relações entre mulher-homem, mulher-mulher, e homem-homem em todos os níveis sejam repensadas. Este repensar é particularmente relevante, considerando a etapa da juventude em que muitas questões relacionadas ao aprendizado da sexualidade estão envolvidas. Os jovens são movidos pela construção de elementos ligados às identidades sociais e passam por momentos de inquietação, desejos e experimentação (ECOS, 2010), por meio de um processo de “busca de autonomia e estabelecimento de um projeto de vida individual” (BRASIL, 2011a, p. 11).

O exercício da sexualidade na juventude se constitui em uma das dimensões deste processo marcado por significativas diferenças de gênero. Enquanto as jovens são estimuladas a falar sobre seus afetos, medos e inseguranças, os jovens masculinos, geralmente, não conversam sobre esse tema com suas famílias, nos serviços de saúde ou com seus pares. Há todo um aparato midiático que expressa a

demarcação simbólica desse universo, a exemplo das revistas juvenis voltadas para as jovens (CEZAR; VARGAS, 2014). Tal característica pode resultar numa “menor capacidade de cuidar de sua própria saúde e, por conseguinte, da saúde de sua(seu) parceira(o), deixando-o mais vulnerável a infectar-se pelas doenças sexualmente transmissíveis e pelo HIV/Aids” (BRASIL, 2011b, p. 21). Uma das observações que fortalece a necessidade de atenção a esse grupo está na reprodução do comportamento de homens adultos, que não procuram os serviços de saúde na mesma frequência que as mulheres e não possuem espaços onde possam expressar suas aspirações, afetos e medos em relação a seu corpo, sexualidade, emoções, desejos e inquietações.

Michael Pollack, psicólogo e educador faz o seguinte depoimento no documentário *The mask you live in*: “meninos são encorajados a não falar sobre qualquer tipo de dor com ninguém. E se falarem, os pais, particularmente, mas as mães também, tendem a focar mais em como resolver ou o que vão fazer, ou suas ações”⁸³. Esta constatação nos leva a refletir que a experimentação de um conjunto de sentimentos, situações e questionamentos ao longo do processo de construção da identidade masculina pode agravar a saúde mental dos jovens. Pollack ainda afirma que “o motivo pelo qual homens são menos propensos a mostrar empatia, menos propensos a mostrar vulnerabilidade e menos propensos a criar filhos dessa forma é que foram socializados assim”⁸⁴.

No que tange à vulnerabilidade que permeia o processo de construção da identidade masculina, tal propensão ao encobrimento das emoções também se reflete nas condições de saúde deste grupo. Os espaços destinados às ações de saúde são frequentados tradicionalmente por mulheres, refletindo uma lógica de gênero como traço relevante na assistência à saúde, ainda que uma crítica e esforços estejam presentes nas atuais formulações de políticas de saúde. Gomes *et al.* (2011), por exemplo, reconhecem a existência de lacunas nos serviços para a população masculina. Os autores sinalizam a necessidade de melhorias no atendimento, construindo oportunidades de escuta qualificada das demandas da população masculina. O estudo etnográfico de Vargas, Russo e Heilborn (2010), a exemplo desta necessidade, apontou como os homens de camadas médias em tratamento de infertilidade se sentem constrangidos com os procedimentos médicos aos quais são

⁸³ Cena (MICHAEL POLLACK, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:15:45).

⁸⁴ Cena (MICHAEL POLLACK, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:17:08).

submetidos. Estas necessidades, portanto, se apresentam em diferentes contextos do cuidado à saúde dos homens.

Gomes, Nascimento e Rebello (2008) indicam ainda que um dos desafios a serem enfrentados no contexto da saúde da população masculina consiste na construção de ambientes atrativos à essa população que promovam, por sua vez, o protagonismo dos homens nas ações do setor de saúde, assim como no engajamento em ações e estratégias que culminem na redução das desigualdades no âmbito das relações de gênero. Segundo Sant'Anna (2007), a saúde e educação compartilham campos de conhecimentos que podem contribuir na melhoria das relações entre as condições de vida, trabalho, de saúde e de doença. Os equipamentos sociais do território, dentre eles a escola, podem ser compreendidos como campos potenciais para o desenvolvimento de ações de saúde. Nesse sentido, Ramos *et al.* (2013) entendem que os profissionais devem considerar a dinamicidade presente no território adscrito e desenvolver ações para além dos muros dos serviços de saúde.

Com relação aos jovens, a proposição de ações que promovam o protagonismo juvenil “é parte de um método de educação para a cidadania que prima pelo desenvolvimento de atividades em que o jovem ocupa uma posição de centralidade, e sua opinião e participação são valorizadas em todos os momentos” (ABRAMOVAY, 2002, p. 22). O desenvolvimento de ações que valorizem a participação social favorece o exercício do protagonismo, ao passo que os indivíduos tendem a se tornar sujeitos críticos e cientes de suas potencialidades e atos, o que subsidiará seu protagonismo como autores de suas próprias histórias (BRASIL, 2012).

c) O como e o porquê deste material

Visando uma maior aproximação dos jovens, privilegiamos estratégias atrativas, capazes de discutir temas pertinentes ao cuidado à sua saúde a partir de uma perspectiva educativa que considere os aspectos sociais e culturais envolvidos. Neste ensejo, a pesquisa se beneficia do cinema como uma estratégia educativa para a discussão da temática proposta. Diante da diversidade de obras fílmicas, foi selecionado este documentário, por abordar temas que apresentam forte relação com a identidade masculina na juventude que repercutem nos cuidados à saúde. Optou-se por esta modalidade pois os:

documentários representam o mundo histórico ao moldar o registro fotográfico de algum aspecto do mundo de uma perspectiva ou de um ponto de vista diferente. Como representação, tornam-se uma voz entre muitas numa arena de debate e contestação social (NICHOLS, 2005, p. 73).

Um das justificativas centrais para o uso do cinema na abordagem do cuidado à saúde de homens jovens, reside nas potencialidades do cinema em promover reflexões sobre as situações ainda não vivenciadas ou aquelas já experimentadas pelos jovens que podem ser revisitadas e alvo de novas reflexões.

As relações práticas de homens e meninos com as imagens coletivas ou os modelos de masculinidades, **em vez de uma simples reflexão sobre elas, são centrais para a compreensão das consequências generificadas nos processos de violência, saúde e educação** (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p. 256, grifo nosso).

Outro fator é que esta modalidade privilegia a participação de “personagens sociais que vivem e/ou viveram determinada situação” (MOMBELLI; TOMAIM, 2014, p.6). Parte-se do pressuposto que o cinema pode ser visto como um recurso educativo que promove a aproximação dos jovens com a temática deste estudo, pois os temas a serem discutidos fazem parte de seus cotidianos e são abordados pelo cinema.

O cinema pode ser utilizado como uma estratégia para se discutir as concepções de masculinidade e as interpretações atribuídas pelos homens e mulheres membros de uma sociedade. A interação do espectador com o filme pode permitir a ampliação de seu olhar sobre as questões vivenciadas pelo outro, pois “o cinema nos apresenta o outro no mundo, em sua vida íntima, em sua relação com o espaço, em sua relação com o mundo. O cinema amplifica enormemente a possibilidade de pensar o outro [...]” (BADIOU, 2004, p. 56⁸⁵ *apud* HILGERT; FISCHER, 2016, p. 1239). Nesse sentido, esse projeto de pesquisa poderá contribuir para que os jovens, participantes da pesquisa, discutam os modelos de masculinidade, assim como os fatores que estão relacionados a ela, como o cuidado à saúde, qualidade de vida, corpo e sexualidade.

Para fins de análise do material, foi realizada uma transcrição total dos depoimentos, visando identificar, dentre outros aspectos os temas mais recorrentes e questões centrais. Num universo de 11.278 palavras transcritas, a palavra “cuidado” e suas variantes não são citadas no decorrer do filme, porém a realidade desses

⁸⁵ BADIOU, A. El cine como experimentación filosófica. In: YOEL, Gerardo (Comp.). Pensar el cine 1. Imagen, ética y filosofía. Buenos Aires: Manantial, 2004. p. 23-81.

homens e jovens sugerem a necessidade de se refletir sobre este tema, visto que podemos pensar nesta dimensão da saúde como algo velado, que está em segundo plano, mas que precisa ser percebida (principalmente pelos homens) como algo essencial. As palavras mais frequentes na transcrição foram: meninos, homens, homem, pai, mulheres, masculinidade, vida, meninas, mãe, cultura, violência, filho, mundo, falar, escola. Nos 97' minutos do filme, os homens e jovens são indagados sobre temas de interesse, e os mais frequentemente abordados pelos jovens entrevistados estão relacionados à masculinidade hegemônica, rejeição do feminino, embotamento afetivo e emocional, saúde mental e suicídio. Para fins da presente reflexão trazemos alguns dos depoimentos mais significativos relacionados às masculinidades e que nos permitem dialogar com a literatura sobre o tema. Neste sentido busca-se estabelecer conexões desta temática com o cuidado à saúde, de modo a caracterizar a construção da identidade masculina como parte dos problemas de saúde enfrentados pelos homens.

d) Masculinidade hegemônica x masculinidades

A diferenciação biológica e cultural entre homens e mulheres é abordada por Pierre Bourdieu em “A dominação Masculina”, sendo a primeira marcada pelas diferenças entre os órgãos sexuais, o que seria uma “justificativa natural da diferença socialmente, construída entre os gêneros e, principalmente, da divisão social do trabalho” (BOURDIEU, 2012, p. 10). Enquanto, culturalmente, a diferença se inscreve em legitimar uma relação de dominação, “inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria é uma construção social naturalizada” (BOURDIEU, 2012, p. 16). Essas diferenças também são abordadas pela neurocientista Lise Eliot, no documentário:

Por toda a história, sempre houve essa crença de que homens e mulheres são criaturas fundamentalmente diferentes. Provavelmente, veio da bíblia. Sexo é um termo biológico que se refere aos cromossomos que você tem. Dois X para fêmeas, e X e Y para machos. Gênero é uma construção social. Há expressões de masculinidade e feminilidade, e ambos são espectros que têm interseções⁸⁶.

⁸⁶ Cena (LISE ELIOT, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:12:50).

James Gilligan ao abordar no documentário a sua experiência como psiquiatra e educador, nos auxilia na compreensão do comportamento dominador masculino diante das mulheres:

Passei dez anos trabalhando nas cadeias de São Francisco, em um programa que incluía um projeto de desconstruir e reconstruir o que chamamos de “crença no papel masculino”, ao qual acredito que quase todos os homens na sociedade são expostos. Homens são definidos como superiores e mulheres como inferiores. E, para ser um homem de verdade, você tem que dominar outros homens. Em outras palavras, é uma receita para violência”⁸⁷.

Na perspectiva antropológica, segundo Heilborn (1997), a definição do que é ser homem ou mulher passa por uma elaboração cultural que define essas posições na sociedade, que se distingue da dimensão anátomo-fisiológica caracterizada pelo sexo. Ou seja, na espécie humana, há machos e fêmeas, mas a qualidade de ser homem e ser mulher é realizada pela cultura. Lauretis (1994), afirma que o masculino e o feminino podem ser compreendidos como categorias hierarquicamente complementares, com variações nas diferentes culturas e fortemente conectado a fatores políticos e econômicos locais.

Advindo de estudos de campo sobre desigualdade social, o conceito de masculinidade hegemônica foi construído há duas décadas e tem sido aplicado nos campos da educação, aconselhamento e saúde dos homens. Esse conceito vem sendo utilizado em estratégias de compreensão das práticas de saúde de homens, permitindo abordar a relação da masculinidade e a exposição a situações de risco e, também, lança luz sobre as dificuldades dos homens para atender suas próprias incapacidades e ferimentos (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013).

Os autores chamam a atenção para a associação da masculinidade hegemônica com características negativas “[...] que retratam os homens como não emocionais, independentes, não cuidadores, agressivos e não passionais” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013, p.255). O processo de socialização dos jovens tende a reprimir emoções, como destaca o educador e ativista Tony Porter: “Como meninos, aprendemos cedo a reprimir emoções. Não podemos falar sobre ter medo. Não podemos falar sobre nossas dores. Podemos falar sobre estar furioso. Podemos falar sobre ter raiva. Não podemos falar sobre tristeza”⁸⁸.

⁸⁷ Cena (JAMES GILLIGAN, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 01:07:39).

⁸⁸ Cena (TONY PORTER, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:06:10).

A partir dos estudos de Connell (2000), pôde-se cunhar o termo masculinidades, que reflete a existência de múltiplas formas de masculinidade na sociedade. A concepção de um modelo de masculinidades que contempla a diversidade e a complexidade de ser homem sugere que conceitos como hipermasculinidade, heteronormatividade sejam deslocados de um centro fixo, estruturado e estruturante que conforma e normatiza as experiências dos homens e mulheres sobre o que é ser homem num grupo social, numa época.

Reconhecer a diversidade das juventudes e das masculinidades e a sinergia com o cuidado de si requer, portanto, que seja valorizada a construção de identidades e formas de ser e estar-no-mundo como homem numa perspectiva paralela, fluída, não dominante e concorrente, como propõe a masculinidade hegemônica. Sensibilizar homens jovens e adultos sobre isto, constitui um grande desafio que requer uma abordagem atrativa que seja capaz de promover reflexões sobre as diferentes identidades masculinas, que possa estabelecer conexões entre o exercício da masculinidade e o cuidado de si, do outro, com o meio ambiente, por exemplo. Zanardi (2012) afirma que as masculinidades são construídas e reafirmadas pelos indivíduos e instituições, os homens que não reúnem todos os requisitos de masculinidade tendem a imitar outros homens que são dotados de uma masculinidade hegemônica, a fim de usufruir dos mesmos privilégios que são conferidos aos homens orientados pela masculinidade hegemônica. Ainda segundo a autora, existe uma dinamicidade dentre as masculinidades, o que permite mudanças, reconstruções e contestações que podem culminar em substituições nos modelos de masculinidades hegemônicas.

O exercício da masculinidade hegemônica promove um ambiente assimétrico, ao passo que os homens ascendem sobre as mulheres e outros homens no ensejo de dominação e manutenção de seus privilégios. Nesse contexto, que promove e reforça diferenças, os homens que são vistos como “normais”, que são brancos, sem deficiências e heterossexuais, não têm a sua masculinidade posta à prova na mesma frequência que os homens negros, homossexuais e portadores de deficiências (SIQUEIRA; ANDRADE, 2012). O psiquiatra e educador Terry Koppers, descreve este mecanismo no documentário:

Há uma hierarquia de dominação. Há os sujeitos durões que estão em cima e há os fracotes, as “meninas”, que estão lá embaixo. Esta é a origem do sexismo e da homofobia. No sexismo, é que as meninas não são fortes quanto os meninos. Com a homossexualidade, o homem gay se torna a versão mais estigmatizada da fraqueza e do que é feminino. O que acontece

nas suas relações com outras crianças é que você escolhe alguém que parece fraco nesse sentido. Talvez você faça bullying com ele, talvez seja uma maneira mais sutil de humilhação. E você começa a odiar nele a coisa que você teme em si mesmo⁸⁹.

Assim com a masculinidade, a compreensão do conceito de juventude necessita ser expandida a fim de atender a diversidade deste grupo. Lima (2012), ressalta que:

[...] é preciso reconhecer que a juventude é marcada por sujeitos que compartilham a mesma fase da vida, mas não necessariamente compartilham e vivenciam as mesmas experiências. É necessário considerar as diferentes maneiras de ser jovem – diferenças de classe, étnicas, de gênero, religiosas, de região e de estilos de vida. A juventude apresenta diversidades em sua forma de existir, não podendo ser vista por um modelo único que tende a recortá-la como um fenômeno biológico atrelado a um ciclo vital (LIMA, 2012, p. 282-283).

Para o sociólogo e educador Michael Kimmel, os jovens tendem a se sentirem inseguros em relação à sua masculinidade e se sentem obrigados a afirmá-la o tempo todo⁹⁰. Em relação à necessidade de autoafirmação da identidade masculina, Kimmel afirma que:

A ideia de ser visto como fraco, como mulherzinha, perante os outros homens começa nos primeiros momentos da infância. E continua por toda a vida, tendo que provar aos outros homens que não somos meninas, que não somos mulheres, que não somos gays⁹¹.

Segato (2018) afirma que que as provas de masculinidade se valem da espetacularização e de um exibicionismo indispensável aos homens que tem por função manter a posição masculina, ainda segundo a autora:

O mandato da masculinidade exige que o homem prove que é homem o tempo todo; porque a masculinidade, ao contrário da feminilidade, é um status, uma hierarquia de prestígio, ela é adquirida como um título e deve ser renovada e verificada como tal (SEGATO, 2018, p. 36, tradução nossa⁹²).

Em relação a construção da masculinidade e suas marcas identitárias, Gomes e Nascimento (2006, p. 909) afirmam que esse processo tem como característica a “adoção do status quase que exclusivo de ser ativo, a crença de que deve expressar invencibilidade, a associação do masculino à necessidade de expor-se ao risco, a

⁸⁹ Cena (TERRY KUPPERS, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:25:05).

⁹⁰ Cena (MICHAEL KIMMEL, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:05:28).

⁹¹ Cena (MICHAEL KIMMEL, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:05:21).

⁹² No original: “El mandato de masculinidad exige al hombre probarse hombre todo el tiempo; porque la masculinidad, a diferencia de la femineidad, es un estatus, una jerarquía de prestigio, se adquiere como un título y se debe renovar y comprobar su vigencia como tal”.

naturalização do descontrole sexual (...). Segundo os autores, tal comportamento pode comprometer a adoção de medidas de proteção contra doenças. Tony Porter, educador e ativista, coaduna com os autores citados anteriormente:

Com homem jovem, você aprende que um homem deve sempre estar à caça. Um homem deve sempre ser agressivo. Eles dizem coisas: “Quem é essa? Queria pegar.” “Quero comer.” “Queria fazer um estrago nela.” Se pensar na linguagem, estrago: violência; comer: violência; pegar: objeto; essa: objeto. Estamos ensinando consciente e subconscientemente, de propósito ou sem querer, a não ver humanidade nas mulheres⁹³.

Para Seidler (1989), os homens aprendem a tratar suas emoções e sentimentos como sinais de fraqueza, e, ao mostrar esta fraqueza, sua própria masculinidade é ameaçada. Os homens jovens, ao reproduzirem um comportamento característico da masculinidade hegemônica, num contexto social que não valoriza a reflexão das masculinidades, tendem a reproduzir um comportamento de risco. Para a educadora e cientista política Caroline Heldman, a cultura popular, o estilo de criação e o sistema educacional que as crianças e jovens são expostos são permeados por noções intuitivas de masculinidade e macheza que são ofensivas e danosas. Heldman aponta ainda para os riscos que os homens, sobretudo os jovens, sofrem ao serem vigiados por outros homens por não serem considerados “machos” o bastante⁹⁴. Os comportamentos prescritos são, portanto, passíveis de monitoramento e julgamento, como aponta Nascimento (2014, p.78): “as convenções sociais de gênero impõem um conjunto de referenciais de conduta apropriados aos homens, sob a pena de julgamento e condenação [...]”. Esse mecanismo é aceito e legitimado pela sociedade, pois: “a representação da masculinidade hegemônica enquanto ideal ganha destaque socialmente, uma vez que é compartilhada pela grande maioria da sociedade.” (ZANARDI, 2012, p.17).

Ao longo do documentário são exibidos dados que refletem a vulnerabilidade masculina na sociedade americana, onde 50% dos homens e meninos com problemas de saúde mental não buscam ajuda. Foucault (2010) sinaliza que o cuidado de si deve ser praticado em todos os ciclos da vida. Para o autor, o cuidado tem funções ao longo da vida. Enquanto jovem, é necessário “preparar-se para a vida, armar-se, equipar-se para a existência. No caso da velhice, filosofar é rejuvenescer, isto é, voltar no tempo ou, pelo menos, desprender-se dele, e isso graças a uma atividade de memorização

⁹³ Cena (TONY PORTER, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 1:02:03).

⁹⁴ Cena (CAROLINE HELDMAN, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015,, 0:06:29).

que, para os epicuristas, é a rememoração dos momentos passados” (FOUCAULT, 2010, p. 80-81).

e) O cuidado à saúde entre jovens masculinos

As demandas sociais e de saúde entre jovens masculinos são complexas, pois são constituídas por muitos fatores entre eles e, de modo relevante, pelas representações sociais do masculino, construídas social e culturalmente por longo processo histórico. O que parece ser relevante nesta compreensão é que as diferenças relativas ao gênero são modeladoras das percepções dos jovens em relação às práticas preventivas que dizem respeito à saúde sexual e preventiva. De Cicco (2012) observou em estudo de cunho etnográfico realizado em uma escola pública que as concepções a respeito da prevenção na saúde sexual e reprodutiva, incluindo a prevenção da gravidez, são distintas entre meninos e meninas. Os jovens da pesquisa tenderam a enfatizar nas jovens a responsabilidade pelas práticas preventivas relacionadas à gravidez. Pelos dados dessa pesquisa, não foi identificada falta de conhecimento em relação aos diferentes tipos de infecções associadas à temática das Doenças Sexualmente Transmissíveis (DST), sendo os cuidados relativos ao corpo tematizados nesse contexto e percebidos de modo diferente entre meninos e meninas. Para os jovens entrevistados, o cuidado encontra-se mais vinculado ao sexo feminino, enquanto os homens são vistos como mais sujeitos à infecção por DST, devido às suas atitudes e comportamentos. Houve também no contexto dos depoimentos uma compreensão de haver mais infecção entre as jovens na medida em que estas tendem a conceder o não uso do preservativo na relação sexual mediante a demanda de seu companheiro. Alguns exemplos são apresentados por De Cicco (2012):

Acho mais os homens, porque as meninas são mais cuidadosas com essas coisas relacionadas à limpeza, higiene. O homem não... é mais pra lá, não liga muito (Andressa, 17 anos, feminino).

Acho que o menino, homem, é mais largadão, não gosta de usar essas coisas [camisinha], não gosta de se prevenir. É largadão! (Rafael, 18 anos, masculino) (DE CICCO, 2012, s/p.).

A compreensão diferenciada de meninos e meninas resultam em práticas de cuidado à saúde que trazem consequências para ambos, independente dos tipos de

relações que estes estabeleçam com seus pares. No entanto, chama a atenção o peso das representações do corpo masculino e suas implicações para a saúde, quando as atitudes não correspondem às expectativas sociais. Podemos apontar o desejo de ter filhos e a repartição da tarefa reprodutiva no âmbito das relações conjugais quanto às posições dos homens e mulheres nas questões da sexualidade, da parentalidade e da família (VARGAS, RUSSO, HEILBORN, 2010). São questões que se somam a uma complexa situação de vulnerabilidade social que acabam por determinar as condições de saúde deste grupo.

A cultura do não-cuidado praticada pelos homens está relacionada com a divisão social do cuidado. Barker (2010), ao analisar as pesquisas sobre a divisão dos cuidados (que inclui trabalho doméstico, cuidado infantil), aponta uma desproporcionalidade, sendo as mulheres as responsáveis pela prática do cuidado nas mais diversas sociedades. Para Rangel, Castro e Moraes (2017), a população masculina tende a terceirizar a responsabilidade de sua saúde com uma figura feminina com quem mantenha algum vínculo afetivo ou familiar; os homens associam a sexualidade masculina à doença; invulnerabilidade masculina; aversão ao autocuidado; postergam e procrastinam na procura de cuidado e acessam os sistemas de saúde pelos serviços de emergência. As autoras sinalizam ainda, que outro fator que contribui para o afastamento masculino dos serviços de saúde está na necessidade de afirmação da masculinidade, pois no imaginário social o homem deve ser forte e não demonstrar emoções, sinais de fraqueza – características atribuídas às mulheres. Este comportamento pode contribuir na ocorrência de doenças, lesões e mortes para a população masculina (SCHRAIBER; GOMES; COUTO, 2005).

As abordagens de cuidado de jovens masculinos precisam, entre outros aspectos: “considerar uma linguagem específica, contextualizada e que seja capaz de promover a autonomia e o cuidado de si como eixo de uma intervenção, desconstruindo continuamente a representação da masculinidade como algo que não condiz com ações de cuidado passíveis de serem tomadas por um ‘homem’”. (LIMA, 2012, p. 285). A abordagem do cuidado de si entre jovens inclui a relação com o outro em que estão presentes traços do relacionamento social, como a empatia e demais aspectos ausentes da identidade masculina que se constituem como um desafio à mudança. Estas questões aparecem contempladas no documentário na fala de especialistas:

Empatia e se importar com outras pessoas e se identificar com outras pessoas não são traços ou comportamentos femininos; são comportamentos humanos⁹⁵.

Precisamos desafiar homens e meninos a demonstrarem as melhores partes do seu caráter, a serem as melhores versões de si mesmos como homens e seres humanos. Acho que é um desafio positivo. E muitos homens podem vencer o desafio⁹⁶.

Em relação às vulnerabilidades, segundo Souza (2005, p. 61), os jovens se tornam mais vulneráveis em razão das “[...] tensões e ansiedades geradas por uma identidade constantemente ameaçada e que necessita ser reforçada por meio de comportamentos reafirmadores, viris e agressivos[...]”. Rangel, Castro e Moraes (2017) afirmam que, em nome da afirmação de sua masculinidade, os homens desconsideram os cuidados com a sua saúde.

Para o psicólogo e educador Willian Pollack:

A maneira como meninos são criados faz com que escondam todos os sentimentos naturais, vulneráveis e empáticos atrás da máscara de masculinidade. E, também, quando estão sentindo mais dor, não podem pedir ajuda, porque não serão considerados meninos de verdade. São forçados a isso e sentem vergonha demais para sair disso⁹⁷.

Um exemplo ilustrativo da complexidade do tema envolvendo a vulnerabilidade dos jovens e que tem chamado a atenção dos especialistas é o aumento dos casos de suicídio. Estudos de Toro *et al.* (2009) apontam que os jovens entre 15 e 24 anos fazem parte do grupo de maior risco de suicídio no continente americano. A Argentina registra taxas de suicídio de 2,52 a cada cem mil habitantes; enquanto na Colômbia, onde fora registrada em 2006 uma diferença de gênero, a taxa é de 12 por cem mil homens com idade entre 18 e 24 anos e 4 por cem mil entre mulheres de 15 e 17 anos. No Brasil, em um estudo realizado em Minas Gerais, observou-se que os riscos de morte são mais elevados no decorrer da vida de adolescentes masculinos, quando comparados aos riscos das adolescentes (ABASSE *et al.*, 2009). A realidade dos jovens brasileiros, analisada no Mapa da Violência, aponta que o país registra altas taxas de homicídios entre jovens na faixa etária de 16 e 17 anos. A análise dos dados possibilita a conclusão que os jovens masculinos são os mais atingidos, registrando 93% dos casos de homicídio em 2013. Ao longo de 1980 e 2013, foi registrado um

⁹⁵ Cena (JAMES GILLIGAN, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 1:25:21).

⁹⁶ Cena (JACKSON KATZ, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 1:27:28).

⁹⁷ Cena (WILLIAN POLLACK, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:37:35).

aumento nas taxas de mortalidade relacionadas às causas externas no Brasil de crianças e adolescentes de 0 a 19 anos de idade: os homicídios saltaram de 0,7% para 13,9%, os acidentes de transporte, antes com 2%, subiram para 6,9% e as taxas de suicídios subiram de 0,2% para 1,0% (WAISELFISZ, 2015). Foram registrados entre 2011 e 2016 no Brasil 48.204 casos de tentativa de suicídio, em relação ao sexo das vítimas de 10 a 19 anos de idade, as adolescentes respondem por 24,1% dos casos e os jovens masculinos 17,2% (BRASIL, 2017b).

O enfrentamento das situações de vulnerabilidade na juventude em suas variadas dimensões, incluindo os cuidados à saúde, demanda, portanto, a participação de diversos setores da sociedade que possam compartilhar suas expertises e atuar em torno da construção coletiva de saídas, que estejam em consonância com as demandas dos atores sociais e que promovam, através do diálogo permanente com a população jovem, a transformação de sua realidade.

Alves e Dell’Aglío (2015), ao analisarem as potencialidades do apoio social e os comportamentos de risco de jovens, reforçam a necessidade de intervenções que considerem os ambientes onde os jovens estão inseridos. Segundo os autores, a participação da família e dos professores é importante, pois nesses contextos os jovens podem desenvolver o sentimento de pertencimento e de ligação afetiva. A escola pode ser compreendida como uma aliada na realização de programas de prevenção e tratamento em questões relacionadas à imagem corporal dos jovens (CLAUMANN *et al.*, 2018) e, também, como um espaço para discussão de temas relacionados aos eventos experimentados por eles. Silva Junior (2017) sinaliza que a discussão e a problematização de temas como gênero e masculinidades podem contribuir para a igualdade de gênero e a justiça social.

As narrativas presentes no documentário, além de ilustrar a complexidade da realidade masculina, indicam que a construção de uma cultura de cuidado à saúde demanda o engajamento dos jovens e homens, de suas famílias, do sistema educacional e de saúde, em torno da superação do modelo de masculinidade hegemônica, construindo assim, espaços de cuidado que promovam reflexões, como sugere o educador e ativista Tony Porter: “Muitos de nós seguem as tradições, porque as coisas sempre foram assim. Precisamos que os homens usem os corações e esqueçam as cabeças. Há liberdade fora das definições de masculinidade”⁹⁸. A

⁹⁸ Cena (TONY PORTER, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 1:24:17).

psicóloga e educadora Judy Chu afirma que “Não é de forma alguma para ensinar coisas novas aos meninos. Não é para transformar meninas em meninas, ou em algo que eles não sejam. *É para ajudá-los a seguir ou retornar ao que eles já conhecem*” (grifo nosso)⁹⁹. Jackson Katz, educador e ativista, destaca que “Devemos aos nossos filhos a tentativa de derrubar os sistemas de repressão emocional que levam tantos homens a viver vidas de desespero silencioso e depressão, álcool, abuso de drogas e todas as formas com que homens se automedicam”¹⁰⁰.

f) Cenas finais

Assim, como nos aponta Carlos Hagedorn, educador e ativista no documentário *The mask you live in*, os jovens masculinos – mas arriscaríamos dizer que os adultos também – não sabem o que fazer com a própria dor. Um modo de acabar com esta questão seria dar aos meninos “permissão” para sentir dor, chorar e desenvolver suas emoções.

É urgente pensarmos sobre os efeitos desse modelo de masculinidade hegemônica, que ganha corpo em tempos atuais de valorização da dominação masculina e de uma tentativa equivocada de relegar ao feminino o papel de “bela, recatada e do lar”, com meninos vestindo um azul viril e as meninas vestindo uma cor rosa inocência. Trata-se de um modelo falido, muito limitado e que induz homens de todas as idades ao adoecimento psíquico e, em alguns casos, leva até ao suicídio. A incapacidade de lidar com a dor, o sofrimento, a angústia e os limites e dissabores naturais da existência fazem com que os homens simplesmente não tenham condições emocionais de lidar com os próprios sentimentos. Este modelo também é danoso com as mulheres ao relegá-las a um papel instrumental e de coadjuvante, ou seja, um modelo que parte de equívocos estruturais acerca da sexualidade e da vida nas sociedades contemporâneas.

O filme *The mask you live in* (2015) é um material didático muito eficaz e totalmente adequado para pensarmos os lugares sociais e as assimetrias entre os gêneros. Outros trabalhos da diretora Jennifer Siebel Newsom, como o documentário *Miss Representation*, que trata da sub-representação de mulheres em postos de comando, também são boas ferramentas de ensino para fomentar a discussão dos

⁹⁹ Cena (JUDY CHU, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 1:25:06).

¹⁰⁰ Cena (JACKSON KATZ, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 01:25:33).

papéis sociais e das representações sociais em sala de aula. A arte, representada aqui pela linguagem do cinema, pode ser um bom remédio para este mundo doente em que meninos se agridem e se matam, meninas são desvalorizadas e agredidas, adultos adoecem e buscam uma saída na agressividade, no conservadorismo e no reacionarismo.

Nesse sentido, o cinema pode ser visto como um recurso que deflagra temas, ilustra situações que podem ser problematizadas, já que as obras fílmicas, desde os filmes comerciais aos documentários, compilam diversas marcas identitárias das masculinidades e suas relações em contextos específicos na sociedade. Acreditamos, portanto, que a arte pode nos salvar da ignorância. Os(as) nossos(as) alunos(as) precisam ver e discutir esses documentários¹⁰¹.

¹⁰¹ O documentário “*Miss Representation*” está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gx-Ou03fj0c>. Acesso em 23 de setembro de 2020.

5 O APROFUNDAMENTO DAS QUESTÕES EM PRIMEIRO PLANO

5.1 As dimensões estruturantes e estruturadas da construção da Identidade Masculina e suas imbricações com o Cuidado à Saúde entre Jovens

As representações sobre o que é “ser homem”, de como “se portar” e o que fazer para ser considerado “homem” e os “valores” inerentes ao “universo masculino” são ensinadas e aprendidas ao longo da socialização dos meninos¹⁰² e homens jovens. Nesse processo, um conjunto de normas e prescrições são transmitidos, tanto na socialização primária etapa na qual as figuras paternas e maternas participam ativamente, quanto na socialização secundária que conta a participação de outros espaços e atores sociais.

5.1.1 Masculinidades Vigeadas¹⁰³: a negação do feminino e o distanciamento do cuidado

Os prescritivos culturais são comunicados simbolicamente por meio do discurso, dos comportamentos, das conformidades dispostas na organização dos grupos sociais, tais como, a família, a escola e estão presentes nas instituições. Os prescritivos transmitidos no decorrer da socialização são atravessadas pela cultura e são, portanto, representações. Nessa seção, buscamos problematizar as questões levantadas no documentário “*The Mask You Live In*” (2015) com vistas a compreender os prescritivos culturais em torno da construção da identidade masculina presentes na socialização dos meninos e jovens e suas imbricações com o cuidado à saúde na juventude masculina. Nosso primeiro olhar sobre os prescritivos culturais em torno da construção da identidade masculina, se dá nos primeiros minutos do documentário,

¹⁰² Compreendemos ser necessário incluir os meninos nessa abordagem, pois a socialização “é um processo essencialmente ativo que se desenrola durante toda a infância e adolescência por meio das práticas e das experiências vividas” (BELLONI, 2007, p. 58). Dessa forma, ainda que o recorte desse estudo se concentre na problematização de questões referentes aos homens jovens, incluir os meninos constitui reconhecer que o processo de construção de identidades se dá num continuum que atravessa as representações construídas em torno da idade.

¹⁰³ Parte das discussões apresentadas nessa seção, foram apresentadas na forma de comunicação oral na XIII Jornada do Programa de Pós-graduação em Antropologia da Universidade Federal Fluminense realizada entre os dias 11 e 14 de novembro de 2019.

onde podemos encontrar um conjunto de vozes masculinas *em off* que são articuladas com cenas de homens de diferentes idades. Reproduzimos a seguir as vozes:

- Pare de sentir.
- Se componha.
- Não seja bobão.
- Não seja bichinha.
- Não deixe que te desrespeitem.
- Seja bacana e meio babaca.
- Sempre fique de boca fechada.
- Ninguém gosta de linguarudos.
- Que *viado*.
- Sua bichinha.
- Não deixe uma mulher te dominar.
- Amigos primeiro, vadias depois.
- Faça sexo.
- Seja homem.
- Tenha culhão.
- Ei, vira homem!
- Vira homem!
- Vê se arruma culhões!
- Seja macho¹⁰⁴.

No documentário essa articulação é utilizada para a apresentar a temática e também para deflagrar no espectador o recrutamento de suas memórias, experiências e concepções acerca da imagem masculina. De acordo com Baltar (2019) essa articulação tende a provocar no expectador uma '*impassividade*' diante do argumento. Para Almeida (2009) a construção do filme tende a afetar o espectador, as etapas e os recursos empregados na seleção e a edição das imagens, assim como a ambiência das filmagens e o uso de imagens impactantes, nas palavras do autor tem por finalidade:

Essas figuras o conduzirão a seu mundo interior. Com seus medos, ideias, fantasias, aspirações, moral etc... O espectador será conduzido por elas a seu mundo interior. Povoarão seus conflitos. Darão conselhos, darão pavor, darão conforto, indicarão o caminho. Com seu caráter extraordinário, substituirão e fundir-se-ão com imagens anteriores (ALMEIDA, 2009, p. 53).

Algumas dessas frases que compõem o bloco de abertura do documentário, são transmitidas aos meninos e jovens pelos agentes que detém concepções do que é "ser homem" e, por vezes, a comunicação dessas sentenças não são compreendidas pelos agentes como prescritivos de virilidade e tampouco como normas que compõem o *ethos* masculino. As masculinidades são vigiadas a partir de olhares e por meio de vozes presentes na socialização dos homens jovens, que já

¹⁰⁴ Cena (VOZES EM OFF, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:01:39).

foram meninos e são vistos como futuros homens adultos¹⁰⁵. Sendo assim, essas concepções perpassam a formação sobre o que é “ser homem”, de como “se comportar” e o “que fazer” para ser considerado “homem” e quais são os “valores” inerentes ao “universo masculino” essas concepções são ensinadas e aprendidas ao longo da socialização dos meninos e jovens.

Em outro momento do documentário, Heldman¹⁰⁶ afirma que, os meninos e jovens são colocados “[...] nesse caminho através da cultura popular, do estilo de criar filhos, do sistema educacional e pelas noções intuitivas de masculinidade e macheza que transmitimos que são incrivelmente ofensivas e danosas”¹⁰⁷. Os prescritivos transmitidos aos meninos e jovens no ensejo de contribuir com a construção de suas identidades masculinas tendem a reforçar a incorporação de comportamentos e valores que são fortemente relacionadas às representações de virilidade. A fim de compreender tais qualidades, recorreremos aos construtos de Corbin, Vourtine e Vigarello (2013):

A virilidade é marcada por uma tradição imemorável: não simplesmente o masculino, mas sua natureza mesma, e sua parte mais ‘nobre’, senão a mais perfeita. **A virilidade seria virtude, cumprimento.** A *virilitas* romana, da qual **o termo é oriundo, permanece um modelo, com suas qualidades, claramente enunciadas: sexuais, aquelas do marido ‘ativo’, poderosamente constituído, procriador, mas também ponderado, vigoroso e contido, corajoso e comedido.** O *vir* não é simplesmente *homo*; o viril não é simplesmente o homem: ele é antes **ideal de força e virtude, segurança e maturidade, certeza e dominação.** Daí esta situação tradicional de desafio: **buscar o ‘perfeito’, a excelência,** bem como o **‘autocontrole’.** Qualidades numerosas enfim, entrecruzadas: ascendência sexual misturada a ascendência psicológica, força física à força moral, coragem e grandeza acompanhando força e vigor (CORBIN; VOURTINE; VIGARELLO, 2013, p. 7, grifo nosso).

Os prescritivos dirigidos aos meninos e jovens no decorrer do processo de socialização são atravessadas pela cultura e são, portanto, representações que permeiam o imaginário social sobre a imagem, postura e papéis que são atribuídos aos homens. Para Ramírez (2019):

A vigilância social do cumprimento dos mandatos que moldam a identidade de gênero dos homens é rigoroso e se estende por toda a vida; evitá-lo é uma tarefa que enfrenta grande resistência porque é uma parte constitutiva da subjetividade e intersubjetividade vivenciada pelos homens individual e

¹⁰⁵Embora o estadiamento descrito na sentença possa soar como uma redundância, torna-se relevante destacar que essa transição é fruto de um processo construído socialmente, portanto, não é algo dado.

¹⁰⁶ Caroline Heldman (especialista depoente no documentário) é cientista política e educadora.

¹⁰⁷ Cena (CAROLINE HELDMAN, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:06:28).

coletivamente. Os mandatos de masculinidade dificilmente são flexíveis porque são construídos sob critérios binários (RAMÍREZ, 2019, p. 2, tradução nossa¹⁰⁸).

Em “*The Mask You Live In*” (2015), Michael Kimmel¹⁰⁹, faz a seguinte provocação¹¹⁰: “Se entrar em qualquer *playground* nos Estados Unidos em que haja um grupo de meninos brincando alegremente, pode começar uma briga com a pergunta: “Quem aqui é a mulherzinha?” Kimmel tem como resposta:

E dois meninos vão começar: “Não, é ele. É ele” e eles vão brigar ou todos os meninos vão dizer: “é ele. É ele.” E esse menino vai lutar contra todos ou voltar para casa chorando. **A ideia de ser visto como fraco, como mulherzinha, perante os outros homens começa nos primeiros momentos da infância. E continua por toda a vida, tendo que provar aos outros homens que não somos meninas, que não somos mulheres, que não somos gays** ¹¹¹ (grifo nosso).

Para Vale de Almeida (1996), a construção da identidade masculina é um processo vivido distintamente pelos homens, que não deve ser compreendido como uma “[...] mera formulação cultural de um dado “natural”, porque é marcado por assimetrias e hierarquias, essas assimetrias estão relacionadas à heterossexualidade e a homossexualidade, enquanto que as hierarquias contemplam as representações de ser mais ou menos “masculino” (VALE DE ALMEIDA, 1996, p. 163). Já, para Louro (2019, p.12), “as identidades de gênero e sexuais são, portanto, compostas e definidas por relações sociais, elas são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade”. Heldman aponta que: “A masculinidade não é orgânica, e reativa. Não é algo que se desenvolve sozinha. **É a rejeição a tudo que é feminino**” ¹¹². Louro (2019, p.12) ao problematizar a concepção que toma a sexualidade das mulheres e homens como algo “dado” e “natural”, afirma que tal concepção está ancorada na compreensão do “... corpo e na suposição de que todos vivemos nossos corpos, universalmente, da mesma forma”. Diante de tais concepções atribuídas ao corpo e a natureza, a autora pondera que:

¹⁰⁸ Encontramos no original: “La vigilancia social sobre el cumplimiento de los mandatos que configuran la identidad de género de los hombres es rigurosa y se extiende a lo largo de la vida; eludirla es una tarea que enfrenta grandes resistencias porque es parte constitutiva de la subjetividad e intersubjetividad vivida por los hombres de manera individual y colectiva. Los mandatos de la masculinidad dificilmente se flexibilizan porque se construyen bajo criterios binários”.

¹⁰⁹ Michael Kimmel (especialista depoente no documentário) é sociólogo e educador.

¹¹⁰ Cena (MICHAEL KIMMEL, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:04:45)

¹¹¹ Cena (MICHAEL KIMMEL, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:04:58).

¹¹² Cena (CAROLINE HELDMAN, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:05:56, grifo nosso).

nada há de exclusivamente “natural” nesse terreno, pois “a sexualidade envolve rituais, linguagens, fantasias, representações, símbolos, convenções... Processos profundamente culturais e plurais”, nessa perspectiva, a partir dos processos culturais podemos definir, produzir e transformar a natureza e compreender esse processo como uma construção histórica (IDEM).

Em relação ao *ethos* masculino e os *ritos de instituição* Bourdieu (2012) afirma que:

Eles se inscrevem na série de operações de diferenciação visando a destacar em cada agente, homem ou mulher, os signos exteriores mais imediatamente conformes à definição social de sua distinção sexual, ou a estimular as práticas que convêm a seu sexo, proibindo ou desencorajando as condutas impróprias, sobretudo na relação com o outro sexo (BOURDIEU, 2012, p. 35).

“Ser homem” implica ainda em:

ser masculinos e cumprir seu papel de gênero socialmente atribuído: para serem provedores, eles são liberados do emocional e são exigidos confiança, segurança e virilidade, ao mesmo tempo que lhes é indicada a vestimenta “masculina” adequada e lhes são atribuídas características estereotipadas, como ser pessoas com trabalho remunerado ou que não participam do trabalho doméstico; Além disso, eles devem ser independentes, racionais, agressivos, dominantes e ativos (CONSEJO NACIONAL PARA PREVENIR LA DISCRIMINACIÓN, 2012, p. 23, tradução nossa¹¹³).

Os prescritivos comunicados simbolicamente na socialização dos meninos e jovens para que esses sejam considerados “homens”, além de primarem pela rejeição do feminino, tendem também a impor que os homens aprendam a dominar e silenciar suas emoções, segundo Tony Porter¹¹⁴:

Como meninos, aprendemos cedo a reprimir emoções. Não podemos falar sobre ter medo. Não podemos falar sobre nossas dores. Podemos falar sobre estar furioso. Podemos falar sobre ter raiva. Não podemos falar sobre tristeza¹¹⁵.

Ramos Padilla Ramírez (2018) afirmam que a ridicularização e a humilhação são instrumentos eficazes de repressão de emoções dos meninos e jovens, tais instrumentos se valem de provocações e questionamentos em relação à masculinidade, dessa forma,

¹¹³ No original: “*los hombres deben ser masculinos y cumplir con su rol de género asignado socialmente: ser proveedores, se les releva de lo emocional y se les exige confianza, seguridad y virilidad, al tiempo que se les señala la vestimenta “masculina” adecuada, y se les atribuyen características estereotipadas como ser personas con trabajo remunerado o que no participen en las labores domésticas; además, tienen que ser independientes, racionales, agresivos, dominantes y activos*”.

¹¹⁴ Tony Porter (especialista depoente no documentário) é educador e ativista.

¹¹⁵ Cena (TONY PORTER, In: MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:06:11).

o garoto, pela força da repressão para evitar vergonha, não os identificará, mas com o tempo é possível que os confunde com emoções socialmente permitidas de se expressar, como raiva, porque pode ser usado como um meio de submissão a outras pessoas” (RAMOS PADILLA RAMÍREZ, 2018, p. 15, tradução livre¹¹⁶).

Diante de tais prescritivos, os meninos, jovens e homens estão, portanto, sob um constante ritual de patrulha, com afirma Heldman: “E há todo um sistema social que os **vigia através da ameaça velada dos outros homens se não forem machos o bastante**”¹¹⁷. Em relação à identidade masculina, Vale de Almeida (1996, p.163, grifo nosso), considera que a “[...] definição, aquisição e manutenção constitui um processo **social frágil, vigiado, autovigiado e disputado**”. Os homens vigiam os outros homens “do alto” de suas masculinidades, e, desse ponto-de-vista eles podem dominar os seus pares. Segundo Tony Porter, os estereótipos de masculinidade valorizados socialmente pelos homens são representados na figura de um homem dominador, agressivo, ou seja, um clássico representante da hipermasculinidade¹¹⁸.

Em seus estudos Vale de Almeida (1996, p. 162) aponta ser possível encontrar ao menos dois modelos de masculinidade, que por sua vez, são interdependentes, de acordo com o autor, “a masculinidade hegemônica é um consenso vivido” e “as masculinidades subordinadas não são versões excluídas, existem na medida em que estão contidas na hegemonia”. Os construtos de Bourdieu (2012, p. 46), quando aplicados a esse contexto, nos auxiliam na compreensão dessa relação de dominação: “os dominados aplicam categorias construídas do ponto de vista dos dominantes às relações de dominação, fazendo-as assim ser vistas como naturais”.

Os efeitos da masculinidade hegemônica sobre a vida de homens e mulheres estão centrados no controle, sendo que, esse controle se manifesta nos atravessamentos discursivos de dominação e ascensão social sobre outros homens e mulheres, o que autoriza que os homens constituam uma categoria social, pelo fato de serem homens e façam uso dos privilégios inerentes a essa categoria social (VALE DE ALMEIDA, 1996). E, para ascender a essa categoria, segundo James Gilligan¹¹⁹, um dos prescritivos impostos aos meninos e jovens se baseia em: “[...] para ser um

¹¹⁶ No original: “*El muchacho, a fuerza de reprimirlas para evitar la vergüenza, ya no las identificará con el paso del tiempo y es posible que las confunda con emociones que socialmente sí se le es permitido expresar, como la ira, porque esta puede ser utilizada como medio de sometimiento a las demás personas*”.

¹¹⁷ Cena (CAROLINE HELDMAN, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:06:28, grifo nosso).

¹¹⁸ Cena (TONY PORTER, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:51:00).

¹¹⁹ James Gilligan (especialista depoente no documentário) é psiquiatra e educador.

homem de verdade, você tem que dominar outros homens”¹²⁰. De acordo com Bourdieu (2012):

Homens são educados no sentido de reconhecer os jogos sociais que apostam em uma forma qualquer de dominação; jogos estes que lhes são designados, desde muito cedo, e sobretudo pelos ritos de instituição, como dominantes, e dotados, a este título, da libido *dominandi*; o que lhes dá o privilégio, que é uma arma de dois gumes, de se entregarem seguidamente aos jogos de dominação (BOURDIEU, 2012, p. 93).

A vigilância sobre a masculinidade também acontece entre os homens jovens, como cita Kimmel: “o que temos nos campi universitários são **homens desesperados para provar sua masculinidade. Então há rapazes de 18 anos querendo se provar para os de 19 anos**”¹²¹. A vigilância pode incluir as conquistas sexuais e afetivas dos rapazes, Malcher (2002) se empenhou em compreender os impedimentos e as diferenças atribuídas pelos homens jovens em relação ao amor e ao sexo:

entre os jovens, se fala de amor, sejam homens ou mulheres. Porém, entre **os homens, falar em amor ainda é algo não muito bem-visto, não é algo 'natural' ou até 'próprio' de se falar, como se costuma dizer: não é com qualquer homem que se fala de amor, mas sim com os parentes e amigos mais próximos. Conversas sobre este tema podem ser ainda consideradas como 'coisas de mulher'**, e quem discute sobre ele pode ser visto como alguém, de certo modo, 'efeminado'. **Fala-se sobre sexo também com frequência**, porém, da mesma forma, os espaços e as pessoas com quem se fala de sexo devem ser muito bem delimitados, pois **o olhar dos pares quando se fala, por um lado, de amor ou, por outro, de sexo, pode ser bastante reprovador** (MALCHER, 2002, p. 66, grifo nosso).

Outros agentes participam da vigilância das masculinidades dos meninos e jovens, como as mães, como aponta William Pollack¹²²: “As mães escutam que se abraçarem demais seus meninos, vão prejudicar o desenvolvimento deles. Ele vai virar um filhinho da mamãe”¹²³. Frente ao medo de comprometer a construção da identidade masculina de seus filhos, Bourdieu (2012, p.35) sinaliza que o sentido dos *ritos de separação* praticado pelas mães “têm por função emancipar um menino com relação à sua mãe e garantir sua progressiva *masculinização*, incitando-o e preparando-o para enfrentar o mundo exterior”. Sobre o binômio mãe-filho, Foucault (2008) considera que esta relação é:

¹²⁰ Cena (JAMES GILLIGAN, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 1:07:36).

¹²¹ Cena (MICHAEL KIMMEL, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 1:04:53, grifo nosso).

¹²² William Pollack (especialista depoente no documentário) é psicólogo e educador.

¹²³ Cena (WILLIAM POLLACK, In: THE MASK YOU LIVE IN” (2015, 0:16:26).

caracterizada concretamente pelo tempo que a mãe passa com o filho, pela qualidade dos cuidados que ela lhe dedica, pelo afeto de que ela dá prova, pela vigilância com que acompanha seu desenvolvimento, sua educação, seus progressos, não apenas escolares, mas físicos, pela maneira como não só ela o alimenta, mas como ela estiliza a alimentação e a relação alimentar que tem com ele — tudo isso constitui, para os neoliberais, um investimento, um investimento mensurável de tempo, um investimento que vai constituir o quê? Capital humano, o capital humano da criança, capital esse que produzirá renda. Essa renda será o quê? O salário da criança quando ela se tornar adulta. [...]. Pode-se, portanto, analisar em termos de investimento, de custo capital, de benefício do capital investido, de benefício econômico e de benefício psicológico, toda essa relação que podemos [chamar], se vocês quiserem, de relação formativa ou relação educacional, no sentido bem amplo do termo, entre mãe e filho (FOUCAULT, 2008, p. 334-335).

Nos grupos de homens, segundo Jackson Katz¹²⁴, é possível encontrar uma demarcação de normas de convivência. Ao agir dentro das conformidades do grupo são conferidos benefícios através de sistemas de compensação:

Há forças na cultura da camaradagem masculina que deixa os homens em silêncio. Mesmo os homens que sabem que há algo errado. Não dizem nem fazem nada porque calculam que se disserem ou fizerem alguma coisa vão perder status dentro dessa cultura¹²⁵.

Michael Kimmel, coaduna:

Então você ganha solidariedade horizontal com seus irmãos, e hierarquia [...]. A regra mais importante do “código do homem” é que você nunca entrega um irmão¹²⁶.

A vigilância das masculinidades se valem de mecanismos como a violência simbólica, um conceito cunhado por Bourdieu (2012), que a classifica como uma:

[...] violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento ou, em última instância, do sentimento (BOURDIEU, 2012, p.7-8).

Esse mecanismo exige que os meninos e jovens ofereçam “provas” de suas masculinidades e, sendo a masculinidade algo imaterial, cabe aos meninos e jovens adotarem comportamentos que estejam alinhados com as concepções de masculinidade vigentes em seus grupos. Ao terem que “reforçar” os estereótipos

¹²⁴ Jackson Katz (especialista depoente no documentário) é educador e ativista.

¹²⁵ Cena (JACKSON KATZ, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 1:06:59).

¹²⁶ Cena (MICHAEL KIMMEL, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 1:04:53).

masculinos, a identidade masculina dos meninos e jovens podem ser modeladas pela concepção de que “ser homem” tem por condição adotar a hipermasculinidade e a *heteronormatividade* como pilar da identidade masculina. De acordo com o Consejo Nacional para Prevenir la Discriminación (2012) a heteronormatividade se baseia em:

estereótipos de gênero, que são concepções sociais e modelos de como deveriam agir mulheres e homens. Deles está condicionado a pessoas que atendam às expectativas sociais e familiares, e coloca-os em espaços e atividades separadas **por gênero (mulheres em espaços domésticos ou atividades relacionadas a cuidados familiares e homens em espaços públicos e de poder e em atividades ao ar livre ou esforço físico e intelectual)**. Além disso, os estereótipos envolvem desigualdades e desvantagens que restringir o acesso e as oportunidades das pessoas feito de ser biologicamente feminino ou masculino, hetero ou não heterossexual (CONSEJO NACIONAL PARA PREVENIR LA DISCRININACIÓN, p. 23, grifo e tradução¹²⁷ nossos).

Louro (2019), compreende que as identidades sociais são definidas no âmbito cultural e histórico, de acordo com a autora, os sujeitos possuem múltiplas e distintas identidades que são recrutadas mediante aos diferentes contextos institucionais ou nos grupamentos sociais onde os sujeitos transitam ou fazem parte, de acordo com a autora:

Reconhecer-se numa identidade supõe, pois, responder afirmativamente a uma interpelação e estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social de referência. Nada há de simples ou de estável nisso tudo, pois essas múltiplas identidades podem cobrar, ao mesmo tempo, lealdades distintas, divergentes ou até contraditórias (LOURO, 2019, p. 13).

A identidade masculina pode ser colocada sob juízo, embora, a mesma possa ser apontada ou endereçada para atitudes de um homem que não é másculo, viril e forte o “bastante”, dessa forma, os outros pares classificam como “a margem do padrão”. O processo de negação e comparação da identidade de masculina pode vir a gerar a negação de elementos distintivos, tais como, os comportamentos tidos como “femininos”, esse processo de negação do feminino na socialização dos meninos e jovens contempla o cuidado.

¹²⁷ No original: “*estereotipos de género, que son concepciones y modelos sociales de cómo deben actuar las mujeres y los hombres. A partir de ellos se condiciona a las personas a cumplir con expectativas sociales y familiares, y se les ubica en espacios y actividades separadas por género (las mujeres en espacios domésticos o actividades relacionadas al cuidado familiar y los hombres en los espacios públicos y de poder y en actividades al aire libre o de esfuerzo físico e intelectual)*. Además, los estereotipos implican desigualdades y desventajas que restringen el acceso y las oportunidades de las personas por el hecho de ser biológicamente mujeres u hombres, heterosexuales o no heterosexuales”.

Como abordamos nas perspectivas teórico-metodológicas desse estudo, a identidade masculina tende a reforçar o distanciamento dos homens das práticas de cuidado, à medida que é atribuída às mulheres o papel de cuidadoras da casa, das pessoas, os homens participam das dinâmicas de cuidado como sujeitos aceptores do cuidado. Esse processo, tem dentre outros fatores, a negação do feminino como matriz do distanciamento dos homens do cuidado. No ensejo de compreender esse processo, recorreremos os estudos sobre “Man’s Box¹²⁸” de KIVEL (2010) e HEILMAN, BARKER, HARRISON (2017). Já, Kivel (2010) compreende a caixa como uma “metáfora para as pressões que todos os meninos devem responder, a possibilidade de que um menino terá o controle sobre as condições de sua vida varia de acordo com sua raça, classe e cultura” (KIVEL, 2010, p. 84, tradução nossa). Apresentamos a “caixa dos homens”:

Figura 4: Caixa dos Homens “Act-Like-a-Man” Box



Fonte: Elaboração do autor e adaptado de (KIVEL, 2010)¹²⁹.

A caixa dos homens reúne os comportamentos, as expectativas sociais que são dirigidas aos homens, incluindo os jovens. Caso os homens não atendam essas

¹²⁸ Paul Kivel desenvolveu o conceito e lançou outros olhares sobre a temática em seu livro “Boys Will Be Men Raising Our Sons for Courage, Caring, and Community” em 1999. Desde então outros estudos abordam a “caixa do homem”, como: “**The Man Box: A Study on Being a Young Man in Australia**”. Disponível em: <https://jss.org.au/wp-content/uploads/2018/10/The-Man-Box-A-study-on-being-a-young-man-in-Australia.pdf>. Acesso em 23 de outubro de 2020. E Tony Porter publicou em 2016: “*Breaking Out of the Man Box: The Next Generation of Manhood*”.

¹²⁹ O original pode ser consultado no **Anexo III**.

injunções podem ser aplicados desde insultos e outras formas de violência e isolamento. As expectativas sociais e comportamentos reunidos no centro da caixa não contemplam as práticas de cuidado, nesse sentido, o cuidado é uma prática marginal e incompatível que está em disputa com *ethos* masculino. Demonstrar publicamente ser um homem afeito ao cuidado, pode incorrer em sanções e prejuízos a imagem de um homem.

Encontramos no depoimento de Heldman indicativos dos prejuízos da hipermasculinidade e hiperfeminilidade.

Os produtos para meninas estão mais rosas. E os produtos pra meninos estão muito mais militares e violentos. E não só os brinquedos, mas também os programas de televisão e os filmes. **Essa hipermasculinização e hiperfeminização refletem a tensão cultural e o medo do fato de que o gênero é construído socialmente.** Então respondemos de maneiras que tentam organizar e simplificar o mundo, mas que acabam por simplifica-los a tal ponto que **pressiona homens e mulheres a se encaixarem em moldes**¹³⁰.

A caixa dos homens é objeto de outro estudo desenvolvido por Heilman, Barker e Harrison (2017), segundo os autores, a construção da identidade masculina possui sete pilares que compõem a “caixa da masculinidade”, no escopo do estudo, os “homens de verdade” deveriam reunir as seguintes características e comportamentos (HEILMAN; BARKER; HARRISON, 2017):

Um homem deve ser autossuficiente: compete aos homens resolverem seus problemas sem recrutar a ajuda de terceiros, desta forma, um “homem de verdade” não fala sobre seus medos e não gasta seu tempo preocupado;

Um homem deve ser forte: um homem deve demonstrar sua força física para defender sua honra e, ainda que experimente momentos de insegurança, um “homem de verdade” deve manter-se firme.

Um homem de ser atraente fisicamente: este pilar se ampara em três pontos: aparência física; a atratividade física; e o cuidado pessoal dos homens. Compete ao um “homem de verdade” atingir esses ideais, mas sem demonstrar esforço.

Um homem tem que ser hipersexualizado: um “homem de verdade” deve adotar um comportamento “predador” e está sempre disposto a fazer sexo e ser bem sucedido em suas conquistas sexuais.

A adoção da heterossexualidade como modelo e o uso da homofobia: um “homem de verdade” deve ser heterossexual e ter aversão aos homossexuais, pois estes não são “homens de verdade.

Um homem deve ser agressivo e ter controle: um “homem de verdade” usa quando necessário a violência para obter respeito; no casamento um homem exerce controle sobre as decisões; e um homem controla os passos de suas parceiras.

¹³⁰ Cena (CAROLINE HELDMAN, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:14:38).

Um homem deve saber ocupar seus papéis: esse o pilar se estrutura a partir da divisão das tarefas e cuidados infantis a partir do gênero; compete a um "homem de verdade" ser o provedor e o responsável pelo bem-estar de sua família. Nesse sentido, não é adequado que um homem aprenda a cozinhar, limpar a casa e a cuidar dos filhos (Adaptado de HEILMAN; BARKER; HARRISON, 2017).

A problematização das narrativas de *"The Mask You Live In"* (2015) nos permitiu compreender que a socialização dos homens jovens se estrutura a partir da a rejeição do feminino, um prescritivo cultural que normatiza os comportamentos e valores tidos como masculinos, o que pode refletir no distanciamento das práticas de cuidado à saúde e autocuidado entre os homens jovens. Como analisa Parrini e Hernández (2012): "a socialização dos homens não contempla o autocuidado, o cuidado à saúde e o cuidado de terceiros pois considera uma tarefa feminina (p. 65, tradução nossa¹³¹).

Ajustar-se, compulsoriamente, às prescrições de virilidade. Adequar-se, arbitrariamente às convenções ditadas por instituições como a escola, o serviço militar, o mercado de trabalho e outras instâncias. O percurso de construção da identidade masculina e os processos que alguns meninos e jovens percorrem sem ao menos compreender que o processo de construção de suas respectivas identidades masculina, em razão de sua natureza singular, não devem ser alvo de ajustes, alinhamentos e/ou padronagens. E, como os meninos e jovens participam desta estrutura que os domina através da vigilância?

De acordo com Bourdieu (2012):

Quando os dominados aplicam àquilo que os domina esquemas que são produto da dominação ou, em outros termos, quando seus pensamentos e suas percepções estão estruturados de conformidade com as estruturas mesmas da relação da dominação que lhes é imposta, seus atos de conhecimento são, inevitavelmente, atos de reconhecimento, de submissão. (BOURDIEU, 2012, p. 22).

A partir das narrativas dos depoentes de *"The Mask You Live In"* (2015) aqui apresentadas e problematizadas, compreendemos que os meninos e jovens participam desse processo incorporando a dominação. Bourdieu (2012, p.32) alerta que ser comparado a uma mulher, ser "acusado" de homossexual, constitui, nas palavras do autor, "a pior humilhação, para um homem". Ao problematizarmos as narrativas em *"The Mask You Live In"* (2015) podemos localizar nos discursos um

¹³¹ No original: "la socialización masculina no incluía el autocuidado y el cuidado de la salud; el cuidado de sí y de otros era considerado una tarea femenina".

conjunto de prescritivos, os classificamos dessa forma em razão dos imperativos empregados nas sentenças e dos potenciais efeitos modeladores que possam exercer no processo de construção da identidade masculina dos meninos e jovens.

Compreendemos que os papéis ocupados pelos pais no processo de socialização dos meninos e jovens são legitimados socialmente e, que como agentes desse processo lhes são imputadas responsabilidades ao aplicar, transmitir e vigiar as normas por eles prescritas sob o pretexto de “educar” e “informar” e “cuidar” de seus filhos. Na visão de Heilman, Barker e Harrison (2017, p.12, tradução nossa¹³²), os pais e outros agentes “o conjunto de crenças veiculadas por pais e mães, famílias, meios de comunicação, pares, mulheres e outros atores da sociedade, pressionam os homens a agir de determinada forma”.

Os homens podem comunicar suas percepções a respeito da masculinidade de outro homem através da violência simbólica, da distinção ou até empregando as vias de fato, como a violência física. Os homens ao praticarem a distinção do que é “ser homem” atribuindo ao outro o *status* de “homem”, se revestem de concepções de masculinidade por eles incorporadas. Na análise das narrativas compreendemos que o processo de socialização dos meninos e jovens assumem um caráter estruturante, nesse contexto, a aplicação de um conjunto de prescritivos de virilidade são estruturadas e orientadas por representações do que é “ser homem” naquela cultura, além disso, essa normatividade tem como objetivo formar homens de acordo com os modelos de masculinidade considerados ideais.

Em relação a dimensão estruturante presente na construção da identidade masculina que problematizamos nessa seção, esse processo não é orientado apenas por mecanismos de repressão, como sinaliza Louro (1997):

Homens e mulheres certamente não são construídos apenas através de mecanismos de repressão ou censura, eles e elas se fazem, também, através de práticas e relações que instituem gestos, modos de ser e de estar no mundo, formas de falar e de agir, condutas e posturas apropriadas (LOURO, 1997, p. 47).

Ao problematizar como as masculinidades são alvo da vigilância e “intervenções”, nos permitem compreender que os mecanismos de patrulhamento utilizados na socialização dos meninos e jovens, o que em justa medida, participam

¹³² No original encontramos: “*el conjunto de creencias transmitidas por los padres y madres, las familias, los medios de comunicación, los pares, las mujeres y otros actores en la sociedad, y que presionan a los varones para que actúen de una cierta manera*”.

da construção da identidade masculina e, por isso, tende a contribuir com a adoção de determinados comportamentos correlatos à hipermasculinidade, por conseguinte, culminam, por vezes, à adoção de mecanismos blindagem das identidades dos meninos e jovens, como o uso de máscaras de masculinidade, abordaremos esta temática na próxima seção.

5.1.2 Masculinidades Veladas: os usos e sentidos da “máscara” na construção da identidade masculina

Vivem atrás de uma máscara emocional que impede os meninos de expressarem seus sentimentos verdadeiros¹³³.

“Meninos, garotos, piás, jovens, adolescentes, rapazes...uma longa história
Cada qual com suas identidades e marcas
Distintos, mas ainda assim: Homens!
Tantas histórias narradas, dignas de uma epopeia
Desde que seus dramas sejam descritos em notas de rodapé”
Juan da Cunha Silva

O exercício de abordar a “máscara” nesse estudo emerge da necessidade de problematizar os usos e sentidos da negação da dor na construção da identidade masculina. Em seus processos de socialização, os meninos e homens jovens são encorajados a reprimir e dominaram suas emoções, desejos e necessidades o que pode comprometer sua saúde e seus relacionamentos. Pollack, em *“The Mask You Live In”* (2015), afirma que:

A maneira como meninos são criados faz com que escondam todos os sentimentos naturais, vulneráveis e empáticos atrás da máscara de masculinidade. E também quando estão sentindo mais dor, não podem pedir ajuda porque não serão considerados meninos de verdade. São forçados a isso e sentem vergonha demais para sair disso¹³⁴.

Uma das explicações para o *silenciamento* das emoções e sentimentos entre os homens pode estar relacionada à tentativa de não demonstrar sensibilidade, afeto, atenção e envolvimento, Judy Chu¹³⁵ afirma em *“The Mask You Live In”* (2015) que o uso da máscara tem por objetivo velar os sentimentos e comportamentos que são socialmente atribuídos às mulheres, de acordo com Chu os meninos e jovens:

¹³³ Cena (WILLIAM POLLACK, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:38:15).

¹³⁴ Cena (WILLIAM POLLACK, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:37:34).

¹³⁵ Judy Chu (especialista depoente no documentário) é psicóloga e educadora.

Estão aprendendo como é possível para eles como meninos existir no mundo e formar relações e se comportar de maneira que são consideradas socialmente aceitáveis. E ao aprender a acomodar esses ideais, eles aprendem a **esconder ou minimizar** qualidades que são tradicionalmente associadas às mulheres¹³⁶.

Nessa direção, a máscara assume o sentido de a negação do feminino, e se alinha com as expectativas sociais e os prescritivos de virilidade problematizados na seção anterior. O processo de socialização dos meninos e jovens é marcado pela negação do feminino, como aponta Heldman:

Eu chamo o que fazemos com nossos meninos e homens de “a Grande Armação”. Criamos meninos para se tornarem homens cuja identidade se baseia na rejeição ao feminino, e ficamos surpresos quando eles não veem as mulheres como seres humanos completos. Então é uma armadilha. Os meninos crescem e viram homens que desrespeitam as mulheres no nível mais básico e depois nos perguntamos porque temos a cultura que temos¹³⁷.

Como vimos em “Masculinidades Vigiadas”, o controle das emoções é um prescritivo presente na socialização dos homens. “Um homem não pede beijos... um homem não se olha no espelho... Um homem não chora”, essas frases descritas por Beauvoir (1980, p.12), nos permitem localizar alguns prescritivos culturais que são ensinados e apreendidos desde muito cedo. De acordo com Kivel (2010, p. 84, tradução nossa¹³⁸), os “rapazes são ensinados a controlar seus corpos, controlar seus sentimentos, controlar seus relacionamentos - para se protegerem de serem vulneráveis”. O uso da máscara é encorajado desde a infância, como descreve Tony Porter:

Quando um menino chega aos cinco anos, ele aprende que não é bom chorar em público. Ele até pode fazer, mas espera-se que até os dez ele já tenha aperfeiçoado isso. **Se aos 12 ele ainda continuar chorando em público, é um problema**¹³⁹.

Os sentidos atribuídos à máscara em “*The Mask You Live In*” (2015), possuem conotação de defesa e proteção. Em um dos relatos de Ashanti Branch¹⁴⁰, ele discorre

¹³⁶ Cena (JUDY CHU, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:16:07, grifo nosso).

¹³⁷ Cena (CAROLINE HELDMAN, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 1:04:27).

¹³⁸ No original: “Boys are taught to control their bodies, control their feelings, control their relationships-to protect themselves from being vulnerable”.

¹³⁹ Cena (TONY PORTER, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:15:20, grifo nosso).

¹⁴⁰ Ashanti Branch (especialista depoente no documentário) é educador e ativista.

sobre a sua experiência e o uso e os sentidos da incorporação da máscara por jovens ao caminharem em direção à sua escola em Oakland:

Há muita atividade de gangues na área. Eu considero uma zona de guerra, entende? Nossas crianças acordam todo dia e têm que preparar suas máscaras para andar até a escola. **A máscara requer que eu não deixe as pessoas verem minhas vulnerabilidades**, quer dizer que tem que ser uma máscara muito dura¹⁴¹.

Como vimos em outras seções desse estudo, as diferenças entre os gêneros são expressas através de comportamentos, no caso dos homens jovens, não demonstrar emoções é um mecanismo de proteção, Chu ao relatar uma experiência de seus estudos, sinaliza que:

Um dos meninos adolescentes descreveu assim: “Se você se abrir como as meninas fazem, se contar a alguém como se sente de verdade, então podem usar isso contra você a qualquer momento”¹⁴².

O incentivo para adotar a máscara como estratégia de subterfúgio pode partir de figuras próximas, como aconteceu com Joe Ehrmann¹⁴³, que reproduz um diálogo com o seu pai: “Seja homem. Pare de chorar, não se emocione. Se vai ser homem no mundo, é bom aprender a dominar e controlar às pessoas e às situações”¹⁴⁴. A partir desse último diálogo, pode-se também atribuir à máscara o sentido de encobrimento das emoções. Sendo assim, a máscara assume diferentes usos e sentidos em diferentes contextos e relações de poder entre os sujeitos. Em outro depoimento, Terry Kupers¹⁴⁵, relata alguns pontos que podem ser usados para compreender o que chamamos nesse estudo de usos e sentidos da máscara:

Há uma hierarquia de dominação. Há os sujeitos durões que estão em cima, e há os fracotes, as “meninas”, que estão lá embaixo. [...] O que acontece nas suas relações com outras crianças é que você escolhe alguém que parece fraco nesse sentido. Talvez você faça *bullying* com ele, talvez seja uma maneira mais sutil de humilhação¹⁴⁶.

¹⁴¹ Cena (ASHANTI BRANCH, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:38:15) (grifo nosso).

¹⁴² Cena (JUDY CHU, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:29:29).

¹⁴³ Joe Ehrmann (depoente no documentário) é treinador de futebol e ex-jogador da National Football League.

¹⁴⁴ Cena (JOE EHRMANN In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015 0:00:22).

¹⁴⁵ Terry Kupers (especialista depoente no documentário) é Psiquiatra e educador.

¹⁴⁶ Cena (TERRY KUPERS, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015 0:25:26).

Encontramos dentre os depoimentos registrados no documentário, a declaração de Michael¹⁴⁷ que ilustra sua relação traumática com a mãe atravessadas pela violência e a vergonha.

Minha mãe me teve quatro dias antes de fazer 17 anos. Então ela era muito jovem. E projetou muitos traumas em mim. Minha mãe ficou com muita raiva de mim um dia. Eu lembro dela me chutando pelo corredor, me enforcando e me batendo e... E a pior parte não era a parte física, porque isso era normal para mim na época. Foi que depois ela tirou uma foto Polaroid minha, chorando. Eu não me lembro das palavras exatas, mas me lembro dela me humilhando. E não conseguia entender o que havia de tão errado comigo que, especialmente naquela idade, me fazia merecer isto¹⁴⁸.

Dentre os homens, comunicar suas dores, aspirações, dúvidas e experiências traumáticas confluem um desvio, um passo em falso, num campo regido por mandatos como: “ser forte”, “durão”, “invulnerável”, sendo portanto, esperado de um homem que ele comunique e compartilhe apenas suas vitórias e pratique o silenciamento de suas dores¹⁴⁹. A seguir, continuamos a apresentar o depoimento de Michael:

Eu fui molestado pelo pai de um dos meus irmãos. Ele me levou pro quarto dele, fechou a porta. E eu me lembro de pensar: “Por que ele fechou a porta?” Ele me pediu pra tirar as calças e... Eu me lembro de tirar as calças e depois a cueca. E ele só me olhou por um tempo. Depois me tocou¹⁵⁰.

O depoimento de Michael, suscita ainda, uma outra questão, que não faz parte da “narrativa do herói”¹⁵¹, que não contempla por parte dos homens, a comunicação de suas dores, violações e, também não há por parte dos homens a compreensão que eles possuem privilégios¹⁵².

¹⁴⁷ Michael é um depoente do documentário e detento do Programa de Prisão Perpétua de San Quentin, nos Estados Unidos.

¹⁴⁸ Cena (MICHAEL, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 1:08:11).

¹⁴⁹ O silêncio entre os homens também precisa ser discutido, o documentário brasileiro “O silêncio dos homens” (2019) aborda as dificuldades enfrentadas pelos homens na comunicação de suas dores, desejos e necessidades.

¹⁵⁰ Cena (MICHAEL, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 1:09:05).

¹⁵¹ Recorremos a esse termo, pois reconhecemos que a estrutura dos discursos dos homens tende a se estruturar a partir da comunicação de feitos marcados pela valorização do êxito em detrimento das derrotas, dores e vulnerabilidades.

¹⁵² Os estudos antropológicos tem lançando luz sobre essa problemática, como expoentes temos os trabalhos de Vale de Almeida (1996, 1995) que abordou em seus estudos a “honra” e a “vergonha”, e Bourdieu em sua obra a “Dominação Masculina” (2012). Como uma produção recente temos QUEIROZ, Thuani Coutinho Gomes. O peso da Honra e da vergonha em experiências sexuais masculinas. In: MALUNGO, Rolf de Souza.; LAHUD, Simoni. (Org.). **Etnografias Urbanas: Masculinidades**. Rio de Janeiro: Edições Malungo, 2019. p. 161-175.

As representações do que é “ser homem” numa sociedade orientada por valores como “*no pain, no gain*”¹⁵³, como as sociedades ocidentais, exige que os homens se conformem dentro de padrões de comportamento, dentre os depoimentos no documentário, Ehrmann enumera uma série de normatizações, que são chamadas por eles de “mentiras”, que as descrevemos a seguir: “A primeira mentira que todo menino aprende nos EUA é que associamos masculinidade com habilidade atlética. **Tamanho, força ou algum conjunto de habilidades**”¹⁵⁴. “A segunda mentira que aprendem é que **associamos masculinidade a sucesso econômico**”¹⁵⁵. O que segundo Ehrmann constitui um erro: “Então se você constrói o seu senso de masculinidade baseado em poder, bens materiais, há sempre alguém que vai ter mais. Isso leva a vida incrivelmente vazia, sempre buscando mais coisas ao invés de ver o que é realmente importante na vida”¹⁵⁶. “E o terceiro critério é a **cultura. Associamos conquistas sexuais com masculinidade**”¹⁵⁷. “Associar a masculinidade a isso é tão desumanizante”¹⁵⁸. E, por fim, ele sinaliza que: “**Essas palavras servem para manter os meninos em silêncio, para que continuem se conformando ao molde**”¹⁵⁹. Essa perspectiva conformadora defendida por Ehrmann transita sobre um pêndulo, onde por um lado um conjunto de expectativas são lançadas sobre os homens e devem ser incorporadas e, por outro, a identidade, os sentimentos, as marcas e os desejos devem ser velados. Le Breton (2018) lança luz sobre a questão da “*fragilidade das identidades*”:

A identidade que funda a relação com o mundo nos parece garantida, irrefutável, mas nada é mais vulnerável, mais ameaçado pelo olhar dos outros, ou pelos acontecimentos da história pessoal, do que a identidade. Ela não é protegida por um muro, é modulável e se trama no inacabado. As circunstâncias a fazem e a desfazem segundo a maneira com que o indivíduo as interpreta e as vive. O ser humano não está eternamente fechado em si mesmo como se estivesse em uma fortaleza solidamente guarnecida. Sempre em relação, o indivíduo avança tateando em sua existência, frequentemente forçado a rever seus objetivos, a modificar seu olhar sobre si mesmo (LE BRETON, 2018, p. 200).

As imbricações entre a identidade masculina, a cultura e os papéis de gênero, vêm sendo identificadas em estudos, como exemplo temos a pesquisa “Internacional

¹⁵³ Em tradução livre seria “não sofre, não ganha”.

¹⁵⁴ Cena (JOE EHRMANN, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:07:38, grifo nosso).

¹⁵⁵ Cena (JOE EHRMANN, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:08:42, grifo nosso).

¹⁵⁶ Cena (JOE EHRMANN, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:08:58, grifo nosso).

¹⁵⁷ Cena (JOE EHRMANN, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:09:42, grifo nosso).

¹⁵⁸ Cena (JOE EHRMANN, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:10:01).

¹⁵⁹ Cena (JOE EHRMANN, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:10:19, grifo nosso).

Men and Gender Equality Survey – IMAGES”¹⁶⁰. Sleggh e seus colaboradores (2017) identificaram que era atribuído aos homens o papel de chefe de suas famílias por serem mais inteligentes que as mulheres e que essa característica tinha como explicação fatores biológicos e religiosos. Os homens tinham como obrigação sustentar suas famílias, enquanto a responsabilidade do cuidado das casas recaía sob as mulheres e, ao casal competia ser fértil – ter filhos era uma questão de valor social, preferencialmente filhos homens – o que revela o valor atribuído à fertilidade e valorização de ser homem naquela cultura. Desse modo, ser homem e provedor estava diretamente relacionado, estar empregado e sustentar suas famílias era inerente à identidade masculina. Em contrapartida, os homens desempregados eram vistos como mulheres, e os jovens desempregados no ardor de resgatarem seu poder em casa, incorriam em práticas criminosas. Assim, desprovidos de emprego e escolarização, os jovens não podiam se casar e perdiam as condições necessárias para o pertencimento em suas famílias e/ou em grupos sociais. Os rapazes e homens buscavam refúgio nas drogas, o que pode ser percebido por um dos entrevistados: “Estamos à procura de maneiras de sobreviver e ficamos viciados em drogas e álcool” (SLEGH *et al.*, 2017, p. 28).

Em suma, o fracasso masculino naquele contexto, alijava os homens dos privilégios que até então eram tidos como naturais e legítimos naquela cultura, a dificuldade dos homens de enfrentar essa realidade repercutiu sobre a sua saúde trazendo consequências para suas famílias. Percebemos a partir dos resultados descritos, os efeitos modeladores da cultura no comportamento e nos papéis sociais dos homens e na hierarquização das mulheres e de outros homens.

A dificuldade de comunicar o fracasso, a dor ou até mesmo um pedido de ajuda em numa sociedade hedonista, pode contribuir para que rapazes e homens recorram ao silêncio ou a reprodução de suas dores em outras pessoas, essas máscaras podem ser vistas como uma forma de comunicação e socialização do sofrimento. Em “*The Mask You Live In*” (2015), Jackson Katz aponta que:

Meninos são treinados a externar a dor. Quando algo ruim acontece conosco, temos que fazer algo ruim a outra pessoa. Vingar a humilhação que sofremos a vergonha que sentimos. Para mim, isso é uma parte tão básica e

¹⁶⁰ Esse estudo foi coordenado pelos pesquisadores Henny Sleggh, Esmeralda Mariano, Silvia Roque e Gary Barker, foi realizado através de grupos focais e entrevistas individuais e contou com a participação de 1.006 homens e 503 mulheres com idade entre os 18 e 65 anos residentes em Matola e Maputo em Moçambique.

incrivelmente importante do que está acontecendo com a pandemia de violência na nossa sociedade¹⁶¹.

A falta de espaços para socializar seus sofrimentos, a perda da empatia pelo uso contínuo das máscaras pode contribuir para que os meninos, rapazes e homens atentem contra suas próprias vidas. Niobe Way¹⁶² alerta que:

Exatamente na idade em que começamos a ver a linguagem emocional desaparecer na narrativa dos meninos, nas estatísticas nacionais¹⁶³ é exatamente a idade em que a taxa de suicídio de meninos supera a de meninas em cinco vezes¹⁶⁴.

Dentre as consequências da dificuldade de comunicação das dores e externalização das emoções, os meninos e homens jovens podem buscar um afastamento de seus pares e da família. Na década de 1980 foi observado e descrito um fenômeno entre os jovens e adultos japoneses que praticavam um grave retraimento social voluntário por pelo menos seis meses, esse fenômeno recebeu o nome de *Hikikomori* (TAJAN, 2015). De acordo com Ferreira *et al.* (2013, p.119) o retraimento social está associado a fatores externos, como a impulsividade, “agressividade ou a imaturidade a nível social”, “os rapazes socialmente isolados experienciam, a longo prazo, uma maior exclusão, quando comparados com as raparigas, dada a menor aceitação deste comportamento nos rapazes”.

O revés do retraimento social é maior entre os homens jovens que possuem menos vínculos sociais, as mulheres jovens, geralmente, não são acometidas na mesma intensidade que os rapazes, uma explicação para essa diferença pode estar relacionada ao pertencimento a coletivos juvenis. As jovens se organizam em duplas, trios, enquanto que os rapazes preferem coletivos maiores (FERREIRA *et al.*, 2013). Niobe Way indica que a construção das redes de amizade masculinas é marcada por padrões que se diferenciam com o avançar da idade, segundo ela:

Dos 11 aos 14 anos, meninos contam histórias intensas sobre outros meninos, e como querem ser amigos deles e dividir segredos¹⁶⁵.

Quando eles têm 15, 16, 17, a linguagem muda. Você ouve meninos falando nas dificuldades nas amizades, sobre ser magoado e traído por outros

¹⁶¹ Cena (JACKSON KATZ, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 1:13:51).

¹⁶² Niobe Way (especialista depoente no documentário) é psicóloga e educadora.

¹⁶³ Trata-se das estatísticas norte-americanas.

¹⁶⁴ Cena (NIOBE WAY, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:37:18).

¹⁶⁵ Cena (NIOBE WAY, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:28:11).

meninos. Eles querem ter amizades íntimas, mas não sabem como achar essas amizades¹⁶⁶.

Eles realmente acreditam nessa cultura que desvaloriza tudo que é “feminino” Então é feminino se relacionar, se emocionar, estas coisas cruciais, ter empatia. Então, meninos começam a desvalorizar a parte relacional de si mesmos, suas necessidades e desejos relacionais¹⁶⁷.

Outro problema que se sobrepõe a esses jovens, é “a falta de engajamento social, fenômeno semelhante, mas não análogo ao *hikikomori*, tem recebido diferentes nomes ao redor do mundo” (DOMINGUES-CASTRO; TORRES, 2008, p.265). Segundo Ferreira *et al.* (2013, p.119), existem diferenças entre o retraimento social passivo e o isolamento ativo, de acordo com os autores: “o termo retraimento social passivo é utilizado no contexto das relações de pares para se referir a uma retirada passiva do sujeito do seu grupo de pares”. Enquanto, o isolamento social ativo ocorre:

quando os sujeitos se isolam do seu grupo de pares como consequência de comportamentos de rejeição e de vitimização por parte dos outros. Neste caso, o sujeito não se isola ele próprio mas é isolado pelo seu grupo de pares (FERREIRA *et al.*, 2013, p. 118).

De acordo com Nunes, Faraco e Vieira (2012, p.131), o “retraimento social parece exercer impactos diferenciados sobre o ajustamento psicossocial das crianças, a depender da cultura em que estas se desenvolvem e são avaliadas”. No escopo dos estudos¹⁶⁸ dos *hikikomori*, é possível encontrar abordagens que refletem as consequências do retraimento social, que não acometem apenas a quem se isola, o comprometimento atinge ainda a família e a sociedade. Esse retraimento pode ser deflagrado por eventos, gerando o isolamento e comprometer as dinâmicas familiares, como apontam Tajan (2017):

O *bullying* é a primeira dimensão e, portanto, o gatilho para o isolamento social prolongado. Esse último constitui em si mesmo um trauma e torna-se a segunda dimensão. A última é o trauma familiar, pois tirar o portador de *hikikomori* de casa torna-se um dos desafios mais difíceis para os pais. Além da pobre interação com os membros da família, o indivíduo geralmente se recusa a buscar ajuda em serviço especializado em saúde mental (TAJAN, 2017¹⁶⁹, *apud*, DOMINGUES-CASTRO, TORRES, 2018, p. 267).

¹⁶⁶ Cena (NIOBE WAY, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:28:30).

¹⁶⁷ Cena (NIOBE WAY, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:29:02).

¹⁶⁸ (TAJAN, 2017, 2015; RUBIN, CHEAH, 2010; RUBIN, COPLAN, BOWKER, 2009;), são exemplos de estudos que tomam o retraimento como objeto de investigação. Domingues-Castro e Torres (2018) em seu artigo de revisão abordam e discutem a Epidemiologia, as características clínicas e diagnóstico, a etiologia, o diagnóstico diferencial, as comorbidades e o impacto na vida do portador e seus familiares e para a sociedade dos *hikikomori*.

¹⁶⁹ TAJAN, N. Traumatic dimensions of hikikomori: a Foucauldian note. **Asian J Psychiatr.** V. 27, n. p. 121-2, 2017.

Outra consequência do isolamento dos jovens pode estar relacionada ao consumo demasiado e a exposição de mídias, como afirma Philip Zimbardo¹⁷⁰: “Um menino normal passa 40 horas por semana assistindo à televisão, esportes, filmes. Quinze horas por semana jogando videogames. E a novidade agora são duas horas vendo pornografia entre as outras coisas”¹⁷¹. O mercado de mídias voltadas as crianças e jovens está em franco crescimento, o desenvolvimento dos jogos eletrônicos baseados em competição, violência podem ter efeito na vida social e na saúde de seus expectadores e consumidores, pois:

Quando você joga videogames e vê sempre a mesma situação, perde o impacto pra você. Por que você se habitua ao que é repetitivo, empresas de videogames sabem disto, e estão criando uma variedade infinita. Uma nova categoria, um novo desafio, sempre subindo de nível. Estão criando um vício de excitação. Os cérebros dos meninos estão sendo digitalmente adaptados a esta tecnologia em que coisas acontecem assim [gesto de rapidez com as mãos] microssegundos¹⁷².

Ao toque de um botão, qualquer pessoa de qualquer idade em qualquer lugar do mundo pode ter uma coleção de experiências sexuais, experiências sexuais visuais. Seu cérebro está sendo afetado. Receptores de dopamina estão sendo *hiperativados*. E você fica viciado no estímulo visual. **O problema é o excesso e o isolamento social.** O Jimmy sozinho no seu quarto fazendo isto. Ele está se isolando dos amigos e da família, e não sabe como se relacionar com meninas e mulheres. Se você é um adolescente que não tem experiência sexual, isto passa a ser o normal. Criam a ideia de que isto é o certo a se fazer, que isto que as mulheres querem, e é assim que os homens devem agir. Nada disso é verdade¹⁷³.

“Dentre os homens, os desvios serão reprimidos!”: Nos círculos masculinos não há espaços para desvios, fugir das normas e das conformidades dos estereótipos masculinos tidos como “padrão” implica em exclusão e perseguição. No depoimento de Cody¹⁷⁴, encontramos elementos que caracterizam os desvios da *hipermasculinidade*:

No ensino fundamental, era muito difícil lidar porque eu não... Não sabia o que significava ser homem, não tive uma figura paterna na minha vida, só mulheres fortes. **Eu sofri muito bullying na vida porque não sou o mais masculino dos homens.** Nunca fui. **Por que eu sou excluído e tratado de forma diferente por que não quero brigar, por que não vejo sentido em fazer sexo sem proteção com incontáveis mulheres e depois sair pra beber e ficar contando vantagem a respeito e fumando maconha? Mas é isso que a sociedade considera masculino. Eu não valorizo isso.** E acho

¹⁷⁰ Philip Zimbardo (especialista depoente no documentário) é psicólogo, pesquisador, professor.

¹⁷¹ Cena (PHILIP ZIMBARDO, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015 0:52:15).

¹⁷² Cena (PHILIP ZIMBARDO, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:54:45).

¹⁷³ Cena (PHILIP ZIMBARDO, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:59:27) (grifo nosso).

¹⁷⁴ Cody é um homem jovem, depoente em “*The Mask You Live In*” (2015).

que é porque ainda sou próximo à minha mãe e a minha avó, e ambas são extremamente fortes e respeitáveis, não só mulheres, mas pessoas respeitáveis. Então é isso que eu quero copiar¹⁷⁵.

O *bullying* sofrido por Cody foi dirigido por pessoas que não o classificavam como um homem “normal/padrão”. O desvio é caracterizado em contraste às concepções de normalidade, segundo Goffman (2008) para ser considerado “normal” é preciso ser “um homem jovem, casado, pai de família, branco, urbano, do Norte, heterossexual, protestante, de educação universitária, bem empregado, de bom aspecto, bom peso, boa altura e com um sucesso recente nos esportes” (p. 139). De acordo com Becker (2008):

Além de reconhecer que o desvio é criado pelas reações de pessoas a tipos particulares de comportamento, pela rotulação desse comportamento como desviante, devemos também ter em mente que as regras criadas e mantidas por essa rotulação não são universalmente aceitas. Ao contrário, constitui objeto de conflito e divergência, parte do processo político da sociedade (BECKER, 2008, p. 30).

No caso de Cody, ele não reunia tanto os atributos físicos como os comportamentos “compatíveis” com o estereótipo de um homem tido como “normal/padrão”. O acréscimo dos termos “normal” e “padrão” após o substantivo “homem” pode soar como redundância para aqueles que consideram que só existe um modelo de ser e estar no mundo como homem. Contudo, Santos (2019):

as masculinidades são construídas em relações desiguais e hierárquicas, não são experienciadas da mesma forma. Assim não poderia ser entendida de uma maneira única, mas plural e, sobretudo, nas suas intersecções com marcadores de diferença como sexualidade, localização geográfica, raça, classe etc. (SANTOS, 2019, p.126).

Ao discutirmos o depoimento de Cody, caminhamos no sentido de compreender como os “padrões” de masculinidade refutam os desvios. Nosso olhar se baseia em compreender como:

o “*ethos* masculino” pode ser apreendido nos temas relacionados pelos homens ao falar das suas vidas. É nas divergências e convergências em torno destas questões em contextos históricos locais específicos, mais do que nos afastamentos ou nas aproximações aos modelos interpretativos em si (SCOTT; ATHIAS; LONGHI, 2005, p. 122).

¹⁷⁵ Cena (CODY, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:20:53) (grifo nosso).

Recuperamos o depoimento de Tommy¹⁷⁶, no exercício de compreender a experiência de um homem adulto que sofreu *bullying* enquanto crescia e se desenvolvia:

Eu cresci com três irmãos e um pai que bebia muito. Eu provavelmente sofria mais *bullying* do meu pai. Ele usava intimidação e medo pra nos controlar. Eu sempre tinha medo quando minha mãe dizia: “Você vai ver só, vou contar pro seu pai”. Sabia que ia apanhar. Isso queria dizer que ele ia me bater com o que estivesse mais à mão. Fosse um fio de ventilador que ele arrancou da parede ou cinto. Eu era tímido, era calado. Estava sempre pensando. Eu me sentia muito sozinho. **O único mundo em que eu sentia que me encaixava um pouco era o mundo das drogas, quando eu o descobri.** Eu tinha 12 anos, comecei a usar maconha. Primeiro por pressão social, mas logo porque eu não precisava me sentir como eu me sentia sempre. Então passei a usar drogas mais pesadas. **Meu mundo mudou quando peguei uma arma. Fiquei muito mais violento.** As pessoas ao meu redor começaram a morrer. O cara que eu matei, nós tínhamos um conflito. Eu tinha sido aceito no mundo das drogas. Quando ele não me pagou, eu pensei, meus camaradas sabem, se não fizer nada com esse cara, vão pegar tudo que é meu, vão me fazer de otário. Essa era a história que eu criei na minha cabeça. **E eu senti todo o medo, a ansiedade e tudo mais que estava preso dentro de mim explodindo. E eu atirei nele seis vezes. E fugi. Acho que foi a primeira vez que eu senti que tinha poder. Por tanto tempo eu me senti impotente na vida. Aquele foi o momento em que eu finalmente me defendi.** Mas paguei um preço muito alto¹⁷⁷.

Encontramos questões que se interpõem como gatilhos que deflagram reações e sentimentos velados. Torna-se importante, destacar que Tommy é interno de um penitenciária e mesmo com uma narrativa que envolve violência, drogas, homicídio, o depoente expõe seu percurso que abrange a negligência na infância e o envolvimento no mundo do crime, *bullying*, intimidação praticados pelo pai como forma de controle, medo, solidão, timidez e silêncio... sentimentos que a *prima facie* não se alinham com o estereótipo de um detento – um homem à margem do padrão – que imbuído de força e violência não possui sentimentos, fragilidades e dores. Não se trata de “olhar” para Tommy e vê-lo como uma vítima de seu meio ou um produto de relações cruentas ou homem negligenciado que reproduziu a violência a qual foi exposto desde a tenra idade.

A reflexão que propomos ao recuperar o depoimento de Tommy se baseia na urgência de compreender o processo de vulnerabilidade que é velado atrás de uma máscara e, construir reflexões sobre a cultura do cuidado entre os homens. Os

¹⁷⁶ Tommy é depoente em “*The Mask You Live In*” (2015), no momento da filmagem do documentário ele fazia parte do Programa de prisão perpétua de *San Quentin Juvenile Lifers Program*, nos Estados Unidos.

¹⁷⁷ Cena (TOMMY, In: *THE MASK YOU LIVE IN*, 2015, 1:11:26, grifo nosso).

homens incorporados de suas máscaras, investidos de modelos de masculinidade hegemônica podem vir a dominar horizontalmente e verticalmente outros homens e mulheres e, na prerrogativa de legitimarem seus lugares, esses homens podem adotar práticas violentas, o que pode colocar suas vidas em risco e de outrem. Os homens jovens que incorporam os valores da caixa da masculinidade adotam o risco, a violência em detrimento do cuidado de si, como aponta Heilman, Barker e Harrison (2017):

Os jovens que seguem as regras da caixa têm maior probabilidade de arriscar sua saúde e bem-estar, afastar-se de amigos íntimos, resistir em buscar ajuda quando precisam, sofrer de depressão e muitas vezes pensar em acabar com a vida. Eles também são mais propensos a usar violência contra outras pessoas - verbalmente, virtualmente e fisicamente - e a assediar sexualmente as mulheres. O mesmo se revela quando se trata de vivenciar a violência em primeira mão, engajar-se em comportamentos de risco, como embriagar-se e ter de duas a três vezes mais acidentes de trânsito. Ao mesmo tempo, são menos propensos a formar relacionamentos íntimos e amizades (HEILMAN; BARKER; HARRISON, 2017, p. 10, tradução nossa¹⁷⁸).

Os homens e jovens orientados pelos modelos de masculinidade hegemônica buscam por meio de mecanismos a legitimação de seus lugares na sociedade, nesse sentido, ser homem torna-se uma posição de prestígio assim, para alcançar e manter esse *status* podem ser usados tanto de mecanismos sutis ou declarados. Bourdieu (2012) alerta sobre os perigos do privilégio entre os homens:

O privilégio masculino é também uma cilada e encontra sua contrapartida na tensão e contensão permanentes, levadas por vezes ao absurdo, que impõe a todo homem o dever de afirmar, em toda e qualquer circunstância, sua virilidade. Na medida em que ele tem como sujeito, de fato, um coletivo — a linhagem ou a casa —, que está, por sua vez, submetido às exigências imanentes à ordem simbólica, **o ponto de honra se mostra, na realidade, como um ideal, ou melhor, como um sistema de exigências** que está votado a se tornar, em mais de um caso, inacessível. A virilidade, entendida como capacidade reprodutiva, sexual e social, mas também como aptidão ao combate e ao exercício da violência (sobretudo em caso de vingança), é, acima de tudo, uma carga (BOURDIEU, 2012, p. 64, grifo nosso).

¹⁷⁸ No original: “Los jóvenes que se ajustan a las reglas de la caja tienen mayores probabilidades de arriesgar su salud y bienestar, apartarse de sus amistades cercanas, resistirse a buscar ayuda cuando la necesitan, sufrir de depresión y pensar con frecuencia en poner fin a sus vidas. También tienen mayores probabilidades de usar la violencia contra otros —verbal, virtual y físicamente— y de acosar sexualmente a las mujeres. Lo mismo se revela en lo que respecta a sufrir violencia en carne propia, practicar comportamientos riesgosos como emborracharse y tener entre dos y tres veces más accidentes de tráfico. Al mismo tiempo es menos probable que entablen relaciones y amistades estrechas”.

Kimmel sinaliza em sua narrativa no documentário que: “Os homens acham que têm direito a posições de poder e coisas assim. Mas acham que não estão tendo tanto quanto antes. [...] Não que eu tinha poder, mas que eu tinha direito de ter”¹⁷⁹. Ao longo do processo de construção da identidade masculina, é reafirmado que os homens são dignos de respeito como afirma Marshall Jr¹⁸⁰: “Não deixe ninguém te desrespeitar”. ““É assim que um homem lida com as coisas”. Respeito está ligado a violência”¹⁸¹. Gilligan sinaliza que “homens são definidos como superiores e mulheres como inferiores. E para ser um homem de verdade, você tem que dominar outros homens. Em outras palavras, é uma receita para violência”¹⁸². Os conceitos construídos por Bourdieu sobre distinção, e dispositivos de poder forjado por Foucault podem ser utilizados no exercício de compreender os meandros adotados na busca de legitimação do poder pelos homens.

Os rapazes recorrem às mascaras com tanta frequência que precisam recorrer a drogas e ao álcool como estratégia de se libertarem das pressões externas e/ou das que já foram incorporadas. Na tentativa de compreender o uso de álcool e outras drogas na juventude, Thompson¹⁸³ aduz que:

Beber e usar drogas são maneiras que meninos encontram para burlar essas regras que dizem que eles têm sempre que ser fortes e contidos. Quando você fica bêbado, pode abraçar os amigos, pode dizer o quanto os ama. Pode fazer sexo com uma garota sem sentir o medo que todo mundo sente quando começa a fazer sexo, porque é íntimo e estranho e deixa você incrivelmente exposto¹⁸⁴.

Recorremos as observações de Le Breton (2018) em relação ao uso recreativo do álcool e seus desdobramentos em torno da tentativa de *desaparecer de si*, o autor afirma que:

Em um ambiente festivo, a alcoolização desinibe e libera mais os comportamentos desvinculando-os do olhar dos outros, relaxando as pressões morais interiores, mesmo ao preço de uma possível ressaca no dia seguinte. **A embriaguez é uma forma mais leve de desaparecer de si, emprestando por algumas horas uma máscara a fim de aliviar as pressões interiores ou para esquecer o peso das preocupações** (LE BRETON, 2018, p. 120, grifo nosso).

¹⁷⁹ Cena (MICHAEL KIMMEL, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 1:15:21).

¹⁸⁰ Joseph Earl Marshall Jr (especialista depoente no documentário) é ativista e educador.

¹⁸¹ Cena (JOSEPH EARL MARSHALL JR. In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 1:13:41).

¹⁸² Cena (JAMES GILLIGAN, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 1:07:36).

¹⁸³ Michael Thompson (especialista depoente no documentário) é psicólogo.

¹⁸⁴ Cena (MICHAEL G. THOMPSON, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:30:25).

O perigo no uso contínuo da máscara reside na dificuldade de retirá-la, pois como vimos, a máscara possui usos e sentidos de proteção, dominação, socialização da dor. Branch alerta que: “Muitos dos nossos alunos não sabem tirar a máscara”¹⁸⁵. A incorporação da máscara pode contribuir para o retraimento social, e dificultar a interação social.

Os conjuntos de prescritivos culturais que as mulheres¹⁸⁶ e os homens estão expostos com o propósito de lhes prover “boas maneiras”, podem ser vistos como uma base estruturante, à medida que forma e conforma as mulheres e os homens e os moldam. Assim, atravessados por um jogo de estruturas simbólicas capazes investidos de máscaras, que embora possuam ter usos, muitas vezes são incorporadas, trazendo prejuízos às suas vidas. A construção de uma cultura de cuidados para meninos, jovens e homens passa dentre outros olhares, pela compreensão de que ser um menino ou jovem, não é ser menos homem do que um homem adulto ou idoso, ser homem não é ascender sobre às mulheres ou outros homens.

De acordo com Heldman, os jovens em seus processos de construção de identidades, podem ter suas masculinidades modeladas por:

arquétipos masculinos predominantes que vemos nos filmes e na TV e em outras formas de cultura popular são o cara forte e calado, que está sempre em controle e não demonstra emoções. Então tem o personagem super-herói, o personagem herói, que usa níveis elevados de violência para manter o controle, para conseguir atingir o objetivo à sua frente. Também tem o arquétipo do bandido, e este é dominado por homens de cor, que são limitados a papéis muito mais violentos. E então tem o *criança* ou o bobalhão, que é o macho que está perpetuamente na adolescência. Seu corpo normalmente não é muito musculoso. Mas ele projeta masculinidade de outras formas, através da degradação das mulheres, fazendo atividades de alto risco¹⁸⁷.

Os homens primam em mimetizar suas experiências em torno da dor e da fraqueza de tal forma que diminuem suas expectativas de vida (HALLOWAY, 2017). Frente ao prescritivo “ser sólido como um carvalho”, uma das quatro injunções apontadas por Pollack (1999) que balizam seus estudos sobre “*O Código dos meninos*”, não obstante, tal injunção compõe um dos fundamentos do *ethos* masculino: “ser forte e negar a dor”. Kivel (2010) afirma que:

¹⁸⁵ Cena (ASHANTI BRANCH, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:39:50).

¹⁸⁶ O documentário “Repense o elogio” aborda algumas das pressões que recaem sobre as meninas e mulheres. O filme está disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=oxxlME6RDvc>. Acesso em 05 out. 2020.

¹⁸⁷ Cena (CAROLINE HELDMAN, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:52:28).

Desde muito cedo, os meninos são instruídos a "agir como um homem". Embora tenham todos os sentimentos humanos normais de amor, excitação, tristeza, confusão, raiva, curiosidade, dor, frustração, humilhação, vergonha, tristeza, ressentimento, solidão, baixa autoestima e dúvida, eles são ensinados a esconder os sentimentos e parecer duros e no controle (p.84, tradução nossa¹⁸⁸).

Para ser visto como um "homem de verdade", os meninos, tendem a incorporar esses normativos e, muitos incorrem de forma a adotar a máscara da invulnerabilidade como premissa para desbravar o mundo colocando o cuidado de si em segundo plano, os apontamentos de Camargo e seus colaboradores (2011), nos auxiliam na compreensão da imbricação entre a vulnerabilidade masculina e o os cuidados de si, segundo os autores:

Aos homens, em especial aos adolescentes e adultos jovens, resta seguir as expectativas de um contexto cultural e social muitas vezes perverso: o jovem como plenitude de força, virilidade e invulnerabilidade, que percebe o cuidar de si mesmo ou do outro como um atributo que não lhe cabe ou não lhe identifica (CAMARGO, *et al.*, 2011, p. 190).

Os mandatos de masculinidade tomam os próprios homens como vítima, segundo Segato (2018):

Isso é confirmado pelo fato de que os homens vivem menos em todos os países do mundo. Eles sofrem e não podem perceber seu próprio sofrimento, então também não podem tratá-lo. Por não serem capazes de expressá-lo, eles cancelam a percepção de sua dor física e sua dor psíquica (SEGATO, 2018, p. 59, tradução nossa¹⁸⁹).

Dentre os valores e comportamentos valorizados nas sociedades modernas, o culto ao prazer, a imagem de felicidade e prosperidade se revelam como epítomes e são ensinados e aprendidos desde a infância. Os grupos de jovens assim como outros coletivos, se agregam a partir de identidades, é sabido que esses grupos possuem normas e que "selecionam" e/ou "recrutam" seus integrantes a partir da distinção. Embora dotados de uma identidade e movidos pelo desejo de fazer parte de um coletivo, os jovens se deparam com muitos "padrões" a serem seguidos, dentre eles: ter o corpo ideal, fazer parte de ciclo social que se destaque de outros grupos, ter

¹⁸⁸ No original: "From a very early age, boys are told to "Act Like a Man." Even though they have all the normal human feelings of love, excitement, sadness, confusion, anger, curiosity, pain, frustration, humiliation, shame, grief, resentment, loneliness, low self-worth, and self-doubt, they are taught to hide the feelings and appear to be tough and in control".

¹⁸⁹ No original: "eso se confirma con el hecho de que los hombres viven menos en todos los países del mundo. Sufren y no pueden percibir su propio sufrimiento, por lo que tampoco pueden tratarlo. al no poder expresarlo, cancelan la percepción de su dolor físico y de su dolor psíquico".

poder de consumo, dentre outros. São muitas as “conformidades” a serem atendidas, em nome do “prazer” de fazer parte desses grupos, contudo, nem sempre os privilégios justificam os prejuízos somados pela necessidade de gregarismo. Niobe Way, destaca os medos dos meninos em manterem uma amizade com outro menino:

Então a perda da intimidade nas amizades, que deixa os meninos muitas vezes sentindo-se muito solitários e isolados, leva-os a entrar numa cultura de masculinidade que faz estas equações bizarras que a intimidade masculina tem que ser sexual. Começam a dizer coisas como: “Eu sou íntimo dele, sem viadagem.” “Ele é legal, sem viadagem”. Há essa ilusão constante de que todo sinal de intimidade vai ser visto como potencialmente gay. Eles entendem que se você for hétero, não tem nenhum desejo de intimidade masculina. Não fazemos isso com as mulheres, fazemos isso com os homens¹⁹⁰.

No contexto das amizades entre os homens, só há espaço para compartilhar o prazer de estar alinhado ao “padrão”, ajustado às convenções do grupo. Nos círculos masculinos de amizades falar de dor, fraqueza ou limitações implica em ser destituído de um coletivo que prega a felicidade e que marginaliza quem “por ventura venha se sentir triste” – ainda que soe como redundante, é necessário destacar que os grupos se distinguem dos demais a partir da ditadura da felicidade. No ponto de vista defendido por Kivel (2010, p.83, tradução nossa¹⁹¹) os homens “têm que cobrir esses sentimentos e tentar agir como um homem, porque uma das restrições de ser um homem não é mostrar seus sentimentos”.

Ser feliz é algo compulsório em nossa sociedade, no caso dos jovens, juventude e felicidade são lidos como sinônimos. Apesar dos prescritivos de virilidade, os jovens enfrentam, veladamente, desde momentos a períodos mais longos de infelicidade e, até quadros de depressão, que por vezes são atribuídos a “coisas da idade”. Numa sociedade hedonista como a que vivemos, em que local/grupo os jovens poderiam comunicar sua infelicidade? Se por um lado os jovens não são autônomos, de quem é responsabilidade de identificar a infelicidade dentre os jovens? Afinal, a infelicidade deve ser vivida socialmente? Face a complexidade dessas questões, compreendemos que ao invés de culpabilizar o estilo de vida das sociedades modernas, é urgente construir possíveis saídas para o enfrentamento dessa realidade.

¹⁹⁰ Cena (NIOBE WAY, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:29:40).

¹⁹¹ No original: “*they have to cover over those feelings and try to act like a man because one of the strictures of being a man is not to show your feelings*”.

Vimos nessa seção, que os usos e sentidos da máscara são usadas para oferecer guarita aos homens, camuflar as dores, medos e anseios. Frente à problematização caminhamos em busca de estratégias de cuidado para os homens jovens.

6 OLHARES POR TRÁS DAS MÁSCARAS: ESTRATÉGIAS DE CUIDADO PARA OS HOMENS JOVENS

Se a masculinidade se ensina e se constrói, não há dúvida de que ela pode mudar (BADINTER, 1993, p. 29).

Todo mundo tem potencial e se recebe o apoio correto e o estímulo apropriado¹⁹²

Como discutimos, o cuidado à saúde entre os homens jovens é atravessado por prescritivos culturais e sociais, por marcadores biológicos, culturais, sociais e também pelas Políticas Públicas de Saúde e Educação. A figura masculina tão explorada em obras literárias e cinematográficas reverberam a imagem de um homem viril, forte e invulnerável, que desafia a morte e raramente é acometido por ela e quando morre, o faz em prol de sua honra. Recorremos ao mito de Ícaro e suas asas de cera para refletir sobre o processo de invulnerabilidade masculina nos dias atuais.

Dédalo e seu filho Ícaro foram aprisionados na torre de em uma ilha monitorada pela guarda real. Motivados pelo desejo de empreender uma fuga, os dois construíram asas com penas de pombos e cera. Coube a Dédalo advertir Ícaro sobre os perigos de voar em baixa altitude já que a umidade poderia comprometer a viabilidade das asas, enquanto que a virulência do calor do sol poderia derreter a cera e desintegrar as asas em voos em altitudes elevadas. Ícaro embevecido pela experiência de voar, se lança em direção ao sol e perde o controle e a vida ao cair no mar sendo sepultado por seu pai. Diante do mito de Ícaro emergem os seguintes questionamentos: Ícaro teria saído incólume se tivesse se cuidado? Ícaro ao negar as instruções é o responsável por sua morte prematura? Seria o cuidado capaz adiar a finitude humana? Esse mito teria sobrevivido se Ícaro pousasse a salvo em terra firme?

Ao deslocarmos essas perguntas para a problemática abordada nesse estudo, ainda encontramos questões que nos desafiam diante de sua complexidade. O sentido de equilíbrio que supostamente poderia ter salvado a vida de Ícaro, ao voar em altitude moderada, estaria relacionado ao cuidado de si, uma prática que demanda o conhecimento de si, segundo Foucault:

¹⁹² Cena (PEDRO NOGUERA, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 0:45:33).

Não é possível cuidar de si sem se conhecer. O cuidado de si é certamente o conhecimento de si [...] mas é também **o conhecimento de um certo número de conduta ou de princípios que são simultaneamente verdade e prescrições**. Cuidar de si é munir dessas verdades [...] (FOUCAULT, 2004, p. 269) (grifo nosso).

O exercício da juventude, assim como o da masculinidade são experimentados a partir da ruptura de limites vigentes, são demandadas provas onde a percepção do risco e o cuidado de si podem vir a ficar em segundo plano. As figuras masculinas são, tradicionalmente, descritas nas narrativas a partir de suas lutas e vitórias, assim como na “vida real” os homens tendem a narrar seus feitos a partir desse lugar e subjagam suas dores e fraquezas a um lugar de apagamento, como vimos na problematização, eles podem adotar a negação das práticas de cuidado por meio da adoção de máscaras.

Cuidar de alguém, praticar o autocuidado e ser cuidado por outrem, são ações atravessadas por trocas simbólicas que são constituídas de várias ordens dentre eles os ritos de instituição que se traduzem em prescrições de virilidade, que em função do caráter normativo estão estruturados na negação do feminino. Como visto nas perspectivas teórico-metodológicas e na problematização realizada a partir das narrativas de “*The Mask You Live In*” (2015), as prescrições de virilidade repercutem na cultura do cuidado masculino, pois são estruturadas na negação do feminino e a negação da dor. Esses prescritivos quando incorporados pelos homens podem contribuir para o seu distanciamento das práticas de cuidado.

O cuidado na visão de Noddings (2003) possui uma perspectiva relacional, na qual há um sujeito que demanda cuidado e outro que cuida. As práticas de cuidado possuem uma dinâmica relacional, uma vez que o *cuidar* precede o encontro com o outro, um encontro entre corpos: um que cuida e um outro que recebe os cuidados. A problematização das questões levantadas em “*The Mask You Live In*” (2015) nos permitiu identificar que a relação dos homens com o cuidado se estrutura a partir de *práticas não-relacionais de cuidado*. Os homens são socializados de forma a participarem das cenas de cuidado como receptores de cuidado, essa disposição de receptor, estaria relacionada à *prática não-relacional do cuidado*, à medida que o processo de socialização masculina se estrutura a partir de prescritivos culturais que não contemplam e não valorizam o cuidado, pois atribuem o cuidado às mulheres, ao corpo doente e fragilizado. A incorporação da *práticas não-relacional do cuidado* entre os homens refletem a resistência por parte dos homens de incorporarem as

disposições de cuidadores de si, do cuidado do outro e do cuidado com o ambiente. Foucault (2004) nos auxilia a compreender a perspectiva relacional do cuidado de si e a sua relação com o outro:

O *êthos* também implica uma relação com os outros. Já que o cuidado de si permite ocupar na cidade, na comunidade ou nas relações interindividuais o lugar conveniente – seja para exercer uma magistratura ou para manter relações de amizade. Além disso, o cuidado de si implica também a relação com o outro, uma vez que, para cuidar bem de si, é preciso ouvir as lições de um mestre. Precisa-se de um guia, de um conselheiro, de um amigo, de alguém que lhe diga a verdade. Assim, o problema das relações com os outros está presente ao longo desse desenvolvimento do cuidado de si (FOUCAULT, 2004, p. 271).

À medida que os homens adotam a negação de suas dores e vulnerabilidades, eles não recorrem as práticas de cuidado à saúde em razão dos prescritivos culturais presentes em seus processos de socialização de gênero. Recorremos aos construtos de Godin (2019) para compreender a resistência e o distanciamento dos homens das práticas de cuidado, na perspectiva do autor, são “os motivos sociais, mais do que aqueles relacionados à saúde, que ditam o comportamento das pessoas” (GODIN, 2019, p.19). Para o autor, os comportamentos relacionados à saúde necessitam ser compreendidos a partir de uma visão mais ampla, incluindo as dimensões: social e cultural, nessa perspectiva, os comportamentos não ficariam restritos aos limites do campo sanitário, segundo o autor, “não há comportamentos de saúde, mas sim comportamentos sociais relacionados por provas científicas à saúde” (p. 18). Ainda de acordo com o autor:

No caso de um comportamento relacionado à saúde, deve-se deixar claro que **não são os motivos pessoais de adoção a ele subjacentes que o ligam à saúde, mas sim suas repercussões**. [...] Os comportamentos relacionados à saúde são antes de mais nada **comportamentos sociais como tantos outros** (...). Um comportamento relacionado à saúde é uma ação feita por um indivíduo e que exerce uma influência positiva ou negativa sobre a saúde. Isso implica que, independentemente, dos motivos pessoais que lhes sejam subjacentes, todas as ações a seguir são exemplos de comportamentos relacionados à saúde: dirigir sob o efeito de álcool, correr, escovar os dentes, usar preservativos nas relações sexuais de risco, fumar cigarro etc. (GODIN, 2019, p.17-18).

São muitos os olhares que se inclinam sobre os homens jovens na prerrogativa de classificá-los como um coletivo que é refratário ao cuidado, com frequência é atribuído aos homens jovens o rótulo de sujeitos desapegados do cuidado de si.

Encontramos dentre as narrativas de “*The Mask You Live In*” (2015), o depoimento¹⁹³ de Jackson Katz:

nós os [os filhos homens] ignoramos e acho que a primeira reação das pessoas que se sentem ameaçadas pela introspecção pela autoconsciência e autocrítica é deixá-las de lado como se fossem outros. São aberrações e, mais uma vez, **a ideia de doença mental é mais uma maneira de deixá-las de lado**. É por isso que não precisamos pensar na nossa cultura. Não temos que pensar nos nossos filhos. **Não temos que pensar no papel que a cultura da mídia tem de formar certos aspectos da masculinidade**. Não temos que pensar nas mensagens confusas que mandamos aos meninos e homens sobre violência e mandamos sempre¹⁹⁴.

A partir do depoimento de Katz, podemos compreender que, se por um lado os homens jovens se investem de máscaras para encobrir suas identidades e dores, por outro lado a sociedade constrói rótulos que geram estigmas que podem contribuir negativamente com o processo saúde-doença-cuidado entre os homens jovens. O desconhecimento do papel modelador da cultura na construção da identidade masculina pode contribuir para que os homens jovens, tidos como, “fora do padrão” sejam vistos a partir do desvio e sejam classificados a partir dos aspectos negativos da doença mental. De acordo com Amarante (1996) a construção das concepções das síndromes psicopatológicas se ampara “nos aspectos ditos ‘negativos’ da estrutura mental (**alienação, desrazão, incompreensibilidade, periculosidade, incapacidade** e assim por diante), informada pelo tipo de percepção social que se tem da loucura” (AMARANTE, 1996, p.111, grifo nosso). Os aspectos negativos da doença mental são acionados e dirigidos aos homens jovens em contraste à noção de um jovem alinhado aos padrões vigentes num dado período histórico e numa cultura específica. Segundo Goffman (2008) o termo estigma é usado:

em referência a um atributo profundamente depreciativo, mas o que é preciso, na realidade, é uma linguagem de relações e não de atributos. Um atributo que estigmatiza alguém pode confirmar a normalidade de outrem (GOFFMAN, 2008, p.13).

Ao apontar que os homens jovens não se cuidam implica em reconhecer com quais concepções acerca de cuidado instrumentamos o nosso olhar. Para Lyra *et al.*, (2002, p 11) “circulam no cotidiano contemporâneo ideias sobre adolescência e

¹⁹³ Esse bloco do documentário contempla discussões em torno de problemas que atravessam a vida dos homens e que consequentemente para a sociedade. O depoimento de Jackson Katz no documentário é precedido por um conjunto de discussões sobre violência, homicídios em massa e o acesso às armas de fogo pelos homens, embora esses temas não estejam presentes nas trajetórias de todos os homens, consideramos que importante discuti-los, com o devido cuidado de não generalizar.

¹⁹⁴ Cena (JACKSON KATZ, In: THE MASK YOU LIVE IN, 1:15:38, grifo nosso).

juventude que se associam à noção de crise, desordem, irresponsabilidade, enfim, problema social a ser resolvido, que merece atenção pública”. O cuidado possui diferentes sentidos, dimensões e conceituações, mesmo diante desta polissemia, no exercício de olhar para o cuidado do outro, geralmente, nós recorreremos aos nossos próprios sentidos, dimensões e concepções e, com isso, podemos incorrer no relativismo cultural e adotar práticas verticalizadas de cuidado que não reconhecem as demandas dos sujeitos. De acordo com Godin (2019):

Diversos profissionais da área ainda cometem esse erro de acreditar que razões de saúde explicam a manutenção, a adoção ou o abandono de comportamentos relacionados à saúde. Nessa perspectiva, eles desenvolvem suas intervenções educativas seja brandindo o espectro do medo, seja limitando suas intervenções exclusivamente à apresentação dos benefícios para a saúde de se adotar o “bom” comportamento. A expressão a seguir é com frequência reflexo disso: “Se as pessoas soubessem quais são os malefícios de seus hábitos de vida, adotariam os bons comportamentos”. [...] Uma tal direção na escolha dos conteúdos das mensagens educativas denota a grande preponderância atribuída às crenças dos profissionais, em detrimento das motivações das pessoas afetadas pelas intervenções (GODIN, 2019, p.18).

Como vimos os homens jovens possuem dificuldades de comunicarem suas dores, muitas vezes porque eles estão investidos de máscaras, Pollack (1999) em seus estudos com meninos e jovens, afirma que: “há muitas maneiras pelas quais podemos aprender a compreender os sentimentos mais profundos e a experiência de um menino, a conhecer quem ele *realmente* é ajudá-lo a amar e sentir-se bem com seu verdadeiro “eu”” (POLLACK, 1999, p. 31, grifo do autor). Katz em “*The Mask You Live In*” (2015) propõe um desafio aos homens:

Precisamos desafiar homens e meninos a demonstrarem as melhores partes do seu caráter, a serem as melhores versões de si mesmos como homens e seres humanos. Acho que é um desafio positivo. E muitos homens podem vencer o desafio¹⁹⁵.

Pollack (1999) aponta uma série de passos que acreditamos estar alinhados ao “desafio” lançado por Katz. O primeiro contempla os pais, professores e demais agentes que acompanham o desenvolvimento dos meninos, segundo o autor, esse grupo poderia:

¹⁹⁵ Cena (JACKSON KATZ, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 1:27:28).

[...] tornar-se sensível aos primeiros sinais de mascaramento dos sentimentos. Esses sinais incluem tudo, desde notas baixas a um comportamento arruaceiro; de “parecer tranquilo” à manifestação de sintomas de depressão; do uso de drogas e bebidas alcoólicas a se tornar um perpetrador ou uma vítima da violência; e, algumas vezes, [...] a máscara pode vir acompanhada do mantra “está tudo bem” (POLLACK, 1999, p. 31).

Pollack, nos chama atenção em “*The Mask You Live In*” (2015), sobre a relação entre as mães e seus filhos:

Para as mães, se o seu instinto diz que é melhor ficar próxima de seu filho, não seja dissuadida. Em um estudo que vimos, meninos que são próximos das mães de maneira saudável são menos propensos à violência têm mais chances de terem sucesso na vida, e vivem cinco anos a mais¹⁹⁶.

Badinter (1993) afirma que aproximação o fortalecimento dos vínculos entre homens jovens e as figuras femininas como a mãe, pode ser uma estratégia:

Hoje, como ontem, o jovem não pode se eximir da diferenciação masculina, que se traduz no distanciamento da mãe e a adoção de outro modo de identificação. Mas a reconciliação não pode operar-se pela eliminação de uma das duas partes. O reencontro do homem adulto com a sua feminidade original está nos antípodas do ódio de si que procede por exclusão. É verdade que o homem reconciliado não é educado no desprezo e no medo do feminino que caracterizavam a educação de seu avô. Por isso, aliás, o reencontro é menos difícil e dramático que outrora (BADINTER, 1993, p. 165).

Retomando os estudos de Pollack (1999), para o autor, o segundo passo:

[...] é aprender uma nova maneira de falar com os meninos, de modo que não sintam medo ou vergonha de partilhar seus verdadeiros sentimentos. Por exemplo, quando um garoto [...] chega em casa com um olho roxo, em vez de dizer: “Oh, meu Deus! Mas o *que* está acontecendo com você na escola?” ou “Que diabos aconteceu com você?”, uma linguagem menos intimidativa pode ser usada, por exemplo: “O que está acontecendo, você pode me contar?” ou “Notei que as coisas parecem um tanto diferentes para você ultimamente – agora estou vendo que alguma coisa está errada. Vamos conversar sobre isso” (POLLACK, 1999, p.31-32, grifo do autor).

O terceiro passo, segundo Pollack (1999), estaria relacionado a *síndrome do silêncio momentâneo*, na visão do autor, alguns meninos precisam de um momento de silêncio para que no tempo oportuno compartilhem seus sentimentos, diante disto, é preciso:

aprender a aceitar o *tempo emocional* próprio de um menino. [...] os meninos que partilham seus sentimentos normalmente levam mais tempo para fazê-lo do que as meninas. Enquanto uma garota poderá partilhar seus sentimentos tão logo lhe perguntem o que está errado, um menino irá frequentemente negar (ou mesmo ignorar-nos) na primeira vez que for abordado. Temos de

¹⁹⁶ Cena (WILLIAM POLLACK, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 1:25:59).

compreender como dar a ele o tempo que ele precisa e como reconhecer, por suas palavras e atitudes, os sinais de que está pronto para falar (POLLACK, 1999, p. 32, grifo do autor).

No quarto passo, encontramos o sentido de *ligação através da ação*, que segundo o autor:

em vez de ficar cutucando um menino para que ele se sente e compartilhe seus sentimentos conosco, começamos por nos juntar simplesmente a ele numa atividade que seja prazerosa. Muitas vezes, apenas *fazendo* alguma coisa para se divertir num parque de diversões – forjamos uma ligação que permitirá que ele se abra. No meio do dueto, do jogo ou num brinquedo de um parque de diversões, um garoto quase sempre se sente próximo e suficientemente protegido para compartilhar seus sentimentos que, de outro modo, manteria escondidos (POLLACK, 1999, p. 32, grifo do autor).

Reconhecemos que os apontamentos de Pollack (1999) demandam a múltiplos e sucessivos olhares dos pais e a família, dos professores, que em razão de sua proximidade podem acompanhar os primeiros sinais de mascaramento dos meninos e jovens. Ramos Padilla e Ramírez (2018, p.186, grifo dos autores, tradução nossa¹⁹⁷), consideram importante reconhecer precocemente: ““nos olhos dos homens” as emoções que socialmente são consideradas indicativas de vulnerabilidade e fraqueza, que, supostamente, não condizem com ser um homem”.

Os estudos de Camargo e seus colaboradores (2011) com um grupo de intergeracional de homens, indicam que o autocuidado masculino é fomentado no contexto familiar e pode incentivar os comportamentos preventivos, junto de suas famílias os homens jovens recebem informações sobre o cuidado no que concerne ao cuidado com a alimentação, a prática de atividade física, a busca por atenção médica e o uso de remédios quando necessário. Seguindo a tendência de outros estudos sobre a saúde da população masculina, os homens consideram que “... uma alimentação saudável e a prática regular de atividade física constituem cuidados importantes para a saúde” (CAMARGO *et al.*, 2011, p 189), ainda assim, os autores consideram que tais concepções sobre a importância dos cuidados não são desenvolvidas pelos homens, pois a busca por cuidados médicos se dá mediante a ocorrência da doença e as representações sobre saúde para os homens jovens estão relacionadas ao âmbito curativo. Nesse sentido as estratégias de cuidado à saúde necessitam ser planejadas e desenvolvidas na perspectiva da integralidade,

¹⁹⁷ No original: “a los ojos de los hombres, el reconocimiento y la expresión de todas las emociones que socialmente se considera que denotan vulnerabilidad, debilidad, pusilanimidad y que, supuestamente, no se condicen con el ser hombre”.

contemplando estratégias educativas, nas quais as demandas de cuidado à saúde dos homens jovens ocupem um lugar de centralidade. De acordo com Godin (2019):

o desenvolvimento de uma intervenção educativa ou dirigida para o indivíduo e visando à mudança planejada de um comportamento relacionado à saúde deveria apoiar-se numa identificação prévia dos fatores explicativos do fenômeno de interesse, para uma população definida, num contexto dado. [...] essa compreensão permitirá escolher o método de intervenção mais apropriado (GODIN, 2019, p.19).

Nos debates travados pelo campo da Saúde Pública e da Saúde Coletiva, é possível encontrar uma resistência em torno do uso do termo “intervenção”, em função da verticalidade das ações, um movimento que não reconhece as demandas dos sujeitos-alvo, sua autonomia e subjetividade. Nesse sentido, reconhecemos que os homens jovens precisam ser acolhidos. Para Gomes, Nascimento e Rebello (2008), um dos desafios a serem enfrentados no contexto da saúde da população masculina consiste na construção de ambientes atrativos a essa população, que promovam, por sua vez, o protagonismo dos homens nas ações do setor saúde, assim como no engajamento em ações e estratégias que culminem na redução das desigualdades no âmbito das relações de gênero. Desse modo, para Castro e Abramovay (2002, p.22), a proposição de ações que promovam o protagonismo juvenil “é parte de um método de educação para a cidadania que prima pelo desenvolvimento de atividades em que o jovem ocupa uma posição de centralidade, e sua opinião e participação são valorizadas em todos os momentos”. O desenvolvimento de ações que valorizam a participação social tendem a favorecer o exercício do protagonismo, ao passo que os indivíduos tendem a se tornar sujeitos críticos e cientes de suas potencialidades e atos, o que pode subsidiar seu protagonismo como autores de suas próprias histórias (BRASIL, 2012). Em relação aos cuidados voltados aos jovens, no Relatório da Conferência Internacional Sobre População e Desenvolvimento, realizada em 1994 no Cairo, encontramos outras recomendações:

O jovem deve ser ativamente envolvido no planejamento, na implementação e avaliação de atividades de desenvolvimento que afetem diretamente sua vida diária. Isso é especialmente importante com relação **atividades e serviços de informação, educação e comunicação concernentes à saúde reprodutiva e sexual, inclusive prevenção da gravidez prematura, educação sexual e prevenção do HIV/Aids e de outras doenças sexualmente transmissíveis**. O acesso a esses serviços deve ser assegurado, bem como sua confidencialidade e privacidade, com o apoio e orientação dos pais e de conformidade com a Convenção sobre os Direitos da Criança. Além disso, **há necessidade de programas de educação que**

favoreçam habilidades de planejamento de vida, sistemas de vida saudável e efetivo desestímulo de abuso de drogas (FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 2007, 59), (grifo nosso).

Em relação à saúde sexual e reprodutiva e as ações preventivas do HIV e das ISTs, Garcia (1998) aponta que ações não devem ser abordadas indissociavelmente dos comportamentos sexuais e reprodutivos dos homens. Para Pinheiro e Medeiros (2013, p.633) “os cuidados preventivos são considerados como próprios de um sujeito responsável, que normatiza suas ações, visando à eliminação da vulnerabilidade”. Arilha (1998, p.62), sinaliza que a “fase adolescente para a vida adulta é incorporação de responsabilidades, que no caso dos homens, está praticamente associado ao comportamento sexual e reprodutivo”.

Ayres *et al.* (2012) afirmam que as práticas de cuidado nas Unidades Básicas de Saúde (UBS) voltadas aos jovens são orientadas por uma perspectiva de cuidado normativo e circunscrita à saúde reprodutiva, para os autores, as demandas dos jovens estão centradas em “evitar a "gravidez precoce" e prevenir as DST/Aids, sem uma discussão mais aprofundada sobre os sentidos, valores e significados da vivência da sexualidade e da reprodução” (AYRES *et al.*, 2012, p. 73).

Figueiredo (2008) a partir de seus estudos no contexto da Atenção Primária à Saúde onde observou as práticas de saúde voltadas à saúde masculina, afirma que os homens jovens são mais ativos na resolução de suas demandas de saúde quando comparados aos idosos. Frente a esse cenário, compreendemos que o cuidado à saúde entre os jovens necessita contemplar atividades de Educação em Saúde, essas abordagens precisam ser construídas e realizadas a partir das demandas e da participação dos homens jovens, considerando as questões sociais e culturais e as especificidades de seus territórios.

A Educação em Saúde pode ser vista como uma estratégia de abordagem dos problemas que atravessam a cultura do cuidado à saúde entre os homens jovens , ao passo que permite a discussão de temas referentes à saúde na juventude, o engajamento dos jovens e a construção compartilhada de conhecimentos podem contribuir com a superação dos entraves do processo saúde-doença-cuidado dos homens jovens. As ações a que nos referimos, se alinham com os apontamentos de Moura (2012), que contemplam a:

necessidade de planejamento e desenvolvimento de estratégias de educação em saúde, voltadas para os homens, além de reforçar a necessidade de

sensibilização dos mesmos para o entendimento da sua própria fragilidade e responsabilidade com sua saúde (MOURA, 2012, p. 89).

Nos espaços de Educação em Saúde, podem ser desenvolvidas discussões em torno do corpo masculino, na perspectiva de Arilha (1998) as abordagens nesse cenário podem contribuir para:

desmitificar entre os homens e as mulheres a concepção de que o corpo masculino é simples, mecânico, e que por isso não necessita ser conhecido ou estudado. Também é relevante reverter a lógica de que se deve conhecer o funcionamento corporal apenas para poder realizar conquistas amorosas. **Deve-se conhecer para poder cuidar, tratar, e viver com mais qualidade e dignidade** (ARILHA, 1998, p. 74, grifo nosso).

Ainda na visão de Arilha (2008), entre as possíveis estratégias de abordagem dos problemas no campo da saúde reprodutiva, torna-se relevante reconhecer que a participação dos homens nas discussões em torno da saúde e dos direitos reprodutivos demandam esforços na:

conceituação e no campo da formulação, desenvolvimento e avaliação de políticas públicas, outra medida estaria associada a buscar o equilíbrio de gênero nas relações afetivas e sexuais, promovendo a autonomia dos envolvidos na relação e incrementando a comunicação sobre a vida sexual e reprodutiva (ARILHA, 1998, p. 71).

O engajamento dos homens jovens nas dinâmicas de cuidado é uma estratégia destacada por Taylor *et al.*, (2016, p. 81), segundo os autores, o cuidado “é um fator impulsionador da redução da violência”. Em relação ao engajamento dos homens no enfrentamento da violência de gênero, Segato (2018) afirma que:

os homens devem entrar nas lutas contra o patriarcado, mas não devem fazê-lo por *nós* [as mulheres] e para nos proteger do sofrimento que a violência de gênero nos inflige, mas por eles mesmos, para *eles mesmos* se libertarem do *mandato da masculinidade*, que os leva à morte prematura em muitos casos e uma sequência dolorosa de provações para a vida (SEGATO, 2018, p. 42, grifo da autora, tradução nossa¹⁹⁸).

No panorama dos estudos sobre juventude e cuidado, encontramos indicações que a escola pode ser vista como um espaço para discussão de temas relacionados aos eventos de saúde na juventude. Alves e Dell’Aglío (2015), ao analisarem as potencialidades do apoio social e os comportamentos de risco de jovens, reportam a

¹⁹⁸ No original: “*los hombres deben entrar en las luchas contra el patriarcado, pero que no deben hacerlo por nosotras y para protegernos del sufrimiento que la violencia de género nos inflige, sino por ellos mismos, para librarse del mandato de masculinidad, que los lleva a muerte prematura en muchos casos y a una dolorosa sucesión de pruebas de por vida*”.

necessidade do desenvolvimento de estratégias que considerem os ambientes em que os jovens estão inseridos, segundo os autores, a participação da família e dos professores é fundamental, à medida que no contexto familiar e escolar os jovens podem desenvolver o sentimento de pertencimento e de ligação afetiva. Nesse entendimento, Sant'Anna (2007), contribui ao se referenciar que a saúde e a educação compartilham campos de conhecimentos que podem contribuir na melhoria das relações entre as condições de vida, do trabalho, da saúde e na prevenção de doença.

Os aparatos sociais do território, dentre eles: a escola; podem ser compreendidos como campos potenciais para o desenvolvimento de ações de cuidado à saúde para os homens jovens. Nesse sentido, Ramos *et al.* (2013) apontam que os profissionais devem considerar a dinamicidade presente no território adscrito e desenvolver ações para além dos muros dos serviços de saúde. É visto segundo Silva Junior (2017) que a discussão e a problematização de temas como gênero e masculinidades podem contribuir para a igualdade de gênero e a justiça social. O ambiente escolar é visto segundo Camargo e Ferrari (2009, p.938) como: “um lugar importante para se trabalhar conhecimentos, habilidades e mudanças de comportamento, pois é local em que o adolescente permanece o maior tempo do seu dia”. A escola é “um local privilegiado para que meninos e meninas aprendam as possibilidades de serem masculinos e femininos” (SILVA JUNIOR; MAIA; IVENICK, 2018, p. 3).

Rodríguez (2011), considera pertinente a parceria entre instituições governamentais e serviços de atenção aos jovens, segundo o autor, a institucionalização de estratégias e ações tendem a promover práticas sociais de gênero com base em formas alternativas à masculinidade dominante. Silva Junior (2017) indica haver uma necessidade premente de trazer à baila essa temática em salas de aula, pois os estudantes estão em processos de desenvolvimento e num futuro próximo acumularão novos papéis sociais na vida adulta (SILVA JUNIOR, 2017). Pollack (1999) reconhece o papel da escola na identificação dos problemas de seus estudantes, o autor faz a seguinte pergunta – que pode ser tomada como uma provocação ou até um chamamento:

Se um estudante em nossa escola está infeliz com alguma coisa em sua vida, com algo relacionado à escola ou com outra coisa, teria um lugar onde *gostaria* de ir para falar de sua infelicidade? Se resposta à pergunta for “Não”, provavelmente, a escola ainda não reconhece sua responsabilidade (POLLACK, 1999, p. 309, grifo do autor).

Mancilha e Colvero (2017), destacam que as ações de cuidado à saúde voltadas para jovens necessitam considerar os contextos de valores e os modelos de referência. Viero *et al.* (2015), destacam que as ações voltadas a prevenção ao uso indevido de drogas e as abordagens com a temática da sexualidade para o público jovem devem privilegiar o diálogo, permitindo o compartilhamento de experiências, valorizando a reflexão a partir das experiências anteriores dos jovens. Em relação aos meninos no ambiente escolar, Pollack (1999) acredita que:

as escolas precisam entender suas contínuas necessidades emocionais de uma maneira honesta, consistente e dedicada. Somente então, meninos e seus genitores poderão confiar nas muitas horas despendidas na escola, sabendo que são provavelmente enriquecedoras e agradáveis, horas bem gastas que farão dos meninos jovens felizes, intelectualmente curiosos, emocionalmente completos e bem-sucedidos (POLLACK, 1999, p. 309).

Katz em “*The Mask You Live In*” (2015), aponta estratégias de mudança para algumas situações que atravessam a vida dos homens jovens, como: desigualdade, violência e pobreza. Recuperamos esse depoimento em razão dessas questões possuírem relação com o processo saúde-doença-cuidado na juventude masculina, sobretudo dos jovens em vulnerabilidade social. Segundo Katz, a construção dessas saídas passa pelo engajamento e pela redefinição do uso da força e da liderança entre os homens:

Precisamos redefinir a força do homem não como um poder sobre os outros, mas como uma busca por justiça. E justiça significa igualdade e equidade e lutar contra a pobreza e contra a desigualdade e violência. Isso é força. E precisamos de mais homens que [tenham] coragem de levantar a voz, mesmo que isso signifique correr algum risco de se embrenhar na cultura masculina e dizer coisas que vão deixar os homens desconfortáveis. Porque isso é liderança¹⁹⁹.

O cenário brasileiro atravessa atualmente um preocupante cenário de desmonte de serviços e Políticas Públicas, Pautassi (2016) afirma que é necessário:

Considerar o cuidado um direito universal que inclua todos e todas, em seu poder de reivindicar o direito de ser cuidado, de cuidar e de cuidar-se (autocuidado), não se trata apenas de promover ações que aumentem a oferta de serviços reprodutivos (educativos, da primeira infância, de saúde, culturais, de seguridade social), – que são fundamentais, sem dúvida –, mas também que abordem **transversalmente as responsabilidades, as**

¹⁹⁹ Cena (JACKSON KATZ, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 1:24:29).

autorizações legais, os arranjos familiares e societais: é necessário investimento, mas também reconhecimento. A tarefa urgente de aplicar o enfoque de direitos ao cuidado significa transformar a lógica atual de tratamento do cuidado, passando a considerar que cada pessoa, autônoma, detentora de direitos, pode e deve exigir a satisfação de suas demandas de cuidados, independentemente de sua situação de vulnerabilidade ou dependência. O dever de prestar de cuidados que o direito confere não se baseia na necessidade, mas na condição de pessoa do beneficiário. Ou seja, **não se deve argumentar que alguém necessita de cuidado por ser uma criança ou um paciente cuja situação o exige, mas sim que o Estado e os demais sujeitos que possuem obrigações** – tais como empregadores, ou ambos os progenitores em relação a seus filhos – devem provê-lo independentemente de sua situação, apenas porque é uma pessoa (PAUTASSI, 2016, p. 40, grifo nosso).

Em meio às ações de desmonte, encontramos um exemplo ilustrativo do engajamento de um grupo jovens brasileiros na construção de saídas para o setor saúde, a I Conferência Nacional Livre de Juventude e Saúde entre os dias 16 e 18 de novembro de 2018, quando foram discutidos os problemas e a construção de propostas a serem encaminhadas à XVI Conferência Nacional de Saúde, realizada em 2019 (BRASIL, 2019). Esse evento marca o engajamento dos jovens, a diversidade e a complexidade das propostas²⁰⁰ por eles construídas são indicativos de como esses jovens compreendem a saúde como um fenômeno complexo que demanda ações intersetoriais.

Atualmente, pode-se observar um movimento crescente de homens que se organizam em grupos para discutir temas relativos as masculinidades, esses coletivos ganham visibilidade através das redes sociais. Em alguns dos encontros virtuais que acompanhamos ao longo dos últimos dois anos, os participantes apresentam em seus discursos um repertório de argumentos que sustentam a necessidade da desconstrução dos modelos de masculinidade dominantes, o que poderíamos classificar como um movimento voltado a editar as masculinidades, construindo a “versão (h)omens 2.0”. As iniciativas adotadas nesses grupos, geralmente, não contemplam o desenvolvimento de atividades voltadas para homens jovens, muitos desses coletivos tem como público-alvo grupos intergeracionais – uma estratégia relevante que permite discutir transversalmente as demandas masculinas e suas repercussões na sociedade junto de homens de diferentes gerações, contudo, os homens jovens podem apresentar dificuldades de compartilhar suas experiências e

²⁰⁰ A diversidade das propostas que nos referimos pode ser consultada no relatório final da conferência, disponível em: <http://www.susconecta.org.br/wp-content/uploads/2019/02/Relato%CC%81rio-I-Conferencia-Nacional-Livre-de-Juventude-e-Sau%CC%81de-1.pdf>

questões junto de homens adultos. A discussão da temática do cuidado nessas iniciativas ainda é incipiente, a abordagem do tema se restringe às questões da relação entre a masculinidade e paternidade, um tema que muitos jovens podem apresentar resistência.

Frente ao exposto, compreendemos que as estratégias de cuidado voltadas aos jovens demandam a participação dos próprios jovens e diversos agentes, contudo, reconhecemos que se faz necessário que os olhares sejam convergentes para as demandas, subjetividades e que zelem pela autonomia dos homens jovens.

7 REFLEXÕES FINAIS

A realização desse estudo possibilitou a compreensão das interfaces entre a identidade masculina, o cuidado à saúde e as juventudes a partir da problematização de questões levantadas em *“The Mask You Live In”* (2015). Ao adotarmos um documentário como um material de pesquisa podemos analisar como diferentes atores sociais engendram seus olhares em torno de temas cotidianos, que por vezes são naturalizados. No *corpus* dos discursos dos depoentes de *“The Mask You Live In”* (2015), podemos localizar e problematizar questões que atravessam as vidas dos homens, como os prescritivos culturais presentes no processo de socialização e na construção da identidade masculina e as repercussões na cultura do cuidado à saúde entre os jovens.

A problematização das narrativas de *“The Mask You Live In”* (2015) nos permitiu, dentre outros achados, compreender que o distanciamento do cuidado entre os homens jovens pode estar relacionado à reprodução dos papéis de gênero. As representações do que é “ser homem” são diametralmente opostas a imagem de um homem afeito ao cuidado, que se cuida, que pode cuidar de alguém, que sofre, que adocece e que reconhece e admite publicamente ser vulnerável. Os estereótipos valorizados pelos homens jovens contemplam a imagem de um homem viril, dotado de um corpo forte, autônomo que é capaz de consumir, controlar, dominar e prover. Diante desses prescritivos, os homens, incluindo os jovens, acabam por esconder seus fracassos e dores. Reconhecer-se como homem vulnerável, que precisa de cuidados, pode “arranhar” a imagem-objeto tão perseguida e valorizada pelos homens. O processo de construção da identidade masculina, em alguns casos, é fortemente, orientada pela herança de gênero e pelos estereótipos e representações sobre a imagem masculina, nessa direção, muitos meninos e jovens imbuídos da necessidade de terem sua masculinidade validada através dos olhares externos tomam como referência os valores e comportamentos presentes em suas culturas.

Atribuímos o sentido de *“díptico da masculinidade”* a reprodução entre os homens dos estereótipos masculinos valorizados socialmente, nessa perspectiva, os meninos e jovens e homens percebem, incorporam e performam o *ethos* masculino na prerrogativa de serem aceitos, reconhecidos como um “homem de verdade”, assim como um *díptico*, os homens e suas identidades masculinas estão em constante

comparação e disputa com o “modelo de homem” reconhecido e valorizado socialmente. O *díptico da masculinidade* é construído a partir de um “extraordinário trabalho coletivo de socialização difusa e contínua que as identidades distintivas que a arbitrariedade cultural institui se encarnam em *habitus* [...]” (BOURDIEU, 2012, p. 41).

Frente à essa questão, reconhecemos que a identidade masculina não é construída como um políptico, pois os homens não são como madeiras a serem talhadas. Através dos construtos que reunimos no percurso teórico-metodológico e da problematização das narrativas do documentário, compreendemos que a construção da identidade masculina quando orientada pela reprodução dos estereótipos masculinos tende a promover o distanciamento dos homens jovens do cuidado. A socialização masculina é permeada por ritos e injunções que demandam provas de masculinidade aos homens jovens, como “ser sólidos como o carvalho” como nos lembra (POLLACK, 1999, p. 48-49), esse prescritivo, segundo o autor implica que os “homens devem ser estoicos, estáveis e independentes. Um homem jamais demonstra fraqueza [...], os meninos não devem partilhar a tristeza e a dor abertamente”. A incorporação dessas disposições pelos homens jovens repercute no desaparecimento da linguagem emocional e na percepção e comunicação de suas dores e vulnerabilidades, o que pode promover a incorporação de máscaras e favorecer a alexitimia, que segundo Freire (2010, p. 18) é caracterizada como uma “grande dificuldade para usar uma linguagem apropriada para expressar e descrever sentimentos e diferenciá-los de sensações corporais”.

As prescrições de virilidade, bem como a herança de gênero, possuem uma estreita relação com a cultura do cuidado à saúde entre os homens jovens, ao passo que estão estruturadas na rejeição do feminino e orientam a construção de comportamentos e valores do *ethos* masculino. A problematização das narrativas de “*The Mask You Live In*” (2015), nos permitiu identificar que os homens jovens valorizam a virilidade, a honra, a invulnerabilidade em detrimento do cuidado à saúde e do cuidado de si, o que pode repercutir na baixa procura por serviços de saúde e nas práticas de autocuidado entre os homens jovens. Compreendemos que esse distanciamento masculino do cuidado está estruturado na rejeição do feminino, um mandato de masculinidade ensinado e aprendido pelos homens em seus processos de socialização. As expectativas e pressões sociais que recaem sobre os homens

jovens, repercutem na incorporação das prescrições de virilidade e no afastamento dos comportamentos e atribuições tidas como femininas, dentre elas: o cuidado. A relação dos homens com o cuidado está estruturada a partir da negação, pois como aponta Tamanini (2018) o cuidado é o espaço do invisibilizado, o que na perspectiva da autora, é erroneamente atribuído e circunscrito ao universo feminino.

Os estudos indicam que os homens, nos diferentes grupos etários, apresentam maior morbimortalidade, ainda assim persistem, dentre homens a negação e distanciamento do cuidado o que poderia estar relacionado às concepções e representações que apenas os corpos frágeis e doentes necessitam de cuidado. A relação dos homens jovens com o cuidado, geralmente, está estruturada numa perspectiva não-relacional, à medida que os jovens terceirizam o cuidado com uma figura feminina com quem mantenham uma relação de afeto ou familiar, incorrendo desta forma, numa disposição de receptor do cuidado. Esse distanciamento do cuidado incorre ainda na negação da dor, do sofrimento e aversão ao cuidado, refletidos na adoção de comportamentos de invulnerabilidade e demonstrações de força.

Reconhecemos a necessidade de problematizar junto dos homens jovens a comunicação de suas dores e derrotas, bem como suas percepções acerca dos privilégios entre os homens, pois como afirma Welzer-Lang (2001), esses fenômenos não são percebidos da mesma forma pelos sujeitos em razão da divisão simbólica que orienta as atribuições masculinas como nobres e atribui às mulheres as atividades de menor valor social. Diante desse cenário, reconhecemos ser necessário a criação de espaços e atividades que favoreçam a reflexão dos homens jovens acerca desses temas.

No percurso teórico-metodológico dessa pesquisa, encontramos estudos do campos da Saúde Pública e Coletiva, que indicam que os homens adentram os Sistemas de Saúde pelos serviços de alta complexidade, uma indicação que as ações de Promoção da Saúde e Prevenção ainda são incipientes dentre os homens de todas as idades, os olhares dos estudiosos indicam ainda, a descontinuidade e os desmonte das Políticas Públicas de Saúde voltadas aos jovens. As pesquisas do campo da Ciências da Saúde vêm possibilitando a construção de conhecimentos sobre a saúde na juventude, contudo, esses campos descritos, tendem a aplicar seus olhares a partir

da instalação da doença ou do agravo na vida dos jovens²⁰¹. É possível encontrar em alguns estudos do campo das Ciências Sociais e Humanas, abordagens que contemplam outras perspectivas, como a Antropologia da Saúde e a Sociologia do Cuidado, esses olhares, múltiplos, necessitam ser vistos como complementares, haja vista que as juventudes e as masculinidades e os diversos sentidos atribuídos ao processo saúde-doença-cuidado precisam ser compreendidos e discutidos numa perspectiva transdisciplinar, o que permitiria a compreensão da complexidade dos fenômenos que perpassam a cultura do cuidado à saúde entre os homens jovens.

O cuidado não pode ser estudado *in vitro*, pois está enraizado nas relações sociais, na cultura, nas representações que construímos enquanto sociedade sobre a saúde e a doença. Encontramos muitos estudos que refletem a diversidade dos jovens, dentre eles os brasileiros, a partir dos marcadores sociais, como cor, etnia, gênero, a naturalidade, as condições socioeconômicas, a escolaridade, dentre outros, destacamos que essas características precisam ser abordadas e problematizadas de forma a não hierarquizar, a não relativizar as diferenças entre os jovens. Entendemos ser necessário o desenvolvimento de estudos que lancem novos olhares para além dos problemas que atravessam a vida dos jovens contemplando suas aspirações e as potencialidades das juventudes.

O desenvolvimento desse estudo permitiu localizar as potencialidades das narrativas cinematográficas como um meio fecundo para o desenvolvimento de atividades reflexivas que poderão, futuramente, subsidiar a realização de abordagens educativas e reflexivas em torno do cuidado à saúde dos homens jovens, permitindo a abordagem e a discussão de temas relacionados ao cuidado de si, do cuidado à saúde, do cuidado do outro, temas que em razão de sua complexidade podem ser sensíveis e de difícil abordagens entre os jovens. O cinema, nesse escopo educativo, pode ser utilizado para deflagrar a discussão em torno de temas que são experienciados individualmente pelos jovens.

Em razão da heterogeneidade dos coletivos juvenis, compreendemos que a abordagem de temas polissêmicos pode ser mediada pela problematização das narrativas cinematográficas, o que pode vir a favorecer a discussão das múltiplas concepções atribuídas ao cuidado, bem como promover a reflexão dos sentidos

²⁰¹ Reconhecemos que cada campo de conhecimento possui uma tendência para abordar/discutir, ou seja, cada campo possui disposição para olhar, compreender e descrever os seus objetos de análise e intervenção.

relacionados à identidade masculina, como força, invulnerabilidade, potência, dominação, violência, dentre outros. O desenvolvimento de abordagens educativas junto dos homens jovens a partir da problematização de cenas do cinema, pode facilitar a compreensão dos fatores que promovem o distanciamento do cuidado dos homens jovens, por meio da reflexão de questões e fatores relacionados ao processo saúde-doença-cuidado na juventude masculina e, pode subsidiar ainda, a construção compartilhada de conhecimentos e estratégias de enfrentamento a partir do engajamento dos jovens.

Compreendemos que a vigilância das masculinidades é um processo onde os pais e outros agentes²⁰² e instituições participam comunicando simbolicamente os prescritivos de virilidade e a adoção de comportamentos “compatíveis” com a imagem de um homem forte, hábil, autônomo e provedor. Dentre as estratégias de cuidado voltadas aos homens jovens, reconhecemos a necessidade de incluir a família, os professores e outros agentes, na discussão, convidando-os a olharem por trás das máscaras e se engajarem na reflexão do processo saúde-doença-cuidado dos homens jovens.

Por fim, reconhecemos que as estratégias de cuidado voltadas aos homens jovens demandam sucessivos olhares: por trás das máscaras; para os efeitos modeladores da cultura; para as instituições e suas conformidades; para as Políticas Públicas de Saúde e Educação voltadas aos jovens; dentre outros. As estratégias de aproximação e as dinâmicas de cuidado dos jovens devem privilegiar abordagens reflexivas e participativas, valorizando a subjetividade, a autonomia e as demandas de saúde e sociais dos homens jovens.

²⁰² Destacamos que essa afirmativa não deve ser compreendida como uma sentença, que culpabiliza os pais e outros agentes, todavia, torna-se relevante reconhecer que as possíveis saídas de enfrentamento podem se beneficiar da participação desses agentes.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABASSE, Maria Leonor Ferreira.; OLIVEIRA, Ronaldo Coimbra de.; SILVA, Tiago Campos.; SOUZA, Edinilsa Ramos de. Análise epidemiológica da morbimortalidade por suicídio entre adolescentes em Minas Gerais, Brasil. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 2, p. 407-416, abr. 2009.

ABÍLIO, Ludmila Costhek. Uberização: a era do trabalhador just-in-time? **Estud. av.**, São Paulo, v. 34, n. 98, p. 111-126, Abr. 2020. Disponível em: <http://passapalavra.info/2017/02/11068>. Acesso em 07 maio 2020.

ABRAMO, Helena Wendel. Identidades juvenis: estudo, trabalho e conjugalidade em trajetórias reversíveis. *In*: PINHEIRO, Diógenes; RIBEIRO, Eliane; VENTURI, Gustavo; NOVAES, Regina. (Org.). **Agenda Juventude Brasil**. Leituras sobre uma Década de Mudanças. Rio de Janeiro: UNIRIO, 2016. p. 19-61.

ABRAMOVAY, Miriam. **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina**: desafios para políticas públicas. Brasília: UNESCO, BID, 2002.

ALENCAR, Sylvia Elisabeth de Paula. **O cinema na sala de aula**: uma aprendizagem dialógica da disciplina história. 2007. (Dissertação de mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade Federal do Ceará. Fortaleza/CE. 2007.

ALMEIDA, Milton José. **Cinema**: arte da memória. 2.ed. Campinas-SP: Autores Associados, 2009

ALMEIDA, Milton José. **Imagens e sons**: a nova cultura oral. São Paulo: Cortez, 2004.

ALVES, Cássia Ferrazza.; DELL'AGLIO, Débora Dalbosco.. Apoio social e comportamento de risco na adolescência. **Psico**, Porto Alegre, v. 46, n. 2, pp. 165-175, abr./ jun. 2015.

AMARANTE, Paulo Duarte de Carvalho. **O homem e a serpente**: outras histórias para a loucura e a psiquiatria [online]. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1996.

ANTUNES, Maria Cristina.; PERES, Camila Alves.; PAIVA, Vera.; STALL, Ron.; HEARST, Norman. Diferenças na prevenção da Aids entre homens e mulheres jovens de escolas públicas em São Paulo, SP. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 36, n. 4, supl. p. 88-95, ago., 2002.

ARENAS-MONREAL, Luz; PINA-POZAS, Maricela; GOMEZ-DANTES, Héctor. Aportes y desafíos del enfoque de género en el estudio de las enfermedades transmitidas por vector. **Salud pública Méx**, Cuernavaca, v. 57, n. 1, p. 66-75, fev. 2015.

ARILHA, Margareth. Homens: entre a “zoeira” e a “responsabilidade”. *In*: ARILHA, Margareth.; UNBEHAUM, Sandra. G.; MEDRADO, Benedito. **Homens e masculinidades**: outras palavras. (Orgs.) São Paulo: ECOS/Ed. 34, 1998. p.51-77.

ARNETT, Jeffrey Jensen. Stanley Hall's adolescence: Brilliance and Nonsense. **History of Psychology**, 9(3), 186–197, 2006. Disponível em: http://www.jeffreyarnett.com/Arnett%20new%20website/Articles/Arnett_2006_HP2.pdf. Acesso em 05 jan. 2020.

ASSIS, Simone Gonçalves de. CONSTANTINO, Patrícia. Perspectivas de prevenção da infração juvenil masculina. **Ciência e Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, n. 10, v. 1, p. 81-90, 2005.

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita. O cuidado, os modos de ser (do) humano e as práticas de saúde. **Saúde soc.**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 16-29, dez., 2004.

AYRES, José Ricardo de Carvalho Mesquita.; CARVALHO, Yara Maria de.; NASSER, Mariana Arantes.; SALTÃO, Rodrigo Marcinkevicius.; MENDES, Valéria Monteiro. Caminhos da integralidade: adolescentes e jovens na Atenção Primária à Saúde. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 16, n. 40, p. 67-82, mar., 2012.

BADINTER, Elisabeth. **XY**: sobre a identidade masculina. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1993.

BALTAR, Mariana. **Realidade lacrimosa**: o melodramático no documentário brasileiro contemporâneo. Niterói, RJ: Eduff, 2019.

BARBIERI, Teresita de. "Sobre la categoría género. Una introducción teórico-metodológica". In: RODRÍGUES, Regina (Ed.). **Fin de siglo: genero y cambio civilizatorio**. Santiago: Isis Internacional, p. 111-128, 1992.

BARKER, Gary T. **Homens na linha de fogo**: juventude, masculinidade e exclusão social. Tradução: Alexandre Arbex Valadares. Rio de Janeiro: 7Letras, 2008.

BARKER, Gary. Trabalho não é tudo, mas é quase tudo: homens, desemprego e justiça social em Políticas Públicas. In: MEDRADO, B., LYRA, J., AZEVEDO, M., BRASILINO, J. (Orgs.) **Homens e masculinidades**: práticas de intimidade e políticas públicas. Recife: Instituto PAPAI, 2010. p. 125-138.

BEAUVOIR, Simone. **O Segundo Sexo**: a experiência vivida. Tradução de Sérgio Milliet. v.2. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.

BECKER, Howard S. **Outsiders**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

BELLONI, Maria Luiza. **Infância, Mídias e Educação**: revisitando o conceito de socialização. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 25, n. 1, 41-56, jan./jun. 2007.

BENJAMIN, Walter. A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica. In: BENJAMIN, W. **Magia e técnica, arte e política**. Ensaios sobre literatura e história da cultura. Obras escolhidas, Vol. 1. Trad. Sergio Paulo Rouanet. 3. Ed. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1987.

BOCK, Ana Mercês Bahia. A perspectiva sócio-histórica de Leontiev e a crítica à naturalização da formação do ser humano: a adolescência em questão. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 24, n. 62, p. 26-43, abr. 2004.

BOISE, Sam de. Editorial: is masculinity toxic? **International Journal for Masculinity Studies**. v. 14 n. 3, 2019.

BOURDIEU, Pierre. 1983. A “juventude” é só uma palavra. In: _____. **Questões de Sociologia**. Questões de sociologia. Rio de Janeiro: Marco Zero. P. 112-121.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é só uma palavra. In: _____. **Questões de Sociologia**. Tradução: Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século Edições, Sociedade Unipessoas, p.151-162, 2003.

BOURDIEU, Pierre. **A Dominação Masculina**. Tradução de Maria Helena Kühner. 11ª. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, Pierre. O capital social – notas provisórias. In: CATANI, A.; NOGUEIRA, M. A. (Orgs.) **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1998.

BRASIL, Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Adolescentes e jovens para a educação entre pares: adolescências, juventudes e participação**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Saúde, 2011b.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística IBGE. **Censo Demográfico 2010**. Rio de Janeiro: IBGE, 2018. Disponível em: <http://www.censo2010.ibge.gov.br>. Acesso em 03 de nov. 2018.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Relatório Final da 1ª Conferência Nacional Livre de Juventude e Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2019. Disponível em: http://www.susconnecta.org.br/wp-content/uploads/2019/02/Relato%CC%81rio_I-Confere%CC%82ncia-Nacional-Livre-de-Juventude-e-Sau%CC%81de-1.pdf. Acesso em 05 out. 2020.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas e Estratégicas. **Proteger e cuidar da saúde de adolescentes na atenção básica**. Brasília: Ministério da Saúde, 2017a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. Departamento de DST, Aids e Hepatites Virais. **Adolescentes e jovens para a educação entre pares: sexualidades e saúde reprodutiva**. Ministério da Saúde. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica – Brasília: Ministério da Saúde, 2011a.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Perfil epidemiológico das tentativas e óbitos por suicídio no Brasil e a rede de atenção à saúde**. Boletim Epidemiológico. v. 48, n. 30, p.1-15, Brasília, 2017b.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria-Executiva. Secretaria de Vigilância em Saúde. **Glossário temático: promoção da saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2012.

BURKE, Peter. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2008.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência**. São Paulo: Publifolha, 2000.

CAMARGO, BRIGIDO VIZEU.; CAMPOS, PEDRO HUMBERTO FARIAS.; TORRES, TATIANA DE LUCENA.; STUHLER, GIOVANA DELVAN.; MATÃO, MARIA ELIANE LIÉGIO. Representações sociais de saúde e cuidado: um estudo multicêntrico sobre vulnerabilidade masculina. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 19, n. 1, p. 179-192, jun., 2011.

CAMARGO, Elisana Ágatha lakmiu; FERRARI, Rosângela Aparecida Pimenta. Adolescentes: conhecimentos sobre sexualidade antes e após a participação em oficinas de prevenção. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 14, n. 3, p. 937-946, jun., 2009.

CARRASCO, Cristina. A sustentabilidade da vida humana: um assunto de mulheres? In: FARIA, N.; NOBRE, M.N. **A Produção do Viver**. São Paulo: Sempre Viva Organização Feminista – SOF, 2003.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. & SILVA, L. B. **Juventudes e Sexualidade**. Brasília: Unesco, 2004.

CASTRO, M. G.; ABRAMOVAY, M. Por um novo paradigma do fazer políticas: políticas de/para/ com juventudes. **Revista Brasileira de Estudos de População**, v.19, n.2, jul./dez., 2002.

CECILIO, Luiz Carlos Oliveira. Apontamentos teórico-conceituais sobre processos avaliativos considerando as múltiplas dimensões da gestão do cuidado em saúde. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 15, n. 37, p. 589-599, jun., 2011.

CEPAL - DIVISION DE DESAROLLO SOCIAL. “Juventud rural: fuerza de modernidad y democracia”. In: CEPAL. **Juventud rural: modernidad y democracia en América Latina**. Santiago do Chile, 1996. Disponível em: https://repositorio.cepal.org/bitstream/handle/11362/19627/S9600084_es.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em 07 jan. 2020.

CEZAR, B. R. R.; VARGAS, E. P. Revistas femininas juvenis e a educação sexual no ensino de ciências. **Revista Práxis** (Volta Redonda. Impresso), ano vi, p. 35-51, 2014.

CIPOLINI, A. **Não é fita, é fato**: tensões entre instrumento e objeto – Um estudo sobre a utilização do cinema na educação. Dissertação de mestrado. Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo. São Paulo – SP, 2008.

CLAUMANN, G. S., PINTO, A. A., SILVA, D. A. S., PELEGRINI, A. Prevalência de pensamentos e comportamentos suicidas e associação com a insatisfação corporal em adolescentes. **Jornal Brasileiro de Psiquiatria**, Rio de Janeiro, v. 67, n. 1, p. 3-9, Mar. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/0047-2085000000177>.

CONNELL, R. **The men and the boys**. Los Angeles: University of California Press, 2000.

CONNELL, R. W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Rev. Estud. Fem.**, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CONNELL, Robert W. La organización social de la masculinidad. *In*: VALDÉS, T; OLAVARIA, J. (Orgs.), **Masculinidad/es: poder y crisis**, Santiago, Chile: Isis Internacional, 1997.

CONSEJO NACIONAL PARA PREVENIR LA DISCRIMINACIÓN. **Guía para la acción pública contra la homofobia**. México: Distrito Federal, 2012. Disponível em: https://www.gob.mx/cms/uploads/attachment/file/250005/EG_gap-homofobia.pdf. Acesso em 28 maio 2020.

CONTATORE, O. A.; MALFITANO, A. P. S.; BARROS, N. F. Cuidados em saúde: sociabilidades cuidadoras e subjetividades emancipadoras. **Psicol. Soc.**, Belo Horizonte, v. 30, 2018.

CONTATORE, O. A.; MALFITANO, A. P. S.; BARROS, N. F. Os cuidados em saúde: ontologia, hermenêutica e teleologia. **Interface (Botucatu)**, Botucatu, v. 21, n. 62, p. 553-563, set., 2017.

CONTATORE, O. A.; MALFITANO, A. P. S.; BARROS, N. F. Por uma sociologia do cuidado: reflexões para além do campo da saúde. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, 2019.

CORBIN, Alain.; COURTINE, Jean-Jacques.; VIGARELLO, Georges. Introdução. *In*: _____. **História da virilidade: a invenção da virilidade**. Vozes: Petrópolis, 2013.

COSTA, J. M.; PINHEIRO, N. A. M. O ensino por meio de temas-geradores: a educação pensada de forma contextualizada, problematizada e interdisciplinar. **Imagens da Educação**, v. 3, n. 2, p. 3-44, 2013.

CUNHA, M. B.; GIORDAN, M. A imagem da ciência no cinema. **Revista Química Nova na Escola**, v. 31, n. 1, 2009, p. 9-17.

DAYRELL, J. A escola "faz" as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.**, Campinas, v. 28, n. 100, p. 1105-1128, out., 2007.

DAYRELL, J. O jovem como sujeito social. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, n. 24, p. 40-52, dez., 2003.

DE CICCO, R. **Potencialidades e limites do ensino das doenças sexualmente transmissíveis**: um estudo qualitativo na perspectiva socioantropológica. Dissertação (Mestrado em Ensino de Biociências em Saúde) - Instituto Oswaldo Cruz – Fundação Oswaldo Cruz, 2012. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistapsico/article/view/18250/13345>. Acesso em 12 abr. 2018.

DOMINGUES-CASTRO, Mariana S.; TORRES, Albina R. Hikikomori. **Revisão sobre um grave fenômeno de isolamento social**. J. bras. psiquiatr., Rio de Janeiro, v. 67, n. 4, p. 264-272, dez. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0047-2085000000214>. Acesso em 22 set. 2020.

DUARTE, R. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

ECOS. Comunicação em Sexualidade. **Adolescentes, jovens e profissionais de saúde**: metodologias para a construção de serviços de saúde amigáveis. São Paulo: ECOS – Comunicação em Sexualidade, 2010.

FAVARETTO, C. Prefácio. *In*: SETTON, Maria da Graça Jacintho (Org.). **A cultura da mídia na escola**: ensaios sobre cinema e educação. São Paulo: Annablume: USP, p. 9-13, 2004.

FEITOSA, S.C.S. **Método Paulo Freire**. Princípios e Práticas de uma concepção popular de Educação. Dissertação (Dissertação de Educação – Filosofia da Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 1999.

FEIXA, C. **De jóvenes, bandas y tribus**: antropología de la juventud. Barcelona: Ariel, 1999.

FERREIRA, Brancolina.; ALVES, Fábio. Juventude rural: alguns empasses e sua importância para a agricultura familiar. *In*: CASTRO, Jorge Abrahão; AQUINO, Luseni Maria C.; ANDRADE, Carla Coelho. **Juventude e políticas sociais**. Brasília: IPEA, p.246-259, 2009.

FERREIRA, Débora.; SANTOS, António J.; RIBEIRO, Olívia.; FREITAS, Miguel.; CORREIA, João V.; RUBIN, Kenneth. Isolamento social e sentimento de solidão em jovens adolescentes. **Aná. Psicológica**, Lisboa, v. 31, n. 2, p. 117-127, jun., 2013.

FIGUEIREDO, Wagner dos Santos. Masculinidades e Cuidado: diversidade e necessidade de saúde dos homens na atenção primária. Tese (doutorado) - Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo, 2008.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. **Foucault e a análise do discurso em educação**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 114, p. 197-223, nov. 2001. <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-15742001000300009>. Acesso em 29 set. 2020.

FONTOURA, H. A. **Tematização como proposta de análise de dados na pesquisa qualitativa**. *In*: Helena Amaral da Fontoura. (Org.). Formação de professores e diversidades culturais: múltiplos olhares em pesquisa. Niterói: Intertexto, p. 61-82, 2011.

FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. *In*: **Ditos & escritos V** – Ética, sexualidade, política. Tradução de Elisa Monteiro e Inês Dourado Barbosa. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2004.

FOUCAULT, Michel. **Hermenêutica do sujeito**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

FOUCAULT, Michel. **Nascimento da biopolítica**. Tradução: Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FREIRE, Luís. Alexitimia: dificuldade de expressão ou ausência de sentimento? Uma análise teórica. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 26, n. 1, p. 15-24, Mar. 2010.

FREIRE, Luís. Alexitimia: dificuldade de expressão ou ausência de sentimento? Uma análise teórica. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília, v. 26, n. 1, p. 15-24, Mar. 2010

FREIRE, P. **Conscientização**. São Paulo: Moraes, 1980.

FUNDO DE POPULAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. Relatório da Conferência Internacional sobre População e Desenvolvimento – CIPD 94. Cairo, 5-13 de setembro 1994. Disponível em: <http://www.unfpa.org.br/Arquivos/relatorio-cairo.pdf>. Acesso em: 16 abr. 2019.

FURLANI, Daniela Dias; BOMFIM, Zulmira Áurea Cruz. Juventude e efetividade: tecendo projetos de vida pela construção dos mapas afetivos. **Psicologia & Sociedade**, v. 22, n. 1, p. 50-59, 2010.

FURTADO, Juliana de Assis. **Porque eu sou é homem: a representação do masculino na publicidade brasileira na década de 1970 e nos anos 2000**. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Práticas de Consumo) – Escola Superior de Propaganda e Marketing, São Paulo, 2008.

GARCIA, Sandra Mara. Conhecer os homens a partir do gênero e para além do gênero. In: ARILHA, Margareth.; UNBEHAUM, Sandra. G.; MEDRADO, Benedito. **Homens e masculinidades**: outras palavras. (Orgs.) São Paulo: ECOS/Ed. 34, p. 31-50, 1998.

GARCIA, Wilton. **Corpo, mídia e representação**: estudos contemporâneos. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2005.

GHILARDI-LUCENA, Maria Inês. O gênero masculino na mídia impressa brasileira. In: CONGRESSO INTERNACIONAL LUSOCOM, 7, 2006, Santiago de Compostela. Anais. Disponível em: <http://www.bocc.ubi.pt/pag/ghilardi-maria-representacoes-genero-masculino-midia-imprensa-brasileira.pdf>. Acesso em: 14 jan. 2020.

GILLIGAN, Carol. **Uma voz diferente**. Tradução de Nathanael C. Caixeiro. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1982.

GODIN, Gaston. Introdução. In: _____. (Org.). **Os comportamentos na área da saúde: compreender para melhor intervir**. Tradução de Heloisa B. S. Rocha. Campinas, SP: Editora da Unicamp, p. 17-22, 2019.

GOFFMAN, Erving. **Estigma** – Notas Sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada. Tradução: Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. 4ª.ed., Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GOMES R.; NASCIMENTO E.F. A produção do conhecimento da saúde pública sobre a relação homem saúde: uma revisão bibliográfica. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 5, p. 901-11, 2006.

GOMES, R.; NASCIMENTO, E.F.; REBELLO, L.E.F. **As Representações da Masculinidade e o Ser Homem**. Fazendo Gênero 8 - Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, 2008.

GOMES, Romeu.; REBELLO, Lúcia Emília Figueiredo de Sousa.; NASCIMENTO, Elaine Ferreira do.; DESLANDES, Suely Ferreira.; MOREIRA, Martha Cristina Nunes. A atenção básica à saúde do homem sob a ótica do usuário: um estudo qualitativo em três serviços do Rio de Janeiro. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 16, n. 11, p. 4513-4521, 2011.

GONÇALVES, Maria Alice Rezende.; CATHARINO, Tania Ribeiro. Políticas Públicas e juventudes: repensando riscos e proteções. *In*: CATHARINO, Maria Alice Rezende; GONÇALVES, Maria Alice Rezende. (Orgs.). **Adolescências e juventudes**: entre o espaço público e as políticas de cuidados. Rio de Janeiro: Quartet, p. 19-36, 2008.

GONZALEZ, Roberto. Políticas de emprego para jovens: entrar no mercado de trabalho é a saída? *In*: CASTRO, Jorge Abrahão; AQUINO, Luseni Maria C.; ANDRADE, Carla Coelho. **Juventude e políticas sociais**. Brasília: IPEA, p. 111-128, 2009.

GRACIANI, Maria Stela Santos. Quem é o menino(a) de rua e na rua. *In*: _____. **Pedagogia social da rua**: análise e sistematização de uma experiência vivida. São Paulo: Cortez/Instituto Paulo Freire, p.85-121, 1999. Disponível em: <http://192.168.2.243:8080/handle/7891/20988> . Acesso em 17 jun. 2020.

GROPPO, L. A. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000.

GROPPO, Luís Antônio. Dialética das juventudes modernas e contemporâneas. **Revista do COGEIME**. Piracicaba, v. 13, n. 25, p. 9-22, 2004.

GRUNNAGEL, Christian; WIESER, Doris. "Nós somos machistas": entrevistas com escritores/as brasileiros/as. **Estud. Lit. Bras. Contemp.**, Brasília , n. 45, p. 343-350, June 2015.

HALLOWAY, Kali. **La masculinidad está matando a los hombres**: la construcción del hombre y su desarraigo. *In*: (não tem organizador). No nacemos machos. Cinco ensayos para repensar el ser hombre em le patriarcado. Cidade do México: Ediciones La Social, pp. 31-46, 2017.

HARDY, Ellen; JIMENEZ, Ana Luisa. Masculinidad y Género. **Rev Cubana Salud Pública**, Ciudad de La Habana, v. 27, n. 2, p. 77-88, dic., 2001.

HARTIGAN P. **Género, ambiente y salud**. Incorporación de un enfoque de género en el trabajo de salud ambiental. Washington DC: OPS/OMS, 1998. Disponível em: <https://www1.paho.org/Spanish/HDP/HDW/doc401.pdf>. Acesso em 13 jun. 2020.

HEILBORN, M. L. Articulando gênero, sexo e sexualidade: diferenças na saúde. *In*: GOLDENGERG, P.; MARSIGLIA, R. J.G & GOMES, M. H. A. (Org.) **O clássico e o novo**: tendências, objetos e abordagens em ciências sociais e saúde. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2003.

HEILBORN, M. L. Gênero, Sexualidade e Saúde. *In*: **Saúde, Sexualidade e Reprodução** - compartilhando responsabilidades. Rio de Janeiro: EdUERJ, p. 101-110, 1997.

HEILMAN, B., BARKER, G.; HARRISON, A. **La caja de la masculinidad**: un estudio sobre lo que significa ser hombre joven en Estados Unidos, el Reino Unido y México. Washington DC y Londres: Promundo-US y Unilever, 2017. Disponível em: https://promundoglobal.org/wp-content/uploads/2017/03/PRO17003_report_ES_007.pdf. Acesso em 23 set. 2020.

HILGERT, A. V; FISCHER, R. M. B. Educação estética, cinema e alteridade. **Cad. Pesqui.**, São Paulo, v. 46, n. 162, p. 1234-1257, dez., 2016.

HIRATA, Helena. Globalização, trabalho e gênero. **R. Pol. Públ.**, v. 9, n. 1, p.111-128, jul./dez. 2005.

HOFF, Tânia Márcia Cezar. Produção de sentido e publicização do discurso da diferença na esfera do consumo. *In*: ROCHA, Rose de Melo; CASAQUI, Vander. (orgs.). **Estéticas midiáticas e narrativas do consumo**. Porto Alegre: Sulina, 2012.

IMDb, Jennifer Siebel Newsom. Disponível em: https://www.imdb.com/name/nm1308076/?ref=ttfc_fc_dr1. Acesso em: 25 jan. 2021.

IMDb, Jessica Anthony. Disponível em: https://www.imdb.com/name/nm6838303/?ref=tt_ov_wr. Acesso em: 25 jan. 2021.

IMDb, Jessica Congdon. Disponível em: https://www.imdb.com/name/nm1256818/?ref=tt_ov_wr. Acesso em: 25 jan. 2021.

IMDb, John Behrens. Disponível em: <https://www.imdb.com/name/nm1201943/>. Acesso em: 25 25 jan. 2021.

IMDb, The Mask You Live In. Disponível em: <https://www.imdb.com/title/tt3983674/>. Acesso em: 25 jan. 2021.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA; FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Atlas da Violência 2019**. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública, 2019.

KAUFMAN, Michael. "Las experiencias contradictorias del poder entre los hombres". *In*: VALDÉS, Teresa. OLAVARRÍA, José (eds.). **Masculinidad/es**. Santiago de Chile: Isis Internacional/FLACSO-Chile, p. 63-81, 1997.

KELLY, María Patricia Fernández. **Political Economy and Gender in Latin America: The Emerging Dilemmas**. Woodrow Wilson International Center for Scholars, Washington, D.C., 1994. Disponível em: https://www.wilsoncenter.org/sites/default/files/media/documents/publication/wp207_political_economy_and_gender_in_latin_america_the_emerging_dilemmas.pdf. Acesso em 13 jun. 2020.

KIVEL, Paul. **The Act-Like-a-Man Box**. *In*: KIMMEL, Michael S.; MESSNER, Michael A. (Org.). *Men's Lives*. 8ª ed. Boston: Pearson, pp. 83-85, 2010.

KNAUTH, Daniela Riva.; VICTORA, Ceres Gomes.; LEAL, Andréa Fachel. Liberdade, sexo e drogas: a vulnerabilidade de homens jovens das camadas populares. *In*: ADORNO, R. C. F.; ALVARENGA, A. T.; VASCONCELLOS, M. P. C. (Orgs.) **Jovens, Trajetórias, Masculinidades e Direitos**. São Paulo: Fapesp: Editora da Universidade de São Paulo, p. 147-161, 2005.

KORNIS, Monica Almeida, **Cinema, televisão e história**. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

LAURETIS, T. de. A tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, H. B. de. **Tendências e impasses: o feminismo como crítica da modernidade**. Rio de Janeiro: Rocco, p. 206-242, 1994.

LE BRETON, David. **Adeus ao corpo**: antropologia e sociedade. Campinas: Editora Papirus, 2003.

LE BRETON, David. **Desaparecer de si**: uma tentação contemporânea. Tradução: Morás. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

LE MOS, Ana Paula Ferreira., RIBEIRO, Cristiane., FERNANDES, Jaqueline., BERNARDES, Karina., FERNANDES, Ronald T. P. Men's health: the reasons for men to reach out to health services. **Journal of Nursing UFPE on line**, [S.l.], v. 11, n. 11, p. 4645-4652, sep. 2017. ISSN 1981-8963. DOI:<https://doi.org/10.5205/1981-8963-v11i11a231205p4645-4652-2017>. Acesso em 26 fev. 2020.

LIMA, E. H. de. Gênero, masculinidades, juventudes e uso de drogas: contribuições teóricas para a elaboração de estratégias em educação em saúde. **Pesquisas e Práticas Psicossociais**, v. 7, n. 2, p. 279-289, 2012.

LIRA, Karina.; HANNA, Natalie. **O que dizem as crianças?** Uma consulta sobre violência a partir da percepção de crianças e adolescentes. Rio de Janeiro: Instituto Igarapé, Visão Mundial, 2016. Disponível em: <https://igarape.org.br/wp-content/uploads/2016/10/AE-CSI-VM-03-10-web.pdf> Acesso em: 12 fev. 2020.

LOPES, Marta Julia Marques.; COSTA, Marta Cocco da. "Os de fora": elementos para pensar a integralidade em saúde para os rurais. In: PINHEIRO, Roseni.; GERHARDT, Tatiana Engel.; SILVA JUNIOR, Aluísio Gomes da.; DI LEO, Pablo Francisco.; PONCE, Marisa.; VENTURIELLO, María Pía. (Orgs.). **Cultura do cuidado e o cuidado na cultura**: dilemas, desafios e avanços para efetivação da integralidade em saúde no Mercosul. Rio de Janeiro: UERJ/IMS/CEPESC/LAPPIS/ABRASCO, 2014.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidades e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Vozes, 1997.

LOURO, Guacira Lopes. Pedagogias da sexualidade. In: LOURO, Guacira Lopes (Org.) **O corpo educado**: pedagogias da sexualidade. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. 4ª. Ed. 1ª. Reimp. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p. 07-42, 2019.

LYRA, Jorge. MEDRADO, Benedito.; NASCIMENTO, Pedro.; GALINDO, Dolores.; MORAES, Maristela.; PEDROSA, Cláudio. "A gente não pode fazer nada, só podemos decidir sabor de sorvete". Adolescentes: de sujeito de necessidades a um sujeito de direitos. **Cad. CEDES**, Campinas, v. 22, n. 57, p. 9-21, Ago. 2002.

MALCHER, Leonardo Fabiano Sousa. Mulheres querem amor, homens querem sexo? Amor e masculinidades entre jovens de camadas médias urbanas de Belém-PA. *Rev Genero*, Niterói, v. 3, n. 1, pp. 63-81, 2002. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31044/18133>. Acesso em 05 ago. 2020.

MANCILHA, G. B; COLVERO. L. A. Vulnerabilidade social de adolescentes que permaneceram em tratamento em CAPS-AD. **Adolesc Saúde.**, Rio de Janeiro; Vol. 14 nº 4, p. 41-47, out./dez., 2017.

MARTINS, José de Souza. **A sociedade vista do abismo**: novos estudos sobre exclusão, pobreza e classes sociais. São Paulo: Editora Vozes, 2002.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. O desafio da pesquisa social. *In*: MINAYO, Maria Cecília de Souza.; DESLANDES, Sueli Ferreira.; GOMES, Romeu. (orgs.). **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Vozes. p. 9-28.

MIRANDA, Sérgio Vinícius Cardoso De., OLIVEIRA, Pâmela Scarlatt Durães., MORAES, Virlydy Cardoso De Miranda., VASCONCELOS, Luiz Carlos Fadel de. Necessidades e reivindicações de homens trabalhadores rurais frente à Atenção Primária à saúde. **Trab. educ. saúde**, Rio de Janeiro, v. 18, n. 1, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-7746-sol00228>. Acesso em 15 jan. 2020.

MISANDRIA. *In*: MICHAELIS, Dicionário Online de Português. Uol, 2020. Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/busca?r=0&f=0&t=0&palavra=misandria+>. Acesso em 27 maio 2020.

MODESTO, Antônio Augusto Dall’Agnol., LIMA, Rodrigo Luciano Bandeira de., D’ANGELIS, Ana Carolina., AUGUSTO, Daniel Knupp. Um novembro não tão azul: debatendo rastreamento de câncer de próstata e saúde do homem. **Interface (Botucatu)**, v. 22, n. 64, p. 251-262, Mar. 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1807-57622016.0288>. Acesso em 15 jan. 2020.

MOMBELLI, N. F.; TOMAIM, C. S. Análise fílmica de documentários: apontamentos metodológicos. **Revista do Programa de Pós-graduação em Comunicação**. Juiz de Fora, v. 8, n. 2, jul./dez. 2014. Disponível em: <https://lumina.ufjf.emnuvens.com.br/lumina/article/view/323>. Acesso em 20 abr. 2018.

MORIN, E. A Cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução de Eloá Jacobina. 19ª ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2011.

MOROSINI, M.V.G.C.; FONSECA, A.F.; PEREIRA, I.B. Educação e saúde na prática do agente comunitário. *In*: MARTINS, C. M.; STAUFFER, A. B. (Org.) **Educação e saúde**. Rio de Janeiro: EPSJV/Fiocruz, 2007.

MOSHER, D.L.; Serkin, M. “Measuring a Macho Personality Constellation”. **Journal of Research in Personality**. v. 18, n. 2, p. 150-163, 1984.

MOURA, Eryl C. **Perfil da situação de saúde do homem no Brasil** [Relatório nº 1]. Rio de Janeiro: Fiocruz, 2012. Disponível em: <https://portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2014/maio/21/CNSH-DOC-Perfil-da-Situa----o-de-Sa--de-do-Homem-no-Brasil.pdf>. Acesso em 15 jan. 2020.

MUGGAH, Robert., PELLEGRINO, Ana Paula. **Prevenção da violência juvenil no Brasil**: uma análise do que funciona. Instituto Igarapé e Fundo de População das Nações Unidas, 2020.

NARDI, Henrique Caetano. O ethos masculino e o adoecimento relacionado ao trabalho. In: DUARTE, L.F.D.; LEAL, O.F. (orgs). **Doença, sofrimento, perturbação: perspectivas etnográficas**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1998. p. 95-104.

NASCIMENTO, M. Relações de amizade entre homens homo e heterossexuais: dinâmicas de gênero no contexto das masculinidades. In: STREY, M.; MÜHLEN, B.; KOHN, C. (Org.). **Caminhos de homens: gênero e movimentos**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2014.

NASCIMENTO, M.; SEGUNDO, M.; BARKER, G. Reflexões sobre a Saúde dos Homens Jovens: uma articulação entre juventude, masculinidade e exclusão social. GOMES, R., (Org.) **Saúde do homem em debate**. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2011.

NASCIMENTO, Marcos. Essa história de ser homem: reflexões afetivo-políticas sobre masculinidades. In: CAETANO, Marcio.; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. (Orgs.). **De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, p. 16-27, 2018.

NICHOLS, B. **Introdução do documentário**. Campinas: Papyrus, 2005.

NODDINGS, N. **O cuidado: Uma abordagem feminina à ética e à educação moral**. Editora Unisinos: São Leopoldo-RS, 2003.

NOLASCO, S. A. O Apagão da Masculinidade. **Revista do IETS**, Rio de Janeiro, p. 15-31, 2001. Disponível em: <http://www.mpce.mp.br/wp-content/uploads/2018/03/O-Apagao-da-Masculinidade-S%C3%B3crates-Nolasco.pdf>. Acesso em 14 jan. 2020.

NOLASCO, S. A. **O mito da masculinidade**. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

NOVELLA, Rafael.; REPETTO, Andrea.; ROBINO, Carolina.; RUCCI, Graciana. **Millennials na América Latina e no Caribe: trabalhar ou estudar?** Sumário executivo, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18235/0001411>. Acesso em 17 maio 2020.

NUNES, Sandra Adriana Neves; FARACO, Ana Maria; VIEIRA, Mauro Luís. Correlatos e consequências do retraimento social na infância. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 64, n. 1, p. 122-138, abr. 2012. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/arbp/v64n1/v64n1a10.pdf>. Acesso em 20 maio 2020.

OIT. **Tendencias mundiales del empleo juvenil 2020: La tecnología y el futuro de los empleos, 2020**. Disponível em: https://www.ilo.org/wcmsp5/groups/public/---dgreports/---dcomm/---publ/documents/publication/wcms_737662.pdf Acesso em 16 maio 2020.

PACHECO, Raquel. Reflexões sobre o campo do cinema e educação. **Revista Teias**, v. 17, n. 47, p. 85-100, jan./mar. 2016. Cinema e Educação em Debate.

PAIS, J. M. Jovens e cidadania. **Sociologia, Problemas e Práticas** Oeiras, n. 49, p. 53-70, set. 2005.

PARRINI, R. R.; HERNANDEZ, A. C. **La formación de un campo de estudios: Estado del Arte sobre sexualidad en México, 1996 - 2008.** Rio de Janeiro: CEPESC, 2012.

PASSARELLI, Carlos André F. **Imagens em diálogo.** In: SPINK, Mary Jane (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano: Aproximações teóricas e metodológicas.** Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013. p. 242-251.

PAUTASSI, Laura. **Do “boom” do cuidado ao exercício de direitos.** SUR 24 - Revista Internacional de Direitos Humanos, v. 13, n. 24, p. 35-42, 2016. Disponível em: <https://sur.conectas.org/do-boom-do-cuidado-ao-exercicio-de-direitos/>. Acesso em 15 abr. 2020.

PENAFRIA, M. **Análise de Filmes - conceitos e metodologia(s).** In: VI Congresso SOPCOM, Lisboa, 2009. Anais eletrônicos. Lisboa, SOPCOM, 2009. Disponível em: <http://www.bocc.uff.br/pag/bocc-penafria-analise.pdf>. Acesso em: 18 abr. 2018.

PIGNATARI, D. **Semiótica e Literatura.** Cotia-SP: Ateliê Editorial, 2004.

PINHEIRO, C. V. Q.; MEDEIROS, N. M. **Práticas de prevenção do HIV/Aids e modos de subjetivação.** *Physis*, Rio de Janeiro, v. 23, n. 2, p. 629-646, jun., 2013.

PINHEIRO, Najara Ferrari. **Corpos midiáticos e a representação da masculinidade na tv.** In: SEMINÁRIO INTERNACIONAL FAZENDO GÊNERO, 9, 2010, Florianópolis. Disponível em: http://www.fazendogenero.ufsc.br/9/resources/anais/1278434911_ARQUIVO_Corpo_smediaticosearepresentacaodamasculinidadenaTV.pdf. Acesso em 14 jan. 2020.

PINHEIRO, R. **As práticas do cotidiano na relação oferta e demanda dos serviços de saúde: um campo de estudo e construção da integralidade.** In: Pinheiro, R.; Mattos, R. A. de (orgs.). **Os sentidos da integralidade na atenção e no cuidado à saúde.** Rio de Janeiro: UERJ, IMS; ABRASCO, 2001.

POLLACK, William. **Meninos de verdade: conflitos e desafios na educação de filhos homens.** São Paulo: Alegro, 1999.

PORTO, M. F.; PIVETTA, F. **Por uma promoção da saúde emancipatória nos territórios urbanos: A proposta do laboratório territorial de Manguinhos.** In: CZERESNIA, D. FREITAS, C. M (Org.). **Promoção da saúde: conceitos, reflexões, tendências.** Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2009.

RAMÍREZ, Juan Carlos. “Me da mucho miedo esto”. **Hombres, (des)empleo y familia: un acercamiento al vocabulario emocional.** *Revista Interdisciplinaria de Estudios de Género de El Colegio de México*, n. 5, 30 de septiembre de 2019, p. 1-34., 2019. <http://dx.doi.org/10.24201/reg.v5i0.402>. Acesso em 31 maio 2020.

RAMOS PADILLA, Miguel Ángel.; RAMÍREZ, Nancy Palomino. **Detrás de la máscara. Varones y violencia sexual en la vida cotidiana.** Lima: Universidad Peruana Cayetano Heredia, 2018.

RAMOS, Alcida Rita. Nomes Sanumá entre gritos e sussuros. **Etnográfica** [Online], vol. 12 (1), 2008. Disponível em: <http://journals.openedition.org/etnografica/1606> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/etnografica.1606>. Acesso em: 26 março 2020.

RAMOS, C. I.; LANGONI, C. S. ; MORES, F. B. ; HERMEL, J. ; BALESTRIN, L. R.; PERETTO, M.; BADALOTTI, T. A Promoção da Saúde na “terra do nunca”: uma experiência interdisciplinar. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde, Fortaleza**, 26(3): 436-441, jul./set., 2013.

RAMOS, C. I.; LANGONI, C. S.; MORES, F. B.; HERMEL, J.; BALESTRIN, L. R.; PERETTO, M.; BADALOTTI, T. A Promoção da Saúde na “terra do nunca”: uma experiência interdisciplinar. **Revista Brasileira em Promoção da Saúde**, v. 26, n. 3, p. 436-441, 2013.

RAMOS, F. P. **Mas, afinal...** O que é mesmo, documentário? São Paulo: Senac SP, 2008.

RAMOS, Fernão Pessoa. A Mise-en-Scène do Documentário. **Cine Documental**, v. 5, p. 11, 2011. Disponível: <http://revista.cinedocumental.com.ar/4/teoriai.html>. Acesso em: 22 abr. 2019.

RANGEL, E. M.; CASTRO, B. G. S. M. M.; MORAES, L. P. “Porque eu sou é homem!": uma análise dos impactos da construção social da masculinidade no cuidado com a saúde. **Interfaces Científicas - Humanas e Sociais**, v. 6, p. 243-252, 2017.

REZENDE, Luiz Augusto. **Microfísica do documentário**: ensaio sobre criação e ontologia do documentário. Rio de Janeiro: Beco do Azougue/Pensamento Brasileiro/FAPERJ, 2013.

RICO, Javier Alatone. Masculinidad y las políticas públicas. In: CAREAGA, Gloria.; SIERRA, Salvador Cruz. Gloria (Orgs.) **Debates sobre masculinidades. Poder, desarrollo, políticas públicas y ciudadanía**. Ciudad de México, México: Universidad Nacional Autónoma de México, p.303-313, 2006.

RODRÍGUEZ, Juan Carlos Ramírez. Young Mexican Men Divided: a possibility for transforming masculinity. In: RUSPINI, Elisabetta.; HEARN, Jeff.; PEASE, Bob.; PRINGLE, Keith. (Orgs.) **Men and masculinities around the world**. Palgrave Macmillan: Nova York, p. 143-157, 2011.

SABAT, Ruth. Gênero e sexualidade para consumo. *In*: LOURO, Guacira Lopes.; FELIPE, Jane.; GOELLNER, Silvana Vilodre. (Orgs.) **Corpo, gênero e sexualidade**: um debate contemporâneo na educação. 9.ed. Petrópolis, RJ: Vozes. 2013.

SANT'ANNA, R.M.F. **Análise do conhecimento em saúde bucal dos professores de ensino fundamental das escolas públicas de Bauru-SP**. Dissertação de Mestrado. Faculdade de Odontologia de Bauru. Universidade de São Paulo. 2007.

SANTOS, Luciane Tavares dos. Produção de (auto)sentidos de/sobre homens que foram ao divã. In: LAHUD, Simoni.; SOUZA, Rouf Malungo de. (Orgs.) **Etnografias urbanas**: masculinidades. Niterói: Edições Malungo, p. 124-145, 2019.

SCHOEN-FERREIRA, Teresa Helena; AZNAR-FARIAS, Maria; SILVARES, Edwiges Ferreira de Mattos. A construção da identidade em adolescentes: um estudo exploratório. **Estud. psicol. (Natal)**, Natal, v. 8, n. 1, p. 107-115, abr. 2003.

SCHRAIBER, L.B; GOMES, R.; COUTO, M.T. Homens e saúde na pauta da Saúde Coletiva. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 7-17, 2005.

SCOTT, Patty. Sendo prioridade entre prioridades: Fortalecimento mútuo e desentendimentos na articulação de cuidados entre casa, serviços e áreas de conhecimento. In: SCOTT, Patty.; LIRA, Luciana.; MATOS, Silvana. (Orgs.). **Práticas sociais no epicentro da epidemia do Zika**. Recife: Ed. UFPE, 2020.

SCOTT, R. P.; ATHIAS, R. M.; LONGHI, M. R. Como nossos pais? Homens e gerações em três contextos diferentes em Pernambuco. In: ADORNO, R. C. F.; ALVARENGA, A. T.; VASCONCELLOS, M. P. C. (Orgs.) **Jovens, Trajetórias, Masculinidades e Direitos**. São Paulo: Fapesp: Editora da Universidade de São Paulo, p. 121-145, 2005.

SEGATO, Rita. **Contra-pedagogías de la crueldad. Ciudad** Autónoma de Buenos Aires: Prometeo Libros, 2018.

SEIDLER, V. **Rediscovering masculinity: Reason, language and sexuality**. London: Routledge, 1989.

SERPA, M. G. "Perspectivas sobre papéis de gênero masculino e feminino: um relato de experiência com mães de meninas vitimizadas". **Psicologia & Sociedade**, 22 (1): 14-22, 2010.

SILVA JUNIOR, Jonas Alves da.; SILVA, Maria de Lourdes Ramos da. "Não tem nenhum viado aqui": a construção de masculinidades em uma unidade socioeducativa do município do Rio de Janeiro. In: CAETANO, Marcio.; SILVA JUNIOR, Paulo Melgaço da. **De guri a cabra-macho: masculinidades no Brasil**. Rio de Janeiro: Lamparina, p. 86-107, 2018.

SILVA JUNIOR, P.M. "SE DER MOLE... EU PASSO O RODO": quando as questões de gênero, sexualidades, masculinidades e raça invadem o cotidiano escolar. **Revista Café com Sociologia**. V.6, n. 1. p. 53-70, jan./abr. 2017.

SILVA JUNIOR, P.M. MAIA, M.V.C.M. IVENICK, A. Homens por vir: reflexões sobre o processo de construção das masculinidades na educação infantil a partir de jogos e brincadeiras. **Rev. Educ. Perspec.** v. 9. n. 1, jan./abr. 2018.

SILVA JUNIOR, Paulo Roberto da; MAYORGA, Claudia. Jovens nem nem brasileiros/as: entre desconhecimento das experiências, espetacularização e intervenções. **Desidades**, Rio de Janeiro, n. 23, p. 10-23, jun. 2019.

SILVA, Juan da Cunha.; VARGAS, Eliane Portes. Masculinidades vigiadas: uma interpretação a partir do documentário "*The Mask You Live In*". In: XIII JORNADA DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA UFF, 2019, Niterói, RJ. Disponível em: <https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/40927/2/Masculinidades%20Vigiadas.pdf>
Acesso em 14 de set. de 2020.

SILVA, Juan da Cunha.; VARGAS, Eliane Portes.; FERREIRA, Francisco Romão. A construção da identidade masculina e a cultura do cuidado à saúde entre homens jovens. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE SOCIOLOGIA E POLÍTICA, 11., 2020, Curitiba. Anais... Curitiba, 2020. p. 1-19. Disponível em: www.even3.com.br/Anais/11snsp/237430-A-CONSTRUCAO-DA-IDENTIDADE-MASCULINA-E-A-CULTURA-DO-CUIDADO-A-SAUDE-ENTRE-HOMENS-JOVENS Acesso em 10 jan. 2021.

SILVA, Juan da Cunha.; VARGAS, Eliane Portes.; FERREIRA, Francisco Romão. A perspectiva relacional do Cuidado. In: 44º ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS. Anais... São Paulo, SP: ANPOCS, 2021. p. 1-14. Disponível em: <https://www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/44-encontro-anual-da-anpocs/gt-32/gt20-28> Acesso em 20 de fev. 2021.

SILVA, Juan da Cunha.; VARGAS, Eliane Portes.; FERREIRA, Francisco Romão. O cuidado à saúde entre jovens em tela: temas geradores e problematização na construção compartilhada de saberes a partir de cenas do cinema. In: V CONGRESSO INTERNACIONAL DE ENSINO DAS CIÊNCIAS. Anais... Ourense, Espanha: Educación Editora, 2020. Disponível em: <http://congresos.educacioneditora.net/index.php/SIEC/SIEC2020/paper/view/974/487> Acesso em 10 jan. 2021.

SILVA, Lorena Bernadete da.; ABRAMOVAY, Mirian. Construções sobre Sexualidade na Juventude. In: ABRAMOVAY, Mirian; ANDRADE, Eliane Ribeiro; ESTEVES, Luiz Carlos Gil. (Orgs.). **Juventudes: outros olhares sobre a diversidade**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade; Unesco, 2007.

SILVA, Maria Mariléia. Geração à deriva: jovens nem nem e a surperfluidade da força de trabalho no capital-imperialismo. **R. Educ. Públ.** Cuiabá, v. 25, n. 58, p. 119-136, jan./abr. 2016.

SIQUEIRA, M. V.; ANDRADE, A. Em Busca de uma Pedagogia Gay no Ambiente de Trabalho. In: FREITAS, M. Ester de; DANTAS, Marcelo (Orgs.). **Diversidade Sexual e Trabalho**. São Paulo: Cengage Learning, 2012.

SLEGH, Henry; MARIANO, Esmeralda.; ROQUE, Sílvia.; BARKER, Gary. **Ser Homem em Maputo: Masculinidades, Pobreza e Violência em Moçambique**. Washington, DC e Rio de Janeiro, Brasil: Promundo, 2017.

SOARES, M.C.; PASSOS, M. C. P.; ALVES, N.; RIBES, R. M. P. Como na faculdade de educação da UERJ estamos praticando pensando cinema e o significado da lei nº 13.006/2014. In: Adriana Fresquet. (Org.). **Cinema e educação: a Lei 13.006 Reflexões, perspectivas e propostas**. 1ed. Belo Horizonte: Universo Produções, p. 67-76, 2015.

SOUZA, E. R. Masculinidade e violência no Brasil: contribuições para a reflexão no campo da saúde. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p. 59-70, 2005.

SPINK, Mary Jane P.; MEDRADO, Benedito. Produção de Sentido no Cotidiano. *In*: SPINK, Mary Jane (Org.). **Práticas discursivas e produção de sentido no cotidiano**: Aproximações teóricas e metodológicas. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2013. p. 22-41.

STRAPASOLAS, Valmir Luiz. O valor (do) casamento na agricultura familiar. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. 1, p. 253, jan. 2004. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/ref/article/view/S0104-026X2004000100013>>. Acesso em 07 jan. 2020.

TAJAN N. Social withdrawal and psychiatry: a comprehensive review of Hikikomori. **Neuropsychiatr Enfance Adolesc**. v. 63, n. 5, p. 324-31, 2015.

TAJAN, N. **Traumatic dimensions of hikikomori**: a Foucauldian note. **Asian J Psychiatr**. V. 27, n. p. 121-2, 2017.

TAMANINI. M. Para uma epistemologia do cuidado: Teorias e Políticas. *In*: TAMANINI. M.; HEIDEMANN, F.; VARGAS, E. P.; ARAÚJO, S. M. C. (Orgs.). **O Cuidado em Cena**: Desafios políticos, teóricos e práticos. 1ed. Florianópolis: UDESC, p. 31-70, v. 1, 2018.

TAYLOR, A.Y.; MOURA, T.; SCABIO, J.L.; BORDE, E.; AFONSO, J.S.; BARKER, G. **Isso aqui não é vida para você**: Masculinidades e não violência no Rio de Janeiro, Brasil. Resultados do estudo internacional sobre homens e igualdade de gênero (IMAGES) com foco na violência urbana. Washington, DC e Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: PROMUNDO, 2016.

TEIXEIRA, I. A. C. Apresentação. *In*: **A. diversidade cultural vai ao cinema**. TEIXEIRA, I. A. C.; LOPES, J. S. (Orgs.). Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

TEIXEIRA, I. A. C.; LOPES, J. S.M. **A escola vai ao cinema**. BELO HORIZONTE: AUTÊNTICA, 2003.

THE MASK you live in. Direção de Jennifer Siebel Newsom. Estados Unidos: The Representation Project; The Annenberg Foundation; The Brin Wojcicki Foundation; Novo Foundation; Pacific Gas and Electric; Peery Foundation, 2015. (97 min) color.

THE MASK you live in. Press Kit. Disponível em: <https://therepresentationproject.app.box.com/s/cq87bgeltgjs327t48mxdknv9kblh9kn> Acesso em 15 mar. 2019.

THE REPRESENTATION PROJECT. The Mask You Live In. Disponível em: <http://therepresentationproject.org/film/the-mask-you-live-in-film/about-the-film/>

THE REPRESENTATION PROJECT. The Mask You Live In. Disponível em: <http://therepresentationproject.org/about-us/#mission>. Acesso em 15 mar. 2019.

TORO, D.C.; PANIAGUA, R. E.; GONZÁLES, C. M. MONTTOYA, B. Caracterización de adolescentes escolarizados com riesgo de suicidio. **Revista da Facultad Nacional de Salud Publica**. v. 27, n. 3 p. 302-308, 2009.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. Gênero, masculinidade e poder: Revendo um caso do Sul de Portugal. In: **Anuário Antropológico 95**, Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.

VALE DE ALMEIDA, Miguel. **Senhores de si**. Uma interpretação antropológica da masculinidade. Lisboa: Etnográfica Press, 1995.

VARGAS, E. P.; RUSSO, J. A.; HEILBORN, M. L. Sexualidade e reprodução: usos e valores relativos ao desejo de filhos entre casais de camadas médias no Rio de Janeiro, Brasil. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 26, n. 1, p. 153-162, 2010.

VARGAS, Eliane Portes.; FERREIRA, Francisco Romão.; SILVA, Juan da Cunha. As masculinidades e o cuidado. In: CONGRESO DE LA ASOCIACIÓN LATINOAMERICANA DE ANTROPOLOGÍA, 6., 2020, Montevideo. **Anais**. Montevideo: Asociación Latinoamericana de Antropología, 2020. p. 1-15. Disponível em:

<https://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/44738/2/As%20masculinidades%20e%20o%20cuidado.pdf> Acesso em 10 jan. 2021.

VASCONCELOS, Eymard Mourão. **Educação Popular e atenção à saúde da família**. 2ed. São Paulo: Hucitec, 2001.

VIERO, Vanise dos Santos Ferreira.; FARIAS, Joni Marcio de.; FERRAZ, Fabiane.; SIMÕES, Priscyla Waleska.; MARTINS, Jessica Abatti.; CERETTA, Luciane Bisognin. Educação em saúde com adolescentes: análise da aquisição de conhecimentos sobre temas de saúde. **Esc. Anna Nery**, Rio de Janeiro, v. 19, n. 3, p. 484-490, set., 2015.

WASELFISZ, J. J. Mapa da violência. Adolescentes de 16 e 17 anos no Brasil. Rio de Janeiro: Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais - FLACSO, 2015. Disponível em: https://www.mapadaviolencia.org.br/pdf2015/mapaViolencia2015_adolescentes.pdf. Acesso em 02 abr. 2019.

WASELFISZ, Júlio J. **Homicídios de Crianças e Adolescentes no Brasil**. Rio de Janeiro: Instituto Igarapé, 2017. Disponível em: https://igarape.org.br/wp-content/uploads/2017/12/2017-12-04-Homicide-Dispatch_4_PT.pdf. Acesso em 12 fev. 2020.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. *Rev. Estud. Fem.*, Florianópolis, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-026X2001000200008>. Acesso em 15 set. 2020.

XAVIER, Carlos Henrique Gurgel; PASSOS, Carmensita Matos Braga; FREIRE Paulo de Tarso Cavalcante; COELHO, Afrânio de Araújo. O uso do cinema para ensino de física no ensino médio. **Revista Experiências em Ensino de Ciências**. p. 93-106, 2010.

ZANARDI, A.C.H. **Masculinidades contemporâneas**: representações da masculinidade na ótica de homens e mulheres executivos. Dissertação (mestrado) - Escola Brasileira de Administração Pública e de Empresas, Centro de Formação Acadêmica e Pesquisa, 2012.

ANEXOS

ANEXO I – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto Oswaldo Cruz de 18 de dezembro de 2018.



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: IDENTIDADE MASCULINA E O CUIDADO À SAÚDE ENTRE JOVENS: O USO DO CINEMA COMO ESTRATÉGIA EDUCATIVA EM UMA ESCOLA EM TERESÓPOLIS-

Pesquisador: JUAN DA CUNHA SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 96353818.3.0000.5248

Instituição Proponente: Instituto Oswaldo Cruz-RJ

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.092.410

Apresentação do Projeto:

Trata-se da segunda versão de um projeto que será desenvolvido no Programa de Pós-graduação em Ensino em Biociências e Saúde do Instituto Oswaldo Cruz (IOC) da FIOCRUZ. O projeto está inserido na linha de pesquisa Ciências Sociais e Humanas Aplicadas ao Ensino em Biociências e Saúde. As ações propostas por esse projeto visam o desenvolvimento de ações de educação em saúde por meio do cinema com um grupo de adolescentes masculinos com ênfase na qualidade de vida, corpo e sexualidade e suas repercussões na saúde. Os adolescentes, potenciais participantes da pesquisa, estão matriculados em uma escola de Ensino Médio em Teresópolis-RJ, mantida pelo Governo do Estado do Rio de Janeiro.

AÇÕES REFERENTES AO OBJETIVO ESPECÍFICO 1: Será realizada a análise fílmica do documentário "The Mask You Live in", considerando: a) Dinâmicas de narrativa: realizada a partir da decomposição do filme contemplando as sequências e as cenas. b) Pontos de vista: observa a disposição da câmera em relação ao objeto filmado e ocorrência de sons no filme. Observa ainda, quem conta, narra e como é contada a história na obra fílmica e a posição/ideologia/mensagem da obra PENAFRIA (2009).

AÇÕES REFERENTES AO OBJETIVO ESPECÍFICO 2, serão realizados encontros com os adolescentes em dias e horários previamente marcados com a direção da escola e autorização dos responsáveis legais. Os encontros serão realizados na escola e não sobreporão as atividades curriculares.

Endereço: Av. Brasil 4036, Sala 705 (Campus Expansão)
Bairro: Manguinhos CEP: 21.040-360
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3882-9011 Fax: (21)2561-4815 E-mail: cep@ioc.fiocruz.br

Continuação de Parecer: 3.082.410

Nesses encontros será realizada a observação-participante, que possibilitará a observação, registro e análise das informações coletadas e registradas em um diário de campo pelo pesquisador. Os áudios dos encontros serão gravados num MP4 e as falas transcritas com a preservação da privacidade dos sujeitos da pesquisa. A construção e o desenvolvimento de uma estratégia educativa para adolescentes masculinos considerará nesta pesquisa a identificação das demandas dos adolescentes, os valores e sentidos atribuídos ao processo-saúde-doença-cuidado na adolescência e a sua relação com a identidade masculina, corpo, sexualidade e qualidade de vida. Identificar as demandas dos adolescentes possibilitará "a localização de elementos objetivos e subjetivos, por meio dos quais atores sociais constroem suas percepções referentes à vida social (...)" (PINHEIRO, 2001, pág. 70). Essa fase buscará, ainda, a identificação e a valorização da realidade sanitária e social dos adolescentes e dos aspectos socioculturais do território. As demandas dos adolescentes serão identificadas por meio de temas geradores. Este método supera os limites de uma simples coleta de dados e permite conhecer como "o educando sente sua própria realidade superando a simples constatação dos fatos" (FEITOSA, 1999, p. 52). O uso dos temas geradores nesta pesquisa se justifica, pois, "num primeiro momento a realidade não se dá aos homens como objeto cognoscível por sua consciência crítica" (FREIRE, 1980 p. 26). Em razão da diversidade de concepções sobre a saúde construídas pelos adolescentes ao longo de suas vidas, a utilização de temas geradores possibilitará a abordagem dos temas numa perspectiva interdisciplinar o que pode subsidiar a compreensão da complexidade de temas relacionados direta ou indiretamente com a saúde dos adolescentes. A tematização será realizada por meio da seleção de temas e palavras geradoras que serão codificadas e decodificadas, buscando o significado social – a consciência do vivido, permitindo assim "avançar para além do limite de conhecimento que o educando tem de sua própria realidade, podendo assim melhor compreendê-la a fim de poder nela intervir criticamente" (FEITOSA, 1999, p. 53). O documentário "The mask you live in" será exibido na íntegra e os adolescentes poderão selecionar cenas que possuam relação com a temática desse estudo. A partir das imagens e cenas selecionadas serão realizados debates com os adolescentes sobre o tema gerador, este momento tem como objetivo a codificação que busca "a representação de um aspecto da realidade, de uma situação existencial construída pelo educando em interação com seus elementos" (FEITOSA, 1999, p. 53). O próximo momento está voltado para a reflexão - ação, por meio da problematização dos temas geradores com a participação dos adolescentes e do pesquisador/mediador. Para Costa e Pinheiro (2013), é necessário problematizar os temas geradores com a finalidade destes ganharem maior significado a partir de uma análise cuidadosa com a participação dos envolvidos na educação

Endereço: Av. Brasil 4036, Sala 705 (Campus Expansão)
Bairro: Manguinhos CEP: 21.040-360
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3882-9011 Fax: (21)2561-4815 E-mail: cepfio cruz@ioc.fiocruz.br

Continuação do Parecer: 3.092.410

problematizadora, que permite construir conhecimentos por meio da investigação e promove a busca pelo conhecer por parte do educador e dos educandos. Serão incluídos no estudo: a) jovens do sexo masculino entre 14 a 18 anos completos matriculados no Colégio Estadual Euclides da Cunha; b) Manifestar de forma autônoma o desejo de participar do projeto e c) possuir interesse com a temática do estudo. Os adolescentes serão convidados a assinar um TALE, registrando, dessa forma, que estão cientes de como será a sua participação. Só participarão aqueles com autorização dos pais e/ou responsáveis legais por meio da assinatura do TCLE. O aluno deverá ter disponibilidade de tempo para participar das atividades do projeto que serão agendadas após as atividades curriculares da escola.

Segundo o pesquisador os haverá codificação de resultados; as categorizações; as inferências; e a informatização da análise das comunicações. A fim de garantir a privacidade dos participantes, será utilizada a estratégia de identificar os sujeitos da pesquisa com a letra S seguida de um número, por exemplo: S1; S2. É estimada a participação de 10 alunos.

Objetivo da Pesquisa:

Objetivo Primário:

Compreender as concepções acerca do cuidado à saúde, qualidade de vida, corpo e sexualidade relacionada à identidade masculina entre homens jovens mediadas pelo cinema.

Objetivos Secundários:

1. Construir uma síntese a partir do documentário "The Mask You Live In" que subsidie a análise e discussão dos temas: cuidado à saúde, qualidade de vida, corpo e sexualidade na adolescência masculina.
2. Problematizar juntos dos adolescentes suas concepções sobre o cuidado à saúde, qualidade de vida, corpo e sexualidade tendo como recurso o documentário "The Mask You Live In".

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Riscos:

Segundo o pesquisador: "Diante dos temas abordados e atividades propostas nesse estudo, a seguir serão descritos os riscos e, assim como as medidas para minimizar os riscos. Por visar discutir temas relacionados ao cotidiano dos adolescentes como a identidade masculina, o cuidado à saúde, qualidade de vida, corpo e sexualidade, os sujeitos da pesquisa podem apresentar

Endereço: Av. Brasil 4636, Sala 705 (Campus Expansão)
Bairro: Marquinhos CEP: 21.940-360
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3882-9011 Fax: (21)2561-4815 E-mail: cepfioacruz@ioc.fiocruz.br

Continuação do Parecer: 3.092.415

eventual constrangimento e timidez ao emitir suas opiniões pessoais; ao abordar assuntos sensíveis os sujeitos da pesquisa poderão apresentar sentimentos ambíguos; insegurança e despreparo para participar de discussões coletivas. Os adolescentes podem se sentir constrangidos ao manifestarem suas concepções sobre os temas acima descritos e, podem ainda, ter medo de sofrer julgamento de valor sobre suas concepções e opiniões. Para esses riscos, cabe ao pesquisador construir um ambiente de respeito e de confiança no qual todos possam falar e ser ouvidos sem julgamento de valor, onde as opiniões sejam ouvidas e discutidas e que estas sejam respeitadas assim como a subjetividade de todos os participantes. Visando intervir no controle desses riscos, o pesquisador assume a responsabilidade de identificar e intervir através da escuta sensível dos adolescentes: em todos os encontros serão reservados dois momentos (no início e no final dos encontros) onde os adolescentes serão acolhidos individualmente em ambiente reservado, garantindo sua privacidade, podendo assim, expressar suas dificuldades, aspirações e sentimentos decorrentes de sua participação na pesquisa. Caso o participante sinta dificuldades para expressar suas impressões, sentimentos e opiniões, será oferecido ainda a possibilidade de registro através da escrita. As informações da escuta sensível dos adolescentes não serão compartilhadas com o grupo de sujeitos da pesquisa, garantindo assim a privacidade dos participantes. Todas as informações serão registradas no diário de campo. Caso seja identificada alguma tensão ou até a possibilidade de esta ocorrer, o caso será comunicado e registrado no serviço de orientação pedagógica da escola. O pesquisador e o serviço de orientação pedagógica comunicarão aos pais e/ou responsáveis legais do adolescente. Visando um atendimento integral, caso seja necessário o adolescente será encaminhado ao Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil, um Serviço de Saúde Mental da Secretaria Municipal de Saúde de Teresópolis, localizado na Avenida Presidente Roosevelt, nº 1031, na Barra do Imbuí. Esta unidade de saúde disponibiliza atendimento com psicólogos, médicos psiquiatras, terapeutas ocupacionais e outros. Caso seja identificada a demanda de qualquer outro serviço ou tratamento, o pesquisador se responsabiliza em encaminhar e acompanhar o adolescente e sua família. Caso seja identificada a ocorrência de qualquer comprometimento relacionada à saúde, segurança, integridade, dignidade e aos direitos dos participantes, será solicitado o desligamento do estudo e o participante será acompanhado pelo pesquisador e o caso será comunicado por carta ao CEP-IOC-Fiocruz. O pesquisador assume a responsabilidade de identificar, notificar, intervir e acompanhar o bem-estar, a saúde, a integridade e a segurança de todos os adolescentes, desde a convocação, seleção, participação no estudo e, inclusive, os que por ventura necessitem ser desligados. O pesquisador trabalhará na identificação precoce dos riscos e através de estratégias buscará mapear os riscos e intervir de

Endereço: Av. Brasil 4036, Sala 705 (Campus Expansão)
Bairro: Manguinhos CEP: 21.040-360
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3582-9011 Fax: (21)2561-4815 E-mail: cepfiocruz@ioc.fiocruz.br

Continuação do Parecer: 3.082.410

forma a realizar boas práticas em todas as fases desta pesquisa, zelando assim pela integridade, segurança e pelos direitos dos participantes."

Benefícios:

Segundo o pesquisador os benefícios serão:

- a) oportunidade de refletir sobre suas concepções relacionadas ao processo-saúde-doença-cuidado;
- b) oportunidade de dialogar com outros adolescentes sobre sua realidade social, de saúde e, a partir desse diálogo poder expressar suas aspirações em relação à sua pauta de vida.
- c) construção de hábitos saudáveis a partir das reflexões e discussões sobre a saúde dos jovens masculinos.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

Segundo o pesquisador, o projeto tem como hipótese: "Parte-se do pressuposto que o cinema pode ser visto como um recurso educativo que promove a aproximação dos jovens com a temática desse estudo, pois os temas a serem discutidos fazem parte de seus cotidianos e são abordados pelo cinema."

Como desfecho primário, o pesquisador almeja que "os adolescentes no decorrer do projeto reflitam sobre o seu processo de saúde-doença-cuidado à medida que construam coletivamente conhecimentos que subsidiem a adoção de comportamentos saudáveis e, que assim, possam atuar como multiplicadores na realidade social do qual fazem parte e, que ao final desse processo, possam identificar os recursos necessários para, autonomamente, (re)significar seu processo de saúde-doença-cuidado."

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Foram apresentados e analisados os seguintes documentos:

- 1-Folha de Rosto, assinada pelo pesquisador e assinada, datada e carimbada pelo diretor do IOC;
- 2-Cronograma revisado;
- 3-PB INFORMAÇÕES BÁSICAS DO PROJETO 1147952;
- 4-Projeto Detalhado revisado;
- 5-Termo de Anuência, assinado pelo diretor do Colégio Estadual Euclides da Cunha, Prof. José Nildo Onofre de Amorim, em papel timbrado, carimbada e datada de 16 de julho de 2018;

Endereço: Av. Brasil 4036, Sala 705 (Campus Expansão)
Bairro: Manguinhos CEP: 21.040-360
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3882-6011 Fax: (21)2561-4615 E-mail: cepfio cruz@ioc.fiocruz.br

Continuação do Parecer: 3.082.410

6-TALE revisado;

7-TCLE revisado e

8- Carta Resposta para o CEP, em papel sem timbre, assinada pelo pesquisador principal e datada de 13 de dezembro de 2018.

Recomendações:

O projeto deverá ser desenvolvido na forma em que foi aprovado em Ad Referendum, pelo CEP Fiocruz/IOC, após ter atendido as pendências.

Recomendamos que todas as páginas do TCLE e TALE sejam numeradas. Ex.: 1/3; 2/3 e 3/3.

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

O pesquisador principal respondeu as seguintes pendências emitidas, pelo CEP Fiocruz/IOC, no parecer nº 3.074.264 em 11 de dezembro de 2018:

1-O pesquisador deverá substituir o termo "sujeito da pesquisa" por "participante da pesquisa".

RESPOSTA DO PESQUISADOR:

O pesquisador respondeu em sua carta resposta que o termo "sujeito da pesquisa" foi substituído por "participante da pesquisa" em todos os documentos revisados e anexados na Plataforma Brasil. Todas as alterações foram sinalizadas em amarelo.

ANÁLISE DO CEP:

As alterações foram conferidas em toda a documentação e a pendência foi considerada ATENDIDA

2- TCLE e TALE

a)Alterar no TCLE e TALE alguns termos como, sinalizados (letra maiúscula) no trecho: "compreender as CONCEPÇÕES acerca do CUIDADO À SAÚDE, QUALIDADE DE VIDA, corpo e SEXUALIDADE RELACIONADA À IDENTIDADE MASCULINA entre homens jovens MEDIADAS PELO cinema; e PROBLEMATIZAR juntos dos adolescentes suas CONCEPÇÕES SOBRE O CUIDADO À SAÚDE, QUALIDADE DE VIDA, corpo e sexualidade tendo como recurso o documentário "The Mask You Live In" por termos mais coloquiais para melhor entendimento da pesquisa por parte do

Endereço: Av. Brasil 4036, Sala 705 (Campus Espanão)
Bairro: Marquinhos CEP: 21.040-360
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3882-9011 Fax: (21)2561-4815 E-mail: cepfiocruz@ioc.fiocruz.br



Continuação do Parecer: 3.032.410

participante e seus responsáveis.

RESPOSTA DO PESQUISADOR:

"Mediante a vossa solicitação, foram feitas as seguintes alterações:

"A pesquisa propõe um conjunto de ações que poderão intervir na qualidade de vida e na saúde dos adolescentes masculinos. A pesquisa tem como objetivos: conhecer o que os adolescentes pensam sobre a sua saúde e como eles se cuidam, o que pensam sobre os fatores que promovem a saúde, como eles compreendem o seu corpo e qual a relação entre a sexualidade de um homem jovem com a saúde. Para abordar e discutir as opiniões dos jovens sobre esses temas, utilizaremos o cinema com a exibição de um documentário chamado "The Mask You Live In" (que pode ser traduzido para o português como "A Máscara em que você vive")."

ANÁLISE DO CEP:

Pendência ATENDIDA

b) Numerar e colocar espaço para as rubricas do pesquisador e do participante da pesquisa em todas as páginas do TCLE e TALE e na última página (já está)local para as assinaturas.

RESPOSTA DO PESQUISADOR:

Foi inserido um espaço para as rubricas do participante da pesquisa e do pesquisador.

ANÁLISE DO CEP:

Pendência ATENDIDA, recomenda-se inserir numeração nas páginas

3-Adequar o Cronograma.

RESPOSTA DO PESQUISADOR:

O cronograma foi adequado com novos prazos. O pesquisador informa que a etapa de coleta de dados começará mediante a aprovação do CEP.

ANÁLISE DO CEP:

Pendência ATENDIDA

Endereço: Av. Brasil 4036, Sala 705 (Campus Expansão)
Bairro: Manguinhos CEP: 21.040-360
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3862-9011 Fax: (21)2561-4815 E-mail: cepfio cruz@ioc.fiocruz.br



FUNDAÇÃO OSWALDO CRUZ -
FIOCRUZ/IOC



Continuação do Parecer: 3.092.410

Justificativa de Ausência	TCLE_TALE.docx	13/12/2018 21:14:18	JUAN DA CUNHA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	Folha_De_Rosto.pdf	17/08/2018 20:42:58	JUAN DA CUNHA SILVA	Aceito
Outros	AUTORIZACAO_ESCOLA.pdf	16/07/2018 23:02:31	JUAN DA CUNHA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 18 de Dezembro de 2018

Assinado por:
Maria Regina Reis Amendoeira
(Coordenador(a))

Endereço: Av. Brasil 4036, Sala 705 (Campus Expansão)
Bairro: Manguinhos CEP: 21.040-360
UF: RJ Município: RIO DE JANEIRO
Telefone: (21)3862-9011 Fax: (21)2561-4815 E-mail: cepfio cruz@ioc.fiocruz.br

Página 08 de 08

ANEXO II – Parecer Consubstanciado do Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos do Instituto Oswaldo Cruz de 29 de abril de 2020

PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: IDENTIDADE MASCULINA E O CUIDADO À SAÚDE ENTRE JOVENS: O USO DO CINEMA COMO ESTRATÉGIA EDUCATIVA EM UMA ESCOLA EM TERESÓPOLIS

Pesquisador: JUAN DA CUNHA SILVA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 96353918.3.0000.5248

Instituição Proponente: Instituto Oswaldo Cruz-RJ

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DA NOTIFICAÇÃO

Tipo de Notificação: Outros

Detalhe: Carta do orientador e relatório parcial da pesquisa.

Data do Envio: 08/04/2020

Situação da Notificação: Parecer Consubstanciado Emitido

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.998.820

Apresentação da Notificação:

Título da Pesquisa: IDENTIDADE MASCULINA E O CUIDADO À SAÚDE ENTRE JOVENS: O USO DO CINEMA COMO ESTRATÉGIA EDUCATIVA EM UMA ESCOLA EM TERESÓPOLISJ Instituto Oswaldo Cruz-RJ

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

Já avaliados anteriormente na aprovação inicial do projeto.

Comentários e Considerações sobre a Notificação:

Avaliação e aprovação da emenda ao projeto de pesquisa supracitado, assim como de toda documentação enviada.

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Carta_do_Orientador_ao_CEP_08_04_2020.pdf;

Comprovante_de_apresentacao_de_trabalho_1.pdf

Comprovante_de_apresentacao_de_trabalho_2.pdf

Relatorio_Parcial_Pesquisa.pdf

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Diante do exposto, o Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto Oswaldo Cruz (CEP FIOCRUZ/IOC) em sua 265ª reunião, realizada em 28.04.2020, de acordo com as atribuições definidas na Resolução CNS 466/12, manifesta-se pela aprovação da emenda ao projeto de pesquisa supracitado.

Considerações Finais a critério do CEP:**Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:**

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Outros	Carta_do_Orientador_ao_CEP_08_04_2020.pdf	08/04/2020 19:46:54	JUAN DA CUNHA SILVA	Postado
Outros	Comprovante_de_apresentacao_de_trabalho_1.pdf	08/04/2020 19:50:01	JUAN DA CUNHA SILVA	Postado
Outros	Comprovante_de_apresentacao_de_trabalho_2.pdf	08/04/2020 19:51:51	JUAN DA CUNHA SILVA	Postado
Outros	Relatorio_Parcial_Pesquisa.pdf	08/04/2020 20:05:43	JUAN DA CUNHA SILVA	Postado

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

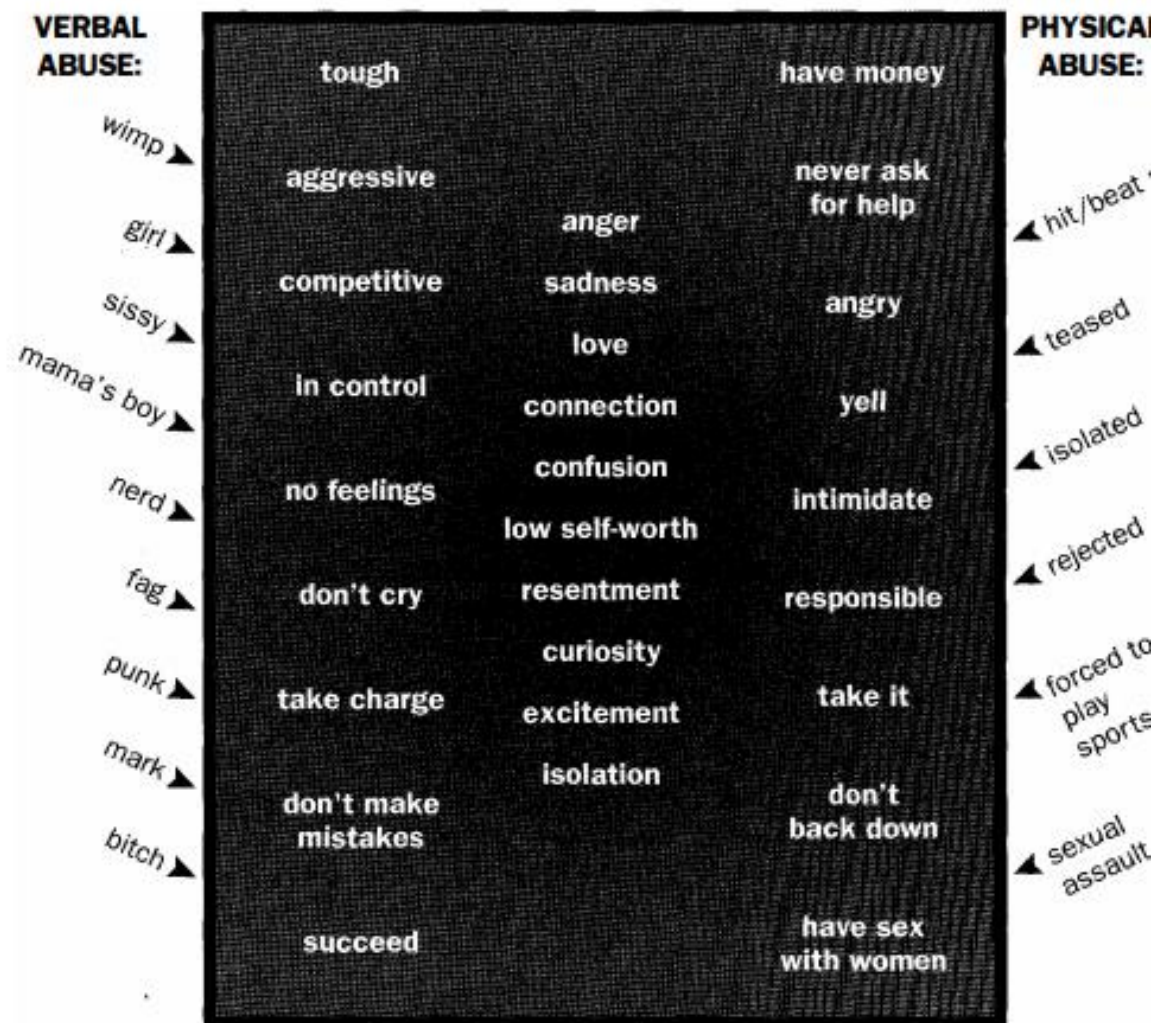
Não

RIO DE JANEIRO, 29 de abril de 2020

Assinado por:
José Henrique da Silva Pilotto
(Coordenador(a))

ANEXO III – “Act-Like-a-Man” Box

“Act-Like-a-Man” Box



Fonte: KIVEL (2010).

APÊNDICES

APÊNDICE I – Transcrição do documentário “*The Mask You Live In*” (2015)

	DEPOENTE	TRANSCRIÇÃO DOS DEPOIMENTOS	TEMAS LEVANTADOS A PARTIR DOS DEPOIMENTOS
0:00:22	Joe Ehrmann	<p>“Ele veste uma máscara, e seu rosto se molda a ela... (George Orwell).</p> <p>Minha memória mais antiga é do meu pai me levando ao porão da minha mãe, levando as mãos e me ensinando a dar golpes e socos. Foi lá que ele me disse as palavras: “Seja homem. Pare de chorar, não se emocione. Se vai ser homem no mundo, é bom aprender a dominar e controlar as pessoas e as situações.” Isso me deu uma vergonha tremenda. Saí de lá com lágrimas nos olhos, achando que eu não era homem o bastante.</p> <p>O futebol americano foi um bom lugar para me esconder. Você pode se esconder no capacete, no grito da torcida. Você projeta uma imagem, uma fachada. O epítome do que significa ser homem nesta cultura. Eu achei que se pudesse representar esta hipermasculinidade de alguma forma isso validaria quem e o que eu era. Certamente meu pai respeitaria isso, veria como eu era forte e poderoso, e me daria o amor e atenção que eu queria desesperadamente”.</p>	<p>Controle das emoções, domínio e controle de pessoas e situações;</p> <p>Prescrições de virilidade; uso da máscara; Hipermasculinidade; Busca do filho pelo respeito paterno;</p>
0:00:25		<p>“Eu peço a todos os homens para lembrar de que idade tinham e qual era o contexto quando ouviram que tinham ser homens. Eu acho que essa é uma das frases mais destrutivas da nossa cultura”.</p>	
0:01:39	Vozes em off	<p>Imagens de meninos, jovens e homens</p> <p>- Pare de sentir. - Se componha.</p>	<p>Pressões sociais relacionadas à</p>

		<ul style="list-style-type: none"> - Não seja bobão. - Não seja bichinha. - Não deixe que te desrespeitem. - Seja bacana e meio babaca. - Sempre fique de boca fechada. - Ninguém gosta de linguarudos. - Que <i>viado</i>. - Sua bichinha. - Não deixe uma mulher te dominar. - Amigos primeiro, vadias depois. - Faça sexo. - Seja homem. - Tenha culhão. - Ei, vira homem! - Vira homem! - Vê se arruma culhões! - Seja macho. 	<p>identidade masculina;</p> <p>Estereótipos de masculinidade;</p> <p>Prescrições de virilidade;</p>
0:02:06	<p>Anderson Cooper</p> <p>Repórter 2 – mulher</p> <p>Repórter 3 – Homem</p> <p>Repórter 4 – Homem</p>	<p>Manchetes de reportagens veiculadas em telejornais: casos de violência praticados por homens e violência autodirigida.</p> <p>Outro adolescente tirou a própria vida após sofrer <i>bullying</i> por anos.</p> <p>Os detalhes do estupro coletivo ocorrido próximo a uma festa escolar são chocantes.</p> <p>Jovens admitem ter matado australiano por “diversão”.</p> <p>Treze pessoas foram acusadas da morte de um estudante de música da Florida A&M que foi resultado de um ritual de iniciação numa banda.</p>	<p>Suicídio;</p> <p><i>Bullying</i>;</p> <p>Estupro;</p> <p>Uso de drogas;</p> <p>Assassinato;</p> <p>Femicídio;</p> <p>Acesso às armas de fogo;</p>

	Vozes em off	<p>Um aluno foi encontrado morto... Nível de álcool no sangue cinco vezes maior que o limite legal.</p> <p>Matou a namorada e depois se matou.</p> <p>Mais de 20 crianças mortas. Também matou sua mãe.</p> <p>Disseram que o ataque parece premeditado. Um atirador, que está entre os mortos.</p>	
0:02:54		<p>Depoimento de meninos intercalado com a Exibição dos Créditos Iniciais do documentário</p>	
0:03:01		<p>Se me conhecesse de verdade, saberia que me sinto excluído na escola.</p> <p>Quando estou tendo um dia ruim, às vezes é difícil falar sobre isso.</p> <p>Se me conhecesse de verdade, saberia que quando fico triste, eu não falo nada.</p> <p>Eu escondia meus sentimentos. Quando estava triste, não fala para ninguém. Mesmo quando estava bravo, não falava.</p> <p>Por muito tempo, não tive amigos, então não tinha com quem conversar.</p> <p>Não falamos sobre sentimentos na minha casa.</p> <p>Se me conhecesse de verdade, saberia que às vezes não posso ser eu mesmo.</p> <p>Se me conhecesse de verdade, saberia que eu não realmente conheço meu pai.</p>	<p>Dificuldade de gregarismo entre pares;</p> <p>Silêncio como resposta à tristeza;</p> <p>Retraimento e isolamento social;</p> <p>Ausência física e afetiva do pai;</p> <p><i>Bullying</i> na escola;</p> <p>Abusos;</p> <p>Desinteresse pela vida;</p> <p>Solidão;</p> <p>Abusos e violência doméstica;</p> <p>Divórcio dos pais;</p>

		<p>Se me conhecesse de verdade, saberia que meu pai está na cadeia. E acho que nunca o vi fora da cadeia.</p> <p>No quinto ano, minha mãe faleceu. A maioria das pessoas não sabe disso.</p> <p>Se me conhecesse de verdade, saberia que meu pai e minha mãe brigaram por mim.</p> <p>Meus pais passaram por uma fase em que nos disseram que iam se divorciar. Só precisava de alguém com que conversar.</p> <p>Minha mãe não teve nenhum namorado bom. E sofremos abusos. Eu queria desistir de viver.</p> <p>Sofri <i>bullying</i> no sexto ano.</p> <p>Me senti excluído – DEPOIMENTO DE UM HOMEM.</p> <p>Me senti solitário por muito tempo.</p>	
0:04:55	Dr. Michael Kimmel	<p>Crianças brincando no parque.</p> <p>Se entrar em qualquer playground nos Estados Unidos em que haja um grupo de meninos brincando alegremente, pode começar uma briga com a pergunta: “Quem aqui é a mulherzinha?”</p> <p>E dois meninos vão começar: “Não, é ele. É ele” e eles vão brigar ou todos os meninos vão dizer: “é ele. É ele.” E esse menino vai lutar contra todos ou voltar para casa chorando. A ideia de ser visto como fraco, como mulherzinha, perante os outros homens começa nos primeiros momentos da infância. E continua por toda a vida, tendo que provar aos outros homens que não somos meninas, que não somos mulheres, que não somos gays.</p>	<p>Rejeição do feminino; Necessidade de provas de masculinidade;</p> <p>Afirmação da masculinidade gera</p>

0:05:50	Willie – jovem	Construímos uma ideia de masculinidade nos Estados Unidos que não dá aos meninos uma chance de se sentirem seguros em sua masculinidade, então eles têm que afirmá-la o tempo todo. Se posso ser macho, por que ser outra coisa? Sacou?	insegurança (vulnerabilidades); Construção da masculinidade;
0:05:56	Dra. Caroline Heldman	A masculinidade não é orgânica, é reativa. Não é algo que se desenvolve sozinha. É a rejeição a tudo que é feminino.	Rejeição do feminino; Dificuldades na comunicação das dores, medo
0:06:02	Matthew – menino	As vezes meus amigos se fazem de durões quando acho que não são.	emoções; Prescritivos culturais, sociais de masculinidade
0:06:09	Tony Porter	Como meninos, aprendemos cedo a reprimir emoções. Não podemos falar sobre ter medo. Não podemos falar sobre nossas dores. Podemos falar sobre estar furioso. Podemos falar sobre ter raiva. Não podemos falar sobre tristeza.	
0:06:22	Roman – menino	Se você não chora, fica com todas essas emoções presas em você e não consegue soltá-las.	A construção da identidade masculina é um processo vigiado;
0:06:28	Dra. Caroline Heldman	Nós os colocamos nesse caminho através da cultura popular, do estilo de criar filhos, do sistema educacional e pelas noções intuitivas de masculinidade e macheza que transmitimos que são incrivelmente ofensivas e danosas. E há todo um sistema social que os vigia através da ameaça velada dos outros homens se não forem machos o bastante.	
0:06:49		Ambiência de filmagem: SAN QUENTIN JUVENILE LIFERS PROGRAM – Programa de prisão perpétua de San Quentin	
0:06:52	Michael	Hoje vamos falar de como aprendemos a masculinidade quando crianças, onde aprendemos e quem nos ensinou. Vou pedir alguns de vocês que contem as ideias que tinham sobre isso na infância.	

0:07:04	Detentos: Cleo Pj Ke Cleo Curtis Tommy Cleo Pj Tommy Pj Ke	Na minha casa não se chora. Mostrar emoções é mostrar fraqueza. Se estiver com dor, segure. Não seja linguarudo. Revide. Tudo girava em torno de dinheiro. Dinheiro, dinheiro. Seja o melhor. Vá sempre além. Tudo bem ser mulherengo. Um homem tem que ser dominante, tem controle sobre tudo. Homens levam tudo ao extremo. Nunca recuar por nada. Homens usam violência para resolver problemas.	Prescrições apreendidas de virilidade;
0:07:38		Cena: Meninos jogando basquete	
0:07:41	Joe Ehrmann	A primeira mentira que todo menino aprende nos EUA é que associamos masculinidade com habilidade atlética. Tamanho, força ou algum conjunto de habilidades.	Associação de Masculinidade com força, habilidades, corpo, sucesso, dinheiro, poder, conquistas sexuais;
0:07:50	Tim - jovem	Eu sempre senti pressão para ser musculoso, ser masculino, ter “barriga de tanque”.	
0:07:57	Joe Ehrmann	Os meninos que sabem pegar a bola no futebol, ou rebater no beisebol são celebrados.	
0:08:01	Jason – jovem	Eu quero jogar futebol, basquete, um desses esportes. Me divertir. Fazer algum dinheiro. Viver uma dessas vidas que passam na TV.	Reprodução de estereótipos de masculinidade valorizados socialmente;
0:08:09	Joe Ehrmann	Estão se dirigindo para muitos fracassos e frustrações na vida porque ser homem não tem nada a ver com habilidade atlética. Se pensar em todos outros meninos no playground, eles não querem só praticar esportes. Eles querem mexer com computadores, música, teatro ou debates.	

0:08:27	Charlie - jovem	No mês passado, eu participei da minha primeira peça de teatro. Hoje em dia eu penso: "Como eu queria ter participado disso antes na escola". Acho que não fiz porque era tabu. Você não deveria fazer.	
0:08:42	Joe Ehrmann	A segunda mentira que aprendem é que associamos masculinidade a sucesso econômico. Veiculação de imagens de homens bem-sucedido financeiramente como: Donald Trump, Jay Z, Mark Zuckerberg. Cenas do filme "O lobo de Wall Street" estrelado por Leonardo di Caprio.	
0:08:58	Joe Ehrmann	Dizem que a comparação é o ladrão da felicidade. Então se você constrói o seu senso de masculinidade baseado em poder, bens materiais, há sempre alguém que vai ter mais. Isso leva a vida incrivelmente vazia, sempre buscando mais coisas ao invés de ver o que é realmente importante na vida.	
0:09:17	Dr. Madeline Levine	Já tratei meninos de oito anos pra quem perguntei: "O que quer ser quando crescer?" Eles responderam: "Investidor profissional." Isso é tão errado que nem sei por onde começar. Ele chega aqui e já foi tão doutrinado que vai ter opções muito limitadas na vida. E nunca vai se sentir autêntico.	
0:09:42	Joe Ehrmann	E o terceiro critério é a cultura. Associamos conquistas sexuais com masculinidade.	
0:09:49		Cenas de filmes. Cenas de um programa de TV. Retratando a imagem do homem mulherengo.	
0:10:01	Joe Ehrmann	Associar a masculinidade a isso é tão desumanizante.	
0:10:05		Cenas do filme "Day training"	
0:10:19	Joe Ehrmann		

		Essas palavras servem para manter os meninos em silêncio, para que continuem se conformando ao molde.	
0:10:26		Jovens numa quadra jogando basquete.	
0:10:35	Ian – homem jovem	<p>Meu avô era bem o tipo macho alfa. Era um ex sargento do exército. Um caipira. Ele pôde se lançar no mundo e se fazer sozinho. Ele viveu o sonho americano nesse sentido. É claro que ele era um homem branco numa determinada época, o que permitiu que ele tivesse esse sucesso, mesmo tendo origens pobres. Eu cresci ouvindo a voz do meu avô: “Você tem que ser maior, mais forte, mais rápido.” Então estava sempre tentando provar meu valor e nunca conseguia. Isso me deixou muito inseguro e me fez sentir que eu não era bom o bastante.</p> <p>Quando eu era criança, tinha longos cabelos louros e uma voz muito aguda. Não era uma criança bacana, era um menininho desengonçado. Eu cantava no coral, tocava clarineta, mas também jogava beisebol, futebol e basquete. Eu pude fazer todas essas coisas diferentes e me expressar de muitas maneiras diferentes. Tudo mudou no meio do ensino fundamental. Comecei a sofrer <i>bullying</i> e ouvir deboches. Me chamavam de <i>viado</i>, bichinha, mulherzinha, bocó. E foi então que as pressões sociais fizeram efeito. Cortei o cabelo, mudei a forma de me vestir. Mudei a voz. Nem sei quando foi que minha voz mudou naturalmente. Não faço ideia, porque eu forçava a voz grossa. Fiz mais esportes, entrei para todos os times. Namorei uma líder de torcida e me distanciei de todos que eram menos masculinos que eu. Tinha um amigo que não fazia esportes, que era meio afeminado. Ele estava sendo ainda mais atacado do que eu. E ao invés de ficar ao lado dele e ser um bom amigo, eu me lembro, até certo ponto, de tomar a decisão de me forçar a não ser mais amigo dele, de não ir mais a casa dele... E lembro que ele perguntou porque eu fiz isso. E não consegui responder. Não sabia o que dizer na época. A escola, pra mim, foi onde aprendi a desempenhar a masculinidade, a ser um macho.</p>	<p>Prescrições de virilidade;</p> <p>Modelos de masculinidade;</p> <p>Bullying;</p> <p>Pressões sociais;</p> <p>Mudanças corporais e de comportamento;</p> <p>A escola como lugar de aprendizado e exercício da masculinidade e macheza;</p>
0:12:45		Bebês dormindo.	
0:12:48	Dr. ^a Lise Eliot	Por toda história, sempre houve essa crença de que homens e mulheres são criaturas fundamentalmente diferentes. Provavelmente veio da bíblia. Sexo é um termo biológico. Se refere aos cromossomos que você tem. Dois X para fêmeas, e X e Y para machos.	Diferenciação sexual e de gênero;

0:13:15	Dr. Michael Thompson	<p>Gênero é uma construção social. Há expressões de masculinidade e feminilidade e ambos são espectros que têm interseções.</p> <p>Meninos e meninas são muito mais humanos e muito mais iguais do que são diferentes. Se você der 50 mil testes psicológicos para meninas, os resultados formarão uma curva em forma de sino. Se der os mesmos 50 mil testes psicológicos para meninos, os resultados formarão uma curva de sino de meninos. Se sobrepuser as duas elas coincidirão em 90%. Tem ombros que ficam pra fora dos dois lados, e são essas características que alimentam os estereótipos.</p>	<p>Diferenças e semelhanças psicológicas entre os gêneros;</p> <p>Conexões cerebrais: habilidades são desenvolvidas a partir da repetição;</p>
0:13:46	Dr. ^a Lise Eliot	<p>As pessoas supõem que porque o cérebro é biológico qualquer diferença dos sexos no cérebro deve ser inerente. Mas o cérebro é plástico, ele muda com as experiências.</p>	<p>As noções intuitivas de gênero são simbolicamente comunicadas pelos pais;</p>
0:13:58	Dr. ^a Nadine Burke-Harris	<p>Existe o processo de proliferação e poda. Que é quando o cérebro faz um monte de conexões e as que você usa são reforçadas, as que você não usa se perdem.</p>	<p>Hipermasculinidade e hiperfeminilidade: tensões a respeito da construção social de gênero;</p>
0:14:10	Dr. ^a Lise Eliot	<p>Seja empatia, agressividade, habilidade espacial ou habilidade verbal, as coisas que a criança faz mais, é nisso que ela vai ser boa. Os pais, antes mesmo de a criança nascer, começam a pensar nela de forma diferente. Decoram o quarto de maneira diferente, compram roupas diferentes. Então a noção de que existe criação neutra em termos de gênero, ou que os pais não são responsáveis por diferenças de gênero é uma impossibilidade psicológica.</p>	<p>Controle e silenciamento das emoções de fraqueza ou vulnerabilidade – características</p>
0:14:38	Dr. ^a Caroline Heldman	<p>Estamos ficando muito mais bifurcados em termos de hipermasculinidade e hiperfeminilidade. Os produtos para meninas estão mais rosas. E os produtos pra meninos estão muito mais militares e violentos. E não só os brinquedos, mas também os programas de televisão e os filmes. Essa hipermasculinização e hiperfeminização refletem a tensão cultural e o medo do fato de que o gênero é construído socialmente. Então respondemos de maneiras que tentam organizar e simplificar o mundo, mas que acabam por simplifica-los a tal ponto que pressiona homens e mulheres a se encaixarem em moldes.</p>	

0:15:16		Cenas de Futebol americano: Você tem que ir lá e ser durão, mas não pode dar um de mulherzinha.	atribuídas às mulheres;
0:15:20	Tony Porter	Quando um menino chega aos cinco anos, ele aprende que não é bom chorar em público. Ele até pode fazer, mas espera-se que até os dez ele já tenha aperfeiçoado isso. Se aos 12 ele ainda continuar chorando em público, é um problema. Cena de filme: menino chorando Meu Deus. Você é um daqueles que só chora uma lágrima? Você é uma bichona inútil que chora e se baba como uma menina de nove anos!	Comportamentos de defesa são ensinados e aprendidos ao longo da socialização dos meninos e jovens;
0:15:44	Dr. William Pollack	Meninos são encorajados a não falar sobre qualquer tipo de dor com ninguém. E se falarem, os pais, particularmente, mas as mães também tendem a focar mais em como resolver ou o que vão fazer, ou suas ações.	
0:15:59		Cena de filme. Pai treina o filho a lutar. Me bate. Vai, me bate. Vai! Vai, filho. Esquerda.	
0:16:07	Dr. Judy Chu	Estão aprendendo como é possível para eles como meninos existir no mundo e formar relações e se comportar de maneira que são consideradas socialmente aceitáveis. E ao aprender a acomodar esses ideais, eles aprendem a esconder ou minimizar qualidades que são tradicionalmente associadas às mulheres.	
0:16:26	Dr. William Pollack	As mães escutam que se abraçarem demais seus meninos, vão prejudicar o desenvolvimento deles. Ele vai virar um filhinho da mamãe. Cena de filme: Pai interagindo com o filho. Quer ser um macaco voador fofoqueiro filhinho da mamãe? Ou quer ser um homem?	

0:16:40	Dr. William Pollack	Ser a filhinha da mamãe ou do papai? Isso é ótimo. Mas o filhinho da mamãe? Quer dizer que ele é mole.	
0:16:52		Cena de filme: Uma mãe deixando o filho na porta da escola.	
0:17:03	Dra. Caroline Heldman	Temos medo que nosso filho seja ridicularizado, ou que seja alvo de violência. Então damos a ele o que achamos que ele precisa pra evitar isso. Cena de um grupo com uma mulher e três meninos e ao ver um menino chorando a mulher reforça: “Jogadores de futebol não choram”.	
0:17:07	Dr. William Pollack	O motivo pelo qual homens são menos propensos a mostrar empatia, menos propensos a mostrar vulnerabilidade, e menos propensos a criar filhos dessa forma, é que foram socializados assim.	
0:17:20	Dr. ^a Carol Gilligan	Eu fiquei muito emocionada com os pais que trouxeram filhos de quatro e cinco anos para a escola de manhã, e como eles eram afetuosos com seus filhos, como eram pacientes e amorosos com esses meninos. Então eu perguntei: “O que você vê no seu filho?” “que você espera que ele nunca perca.” E os pais falaram das características expansivas dos filhos. De como eram abertos emocionalmente, e tinham alegria genuína com os amigos. E os homens sentiam que no caminho para a masculinidade, eles mesmos tinham perdido estas qualidades. E o dilema deles era se teriam que silenciar as qualidades que mais valorizavam em seus filhos. Era um dilema muito delicado.	
0:18:17		Pai brincando com o seu filho. Jogando futebol americano.	
0:18:19	Steven	Meu pai... Nós não tínhamos uma relação muito boa. O segundo trabalho dele era beber, ele era alcoólatra. Tinha medo dele. Ele era malvado. Não tinha emoções, não se importava com nada. Para ele, estudar não era o poder que devíamos estar buscando. Era tenha um bom emprego, muitas mulheres e aí você é um homem. Minha mãe era mais a minha motivadora. Ela me ensinou que educação era importante. Então todo ano, no dia das mães eu mandava um cartão pra ela, mas eu também mandava um cartão no	Prescrições de virilidade na educação dos filhos

		<p>dia dos pais, pra agradecer a ela por fazer os dois papéis na minha vida. O momento em que descobri que iria ser pai foi muito assustador pra mim. Eu era universitário e a mãe do meu filho me disse que estava grávida, mas nós não estávamos mais juntos. Eu disse a ela que se ela quisesse, eu o criaria e tomaria conta dele. Meu pai não me criou, por isso é muito importante pra mim que eu crie meu filho. Tem sido muito difícil fazer ambos os papéis de mãe e pai pra o Jacken. Eu aprendi que homens são durões, que são fortes. Eu passei muitas noites chorando porque ele tinha sentimentos e eu tive que lidar com isso. E um dia entendi porque o Jacksen me disse: “Papai, eu sou sensível.” E eu pensei: “Tudo bem.” E eu passei a ler muito, sabe, muito, a fazer buscas no Google sobre como ser sensível e coisas assim. E comecei a pergunta a ele: “Como você se sente?” “Por que está triste?” “Você está bem?” Ele me ensinou como me conectar com minhas próprias emoções e as dele também. Ele chorava às vezes e eu chorava com ele. E eu dizia: “O papai não podia chorar quando era criança, mas está tudo bem. Se você precisar chorar, chore.” Precisei de tempo para chegar lá.</p>	<p>- favorecem o distanciamento dos pais e filhos;</p>
0:20:16	Tony Porter	<p>Os homens estão melhorando. Os homens estão sendo mais carinhosos com seus filhos, e falam de amor e abraços e beijos, sabe. Os homens estão muito mais determinados a se envolver na criação dos filhos e dividir essas responsabilidades. Então estamos melhorando. O fato de que estamos tendo esta conversa é sinal de progresso. Mas não significa que não há muito ainda a se fazer.</p>	<p>Progressos no envolvimento dos pais na criação dos filhos;</p>
0:20:53	Cody	<p>Crescendo no ambiente em que eu cresci, houve muita violência física. Meu pai batia na minha mãe horrivelmente, pelo que eu me lembro. Meu pai vendia drogas, era assim que se sustentava. Ele esteve na cadeira várias vezes ao longo da minha infância. Na verdade, acho que não o vi nos primeiros dois anos da minha vida, então nunca estabeleci aquela conexão que a maioria dos meninos tem com seu pai. No ensino fundamental, era muito difícil lidar porque eu não... Não sabia o que significava ser homem, não tive uma figura paterna na minha vida, só mulheres fortes. Eu sofri muito <i>bullying</i> na vida porque não sou o mais masculino dos homens. Nunca fui. Por que eu sou excluído e tratado de forma diferente por que não quero brigar, por que não vejo sentido em fazer sexo sem proteção com incontáveis mulheres e depois sair pra beber e</p>	<p><i>Bullying</i>; Distanciamento paterno;</p>

		ficar contando vantagem a respeito e fumando maconha? Mas é isso que a sociedade considera masculino. Eu não valorizo isso. E acho que é porque ainda sou próximo à minha mãe e a minha avó, e ambas são extremamente fortes e respeitáveis, não só mulheres, mas pessoas respeitáveis. Então é isso que eu quero copiar.	
0:22:25		Meninos brincando.	
0:22:29	Dr. ^a Judy Chu	Uma das coisas que apareceu no meu estudo que tem relação com os malvados, que foi um time criado pelos meninos, para os meninos, com o objetivo de “se voltar contra as meninas”. Era uma turma de pré-escola. No começo, havia um pouco de mistura, mas quando chegou em dezembro, a dinâmica de meninos x meninas ficou bem clara, e até a hierarquia entre os meninos tinha ficado clara. Tinham regras e modos de conduta e maneiras de se relacionar e se comportar. Uma das regras era que você não podia brincar as meninas. E se quebrasse as regras, você podia ser demitido e tecnicamente não ser mais um menino. Um dos meninos me disse: “Na verdade, sou amigo das meninas, eu gosto delas, mas se Mike”, o líder dos malvados “descobrir ele vai me demitir do clube então vou ficar sem clube”. Eles entendem totalmente, que estas são as regras e estas são as consequências do seu status entre os meninos.	Hierarquia entre os meninos; Regras de convivência e padrões de comportamento masculinos e femininos; Meninos não brincam com meninas;
0:23:26	Gaby – mãe do Roman	Quando eu estava escolhendo uma pré-escola para o Roman, eu especificamente escolhi uma escola cristã. Me pareceu que havia uma ênfase nos valores da família e na bondade. Mas no fim da pré-escola comecei a ver uma mudança no comportamento do meu filho e das crianças em volta dela. Eu descreveria como uma casca grossa que foi ficando cada vez pior. Eu perguntava: “O que aconteceu?” No primeiro ano, havia dias em que ele voltava para casa e caía em prantos. Eu perguntava: “O que aconteceu?” E ele dizia: “Fulano me empurrou na fila pela quarta vez esta semana “e a professora não fez nada”. Ou então: “Estavam caçoando de mim no recreio.” Ou então: “Eu fui ao treino de futebol e disseram que eu era o pior do time”. Começou com coisas assim, e no segundo ano, houve um dia que ele voltou pra casa dizendo que tinha sido estrangulado no corredor. No meio do ano, eu o buscava na escola e via em seu rosto que ele estava fazendo de tudo para não chorar porque não queria que os meninos debochassem dele ainda mais. Mas assim que nos afastamos cerca de meio quarteirão, as comportas se abriram. E ele estava tão triste.	Mudanças de comportamento relacionadas ao Bullying na escola; Violência física entre meninos na escola; Adoção da máscara para velar o sofrimento;

0:24:45	Roman	Eu me sentia sozinho. Eu não estava fazendo o que os outros estavam fazendo. Eu era diferente.	
0:25:05		DADOS: 1 em cada 4 meninos diz que sofre <i>bullying</i> na escola Apenas 30% deles notificam a um adulto	<i>Bullying</i> na escola – não notificado;
0:25:26	Dr. Terry Kupers	Há uma hierarquia de dominação. Há os sujeitos durões que estão em cima, e há os fracotes, as “meninas”, que estão lá embaixo. Esta é a origem do sexismo e da homofobia. No sexismo, é que as meninas não são fortes quanto os meninos. Com a homossexualidade, o homem gay se torna a versão mais estigmatizada da fraqueza e do que é feminino. O que acontece nas suas relações com outras crianças é que você escolhe alguém que parece ser fraco nesse sentido. Talvez você faça <i>bullying</i> com ele, talvez seja uma maneira mais sutil de humilhação. E você começa a odiar nele a coisa que você teme em si mesmo.	Hierarquia e assimetria entre os homens e mulheres na socialização; Homofobia e sexismo; <i>Bullying</i> ;
0:25:51	Moly	Eu nasci em Salt Lake City. Depois do primeiro ano, mudamos para Massachusetts. Eu passei por muito <i>bullying</i> . Passei por muito deboche. Caçoavam de mim porque eu era o menor, o mais magro, o menos branco, e finalmente, o menino que mais se suspeitava ser gay, o que é verdade. Se tornou verdade. Mas eu me lembro dos meninos maiores chegando e gritando: “Ei, <i>viado!</i> ” ou “Por que não volta pra China?” Eu sempre revidava. Levava socos no estômago. Eu me lembro de voltar da escola com as mãos sangrando de ser jogado no chão de concreto e arranhar as mãos. Era aterrorizante. Eu sempre acabava chorando. Sentia muita vergonha de não poder me defender. Meu pai me dava conselhos sobre como revidar. Sabe, eu amo minha mãe. E amo meu pai. Mas eles só me diziam a mesma coisa. Tomo mundo me dizia para resolver. Depois de uma briga, eu aprendi a lavar o sangue das mãos. E aprendi a não falar sobre isso. Eu me sentia tão deprimido que pensei em suicídio várias vezes. Eu não queria mais viver. Nunca soube por que era tão difícil falar sobre o que eu sentia até examinar meu passado e perceber: “Obviamente, é por isso.” Porque eu fui desencorajado através da força física de expressar emoções.	Adoção da violência e do silenciamento das emoções como resposta aos ataques de <i>bullying</i> e homofobia; Ideação suicida decorrente do <i>bullying</i> ;

0:27:56	Dr. ^a Way	Niobe	Meninos fazem uma conexão direta entre amizades e saúde mental. Eles dizem: “Se eu não tivesse alguém para falar dos meus segredos e da minha vida pessoal, eu ficaria maluco”	Meninos associam amizade e saúde mental;
0:28:06	Bryce		As vezes quando eu fico triste eu conto as coisas pros meus amigos, e eles tentam me ajudar.	Suporte emocional entre os meninos;
0:28:11	Dr. ^a Way	Niobe	Dos 11 aos 14 anos, meninos contam histórias intensas sobre outros meninos, e como querem ser amigos deles e dividir segredos.	
0:28:20	Dr. ^a Chu	Judy	Um menino descreveu ter dificuldades de fazer os pais compreendê-lo, e a pessoa que o salvava diariamente era o melhor amigo, que ele sentia que o amava incondicionalmente.	Os pais possuem dificuldades de compreender seus filhos;
0:28:30	Dr. ^a Way	Niobe	Quando eles têm 15, 16, 17, a linguagem muda. Você ouve meninos falando nas dificuldades nas amizades, sobre ser magoado e traído por outros meninos. Eles querem ter amizades íntimas, mas não sabem como achar essas amizades.	Mudanças na linguagem entre os meninos;
0:28:47	Parker		No ensino fundamental, eu tinha quatro amigos íntimos e fazíamos tudo juntos. Quando entrei pro ensino médio, tive dificuldades em encontrar pessoas para conversar porque eu acho que preciso lidar com tudo sozinho. Eu não posso pedir ajuda.	Necessidades e dificuldades em fazer amigos íntimos;
0:29:02	Dr. ^a Way	Niobe	Eles realmente acreditam nessa cultura que desvaloriza tudo que é “feminino” Então é feminino se relacionar, se emocionar, estas coisas cruciais, ter empatia. Então, meninos começam a desvalorizar a parte relacional de si mesmos, suas necessidades e desejos relacionais.	
0:29:17	Will		Quando está tudo bem, homens são muito próximos entre si são muito bons amigos e interagem muito, mas quando as coisas pioram, parece que você fica sozinho.	Desvalorização das habilidades relacionais, necessidades e desejos, pois tais

0:29:29	Dr. ^a Judy Chu	Um dos meninos adolescentes descreveu assim: “Se você se abrir como as meninas fazem, se contar a alguém como se sente de verdade, então podem usar isso contra você a qualquer momento”.	habilidades “femininas”;
0:29:40	Dr. ^a Niobe Way	Então a perda da intimidade nas amizades, que deixa os meninos muitas vezes sentindo-se muito solitários e isolados, leva-os a entrar numa cultura de masculinidade que faz estas equações bizarras que a intimidade masculina tem que ser sexual. Começam a dizer coisas como: “Eu sou íntimo dele, sem viadagem.” “Ele é legal, sem viadagem”. Há essa ilusão constante de que todo sinal de intimidade vai ser visto como potencialmente gay. Eles entendem que se você for hétero, não tem nenhum desejo de intimidade masculina. Não fazemos isso com as mulheres, fazemos isso com os homens.	Justificativa para a adoção do silêncio entre os homens; Cultura da masculinidade associada a intimidade sexual afasta os homens de uma amizade com outros homens;
0:30:12	Dr. Judy Chu	Cada um se mostrando baseado em como os outros estão se mostrando e o que eles perdem é o que realmente querem, que é a intimidade.	
0:30:25	Dr. Michael Thompson	Beber e usar drogas são maneiras que meninos encontram para burlar essas regras que dizem que eles têm sempre que ser fortes e contidos. Quando você fica bêbado, pode abraçar os amigos, pode dizer o quanto os ama. Pode fazer sexo com uma garota sem sentir o medo que todo mundo sente quando começa a fazer sexo, porque é íntimo e estranho e deixa você incrivelmente exposto.	
0:30:54		DADOS: Aos 12 anos, 34% dos meninos já começou a beber. O menino normal experimenta drogas aos 13.	Álcool e outras drogas são usados para deixar os homens mais “sociáveis” e “curar” a solidão;
0:31:04	Lucy	Não é só aceitável que adolescentes bebam, se droguem e façam sexo. É esperado, e às vezes você é mal visto se não estiver fazendo isso.	
0:31:12	Parker	Você se deslocado se for o único sóbrio.	Naturalização do uso de drogas e da prática sexual entre os adolescentes;
0:31:16		Cenas: jovens consumindo álcool	

0:31:48		DADOS: 1 EM CADA 4 MENINOS BEBE COMPULSIVAMENTE (CONSOME 6 OU MAIS BEBIDAS EM SUCESSÃO).	
0:31:55	Dr. Michael Thompson	Os meninos bebem e se drogam, mas frequentemente estão fazendo isso para curar a solidão. Quando estão sozinhos ou sentem muita dor psíquica e não têm palavras para se expressar através da linguagem, eles usam a bebida e as drogas pra suprimir.	
0:32:15		Ambiência de filmagem: Colégio Valley Oak Uma mãe espera o filho entrar no carro. Se cumprimentam	
0:32:23	Luis	Minha mãe e meu pai se conheceram quando tinham 17 anos. E decidiram sair do México para ter um futuro melhor. Minha mãe me disse: “Vá para a escola e tenha uma carreira para você não ser como eu”.	Relação entre educação e trabalho na socialização masculina;
0:32:46	Ana	Meu marido e eu decidimos nos separar em 2007. E ele foi embora. E eu fiquei sozinha com três filhos. Ele não visitava muito. Dizia que era porque tinha coisas a fazer e estava muito ocupado.	
0:33:04	Luis	Meu pai, na verdade, era... Era meio irresponsável. Ele gostava de se divertir muito e de sair com os amigos. Uma noite, ele fez uma besteira e decidiu beber e dirigir. E ele foi parado pela polícia. E descobriram que ele não era cidadão americano. Então ele foi deportado pro México. E ele está lá desde que eu estava no sétimo ano. Sinto muita falta do meu pai e não tem nada que eu possa fazer a não ser visitá-lo no México.	Mudanças no comportamento relacionadas à ausência física do pai;
0:33:36	Ana	A partir de então, começaram os problemas com o Luis. O Luis era um bom menino, era muito doce. Mas quando entrou no sétimo ano, mudou completamente.	
0:33:51	Luis	Vi muitas caras diferentes. Havia muitas meninas bonitas, mas havia também membros de gangues e os skatistas, e os meninos que fumavam. Quando decidi entrar pra uma gangue, foi porque era bacana. Eu eventualmente entrei e escolhi uma cor. Eles me deram um apelido só para me associar. Eu matava aula. Reprovei quatro matérias. Fugi de casa. Me meti em todo tipo de confusão. E nem ligava.	

0:34:26	Ana	Eu perguntava: “Luis você está bem?” “Sim”. Mas havia vezes em que eu sentia que não estava bem. Então ele ficava bravo, gritava. Nunca era um bom momento para conversar com ele. Às vezes eu sentia muito desespero.	Dificuldades na comunicação entre filho e mãe;
0:34:43	Luis	No primeiro ano foi que me senti muito deprimido e sozinho. Eu acordava de mau humor e às vezes ia dormir chorando. E não tinha ninguém com quem conversar. Ninguém que pudesse me ouvir e dizer: “Está tudo bem, vai dar tudo certo.” Algo como: “Estou do seu lado”. Eu senti como se todo mundo tivesse desistido de mim, até a minha mãe. Houve momentos em que quase cometi suicídio, mas não queria aumentar a pressão sobre a minha família, minha mãe e meu pai. Basicamente, eu só tinha a maconha. Eu fumava todo dia. Estava sempre chapado. Quando eu fumava, não pensava nos meus problemas. Eu me lembro do dia 6 de julho. Fomos ao Cannabis Club. Compramos cera e óleo de THC. Fumamos um baseado, e de repente, vi um policial piscando a sirene. Ele nos multou, veio até o carro e me revistou. Ele encontrou um no meu sapato, me algemou e disse: “Você tem o direito de permanecer calado. Vai ser levado para a cadeia.”	Depressão e solidão Ideação suicida; Consumo de maconha como fuga dos problemas;
0:36:01	Ana	Partiu meu coração. Eu não conseguia acreditar. Doeu muito quando eu vi que ele ia ser preso e ia ser levado ao reformatório. Doeu muito.	
0:36:23	Dr. William Pollack	Reconhecemos cada vez mais que adolescentes têm maior chance de terem depressão e cometerem suicídio. Mas imaginamos que vão ser meninas adolescentes, por causa da nossa definição de depressão. Mais recolhida, mais quieta, não responsiva. O que os meninos tendem a fazer quando estão entrando em depressão é o oposto, na verdade. Meninos ficam propensos a explodir, a ficar agressivos. Mas a maioria das pessoas vê como um desvio de conduta ou uma criança ruim. E o que acontece? Antes que surjam outros sintomas de depressão, que aparecem em meninos adolescentes tanto quanto em meninas, esse jovem pode se tornar um suicida sem que ninguém perceba.	Suicídio como uma questão de gênero! A ideação suicida, geralmente, é atribuída às meninas, essa associação está relacionada às concepções de gênero e as dificuldades de identificação da
0:37:08		DADOS: A cada dia, 3 ou mais meninos cometem suicídio	

0:37:18	Dr. ^a Niobe Way	Para meninos, suicídio é a terceira causa de morte mais comum Exatamente na idade em que começamos a ver a linguagem emocional desaparecer na narrativa dos meninos, nas estatísticas nacionais é exatamente a idade em que a taxa de suicídio de meninos supera a de meninas em cinco vezes.	ideação suicida entre os homens; Desaparecimento da linguagem emocional e o aumento do suicídio entre os meninos;
0:37:34	Dr. William Pollack	A maneira como meninos são criados faz com que escondam todos os sentimentos naturais, vulneráveis e empáticos atrás da máscara de masculinidade. E também quando estão sentindo mais dor, não podem pedir ajuda porque não serão considerados meninos de verdade. São forçados a isso e sentem vergonha demais para sair disso.	
0:37:57		DADOS: MENOS DE 50% DOS HOMENS E MENINOS COM PROBLEMAS DE SAÚDE MENTAL BUSCAM AJUDA	Justificativa para os usos da máscara entre os homens;
0:38:02	Dr. William Pollack	Vivem atrás de uma máscara emocional que impede os meninos de expressarem seus sentimentos verdadeiros.	
0:38:10		Ambiência de filmagem: FREMONT HIGH SCHOOL Jovens se exercitando, caminhando e conversando	
0:38:42	Ashanti Branch	Este é o meu colégio. Eu me formei aqui. Nunca quis ser professor. Eu ia ser engenheiro e ganhar muito dinheiro. Mas eu me tornei professor porque percebi que minha comunidade estava sofrendo com a falta de bons professores. E eu acho que um dos maiores desafios foi que eu passei por isso, sabe? E então quero que saibam que podem seguir em frente e que podem ter sucesso e fazer o que quiserem da vida. Mas vão precisar de muito esforço. Se andar dois quarteirões, vai encontrar prostitutas. Há muita atividade de gangues na área. Eu considero uma zona de guerra, entende? Nossas crianças acordam todo dia e têm que preparar suas máscaras para andar até a escola. A máscara requer que eu não deixe as pessoas verem minhas vulnerabilidades, quer dizer que tem que ser uma máscara muito dura. E, quando eu chegar, a esperança é que	Usos e sentidos da máscara: negação e proteção contra as vulnerabilidades e demonstração dos sentimentos entre os homens jovens;

0:39:50	Ashanti Branch	<p>eu possa tirar a máscara para focar no aprendizado e não em continuamente usar esta carapaça. Muitos dos nossos alunos não sabem tirar a máscara.</p> <p>Numa sala da escola, os jovens masculinos estão sentados em círculo com Ashanti Branch: (descrição da ambiência de filmagem)</p> <p>Então quero que vocês peguem uma destas máscaras, peguem uma. Eis o que vamos fazer. Nesta máscara, vão desenhar o que representa vocês. Que coisas vocês vestem quando vêm para a escola todo dia e que deixam as pessoas verem. Atrás, quero que escrevam o que não deixam as pessoas verem. O que está por trás da máscara. Está bem?</p> <p>OS JOVENS ESCREVEM SEUS SENTIMENTOS: “ Raiva” “Minha dor” “Meu coração”</p>	
0:40:28	Ashanti Branch	<p>E o que quero que façam é, quero que peguem a sua máscara e quero a amasse. E quero que acertem alguém no círculo com a sua máscara. Não podem sair do lugar. Abram. Quem quer revelar o que está na máscara que abriram? Leia em voz alta, só a frente.</p>	
0:40:52	D’ Shane	<p>“Engraçado, carinhoso e feliz”</p>	
0:40:55	Ashanti Branch	<p>- Certo, e atrás da máscara?</p>	
0:40:57	D’ Shane	<p>“Tristeza e medo.”</p>	
0:41:00	Willie	<p>“Brincalhão, bondade, felicidade, bobeira, sorriso e diversão”.</p>	
0:41:07	Ashanti Branch	<p>Certo. E atrás?</p>	

0:41:09	Willie	Raiva.	
0:41:14	Ashanti Branch	Vou ler a minha. Na frente diz “Entretenimento”, porque é isso que mostro na máscara, atrás diz “Dor”.	
0:41:22	Sirtone	“Energia, frustração, felicidade, amigável”. “Coração, sorriso, extrovertido.” E atrás diz: “Tristeza, assustado, lágrimas, sentindo falta do meu pai, tentando cuidar dos meus irmãos, e dor”.	
0:41:48	Ashanti Branch	Por que acham que escondemos a nossa dor?	
0:41:52	Sirtone	As pessoas não querem que todo mundo saiba de tudo. Tem que fazer cara de paisagem, não pode revelar tudo.	
0:41:58	Ashanti Branch	<p>É muito difícil andar com essa cara o tempo todo?</p> <p>Não é só uma atividade imaginária. São coisas reais que passamos como jovens e que escondemos porque não nos sentimos seguros. Quase 90% de vocês escreveu “dor” e “raiva” atrás do papel. Não é coincidência. É real. E somo só oito aqui. Há centenas de jovens por aí tendo a mesma experiência, mas eles não têm com quem conversar a respeito. Estão reprimindo a tristeza, estão reprimindo a dor, estão reprimindo a raiva, porque não têm ninguém para perguntar: “O que há com você, cara?” “O que está acontecendo? O que há? Como posso te apoiar?”</p> <p>Quero que cada um de vocês possa dizer o que precisa dizer porque se vamos conseguir chegar ao fundo da nossa dor, jovens, se vamos chegar ao fundo da raiva que estamos escondendo, para não acabarmos sendo mais um homem atrás das grades porque explodimos com a pessoa errada pelo motivo errado, temos que ter um lugar seguro para lidar com isso. Isso é fraternidade.</p> <p>Durante a dinâmica, um dos jovens permanece de cabeça baixa e é confortado por outro jovem que coloca sobre a mão sobre a sua nuca e conversa com ele.</p>	Estratégias para a comunicação das demandas emocionais dos homens jovens;
0:43:22		JOVENS CAMINHANDO NO EXTERIOR DE UMA ESCOLA	

	Tony Porter	Para muitos dos nossos meninos que estão tentando descobrir o que significa ser homem, e muitos deles sem um homem para guiá-los, eles começam a definir sua própria ideia do que significa ser homem. Nossos meninos querem ajuda, querem alguém que guie, ensine e lidere.	Ausência de uma figura masculina na construção da identidade masculina dos jovens;
0:43:44	Dr. Pedro Noguera	Por que será que ser menino nos EUA representa um risco maior?	
0:43:48		DADOS: Comparado às meninas, meninos têm mais chance de largar ou ser expulso da escola.	Abandono escolar é maior entre meninos;
0:43:48	Dr. Pedro Noguera	Vemos claramente que meninos que vêm de famílias de baixa renda, e quando eu digo meninos, quero dizer meninos brancos também, têm menos chance de fazer faculdade e mais de largar a escola.	
0:44:05		DADOS: Comparados às meninas, meninos tem 2 vezes mais chance de precisar de reforço escolar. Três vezes mais chance de serem diagnosticados com TDAH Duas vezes mais chance de serem suspensos. E quatro vezes mais chance de serem expulsos.	
0:44:20	Dr. Pedro Noguera	Na maioria das escolas, usamos humilhação como uma maneira de punir as crianças. Escrever o nome no quadro, mandá-los pro fundo da sala, botá-los pra fora. Raramente paramos e perguntamos: “O que está causando este comportamento?” “Por que esta criança está descontrolada?” Negar tempo de ensino a essas crianças tem o efeito de afastá-las da escola.	Humilhação e afastamento das atividades escolares: mecanismos de punição;
0:44:36	Kevin Grant	Expulsam uma criança da escola, sabendo que quem não sabe ler até o quarto ano vai para o sistema prisional. Bem, você o expulsou duas vezes no terceiro ano, porque ele fez isto com o professor [gesto com a mão]. Ninguém na vida dessa criança o abraçou.	

0:44:51	Dr. Joseph Marshall	<p>Entre numa turma de pré-escola. São meninos. É só olhar. Vão fazer isso. Faça uma pergunta. Eles não se calam. Vão pular, balançar as mãos [gestos com a mão].</p> <p>Entre na mesma turma quando estiverem no sexto ano. Faça uma pergunta: “O que vocês acham?” “Não sei.” “Que seja.” “Tudo bem.” Quer dizer...</p> <p>Nesses cinco anos, a chama piloto da vida acadêmica começa a se apagar. Porque eles decidiram que a escola não é lugar para eles. A melhor maneira de prever o sucesso de um aluno é pelas expectativas do corpo docente. O sistema escolar não... Não acreditou nas crianças. Aliás, como eram crianças negras e pardas, não acharam que podiam ir bem.</p>	As dinâmicas presentes no sistema escolar interferem negativamente na vida escolar dos estudantes;
0:45:33	Dr. Pedro Noguera	<p>Todo mundo tem potencial se recebe o apoio correto e o estímulo apropriado.</p>	
0:45:41	Ashanti Branch	<p>Sempre disseram no ensino fundamental: “Você é muito inteligente.” Mas quando fiquei mais velho, ser inteligente não era legal. Tirar boas notas não significava nada. Não valia nada no recreio. Então eu tive que descobrir como ia me integrar. Então eu passava raspando. Era legal dizer: “Eu não me importo. “Pode tirar meus pontos. Liga pra minha mãe”. Eu caí direitinho nessa armadilha. Foi só no último ano do ensino fundamental. E foi uma professora que me salvou. Ela viu o suficiente em mim pra dizer: “Eu sei que você tem problemas. Eu sei que seu pai morreu antes de você nascer. Você é esperto demais para fingir que não é”. Ela disse: “Nem sempre escolhemos o que acontece conosco, mas temos a responsabilidade de aproveitar ao máximo o que temos”. E eu fiquei com raiva dela. Fiquei com raiva da professora. Pensei: “Nunca mais falo com ela”. “Ela não pode falar assim comigo”. Mas eu escutei e não esqueci. E mudei no dia seguinte. E as minhas notas mudaram ao mesmo tempo. Era a ideia de que minha mãe ia me criar do melhor jeito possível. Mas seriam necessárias outras vozes para ajudar a encontrar meu caminho.</p>	Suporte e acolhimento dos professores;
0:46:53	Cody	<p>Quando eu conheci meu treinador de luta livre, eu estava realmente procurando um homem em que me espelhar. Acho que o tipo de amor e admiração que se sente por um pai, eu sentia pelo meu técnico. De primeira. Acho que era por causa desse anseio que eu tinha de descobrir o que significa ser um homem. Ele era um homem de família. Ele amava e adorava demais a filha. Eu vi esse homem, que era confiável, seguro e não era abusivo. Meu técnico apareceu e mostrou que existem homens bons.</p>	O papel do treinador como “referência de homem positiva” a ser seguida;

0:47:35	Joe Ehrmann	Os técnicos têm tanto poder neste país. Eles ocupam uma posição na vida dos jovens que dá a eles este status de pai. E acho que tem todos estes meninos buscando a aprovação desse técnico.	O exercício da masculinidade no contexto do esporte; Uso da comparação de um jogador de futebol com uma menina;
0:47:52	Don	Nunca vou esquecer minha chegada na escola católica. De cara, ouvi no campo: “Andem logo, <i>viados</i> .” E eu pensei: “Nossa.” Eu ouvi e pensei nisso. E, um segundo depois, adotei.	
0:48:09	Joe Ehrmann	Técnicos podem fazer muito bem ou muito mal.	
0:48:12	Tony Porter	Estava falando com um jogador de futebol de 12 anos. E perguntei: “E se o seu treinador dissesse “que você joga como menina na frente dos outros jogadores?” O menino disse que ficaria arrasado. Se ele ficaria arrasado de ouvir que joga como menina, o que estamos ensinando a este menino sobre meninas? E quando eu disse: “Joga como menina”, estou usando uma linguagem bem delicada. Há maneiras mais agressivas, degradantes, monstruosas, e desumanas de falar isso e fazê-los entender.	
0:48:50		Cena: Técnico de futebol americano no campo com jovens treinando. “Pare com essa baboseira! Não chore! Aprenda a apanhar como homem.”	
0:48:56		Cena de um jogo de basquete onde os jogadores se ofendem. Rice: “Sua bicha maldita... você é um maldito <i>viado</i> .”	
0:49:00	Joe Ehrmann	Esportes são confusos em termos de poder, dominação, controle, falta de base moral.	
0:49:06		Cena de uma reportagem:	

0:49:25		<p>Novos detalhes perturbadores sobre o que aconteceu no vestiário do Colégio Sayreville. Prenderam quatro colegas de time contra vontade e tiveram uma conduta sexual imprópria.</p> <p>NLF REVELA MAIS AGRESSORES E VÍTIMAS NO CASO DE ASSÉDIO DO MIAMI DOLPHINS: Xingamentos raciais, ofensas homofóbicas. São apenas uma parte da atmosfera no vestiário do Miami Dolphins.</p> <p>A semana começou, jogadores agrediram mulheres. A semana terminou com jogadores agredindo crianças. A liga de futebol está em estado grave.</p>	
0:49:36	Joe Ehrmann	<p>Numa cultura de vencer a qualquer custo, preza-se a vitória acima do desenvolvimento de caráter.</p>	<p>A vitória é valorizada em detrimento ao caráter;</p>
0:49:42		<p>Cenas de agressões entre jogadores.</p>	
0:50:14		<p>Técnicos de futebol americano treinando jovens.</p>	
0:50:21	Joe Ehrmann	<p>Acho que o grande mito nos EUA hoje é que esporte constrói caráter. Bem, esporte não constrói caráter a não ser que o técnico intencionalmente ensine e molde caráter. Quando eu comecei a treinar, não queria ser um técnico transacional usando as crianças pra minha própria identidade. Então comecei com uma filosofia bem simples. Se você vai ser técnico transformador, tem que saber o que está transformando. Eu treinava para ajudar os meninos a se tornarem homens com empatia e integridade, que seriam responsáveis e mudariam o mundo para melhor. É isso que o esporte deveria ser. E temos muito trabalho a fazer neste país.</p>	<p>Esporte não constrói caráter. Mas pode ser um local onde os homens podem exercitar a empatia, integralidade e responsabilidade;</p>
0:51:00	Tony Porter	<p>Muitos dos nossos exemplos de masculinidade americana, seja no esporte, nas formas armadas, na polícia, na indústria do entretenimento, os homens que outros homens</p>	<p>Figuras hipermasculinas: Estereótipos de</p>

0:51:25		<p>admiram, muito do que eles ensinam é dominação, agressão. São figuras hipermasculinas que tentamos emular.</p> <p>Cenas de filmes com homens praticando esportes. Cenas intercaladas com cenas de filmes com homens numa postura agressiva, de poder, conquista. Ao fundo, como trilha sonora a música "Man up" de The Blue Van.</p>	<p>masculinidade valorizados socialmente;</p>
0:52:15	Dr. Philip Zimbardo	<p>Um menino normal passa 40 horas por semana assistindo a televisão, esportes, filmes. Quinze horas por semana jogando videogames. E a novidade agora são duas horas vendo pornografia entre as outras coisas.</p>	<p>Acesso e consumo de pornografia dentre os meninos e jovens;</p>
0:52:28	Dr. ^a Caroline Heldman	<p>Os arquétipos masculinos predominantes que vemos nos filmes e na TV e em outras formas de cultura popular são o cara forte e calado, que está sempre em controle e não demonstra emoções. Então tem o personagem super-herói, o personagem herói, que usa níveis elevados de violência para manter o controle, para conseguir atingir o objetivo à sua frente. Também tem o arquétipo do bandido, e este é dominado por homens de cor, que são limitados a papéis muito mais violentos. E então tem o <i>criança</i> ou o bobalhão, que é o macho que está perpetuamente na adolescência. Seu corpo normalmente não é muito musculoso. Mas ele projeta masculinidade de outras formas, através da degradação das mulheres, fazendo atividades de alto risco.</p> <p>Cenas de filmes: representações da imagem masculina no cinema</p>	<p>Estereótipos masculinos predominantes na mídia: Homem controla e não demonstra emoções, é forte e calado;</p>
0:53:13	Dr. Philip Zimbardo	<p>Eles só querem fazer sexo. É claro que no final não conseguem nada porque ficam bêbados, usam drogas. Há toda uma leva desses filmes ultimamente que são engraçados. Então você ri daquilo que pode se tornar.</p>	<p>Estereótipos masculinos no cinema: o álcool, o sexo e as drogas;</p>
0:53:29	Dr. Michael Kimmel	<p>Claro que sabemos que imagens na mídia afetam o comportamento das pessoas. Se não afetassem, a indústria da publicidade entraria em colapso. Porque é uma indústria baseada na ideia que imagens na mídia afetam o comportamento das pessoas.</p>	
0:53:45		<p>Cenas de filme: representações de hipermasculinidade</p>	<p>As imagens e sua influência no</p>

0:53:45	Byron Hurt	O mesmo tipo de hipermasculinidade que vemos nos filmes de Hollywood ou na televisão. É a mesma hiperviolência que vemos no rap e na cultura do hip-hop. O estereótipo de ser violento e perigoso, vendendo drogas, <i>hipersexualizado</i> , é sobre dinheiro, poder e respeito. Muitos rappers estão imitando o que eles veem como masculinidade bem-sucedida.	comportamento das pessoas;
0:54:09		Imagens de videogames: comportamentos violentos em jogo.	A imagem do homem bem-sucedido: homem com muitas conquistas sexuais, rico, poderoso, respeitado, violento, perigoso;
0:54:15	Ashly Burch	Videogames violentos reforçam estereótipos do que um homem deve ser. Um personagem de jogo típico tende a ser um macho branco, especificamente de cabelo castanho e com a barba por fazer. Quando aparece uma emoção de um personagem masculino, quase sempre é raiva. Qualquer tipo de tristeza é muito, muito atenuada e nunca discutida ou resolvida. As crianças passam a admirar este personagem. E o que eles acabam idolatrando é alguém que não sabe se expressar emocionalmente e não consegue ser honesto ou se abrir com ninguém próximo.	A imagem dos homens nos videogames reflete os estereótipos masculinos valorizados socialmente;
0:54:45	Dr. Philip Zimbardo	Quando você joga videogames e vê sempre a mesma situação, perde o impacto pra você. Por que você se habitua ao que é repetitivo. As empresas de videogames sabem disto, e estão criando uma variedade infinita. Uma nova categoria, um novo desafio, sempre subindo de nível. Estão criando um vício de excitação. Os cérebros dos meninos estão sendo digitalmente adaptados a esta tecnologia em que coisas acontecem assim [gesto de rapidez com as mãos]. Microssegundos.	A emoção dos homens nas cenas dos videogames é suprimida, quase sempre só predomina a raiva;
0:55:13		DADOS: 31% dos homens se sentem viciados em videogames	Os videogames criam um vício de excitação, adaptam digitalmente os cérebros;
0:55:17	Dr. Philip Zimbardo	Os mais viciantes são os mais violentos, em que a função é destruir o inimigo, dominar.	
0:55:17	Ashly Burch	Se você não tem conexões sociais e não tem muitos amigos ou sua vida familiar é horrível, pode fugir pro jogo. E não precisa se preocupar, porque está salvando a galáxia.	

0:55:32	Jim Steyer	Se seu filho encara uma tela quatro horas por dia, e atira e mata de forma repetitiva, centenas de pessoas, há boas chances dessa criança ser afetada por isso.	
0:55:43		DADOS: 99% dos meninos joga videogames 90% dos jogos apropriados para crianças acima de 10 anos contém violência 50% dos pais não confere classificações	
0:55:55	Jim Steyer	Há um motivo pelo qual o exército dos EUA treina soldados com videogames. É porque os ajuda a se habituar a certas experiências. Coloque seu filho de 10, 11 ou 12 anos nesse contexto. Mas eles não vão Iraque ou ao Afeganistão. E se por acaso eles morarem em um bairro mais perigoso ou onde são expostos à violência com mais frequência do que seriam numa área mais nobre da cidade, então isso pode ser um problema.	
0:56:17	Kevin Grant	Eu conto isso aos meus filhos. Entra lixo, sai lixo. Acordar de manhã, é sexta-feira. Eles vão a uma festa à noite, estão muito animados... Deviam estar na escola, mas se atrasaram. A primeira coisa que fazem é ligar o rádio ou o CD player. E a música é... “Mate o filho da puta. Mate o filho da puta duas vezes.” Agora, quando eles jogam videogames é... E a musica é... Mate o filho da puta. Depois eles bebem ou usam algum tipo de droga antes da festa. Eu digo: vão ter 50 caras na festa e todos escutaram a mesma música que vocês escutaram, jogaram os mesmos jogos que vocês jogaram, tomaram as mesmas drogas que vocês tomaram, têm o mesmo armamento que vocês têm. Então assim que eu entrar na festa e acidentalmente pisar no seu pé na mesma hora que o DJ colocar pra tocar... “Mate o filho da puta”. O que vai acontecer na festa? Alguém vai morrer na festa.	Os videogames são usados em treinamentos de militares;
0:57:09		Reprodução de uma cena de um videogame com homens atirando e lutando. Trilha sonora: Menace to Society – G-\$tack.	Consumo de mídias com conteúdo violento pelos jovens;

0:57:09	Dr. ^a Caroline Heldman	Violência na juventude: um relatório do Ministério da Saúde. O governo criou uma força-tarefa para estudar isto. Três grandes descobertas, que já foram repetidas diversas vezes desde então: que a exposição a mídias violentas pode deixar meninos menos sensíveis a dor e ao sofrimento de outros. Pode deixá-los mais temerosos em relação ao mundo. E pode levá-los a ter comportamentos mais agressivos em relação a outros e a si mesmos. Não são as únicas causas de violência em jovens e homens adultos. Mas são indicadores bem fortes.	
0:57:50		DADOS: Aos 18 anos, uma pessoa já viu em média 200 mil atos de violência na tela, incluindo 40 mil assassinatos	
0:57:56	Jim Steyer	A infância é uma sequência de segredos revelados. Hoje em dia, não há mais sequência de segredos revelados. Crianças são expostas à pornografia aos cinco anos, porque estão no meio de um videogame e algo aparece, ou clicam no website errado. Cena: É realizado uma busca no Google com a palavra blonde e uma série de fotos de mulheres em posturas sensuais são encontradas.	
0:58:22	Ahmed	Eu comecei a ver cada vez mais. Comecei a ver em outros lugares, como na música, fotos, revistas.	
0:58:28		DADOS: 34% dos jovens na internet são expostos à pornografia indesejada 93% dos meninos são expostos à pornografia na internet.	
0:58:41	Ben	No meu grupo de amigos, é tabu falar disso. É algo assim: “Certo, todo mundo sabe que eu assisto, mas não vamos falar sobre isso, porque é desconfortável demais.”	
0:58:51		Show de Stand up comedy com o humorista Chris Rock	

0:59:04		<p>“Garotas, seu homem é muito mais nojento do que você pensa. Ele assiste pornô desde os 12 anos de idade.</p>	
0:59:13	Dr. Michael Kimmel	<p>DADOS: 68% dos homens jovens usam pornografia semanalmente 21% dos homens jovens usam pornografia diariamente</p>	
0:59:22		<p>Por que educação sexual só fala em abstinência, por que a nossa cultura tem uma vergonha inacreditável da sexualidade, pornografia é educação pra maioria das pessoas.</p>	Cultura da abstinência sexual x tabu da educação sexual x consumo de pornografia pelos jovens;
0:59:27	Dr. Philip Zimbardo	<p>DADOS: Apenas 22 estados [nos EUA] requerem que escolas públicas ensinem educação sexual</p> <p>Ao toque de um botão, qualquer pessoa de qualquer idade em qualquer lugar do mundo pode ter uma coleção de experiências sexuais, experiências sexuais visuais. Seu cérebro está sendo afetado. Receptores de dopamina estão sendo hiperativados. E você fica viciado no estímulo visual. O problema é o excesso e o isolamento social. O Jimmy sozinho no seu quarto fazendo isto. Ele está se isolando dos amigos e da família, e não sabe como se relacionar com meninas e mulheres. Se você é um adolescente que não tem experiência sexual, isto passa a ser o normal. Criam a ideia de que isto é o certo a se fazer, que isto que as mulheres querem, e é assim que os homens devem agir. Nada disso é verdade.</p>	Consumo de pornografia e isolamento social;
01:00:17	Dr. Jackson Katz	<p>A maneira que homens foram treinados a pensar, <i>objetificar</i> e comprar os corpos das mulheres, seja diretamente pela prostituição ou indiretamente pela pornografia. E por algum motivo, isso não tem nenhuma relação com o que pensam de si mesmos como seres sexuais e a sexualidade das mulheres. Pra mim, é ingênuo pensar que não há conexão.</p>	Os homens aprendem a objetificar o corpo feminino diretamente pela prostituição e indiretamente pela pornografia;
01:00:37	Ahmed		
01:00:44		<p>Parecia que ela estava sendo atacada. E não fazia sentido pra mim. “Isso é uma coisa real? Que acontece de verdade?”</p>	

01:00:54	Dr. Jackson Katz	<p>DADOS: 83% dos meninos já viram sexo grupal online 39% dos meninos já viram sadomasoquismo online 18% dos meninos já viram um estupro online</p> <p>Acho que temos que admitir para os nossos filhos que nossa cultura manda sinais confusos para todos os lados. Os meninos podem estar buscando pornografia porque têm impulsos sexuais. Mas o que eles depreendem não é só o sexo. Há níveis incríveis de brutalidade e sexismo causais associados ao ato sexual. E esses meninos têm que formar relações sexuais saudáveis com meninas e mulheres?</p>	
01:01:17		<p>DADOS: Exposição à pornografia aumenta a agressão sexual em 22% E aumenta a aceitação de mitos do estupro (mulheres querem ser violentadas) em 31%</p>	
01:01:29	Dr. Jackson Katz	<p>Temos uma cultura do estupro. Isso significa que estupradores esporádicos não estão saindo dos bueiros. São produzidos pela nossa cultura.</p>	
01:01:38		<p>Cena de um telejornal: Duas estrelas do time de futebol intercolegial foram condenadas de estuprar uma adolescente em West Virginia. Calouro na Universidade de Stanford e membro da equipe de natação foi acusado de estuprar uma mulher bêbada e inconsciente. Dois ciclistas assistiram ao estupro. Eles o perseguiram e chamaram a polícia. Ex-atletas da Vanderbilt foram condenados pelo estupro de uma colega inconsciente nos dormitórios do campus e por fazer vídeos com seus celulares.</p>	Cultura do estupro;
1:02:03	Tony Porter	<p>Com homem jovem, você aprende que um homem deve ser estar à caça. Um homem deve sempre ser agressivo. Eles dizem coisas: “Quem é essa? Queria pegar.” “Quero comer.” “Queria fazer um estrago nela.” Se pensar na linguagem. Estrago: violência. Comer: violência. Pegar: objeto. Essa: objeto. Estamos ensinando consciente e subconscientemente, de propósito ou sem querer, a não ver humanidade nas mulheres.</p>	A objetificação do corpo feminino também é comunicada e ensinada através da linguagem;
01:02:41		<p>DADOS:</p>	

01:02:48	Tony Porter	A cada 9 segundos uma mulher é espancada ou atacada Vivemos em um mundo, aqui no nosso país, em que a violência dos homens contra mulheres atingiu proporção de epidemia.	
1:03:00	Ian	No primeiro ano do ensino médio, eu fui a uma festa com uma mulher. E estava parado ao lado de um cara. E ela estava andando... Se afastando depois de falar comigo. E ela estava usando calças bem justas. Ele disse: "Agora eu entendo porque se estupra alguém." A maneira que eu vejo homens falando, muitas vezes envolve fazer coisas às mulheres que não parecem particularmente consentidas. Quando estava na faculdade, havia uma pressão para aderir à cultura da pegação. O álcool era uma ferramenta pra eu poder ser agressivo e predatório para encontrar mulheres com quem fazer sexo, para eu poder voltar e impressionar os outros homens. Particularmente, quando só havia homens. Você sempre tenta superar o outro, falando sobre a bunda ou os peitos de uma mulher. Há uma noção implícita de que as mulheres existem para fazer sexo conosco. Elas existem para nós. Eu acho que não pensamos nas consequências disso.	O comportamento e o uso de roupas pelas mulheres são tido por alguns homens como justificativa para o estupro; A ideação do estupro e a cultura do silêncio;
1:04:12		DADOS: 35% dos homens universitários pensam na possibilidade de estuprar se soubessem que não seriam pegos. 1 em cada 5 mulheres universitárias é vítima de violência sexual ou de sua tentativa	
1:04:27	Dr. ^a Caroline Heldman	Eu chamo o que fazemos com nossos meninos e homens de "a Grande Armação". Criamos meninos para se tornarem homens cuja identidade se baseia na rejeição ao feminino, e ficamos surpresos quando eles não veem as mulheres como seres humanos completos. Então é uma armadilha. Os meninos crescem e viram homens que desrespeitam as mulheres no nível mais básico e depois nos perguntamos porque temos a cultura que temos.	"Grande armação": a rejeição do feminino é ensinada e aprendida pelos homens causando consequências na relação entre homens e mulheres;
1:04:53	Dr. Michael Kimmel	Basicamente, o que temos nos campi universitários são homens desesperados para provar sua masculinidade. Então há rapazes de 18 anos querendo se provar para os de	

1:06:13		<p>19 anos. A pegação, os rituais, os trotes... E o que eles ganham em troca? Duas coisas. Estas são as ligações que são mais impermeáveis. As que vão durar a vida toda. E também a sensação de que as meninas não podem fazer isto. Então você ganha solidariedade horizontal com seus irmãos, e hierarquia, homens são superiores às mulheres. A regra mais importante do “código do homem” [bro code] é que você nunca entrega um irmão. Nunca pode trair a fraternidade. Isso dá a ideia de que quando acontece algo errado, há um código de silêncio. O que acontece é que suas mentes e seus corações entram em conflito. Por que seus corações podem dizer: “Isto é errado. Eu sei que isso é errado”. “Minha bússola moral me diz que é errado”. “Eu deveria fazer algo a respeito. Um homem deveria agir.” Mas por outro lado: “São meus irmãos”. “Não posso traí-los. Se fizer isso, vão me excluir.” É esse medo que muitos homens têm que os impede de agir com ética.</p> <p>Reprodução de um telejornal com a notícia: Uma menina foi atacada repetidamente por duas horas e meia, e pelo menos 20 pessoas ou participaram ou assistiram. Muitos não tentaram ajudar, mas quase todos pegaram seus celulares e tiraram fotos ou postaram no twitter. Três altos oficiais da Penn State devem ser julgados sob acusação de terem acobertado anos de abuso do Sandusky. Outro homem adulto se demitiu sob acusações de que ele sabia que havia problema e não fez nada. Intencionalmente ou por negligência, o Baltimore Ravens, a liga de futebol e o comissário Roger Goodell acobertaram o brutal ataque de Ray Rice à sua então noiva em fevereiro... A gravidade do ataque de Rice ficou evidente quase imediatamente. A NFL tinha provas que o departamento de polícia não tinha. A liga continua sem responder.</p>	<p>Do Código dos meninos ao <i>ethos</i> masculino;</p> <p>Solidariedade horizontal entre os homens e a hierarquia sobre as mulheres;</p>
1:06:59	Dr. Jackson Katz	<p>Há forças na cultura da camaradagem masculina que deixa os homens em silêncio. Mesmo os homens que sabem que há algo errado. Não dizem nem fazem nada porque calculam que se disserem ou fizerem alguma coisa vão perder status dentro dessa cultura.</p>	<p>Cultura da camaradagem</p>

1:07:13	Tony Porter	É uma escolha. E muitas vezes a escolha é baseada no nosso privilégio. Então embora nós enquanto bons homens não perpetuamos a violência, somos parte de uma socialização coletiva, o chão fértil que é necessário para a violência existir.	masculina: entre o privilégio e o silêncio;
1:07:37	Dr. James Gilligan	Passei dez anos trabalhando nas cadeias de São Francisco, em um programa que incluía um projeto de desconstruir e reconstruir o que chamamos de “crença no papel masculino”, ao qual, acredito que quase todos os homens na sociedade são expostos. Homens são definidos como superiores e mulheres como inferiores. E para ser um homem de verdade, você tem que dominar outros homens. Em outras palavras, é uma receita para violência.	Dominação masculina e violência;
1:08:07		SAN QUENTIN JUVENILE LIFERS PROGRAM - Programa de Prisão Perpétua de San Quentin – Ambiência de filmagem	
1:08:11	Michael	Minha mãe me teve quatro dias antes de fazer 17 anos. Então ela era muito jovem. E projetou muitos traumas em mim. Minha mãe ficou com muita raiva de mim um dia. Eu lembro dela me chutando pelo corredor, me enforcando e me batendo e... E a pior parte não era a parte física, porque isso era normal para mim na época. Foi que depois ela tirou uma foto Polaroid minha, chorando. Eu não me lembro das palavras exatas, mas me lembro dela me humilhando. E não conseguia entender o que havia de tão errado comigo que, especialmente naquela idade, me fazia merecer isto.	Naturalização da violência física; O uso da Humilhação como dispositivo de repressão, educação;
1:08:57		DADOS: Mais da metade dos meninos sofre abuso físico	Violência física contra os meninos;
1:09:05	Michael	Eu fui molestado pelo pai de um dos meus irmãos. Ele me levou pro quarto dele, fechou a porta. E eu me lembro de pensar: “Por que ele fechou a porta?” Ele me pediu pra tirar as calças e... Eu me lembro de tirar as calças e depois a cueca. E ele só me olhou por um tempo. Depois me tocou.	Violência sexual contra os meninos;
1:09:39		DADOS: 1 em cada 6 meninos é abusado sexualmente	

1:09:46	Michael	Eventualmente contei à minha mãe e ela não acreditou, foi pior ainda. Eu senti culpa, como se eu devesse... Devesse ter feito algo. Eu sabia que era suicida. Eu me cortava. Uma vez fui parar no hospital por tomar um vidro inteiro dos remédios da minha tia. Eu não achava que a minha vida tinha valor e então quem ia se importar se eu estivesse aqui ou não? A melhor maneira que eu consegui entender a minha capacidade de matar outro ser humano é que não valorizava a minha vida na época. Então eu não podia valorizar a vida de outro ser humano.	Ideação suicida Baixa autoestima Desvalorização da própria vida e de outrem;
1:10:42	Dr. James Gilligan	Uma criança sabe que não é amada, quando é espancada. Ou se é simplesmente negligenciada, ignorada, abandonada. Os homens com quem trabalhei nas prisões sofreram todos estes tipos de abuso na infância a um grau que eu nunca vi em nenhum outro cenário. Dizer que eles foram dominados pela vergonha é dizer que eles não tinham orgulho ou amor próprio.	O sofrimento dos homens: a violência, a falta de amor e a negligência deixam marcas; Saúde Mental dos homens: entre a vergonha e a falta de orgulho e amor próprio; A relação entre a negligência na infância e o envolvimento no mundo do crime; <i>Bullying</i> , intimidação e medo construídos a partir da figura paterna como forma de controle; Solidão, timidez e silêncio;
1:11:05		DADOS: Crianças abusadas e negligenciadas tem 9 vezes mais chance de envolver em crimes 1:11:13	
1:11:23	Dr. James Gilligan	Seja violência homicida ou suicida, as pessoas se voltam para comportamentos desesperados somente quando estão se sentindo dominados pela vergonha e humilhação.	
1:11:26	Tommy	Eu cresci com três irmãos e um pai que bebia muito. Eu provavelmente sofria mais <i>bullying</i> do meu pai. Ele usava intimidação e medo pra nos controlar. Eu sempre tinha medo quando minha mãe dizia: "Você vai ver só, vou contar pro seu pai". Sabia que ia apanhar. Isso queria dizer que ele ia me bater com o que estivesse mais à mão. Fosse um fio de ventilador que ele arrancou da parede ou cinto. Eu era tímido, era calado. Estava sempre pensando. Eu me sentia muito sozinho. O único mundo em que eu sentia que me encaixava um pouco era o mundo das drogas, quando eu o descobri. Eu tinha 12 anos, comecei a usar maconha. Primeiro por pressão social, mas logo porque eu não precisava me sentir como eu me sentia sempre. Então passei a usar drogas mais	

1:13:24		<p>pesadas. Meu mundo mudou quando peguei uma arma. Fiquei muito mais violento. As pessoas ao meu redor começaram a morrer. O cara que eu matei, nós tínhamos um conflito. Eu tinha sido aceito no mundo das drogas. Quando ele não me pagou, eu pensei, meus camaradas sabem, se não fizer nada com esse cara, vão pegar tudo que é meu, vão me fazer de otário. Essa era a história que eu criei na minha cabeça. E eu senti todo o medo, a ansiedade e tudo mais que estava preso dentro de mim explodindo. E eu atirei nele seis vezes. E fugi. Acho que foi a primeira vez que eu senti que tinha poder. Por tanto tempo eu me senti impotente na vida. Aquele foi o momento em que eu finalmente me defendi. Mas paguei um preço muito alto. (TOMMY, In: THE MASK YOU LIVE IN, 2015, 1:11:26).</p> <p>DADOS: A cada hora, mais de três pessoas são mortas por armas São mais de 30 mil vidas por ano 90% dos responsáveis por homicídios são homens Quase 50% têm menos de 25 anos</p>	<p>O uso recreativo de drogas e porte armas; Em busca de honra e poder: a escalada para a violência no mundo do tráfico de drogas;</p> <p>Homicídios, homens e armas: uma relação perigosa;</p>
1:13:41	Dr. Joseph Marshall	<p>Se você ouve desde o primeiro dia: “Não deixe ninguém te desrespeitar”. E: “É assim que um homem lida com as coisas”. Respeito está ligado a violência.</p>	<p>Respeito e uso da violência;</p>
1:13:51	Dr. Jacson Katz	<p>Meninos são treinados a externar a dor. Quando algo ruim acontece conosco, temos que fazer algo ruim a outra pessoa. Vingança a humilhação que sofremos a vergonha que sentimos. Para mim, isso é uma parte tão básica e incrivelmente importante do que está acontecendo com a pandemia de violência na nossa sociedade.</p>	<p>prescrições de virilidade; Humilhação, vergonha e violência: formas de externar a dor;</p>
1:14:09		<p>DADOS: Homicídios em massa (4 ou mais vítimas) ocorrem em média a cada 2 semanas 94% dos homicídios em massas são cometidos por homens. O assassino em massa mais jovens tinha 11 anos O índice de assassinatos em massa triplicou desde 2011 e houve quase 1 tiroteio em escola por semana desde Sandy Hook</p>	<p>Homicídio em massa cometidos por homens;</p>

1:14:31	Dr. Jackson Katz	<p>Muitas meninas vivem em culturas onde há acesso fácil a armas. Por que garotas e mulheres não fazem tiroteios?</p> <p>[São exibidos eventos de homicídio em massa nos EUA entre os anos de 2012 e 2014]</p> <p>O debate nacional quase nunca menciona o gênero como fator quando, na verdade, é o fator mais importante. Mas não é falado, então parte do nosso desafio é deixar visível o que se tornou invisível.</p>	<p>Os Homens, o acesso à armas e os tiroteios: uma associação perigosa;</p>
1:14:54		<p>[Exibição de um vídeo contendo um depoimento de um homem jovem. O vídeo foi postado no Youtube antes de matar seis pessoas e ferir outras 13]</p> <p>Eu fui forçado a aguentar uma existência de solidão, rejeição e desejos não realizados. Amanhã será o dia em que eu me vingarei da humanidade. De todos vocês.</p>	<p>Solidão, rejeição e frustração</p>
1:15:21	Dr. Michael Kimmel	<p>Uma das coisas que provoca tanta raiva na sociedade americana hoje é a noção de direito lesado. Os homens acham que têm direito a posições de poder e coisas assim. Mas acham que não estão tendo tanto quanto antes. Essa é a mágoa. Não que eu tinha poder, mas que eu tinha direito de ter.</p>	<p>Homicídio em massa;</p> <p>Raiva e a noção de direito negado: quando os homens “perdem” espaço;</p>
1:15:38	Dr. Jackson Katz	<p>Os meninos que cometeram estes crimes, os homens que cometem crimes violentos diários nas ruas e casas dos Estados Unidos são nossos filhos. Estão nos dizendo algo sobre a nossa cultura.</p> <p>[Exibição de um mapa de assassinatos em massa nos EUA]</p> <p>Mas nós os ignoramos e acho que a primeira reação das pessoas que se sentem ameaçadas pela introspecção pela autoconsciência e autocrítica é deixá-las de lado como se fossem outros. São aberrações e, mais uma vez, a ideia de doença mental é mais uma maneira de deixá-las de lado. É por isso que não precisamos pensar na nossa cultura. Não temos que pensar nos nossos filhos. Não temos que pensar no papel que a cultura da mídia tem de formar certos aspectos da masculinidade. Não temos que pensar nas mensagens confusas que mandamos aos meninos e homens sobre violência e mandamos sempre. Cada cultura define masculinidade de um jeito. Há definições saudáveis de masculinidade e outras não. Então a pergunta é: “Podemos fazer melhor na nossa sociedade?” E a resposta é: “Sim podemos”.</p>	<p>Os crimes praticados pelos homens são “ignorados” pela sociedade;</p> <p>A categoria “doença mental” é utilizada para justificar o não reconhecimento do papel da cultura na formação da</p>

			identidade masculina;
1:16:38	Tommy	No meu segundo ano de faculdade, estava no meu primeiro relacionamento sério e descobri que ela tinha sido estuprada. Depois descobri que minha mãe tinha sido estuprada quando jovem. Foi doloroso pra mim pensar que isso tinha acontecido com alguém que eu gostava. E acontece com todo tipo de pessoa. Isso me deu a oportunidade de começar a pensar na masculinidade de forma crítica, tentando me tornar um ser humano mais completo e menos preso a quem eu achava que devia ser. Parei de fazer esportes de forma competitiva e voltei a fazer teatro. Mas um dos personagens que eu interpretei era transgênero. Eu me lembro que meus pais assistiram à peça e meu pai ficou muito desconfortável. Ele não estava confortável que o seu filho, quem eram um homem prototípico, se transformava nesta pessoa tão pouco máscula. Mesmo no contexto do teatro, em que não era eu de verdade. Virou um ponto de conflito entre meu pai e eu. A resposta dele era: “Por que você não quer ser o que você é de verdade?”	Cultura do Estupro; Exercício da masculinidade de forma crítica; Virilidade;
1:18:01	Cody	A última vez que eu falei com o meu pai, eu estava no último ano do ensino médio. Eu disse a ele que o odiava e nunca mais queria falar com ele. No calor do momento, eu decidi que devia descrever toda a raiva que eu tinha desde a minha primeira memória dele batendo na minha mãe. Então eu sentei e escrevi uma carta. E pretendia mandá-la pelo correio. Eu estava fazendo um curso avançado de redação. E o professor lembrava o meu treinador de luta livre, tinha muitas das mesmas características. Eu entrei na sala dele e disse: “Algo dentre de mim diz que você precisa ler isso antes que eu possa mandar e não sei por quê”. Ele leu cerca de três quartos da primeira página e começou a chorar. As lágrimas escorriam pelo seu rosto. E ele disse: “Eu te entendo tão melhor agora. É por isso que você se esforça tanto em tudo que faz. Por que precisa ser o melhor, precisa ser perfeito, por que se estressa com cada detalhe”. Ele me olhou e disse: “Você é bom o bastante” E, aparentemente era isso que eu precisava ouvir de outro homem.	Validação horizontal da masculinidade entre homens: Os homens precisam ouvir de outros homens que são “bons”;
1:19:26	Steven	Cerca de quatro ou cinco anos atrás Jacksen disse: “E se fizermos uma caixa e botarmos bilhetes um pro outro toda semana?” “Se eu estou bravo, boto um bilhete. Se estou feliz, outro bilhete.” É assim que vamos comunicar nossos sentimentos da semana. Então o	

1:19:51	Jacksen	Jacksen achou uma caixa de sapato, cortou um buraco na tampa e chamou de Caixa de Correio. E abrimos uma vez por semana, nos Domingos do Papai.	Comunicação entre pai e filho; Da mácula na infância às feridas emocionais na vida adulta: o relacionamento entre pais e meninos e a reprodução de comportamentos; Empatia entre meninos e os pais;
1:20:08	Steven	[Jacksen retira um bilhete da caixa e lê] Eu escrevi este: “Pro papai. Querido Papai, eu adoro como nós brincamos juntos todo domingo. “É muito legal brincar com você, pai. Amor, Jacksen” E isto, E meu pai nunca me disse que me amava em 30 e tantos anos de vida. Eu digo ao meu filho que o amo todo dia.	
1:20:18	Joe Ehrmann	Uma mágoa paterna é um defeito ou ferimento psicológico ou emocional contínuo que poderia ser curado em um relacionamento saudável. Então uma mágoa paterna é provavelmente um dos problemas mais sérios do país. Meninos magoados se tornam homens magoados se não houver algum tipo de intervenção. E no meu processo de cura, eu levei a mim mesmo como adulto e como um menino de cinco anos e descemos a escada do porão da minha mãe, e lá confrontei meu pai. Meninos de cinco anos deviam ser amados, deviam ser postos na cama à noite. E o incrível é que funcionou. Porque pela primeira vez eu senti empatia pelo meu pai. Comecei a pensar em quem tinha feito algo para deixá-lo tão furioso como ele era. Acho que a jornada de todo homem é a busca de como reconectar o coração à cabeça. Como viver o seu autêntico?	
1:21:23	Carlos Hagedorn	[Filmagem de um grupo de jovens sentados em círculo com um homem adulto de pé falando] Hoje é um dia de autorreflexão. É sobre a sua história. A sua narrativa. É por isso que é tão importante autorrefletir e compartilhar.	Grupo de homens jovens: espaços para conexão, trocas e autorreflexão;
1:21:32	Luis	Quando eu saí do ensino fundamental, sabia que precisava mudar. Então eu parei de fumar e decidi ficar sóbrio e ver o que eu poderia fazer para mudar a minha vida. No primeiro dia de aula, eu vim aqui. Estava muito animado. E estes últimos dois meses foram incríveis. Eu posso dividir tudo com estes caras, tudo. E eles são absolutamente mais que família pra mim. Eu os amo demais. Transformei quatro reprovações em quatro	

1:22:13	Carlos Hagedorn	notas máximas. Eu estava muito orgulhoso de mim mesmo. Mas, acima de tudo, deixei minha mãe orgulhosa.	
1:22:25	Josue	Quando vejo essas crianças, não vejo gângsteres. Vejo meus irmãos. O que estamos tentando fazer é nos conectar com eles. Criar um espaço onde eles podem ser reumanizar. Porque eles foram tão desumanizados. Aqui nos sentimos seguros. Podemos falar com qualquer um aqui. É praticamente outra família.	
1:22:42	Michael	[Na sala de aula do presídio, o professor de pé na lousa e um grupo de homens sentados] Então as lições que estamos aprendendo desde o começo são que ser mulher, ou feminino, ou qualquer outra coisa que não está na categoria “homem”, dentro destes limites é ruim. Então o que eu vou fazer é apagar os rótulos de “homem” e “não homem” [o facilitador apaga da lousa as palavras “homem” e “não homem”. Quando tiramos as barreiras que a sociedade nos coloca... Nossos pais, colegas, professores, a mídia, quem quer se seja. Quando tiramos isso, podemos ser quem escolhemos ser e descobrimos que somos algumas das coisas que nos ensinaram que não eram másculas.	Estratégias de desconstrução dos prescritivos culturais e sociais de masculinidade aprendidos na socialização masculina;
1:23:19	Cleo	Só queria dizer uma coisa para encerrar... Sabe, antes, quando eu estava preso na categoria do homem, eu me sentia incompleto. Eu sentia que eu nunca era a pessoa que eu devia ser ou a pessoa que a minha família achava que eu era. Depois que me libertei, através desse processo, eu me sinto enorme e sinto que sou digno, que eu mereço ser amado, uma sensação de pertencimento, com os colegas que eu construí e me comprometi aqui dentro. Eu me sinto completo.	
1:24:04		Legenda: Todos merecem ser completos. E cada um de nós pode fazer a sua parte ao expandir o que significa ser homem para nós mesmos e os meninos da nossa vida.	
1:24:17	Tony Porter	Muitos de nós seguem as tradições, porque as coisas sempre foram assim. Precisamos que os homens usem os corações e esqueçam as cabeças. Há liberdade fora das definições rígidas de masculinidade.	Reconstrução das concepções de masculinidade e papéis e privilégios socialmente

1:24:29	Dr. Jackson Katz	Precisamos redefinir a força do homem não como um poder sobre os outros, mas como uma busca por justiça. E justiça significa igualdade e equidade e lutar contra a pobreza e contra a desigualdade e violência. Isso é força. E precisamos de mais homens que têm coragem de levantar a voz, mesmo que isso signifique correr um risco de se embrenhar na cultura masculina e dizer coisas que vão deixar os homens desconfortáveis. Porque isso é liderança.	atribuídos aos homens: uma nova tradição, diferentes usos da força, da liderança e da voz entre os homens
1:24:59	Tony Porter	Estamos pedindo aos homens que usem o privilégio para desenvolver uma voz, para gritar, e para ser parte da solução.	Empatia também pode fazer parte dos comportamentos masculinos;
1:25:07	Dr. Judy Chu	Não é de forma alguma para ensinar coisas novas aos meninos. Não é para transformar meninas em meninas, ou em algo que eles não sejam. É para ajuda-los a seguir ou retornar ao que eles já conhecem.	Novas perspectivas para a educação dos meninos a partir da revisão dos sistemas de repressão emocional e da criação de espaços para externalização de emoções;
1:25:19	James Gilligan	Empatia e se importar com outras pessoas e se identificar com outras pessoas. Não são traços ou comportamentos femininos. São comportamentos humanos.	A presença da mãe incide positivamente na vida dos meninos
1:25:33	Dr. Jackson Katz	Devemos aos nossos filhos a tentativa de derrubar os sistemas de repressão emocional que levam tantos homens a viver vidas de desespero silencioso e depressão, álcool, abuso de drogas e todas as formas que homens se automedicam.	Meninos comparam as próprias concepções de
1:25:47	Joe Ehrmann	Então se dermos aos meninos a permissão para sentir dor, permissão para chorar, para desenvolver suas emoções, você acabaria com a questão de não saber o que fazer com a própria dor.	
1:25:59	Dr. William Pollack	Para as mães, se o seu instinto diz que é melhor ficar próxima de seu filho, não seja dissuadida. Em um estudo que vimos, meninos que são próximos das mães de maneira saudável são menos propensos à violência têm mais chances de terem sucesso na vida, e vivem cinco anos a mais.	

1:26:16	Dr. Michael	Qualquer coisa que um pai faz com um filho é máscula. Se você gosta de cozinhar, cozinhe com seu filho. Se gosta de pescar, pesque com seu filho. Mas faça alguma coisa com seu filho, porque todo menino compara a sua masculinidade no nível mais profundo, com o seu pai.	masculinidade com o pai; Figuras paternas e papel no apoio e orientação dos meninos;
1:26:30	Dr. Pedro Noguera	Temos muitas crianças que não têm figuras paternas em casa, ou que têm famílias desfeitas. Essas crianças precisam de mentores que sejam parte regular de suas vidas, que estejam de olhos neles, que passem tempo de qualidade com eles e que ofereçam o tipo de apoio moral e orientação que eles precisam para crescer.	As potencialidades das conexões entre treinadores e meninos;
1:26:51	Joe Ehrmann	Treinadores têm uma plataforma de poder sem igual. São vistos na maioria das comunidades e escolas como a epítome do eu significa ser homem. Para quem tiver o coração de um treinador se conectando aos corações de meninos e entendendo que: “Eu não sou só um técnico, também preciso ser um mentor”. É aí que você vai ver mudanças enormes na sociedade.	A necessidade dos impactos positivos da mídia na saúde emocional e social dos meninos;
1:27:14	James Steyer	A mídia e tecnologia têm um impacto enorme na saúde emocional e social dos meninos. E queremos que seja um impacto positivo então precisamos fomentar uma boa mídia e boa tecnologia, e precisamos limitar os efeitos negativos das coisas ruins.	Engajamento dos homens na construção de saídas de enfrentamento.
1:27:28	Dr. Jackson Katz	Precisamos desafiar homens e meninos a demonstrarem as melhores partes do seu caráter, a serem as melhores versões de si mesmos como homens e seres humanos. Acho que é um desafio positivo. E muitos homens podem vencer o desafio. Legenda: Aceite o desafio	
1:27:41	Jovem [Não foi identificado nos créditos]	Todos deviam ajudar os meninos a serem sempre eles mesmos para que não precisem usar máscaras	

		Legenda: Exerça sua influência Legenda: Todos temos um papel em criar uma cultura mais saudável Legenda: Para apoio e mais informações e inspiração: Junte-se ao <i>The Representation Project</i>	
1:28:08		[Créditos finais]	

Fonte: Construção própria a partir do documentário “*The Mask You Live In*” (2015).

APÊNDICE II – Tematização e Núcleos Temáticos

NÚCLEOS TEMÁTICOS	TEMAS
<p>PRESSÕES SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE MASCULINA</p>	<p>“SER HOMEM É NÃO SER MULHER”: A REJEIÇÃO DO FEMININO:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A “grande armação”: a rejeição do feminino é ensinada e aprendida pelos homens causando consequências na relação entre homens e mulheres; - Hipermasculinidade e <i>hiperfeminilidade</i>: tensões a respeito da construção social de gênero; - Meninos e a reprodução dos modelos de masculinidade valorizados socialmente entre os homens; - Associação de masculinidade com força, habilidades, corpo, sucesso, dinheiro, poder, conquistas sexuais; - Reprodução de estereótipos de masculinidade valorizados socialmente; <p>DOMINAÇÃO, ASSIMETRIA E HIERARQUIA ENTRE OS GÊNEROS E ENTRE OS HOMENS:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Hierarquia e assimetria entre os homens e mulheres na socialização; - Hierarquia entre os meninos; - Solidariedade horizontal entre os homens e a hierarquia sobre as mulheres; - Cultura da camaradagem masculina: entre o privilégio e o silêncio; <p>A FAMÍLIA, A ESCOLA, E O ESPORTE: OS ESPAÇOS (CONFORMADORES) DE SOCIALIZAÇÃO DOS MENINOS E HOMENS JOVENS:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A construção da identidade masculina é um processo vigiado; - A escola como lugar de aprendizado e exercício da masculinidade e macheza - Abandono escolar é maior entre meninos; - As dinâmicas presentes no sistema escolar interferem negativamente na vida escolar dos estudantes; - As noções intuitivas de gênero são simbolicamente comunicadas pelos pais; - Bullying, intimidação e medo construídos a partir da figura paterna como forma de controle; - Busca do filho pelo respeito paterno;

	<ul style="list-style-type: none"> - Dificuldades dos pais em compreender seus filhos; - Dificuldades na comunicação e compreensão entre pais e filhos; - Distanciamento paterno e o papel no apoio e orientação dos meninos; - Divórcio dos pais; - Humilhação e afastamento das atividades escolares como mecanismos de punição; - Meninos comparam as próprias concepções de masculinidade com o pai; - O exercício da masculinidade no contexto do esporte; - O uso da humilhação como dispositivo de repressão e educação; - Relação entre educação e trabalho na socialização masculina; - Uso da comparação de um jogador de futebol com uma menina; - Validação horizontal da masculinidade entre homens: Os homens precisam ouvir de outros homens que são “bons”; <p style="text-align: center;">PRESCRIÇÕES DE VIRILIDADE:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A imagem do homem bem-sucedido: rico, poderoso, respeitado, violento, perigoso e com muitas conquistas sexuais; - Meninos não brincam com meninas; - Necessidade de provas de masculinidade; - Do Código dos meninos ao <i>ethos</i> masculino; - Prescrições de virilidade na educação dos filhos; - Pressões sociais e prescritivos culturais relacionadas à identidade masculina; - Regras de convivência e padrões de comportamento masculinos e femininos;
<p style="text-align: center;">NEGAÇÃO DA VULNERABILIDADE, DA DOR: O USO DAS MÁSCARAS</p>	<p style="text-align: center;">MÁSCARAS:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Comportamentos de defesa são ensinados e aprendidos ao longo da socialização dos meninos e jovens; - Dificuldades e justificativas na comunicação das dores, medo emoções; - O sofrimento dos homens: a violência, a falta de amor e a negligência deixam marcas; - Usos e sentidos da máscara entre os homens jovens: negação das vulnerabilidades e proteção contra o sofrimento, demonstração dos sentimentos (características femininas), valorização do domínio e controle de pessoas e situações (características masculinas); - Solidão, frustração, rejeição, timidez: o silêncio como resposta à tristeza;

	<p style="text-align: center;">SAÚDE MENTAL:</p> <ul style="list-style-type: none"> - A categoria “doença mental” é utilizada para justificar o não reconhecimento do papel da cultura na formação da identidade masculina; - A vitória é valorizada em detrimento ao caráter; - Afirmação da masculinidade gera insegurança (vulnerabilidades); - Baixa autoestima, depressão e desinteresse, desvalorização da própria vida e de terceiros; - Conexões cerebrais: habilidades são desenvolvidas a partir da repetição; - Cultura da masculinidade associada a intimidade sexual afasta os homens de uma amizade com outros homens; - Desaparecimento da linguagem emocional e o aumento do suicídio entre os meninos; - Desvalorização das habilidades relacionais, necessidades e desejos, pois tais habilidades são “femininas”; - Diferenças e semelhanças psicológicas entre os gêneros; - Dificuldade de gregarismo e amizade entre pares: meninos associam amizade e saúde mental; - Mudanças corporais, de comportamento e na linguagem dos meninos; - Mudanças no comportamento relacionadas à ausência física e afetiva do pai; - Raiva e a noção de direito negado: quando os homens “perdem” espaço; - Retraimento e isolamento social; - Saúde Mental dos homens: entre a vergonha e a falta de orgulho e amor próprio; - Solidão, frustração, rejeição, timidez: o silêncio como resposta à tristeza;
<p style="text-align: center;">“SER HOMEM PODE SER PERIGOSO!</p>	<p style="text-align: center;">VIOLÊNCIA:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Adoção da violência e do silenciamento das emoções como resposta aos ataques de bullying e homofobia; - Dominação masculina e violência; - Exposição à abusos e violência doméstica na infância; - Humilhação, vergonha: a violência como forma de externar a dor; - Respeito a partir do uso da naturalizado da violência; - Violência entre meninos na escola; - Violência física e sexual contra os meninos; <p style="text-align: center;">BULLYING:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Bullying na escola – não notificado;

- Mudanças de comportamento relacionadas ao Bullying na escola;

CRIME:

- A relação entre a negligência na infância e o envolvimento no mundo do crime;
- Assassinato;
- Em busca de honra e poder: a escalada para a violência no mundo do tráfico de drogas;
- Femicídio;
- Homicídio em massa cometidos por homens; - Os crimes praticados pelos homens são “ignorados” pela sociedade;

CULTURA DO ESTUPRO:

- A ideiação do estupro e a cultura do silêncio entre os homens;
- O comportamento e o uso de roupas pelas mulheres: justificativa para o estupro;

ÁLCOOL E OUTRAS DROGAS:

- Álcool e outras drogas são usados para deixar os homens mais “sociáveis” e “curar” a solidão e “fugir” dos problemas;
- Naturalização do uso de drogas e da prática sexual entre os jovens;
- O uso recreativo de drogas, homicídios, homens e o acesso às armas de fogo: uma relação perigosa;

SUÍCIDIO:

- Ideação suicida decorrente do bullying;
- Desvalorização da própria vida e da vida de terceiros;
- Suicídio como uma questão de gênero! A ideiação suicida, geralmente, é atribuída às meninas e as dificuldades de identificação da ideiação suicida entre os homens; Ideação suicida;

HOMOFOBIA:

- Homofobia e sexismo;
- Medos de ser visto ou taxado como homossexual;

<p>A IMAGEM MASCULINA E O CONSUMO DE MÍDIAS ENTRE OS HOMENS</p>	<p>MÍDIAS:</p> <ul style="list-style-type: none"> - As imagens e sua influência no comportamento das pessoas; - Consumo de mídias com conteúdo violento pelos jovens; - Estereótipos masculinos predominantes na mídia: Homem controla e não demonstra emoções, é forte e calado; - Os impactos positivos da mídia na saúde emocional e social dos meninos; <p>PORNOGRAFIA:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Os homens aprendem a <i>objetificar</i> o corpo feminino diretamente pela linguagem, pela prostituição e indiretamente pela pornografia; - Consumo de pornografia e isolamento social; - Cultura da abstinência sexual x educação sexual x consumo de pornografia pelos jovens <p>VIDEOGAMES:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Supressão da emoção dos personagens nos videogames <i>versus</i> predomínio da raiva; - A imagem dos homens nos videogames reflete os estereótipos masculinos valorizados socialmente; - Os videogames criam um vício de excitação, adaptam digitalmente os cérebros e são usados em treinamentos de militares; <p>CINEMA:</p> <ul style="list-style-type: none"> - Estereótipos masculinos no cinema: o álcool, o sexo e as drogas;
	<ul style="list-style-type: none"> - As potencialidades das conexões entre treinadores e meninos; - A presença da mãe incide positivamente na vida dos meninos; - Reconstrução das concepções de masculinidade e papéis e privilégios socialmente atribuídos aos homens: uma nova tradição, diferentes usos da força, da liderança e da voz entre os homens; - Estratégias de desconstrução dos prescritivos culturais e sociais de masculinidade apreendidos na socialização masculina; - Engajamento dos homens na construção de saídas de enfrentamento; - Estratégias para a comunicação das demandas emocionais dos homens jovens;

**POSSÍVEIS SAÍDAS
DE
ENFRENTAMENTO**

- Exercício da masculinidade de forma crítica;
- Grupo de homens jovens: espaços para conexão, trocas e autorreflexão;
- Suporte e acolhimento dos professores e treinadores.
- Suporte emocional entre os meninos;
- Novas perspectivas para a educação dos meninos a partir da revisão dos sistemas de repressão emocional e da criação de espaços para externalização de emoções;
- Progressos no envolvimento dos pais na criação dos filhos;
- Empatia também pode fazer parte dos comportamentos masculinos;
- Esporte não constrói caráter, mas pode ser um local onde os homens podem exercitar a empatia, integralidade e responsabilidade;

Fonte: Construção a partir dos depoimentos de *"The Mask You Live In"* (2015).